UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS
EM INGLÊS

JORDAN HAHN BANDEIRA

**Os ensaios admissionais da Universidade Johns Hopkins:
uma análise discursiva assistida por computador das amostras aprovadas**

Versão Corrigida

São Paulo
2017

JORDAN HAHN BANDEIRA

**Os ensaios admissionais da Universidade Johns Hopkins:
uma análise discursiva assistida por computador das amostras aprovadas**

Versão Corrigida

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor.

Orientadora: Prof. Dra. Elizabeth Harkot-de-La-Taille

São Paulo

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

B214e Bandeira, Jordan Hahn
Os ensaios admissionais da Universidade Johns
Hopkins: uma análise discursiva assistida por
computador das amostras aprovadas / Jordan Hahn
Bandeira ; orientadora Elizabeth Harkot-de-La-
Taille. - São Paulo, 2017.
305 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Letras Modernas. Área de
concentração: Estudos Linguísticos e Literários em
Inglês.

1. LÍNGUA INGLESA. 2. SEMIÓTICA DISCURSIVA. 3.
IDENTIDADE DISCURSIVA. 4. ETHOS DISCURSIVO. 5.
EDUCAÇÃO. I. Harkot-de-La-Taille, Elizabeth, orient.
II. Título.

Tese de autoria de Jordan Hahn Bandeira sob o título "**Os ensaios admissionais da Universidade Johns Hopkins: uma análise discursiva assistida por computador das amostras aprovadas**", apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Letras pelo Programa de Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, aprovado em 31 de outubro de 2017 pela comissão julgadora constituída pelas dotoras:

Prof.^a Dr.^a Elizabeth Harkot-de-La-Taille

Instituição: Universidade de São Paulo

Presidente

Prof.^a Dr.^a Lineide do Lago Salvador Mosca

Instituição: Universidade de São Paulo

Prof.^a Dr.^a Zilda Maria Zapparoli

Instituição: Universidade de São Paulo

Prof.^a Dr.^a Cláudia Rosa Riolfi

Instituição: Universidade de São Paulo

Prof.^a Dr.^a Souzaana Mizan

Instituição: Universidade Federal de São Paulo

Para meus pais.

AGRADECIMENTOS

Existe um paradoxo inerente ao processo de escrever-se uma tese. Gostaríamos de ter sabido lá no início tudo o que se sabe no seu final. Assim, poderíamos ter ido mais além. Por outro lado, se soubéssemos de antemão tudo o que estaria envolvido para chegar-se ao final, talvez muitas teses acabassem não sendo escritas.

Esta página existe para agradecer aos que socorreram, ensinaram e inspiraram ao longo do caminho. Sendo impossível mencionar a todos, agradeço aqui a pessoas cujo apoio foi crucial para esta pesquisa.

Meu primeiro agradecimento é reservado à Prof.^a Dr.^a Elizabeth Harkot-de-La-Taille, por seu papel tríplice, como professora, supervisora de meu estágio no Programa de Aperfeiçoamento de Ensino e orientadora. Quem conhece a Prof.^a Elizabeth sabe de sua imensa dedicação, generosidade e conhecimento. Quem tiver oportunidade e prestar atenção perceberá seu entusiasmo e curiosidade diante de novas ideias. O convívio acadêmico de quatro anos chega ao fim e foi um imenso privilégio ter sido, antes de mais nada, aluno de alguém com tanto a ensinar.

À Prof.^a Dr.^a Diana Luz Pessoa de Barros e ao Prof. Dr. Jorge Bracamonte, professor convidado da Universidad Nacional de Córdoba, Argentina, também meus professores durante o programa, muito obrigado pelas aulas magníficas, marcadas por grande saber e inesgotável entusiasmo pelo ensino.

Agradeço também à Prof.^a Dr.^a Lineide do Lago Salvador Mosca e à Prof.^a Dr.^a Zilda Maria Zapparoli, participantes da banca de minha qualificação, que tanto auxiliaram, com suas ideias e contribuições, no encaminhamento de minha pesquisa a partir daquele momento.

Não poderia deixar de mencionar o Prof. Phillip Lopate, da Universidade Columbia, profundo conhecedor do ensaio pessoal, que gentilmente concedeu a entrevista que muito contribuiu para as reflexões contidas neste trabalho. Meu muito obrigado também para o Prof. John D'Agata, da Universidade de Iowa, por responder às minhas perguntas sobre as origens do ensaio.

Deixo ainda meu agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa destinada a esta pesquisa.

Meu último agradecimento no plano acadêmico é reservado à Universidade de São Paulo por ter acolhido minha vontade de sempre aprender mais.

É hora dos agradecimentos pessoais. Tenho apenas dois a fazer.

Para Maria da Graça Barletta Costa, amiga querida de generosidade infinita, por ajudar com tudo, com qualquer coisa, sempre.

Por último, deixo um muito obrigado sem igual para Claudia Lupoli de Almeida, minha querida Claudia, companheira de lutas e alegrias, pelo apoio constante e por todos os sacrifícios que fizeram um longo caminho mais leve.

Viagens longas trazem dois tipos de saudade. Primeiro vem a saudade de casa e depois, mesmo antes que a viagem termine, aparece a saudade do extraordinário prestes a ficar para trás.

Uma jornada longa chegou ao fim. A saudade do extraordinário dá seus primeiros sinais de existência.

São Paulo, 14 de setembro de 2017

Adendo à Versão Corrigida

Em tempo, tendo transcorrido a defesa desta tese, meus agradecimentos à Prof.^a Dr.^a Elizabeth Harkot-de-La-Taille, agora pela coordenação dos trabalhos da comissão julgadora, e às professoras integrantes da banca, da Universidade de São Paulo, Prof.^a Dr.^a Lineide do Lago Salvador Mosca, Prof.^a Dr.^a Zilda Maria Zapparoli, Prof.^a Dr.^a Claudia Rosa Riolfi, e, da Universidade Federal de São Paulo, Prof.^a Dr.^a Souza Mizan, por terem gentilmente aceitado o convite para a arguição, pela leitura criteriosa das quase 300 páginas que integraram a versão original deste trabalho, pelo entusiasmo com que o receberam e pela generosidade de seus comentários.

São Paulo, 31 de outubro de 2017

“Portanto, leitor, sou eu mesmo o assunto do meu livro.”

Ensaaios I – Aviso ao leitor

(Michel Eyquem de Montaigne)

Resumo

BANDEIRA, Jordan Hahn. **Os ensaios admissionais da Universidade Johns Hopkins: uma análise discursiva assistida por computador das amostras aprovadas**. 2017. 305 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Este estudo faz a análise discursiva do corpus composto por trinta e dois ensaios admissionais de estudantes admitidos pela Universidade Johns Hopkins nos Estados Unidos da América. Os textos foram submetidos à instituição entre 2012 e 2016 e escolhidos como exemplos a serem seguidos pelos candidatos aos programas de graduação. Considerando que os ensaios foram validados por uma instituição com admissão altamente competitiva, os escritos constituem uma fonte valiosa e fornecem uma compreensão mais profunda do ensaio de admissão, tanto como instrumento de ingresso na Universidade Johns Hopkins quanto nas instituições norte-americanas de educação superior de forma geral. O estudo utilizou uma abordagem de análise qualitativa de dados assistida por computador com a primeira camada consistindo em análise qualitativa por meio da demarcação manual e posterior codificação de segmentos veiculadores de efeitos de sentido. Em uma segunda etapa, os códigos atribuídos foram submetidos à análise computacional que informou a relevância dos segmentos demarcados em função do número total de ocorrências e do número de ensaios em que foram verificados. A camada quantitativa de análise forneceu dados que levaram à segunda camada de análise qualitativa, que, por sua vez, permitiu uma compreensão mais precisa do objeto em relação ao que constitui um ensaio de admissão excelente para a Universidade Johns Hopkins. Os resultados apontam para o ensaio de admissão como um gênero complexo e de raízes profundas, cuja construção se baseia em um discurso destinado a veicular, por meio de uma demonstração emblemática, o *éthos* do enunciador, bem como o alinhamento de um conjunto de valores identitários específicos com o quadro axiológico da instituição. Este estudo pioneiro contribui para a compreensão dos ensaios autobiográficos que integram o corpus quanto ao seu conteúdo e expressão. Os escritos analisados sugerem um plano discursivo em que identidade, valores identitários e *éthos* desempenham um papel crucial em um processo no qual o candidato, investido em seu enunciador, é reconhecido como merecedor de integrar a instituição. O estudo também demonstra a utilidade de combinar abordagens assistidas por computador e ferramentas computacionais com estudos discursivos, pois permitem a visualização e organização de dados que não seriam naturalmente acessíveis ao pesquisador.

Palavras-chave: Ensaio de Admissão. Ensaio Admissional. Redações Admissionais. Semiótica Discursiva. *Éthos* Discursivo.

Abstract

BANDEIRA, Jordan Hahn. **The personal statements from The Johns Hopkins University: a computer-assisted discursive analysis of successful samples.** 2017. 305 p. Thesis (Doctoral) – Faculty of Philosophy, Languages and Human Sciences of the University of São Paulo, São Paulo, 2017.

This study conducts the discursive analysis of the corpus comprised of thirty-two personal statements by students admitted to The Johns Hopkins University in the United States of America. The texts were submitted to the institution between 2012 and 2016 and chosen as examples to be followed by candidates to the undergraduate programs. Considering that the essays have been validated by an institution where admission is highly competitive, the writings constitute a valuable source and provide a deeper understanding of the admission essay, both as an instrument of admission to The Johns Hopkins University as well as American institutions of higher education in general. The study utilized a computer-assisted qualitative data analysis approach with the first layer consisting of qualitative analysis with manual demarcation and subsequent coding of segments conveying meaning effects. In a second stage, the assigned codes were submitted to the computational analysis which informed the relevance of the demarcated segments as a function of their total number of occurrences and number of essays in which they were verified. The quantitative layer of analysis provided data that prompted the second layer of qualitative analysis, which, in its turn, allowed a more precise comprehension of the object regarding what constitutes an excellent admission essay for The Johns Hopkins University. The results point to the admission essay as a complex and deep-rooted genre whose construction is based on a discourse designed to convey, through an emblematic demonstration, the ethos of the enunciator as well as the alignment of an array of specific identity values with the axiological framework of the institution. This pioneering study contributes to the understanding of the autobiographical essays which integrate the corpus regarding their content and expression. The writings analyzed suggest a discursive plan in which identity, identity values, and ethos play a crucial role in a process in which the candidate, invested in his enunciator, is recognized as deserving of integrating the institution. The study also demonstrates the utility of combining of computer-assisted approaches and computer tools to discursive studies, since they allow the visualization and organization of data that would not be naturally accessible to the researcher.

Keywords: Personal Statements. College Essays. Admission Essays. Discourse Semiotics. Discursive Ethos

Lista de Figuras

Figura 1 – Norm Barker – Peabody Library – Universidade Johns Hopkins – Fotografia	6
Figura 2 – Validação pela Instituição de Aprovação.....	15
Figura 3 – Sede do jornal universitário The Harvard Crimson	22
Figura 4 – Gen e Kelly Tanabe.....	23
Figura 5 – Validação pelo Organizador.....	24
Figura 6 – Candidato Anônimo	25
Figura 7 – A Plataforma Study Notes.....	25
Figura 8 – Homepage da Plataforma GradeSaver	26
Figura 9 – Tablete Sumério - Recibo do Imposto conhecido como “o ônus”, 2500 AEC	38
Figura 10 – O herói Gilgamesh dominando um leão. Relevo da fachada da sala do trono,.....	41
Figura 11 – Michel Eyquem de Montaigne	44
Figura 12 – O Medalhão de Montaigne.....	47
Figura 13 – Rafael Sanzio – A Escola de Atenas, 1509-1511, Afresco, 500 cm x 770 cm,	49
Figura 14 – Francis James Child – “Pai” do Ensaio Admissional.....	51
Figura 15 – Tendências dos Fatores de Admissão (NACAC, 2012, p. 26).....	68
Figura 16 – Página Inicial da Common Application	72
Figura 17 – Página Inicial da Coalition for Access, Affordability and Success	73
Figura 18 – UJH Página Inicial	81
Figura 19 – UJH – As Pessoas Mais Inteligentes do Mundo	82
Figura 20 – UJH – Compromisso com a Pesquisa	83
Figura 21 – UJH – Oportunidades.....	83
Figura 22 – UJH – Interação.....	84
Figura 23 – Sequência 1 Cena 1	86
Figura 24 – Sequência 1 Cena 2	86
Figura 25 – Sequência 1 Cena 3	86
Figura 26 – Sequência 2 Cena 1	87
Figura 27 – Sequência 2 Cena 2	87
Figura 28 – Sequência 2 Cena 3	87
Figura 29 – Sequência 3 Cena 1	88
Figura 30 – Sequência 3 Cena 2	88
Figura 31 – Sequência 3 Cena 3	88
Figura 32 – Sequência 3 Cena 1	89

Figura 33 – Sequência 3 Cena 2	89
Figura 34 – Sequência 3 Cena 3	89
Figura 35 – Sequência 5 Cena 1	90
Figura 36 – Sequência 5 Cena 2	90
Figura 37 – Sequência 5 Cena 3	90
Figura 38 – UJH e Pesquisa	91
Figura 39 – Clemens Kalisher – Fotografia de Referência para o Triple Self-Portrait, 1960, Norman Rockwell Museum, Stockbridge, Massachusetts, EUA.....	96
Figura 40 – Norman Rockwell - Triple Self-Portrait, 1960, Óleo sobre Tela, 113.5 x 87.5 cm, Norman Rockwell Museum, Stockbridge, Massachusetts, EUA.....	97
Figura 41 – Interface do Programa	120
Figura 42 – Como funciona um Código	122
Figura 43 – Transposição de Códigos.....	125
Figura 44 – Pense fora da Caixa	127
Figura 45 – Pensar fora da Caixa.....	128
Figura 46 – Inovador.....	128
Figura 47 – Impacto no Mundo	128
Figura 48 – Altruísta	128
Figura 49 – Independente.....	129
Figura 50 – Proativo.....	129
Figura 51 – Empreendedor.....	129
Figura 52 – Liderança	129
Figura 53 – Dedicção	130
Figura 54 – Ser Coordenado	130
Figura 55 – Trabalho de Equipe.....	130
Figura 56 – Aptidão para Computação	130
Figura 57 – Altruísta	131
Figura 58 – Vocação para Ensinar	131
Figura 59 – Conquista.....	131
Figura 60 – Segmentos Demarcados.....	132
Figura 61 – Frequência de Códigos	133
Figura 62 – Princípio 80/20	137
Figura 63 – Códigos ordenados por Nº de Casos.....	140
Figura 64 – Códigos ordenados por ocorrências.....	141

Figura 65 – Efeitos Pretendidos.....	151
Figura 66 – Quadrado Semiótico.....	152
Figura 67 – Distribuição dos Códigos Principais por Casos	162
Figura 68 – Distribuição Códigos Principais por Ocorrências	163
Figura 69 – Distribuição por Casos e Respetivos Percentuais.....	164
Figura 70 – Distribuição por Frequência e Respetivos Percentuais	165
Figura 71 – Coeficiente de Jaccard – Aglomeração	167
Figura 72 – Hot Spots.....	171

Lista de Quadros

Quadro 1 – Examinando a Literatura Existente.....	18
Quadro 2 – Confiabilidade das Amostras em Coletâneas	21
Quadro 3 – As Faculdades Coloniais	50
Quadro 4 – Consolidando Códigos do Topo	146
Quadro 5 – 39 Códigos Consolidados	147
Quadro 6 – Síntese das Relações Semânticas dos 39 Códigos Principais.....	153
Quadro 7 – As Etapas da Jornada do Herói.....	173
Quadro 8 – Síntese do Percorso Heroico.....	179
Quadro 9 – Revelações	183

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Amostras Disponíveis	27
Tabela 2 - Fatores de Admissão	70
Tabela 3 – Exemplo Ilustrativo de Número de Ocorrências por Caso	134
Tabela 4 – Ocorrências versus Casos	135
Tabela 5 – Recorte por Princípio Pareto – Ordenação por Casos (Coluna F)	143
Tabela 6 – Recorte aplicando Princípio de Pareto – Ordenação por Ocorrências (D)	144
Tabela 7 – Relatório Ordenado em Função de Casos.....	148
Tabela 8 – Relatório Ordenado por Número de Casos e Respectivos Percentuais	235
Tabela 9 – Relatório Ordenado por Número de Ocorrências (Frequência) e Respectivos Percentuais	238

Sumário

Parte I – Introdução	1
1 Introdução.....	3
1.1 <i>Um Objeto de Interesse</i>	<i>3</i>
1.2 <i>Um Desafio à Pesquisa</i>	<i>4</i>
2 Justificativa.....	7
3 O Estado da Arte.....	9
3.1 <i>Google Acadêmico</i>	<i>9</i>
3.2 <i>ERIC.....</i>	<i>12</i>
3.3 <i>Acervos Digitais da USP, PUC-SP e UNICAMP</i>	<i>13</i>
3.4 <i>Um Balanço.....</i>	<i>13</i>
4 As Possíveis Fontes de Corpora.....	15
4.1 <i>A Literatura Não Acadêmica sobre Ensaaios de Admissão.....</i>	<i>16</i>
4.2 <i>Ensaaios mediante Assinatura de Plataformas Comerciais</i>	<i>24</i>
4.3 <i>Modelos disponibilizados por Instituições de Ensino Superior.....</i>	<i>27</i>
5 O Recorte	29
6 As Perguntas de Pesquisa	31
6.1 <i>Qual é o conteúdo e a expressão do Ensaio Admissional aprovado pela UJH?</i>	<i>31</i>
6.2 <i>Exige esse Ensaio Admissional um tipo de redação diferente daquele com o qual o aluno de ensino secundário brasileiro está acostumado?</i>	<i>31</i>
6.3 <i>Em que aspectos difere esse texto em relação à nossa redação?</i>	<i>31</i>
6.4 <i>Será possível estabelecer padrões de conteúdo e expressão para textos aprovados pela UJH?</i>	<i>31</i>
6.5 <i>Quais são esses padrões, caso existam?</i>	<i>31</i>
6.6 <i>Na eventualidade da existência de padrões, serão esses transitórios, permanentes, ou marcados por uma combinação de elementos permanentes e transitórios?</i>	<i>31</i>
6.7 <i>São os possíveis achados aplicáveis à redação de ensaios admissionais para outras instituições ou são eles restritos ao ingresso na UJH?</i>	<i>31</i>
6.8 <i>Podem as ferramentas computacionais de mineração de dados ter um papel maior nos estudos semióticos?</i>	<i>32</i>

6.9	<i>Como podem essas ferramentas ser ajustadas à análise semiótica?</i>	32
6.10	<i>Podem essas ferramentas oferecer perspectivas até aqui inacessíveis ao estudo semiótico?</i>	32
Parte II – Origem e Evolução do Ensaio Admissional		33
7	As Sementes de um Gênero	35
7.1	<i>A Lista de Ziusudra</i>	37
7.2	<i>Ancestrais Distantes</i>	41
7.3	<i>Michel de Montaigne</i>	43
8	A Origem do Ensaio Admissional	49
8.1	<i>O Surgimento da Amostra de Redação</i>	50
8.2	<i>O Personal Statement Hoje</i>	65
8.3	<i>A Ascensão do Ensaio Admissional</i>	66
8.4	<i>Tendências de Admissão</i>	66
9	Common Application – A Candidatura Distribuída	71
Part III – O Desafio ao Candidato		75
10	As Proposições	77
10.1	<i>Common Application</i>	77
10.2	<i>Universal College Application</i>	78
10.3	<i>Coalition for Access, Affordability and Success</i>	79
11	O Éthos Institucional	81
11.1	<i>Valores Institucionais</i>	81
11.2	<i>Cuidado! Pessoas Inteligentes</i>	82
11.3	<i>Seja a Diferença</i>	84
11.3.1	<i>Sequência nº 1</i>	86
11.3.2	<i>Sequência nº 2</i>	87
11.3.3	<i>Sequência nº 3</i>	88
11.3.4	<i>Sequência nº 4</i>	89
11.3.5	<i>Sequência nº 5</i>	90
11.4	<i>Pesquisa e mais Pesquisa</i>	91
11.5	<i>O Campo de Jogo</i>	93

12	O Desafio Autobiográfico	95
12.1	<i>Ilusões e Pactos</i>	98
Parte IV – A Análise dos Dados		103
13	A Metodologia	105
13.1	<i>A Semiótica Francesa neste Estudo</i>	105
13.2	<i>Os Ensaios da Universidade Johns Hopkins – Apresentação do Corpus.....</i>	108
13.3	<i>A Abordagem do Corpus</i>	110
13.4	<i>Quantidades de Qualidades</i>	110
13.5	<i>Codificação versus Análise</i>	112
13.6	<i>Viés e Limitações.....</i>	113
13.7	<i>Mapeamento de segmentos.....</i>	115
14	Os Procedimentos.....	117
14.1	<i>A Escolha do Software</i>	117
14.2	<i>A Interface.....</i>	119
14.3	<i>A Codificação.....</i>	121
14.4	<i>Como Funciona um Código</i>	122
14.5	<i>Aplicando Códigos a Efeitos de Sentido</i>	123
14.6	<i>As Ferramentas do Software.....</i>	133
14.7	<i>Número de Ocorrências versus Número de Casos</i>	134
14.8	<i>Aplicando o Princípio de Pareto.....</i>	136
15	Os Resultados	139
15.1	<i>Números de Importância.....</i>	139
15.2	<i>Quadrados Semióticos.....</i>	150
15.3	<i>Do Sintagma Narrativo ao Nível Discursivo: estratégias da enunciação</i>	154
15.4	<i>Apostas Altas – Os Objetos Modais</i>	155
15.4.1	<i>Valores Identitários.....</i>	156
15.5	<i>Éthos como autorretrato</i>	157
15.5.1	<i>Visualizando Sentidos</i>	161
15.6	<i>Análise de Agrupamentos.....</i>	166
15.7	<i>Hot Spots – Um Quadro de Apostas.....</i>	169
15.8	<i>Diante do Herói – Um Percorso de Reconhecimento</i>	172

15.8.1	32 Heróis	176
15.8.2	A Sagacidade.....	182
15.9	<i>A Outra Face do Espelho – A Análise dos Comentários</i>	188
15.9.1	Comentário nº 1 [A Home Destroyed].....	188
15.9.2	Comentário nº 2 [Dharamsala].....	189
15.9.3	Comentário nº 3 [Don't be Sorry].....	190
15.9.4	Comentário nº 4 [Cooking Up a Cataclysm].....	190
15.9.5	Comentário nº 5 [Thinking Outside the Box]	191
15.9.6	Comentário nº 6 [The Unathletic Department]	191
15.9.7	Comentário nº 7 [The Musketeer in Me]	193
15.9.8	Comentário nº 8 [Undecided].....	194
15.9.9	Comentário nº 9 [Spy].....	195
15.9.10	Comentário nº 10 [It's Name was Ozzy]	195
15.9.11	Comentário nº 11 [Outgrowing the Garage]	195
15.9.12	Comentário nº 12 [String Theory].....	196
16	Respondendo às Perguntas de Pesquisa	197
16.1	<i>Qual é o conteúdo e a expressão do Ensaio Admissional aprovado pela UJH?</i>	<i>197</i>
16.2	<i>Exige esse Ensaio Admissional um tipo de redação diferente daquele com o qual o aluno de ensino secundário brasileiro está acostumado?.....</i>	<i>197</i>
16.3	<i>Em que aspectos difere esse texto em relação à nossa redação?.....</i>	<i>198</i>
16.4	<i>Será possível estabelecer padrões de conteúdo e expressão para textos aprovados pela UJH?.....</i>	<i>198</i>
16.5	<i>Quais são esses padrões, caso existam?.....</i>	<i>199</i>
16.6	<i>Na eventualidade da existência de padrões, serão esses transitórios, permanentes, ou marcados por uma combinação de elementos permanentes e transitórios?.....</i>	<i>199</i>
16.7	<i>São os possíveis achados aplicáveis à redação de ensaios admissionais para outras instituições ou estão eles restritos ao ingresso na UJH?</i>	<i>200</i>
16.8	<i>Podem as ferramentas computacionais de mineração de dados ter um papel maior nos estudos semióticos?.....</i>	<i>201</i>
16.9	<i>Como podem essas ferramentas ser ajustadas à análise semiótica?</i>	<i>201</i>
16.10	<i>Podem essas mesmas ferramentas oferecer perspectivas até aqui inacessíveis ao estudo semiótico?.....</i>	<i>202</i>

Parte V – Considerações Finais.....	203
17 Poder, Reconhecimento e Ideologia.....	205
18 A Trilha de Ziusudra	211
19 Uma Síntese	213
20 Alma Mater.....	215
Referências	219
Apêndices.....	227
<i>Apêndice A – Entrevista com o Ensaísta e Professor Phillip Lopate</i>	<i>229</i>
<i>Apêndice B – Relatório Ordenado por Casos.....</i>	<i>235</i>
<i>Apêndice C – Relatório por Número de Ocorrências (Frequência).....</i>	<i>238</i>
Anexos.....	241
<i>Anexo A - O Corpus</i>	<i>243</i>
Ensaio Admissional nº 01 – A Home Destroyed	243
Ensaio Admissional nº 02 – Dharamsala	244
Ensaio Admissional nº 03 – Don’t Be Sorry.....	245
Ensaio Admissional nº 04 – Cooking Up a Cataclysm	246
Ensaio Admissional nº 05 – Thiking Outside the Box	247
Ensaio Admissional nº 06 – The Unathletic Department.....	248
Ensaio Admissional nº 07 – The Musketeer in Me	249
Ensaio Admissional nº 08 – Undecided.....	250
Ensaio Admissional nº 09 – Spy.....	251
Ensaio Admissional nº 10 – Its Name was Ozzie	252
Ensaio Admissional nº 11 – Outgrowing the Garage	253
Ensaio Admissional nº 12 – String Theory.....	254
Ensaio Admissional nº 13 – Temper.....	255
Ensaio Admissional nº 14 – Dissonance.....	256
Ensaio Admissional nº 15 – Hometown	257
Ensaio Admissional nº 16 – Content	258
Ensaio Admissional nº 17 – Spring Instead of Summer	259
Ensaio Admissional nº 18 – Breaking Into Cars	260

Ensaio Admissional nº 19 – How to Become an Adult.....	261
Ensaio Admissional nº 20 – Building a Twenty Story Apartment Building.....	262
Ensaio Admissional nº 21 – Returning to Peru	263
Ensaio Admissional nº 22 – Shelves One Through Five.....	264
Ensaio Admissional nº 23 – The Red Room	265
Ensaio Admissional nº 24 – Community Service Isn't for Me	266
Ensaio Admissional nº 25 – More Than Thick Eyebrows	267
Ensaio Admissional nº 26 – Just Keep Folding	268
Ensaio Admissional nº 27 – The Palate of My Mind	269
Ensaio Admissional nº 28 – Intercom Enthusiast	270
Ensaio Admissional nº 29 – Growing Strawberries in a High School Locker.....	271
Ensaio Admissional nº 30 – On and Off	272
Ensaio Admissional nº 31 – From Yonkers to Accra.....	273
Ensaio Admissional nº 32 – In Pursuit of the Sublime	274
<i>Anexo B - Fatores de Admissão.....</i>	<i>277</i>

Parte I – Introdução

1 Introdução

Esta pesquisa tem por objetivo ampliar o conhecimento sobre um tipo particular de redação que integra as exigências admissionais às escolas superiores norte-americanas e é conhecido como *personal statement*. Tendo por base da investigação um corpus composto por 32 ensaios exemplares, disponibilizados pela Universidade Johns Hopkins, este estudo aliou uma abordagem quali-quantitativa à semiótica francesa em uma análise que informa sobre as características desse instrumento admissional.

1.1 Um Objeto de Interesse

O modelo norte-americano de educação superior possui um sistema de seleção baseado em diversos quesitos. Faculdades e universidades, quase invariavelmente, solicitam de seus candidatos a submissão, além do histórico escolar, de notas em testes padronizados, formulários de inscrição, cartas de recomendação e uma ou mais redações. O conjunto de textos que o candidato deverá redigir é normalmente composto por uma série de respostas dissertativas a proposições diversas e uma redação longa, geralmente chamada de *College Essay* ou de *Personal Statement*.

Embora os termos sejam com frequência utilizados de modo intercambiável, um *college essay* e um *personal statement* são objetos distintos. Na realidade, *college essay* refere-se a todo e qualquer texto dissertativo que o candidato precise submeter a uma instituição, independentemente da proposição, enquanto o termo *personal statement* se refere de modo específico ao ensaio autobiográfico que é o foco deste estudo.

Na prática, no entanto, o termo *college essay* ainda hoje abrange, principalmente fora dos meios acadêmicos, o significado de *personal statement*, mesmo em títulos de livros e publicações que se referem ao ensaio autobiográfico.

No passado, as escolas de educação superior faziam uma distinção entre os dois termos, reservando o primeiro para a admissão à faculdade e o segundo para a admissão à pós-graduação.

A nomenclatura utilizada pelas instituições tanto não é padrão que uma resposta na página de perguntas frequentes no website da Universidade Harvard explica a distinção no contexto daquela instituição.

O *college essay* (oficialmente o seu “*personal statement*”, pelo menos em Harvard) era a parte mais intimidadora do meu processo de candidatura porque, depois de começar o último ano, era a única coisa sobre a qual eu tinha algum controle real.¹

As editoras operando no segmento admissional, por sua vez, continuam concentrando seus títulos em torno de *college essay*, referindo-se ao ensaio autobiográfico, quando no contexto da admissão à graduação, reservando *personal statement* para os títulos voltados ao ingresso à pós-graduação.

Por conta da introdução das plataformas distribuidoras de candidaturas, como a *Common Application*, existe hoje uma tendência à padronização terminológica e uma busca por maior precisão que encontra a resistência de um mercado editorial ainda fixado no consagrado “*college essay*” como termo preferencial na busca de seu público-alvo.

Seja chamada de *College Essay* ou de *Personal Statement*, a redação admissional norte-americana, tanto em relação à expressão quanto em relação ao conteúdo, prossegue sendo pouco compreendida mesmo nos Estados Unidos. E é esse desconhecimento que alimenta a demanda por publicações, serviços oferecidos pela internet e consultorias destinadas aos que buscam o ingresso nas escolas superiores norte-americanas.

Deixando-se a questão terminológica em língua inglesa de lado, para efeito deste estudo, os textos de admissão serão chamados de “Ensaio Admissional” em linhas gerais e de “*Personal Statements*” quando a distinção com relação a outros tipos de ensaios se fizer necessária.

É importante ressaltar que os ensaios admissionais que compõem o corpus analisado são todos do tipo *Personal Statement*, ou seja, são “Ensaio Pessoal”, ou, como demonstrado neste trabalho, “Demonstrações Autobiográficas”.

1.2 Um Desafio à Pesquisa

De acordo com os dados disponíveis mais recentes do *National Center for Education Statistics (NCES)*, aproximadamente 3,5 milhões de estudantes devem ter concluído o ensino secundário nos Estados Unidos no período 2016-2017. Se o percentual de ingressos na

¹ Todas as traduções são de responsabilidade do autor desta pesquisa, salvo nota em contrário.

The college essay (officially your “personal statement,” at least at Harvard) was the most intimidating part of my application process—because, by the beginning of my senior year, it was the only thing I had any real control over. Disponível em: <<https://college.harvard.edu/search-results?searchtext=personal+statement>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

universidade imediatamente após o término do secundário permanecer no patamar dos 68,4% de 2014 (dados mais recentes disponíveis)², aproximadamente 2,35 milhões de jovens deverão enfrentar a tarefa de redigir um *personal statement*. Isso sem que se mencione o influxo, cada vez maior, de candidatos estrangeiros pleiteando uma vaga acadêmica nos Estados Unidos.

Diante desses números, não é difícil concluir a importância da compreensão de um objeto que, ao mesmo tempo em que integra o conjunto de critérios de seleção, é um instrumento subjetivo, tanto pelo ponto de vista de sua criação quanto pelo de sua avaliação. É possível que essa própria subjetividade contribua para a inexistência de estudos acadêmicos significativos sobre o *personal statement*, mas os escassos estudos anteriores já deixavam indícios de que o maior desafio é o da reunião de um corpus confiável que possa servir de base à pesquisa.

Em um dos poucos estudos existentes, Huiling Ding (2007, p. 268-392), faz a análise assistida por computador de 30 textos destinados ao ingresso às faculdades de medicina e odontologia. Para basear seu estudo, a pesquisadora recorreu a ensaios disponibilizados comercialmente. Um segundo estudo, de Pennebaker (PENNEBAKER, J. ET AL., 2014) utilizou um corpus de 50.000 ensaios anonimizados fornecidos pela universidade onde a pesquisa foi conduzida. Em nenhum dos casos existe um paradigma de coleta de corpus que pudesse ter sido utilizado para os fins deste estudo.

Como apontou Lopate (2015)³, o processo de seleção das universidades é um processo semi-secreto. Depreende-se disso a existência de cláusulas de confidencialidade que limitam o acesso ao material, restando ao pesquisador essencialmente duas alternativas, a de trabalhar com corpora obtidos comercialmente ou corpora voluntariamente disponibilizado por instituições. As fontes comerciais sofrem de deficiências graves que serão discutidas mais adiante e que direcionam a busca por amostras na direção do que é disponibilizado pelas escolas. O material disponibilizado pelas instituições, todavia, é raro e, quando existente, limitado.

Existe, porém, uma exceção: a Universidade Johns Hopkins.

² National Center for Education Statistics. *Back to School Statistics*. Disponível em: <<https://nces.ed.gov/fastfacts/display.asp?id=372>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

³ Entrevista para esta pesquisa. set. 2015.

Figura 1 – Norm Barker – *Peabody Library* – Universidade Johns Hopkins – Fotografia

Fonte: Architectural Digest⁴

⁴ Disponível em: <<https://www.architecturaldigest.com/gallery/stunning-university-libraries-slideshow>> Acesso em: 14 ago. 2017

2 Justificativa

Por que estudar os ensaios admissionais da Universidade Johns Hopkins? A pergunta fundamental por trás deste estudo é inevitável.

No final do século XVIII, quando surgiam as primeiras instituições de ensino superior norte-americanas, *Harvard College*, que viria a se tornar a Universidade Harvard, já era a instituição de mais prestígio dentre as primeiras escolas de educação superior. No contexto dessa educação superior incipiente, no entanto, surgiu em 1876 um novo tipo de escola. Seguindo o modelo da universidade alemã que enfatizava pesquisa, a Universidade Johns Hopkins foi fundada naquele ano e operou uma mudança de paradigma educacional, impondo o futuro e as mudanças que todas as outras escolas teriam que seguir. Se ensaios admissionais existem, eles existem porque a Universidade Johns Hopkins tornou a língua inglesa relevante em um contexto de educação que até ali valorizara mais saber latim e grego do que a própria língua inglesa.

A importância da contribuição da Universidade Johns Hopkins para a educação superior norte-americana, no entanto, pouco importaria para esse estudo se a instituição, como tantas outras, deixasse a questão dos *personal statements* inteiramente a cargo dos candidatos. A Universidade Johns Hopkins, todavia, tenta facilitar o processo de redação para seus candidatos por meio da disponibilização em seu website de ensaios admissionais de suas últimas turmas que foram considerados exemplares pela instituição.

A realidade da inexistência de estudos acadêmicos sobre os ensaios de admissão, aliada à existência do acervo disponibilizado pela UJH, propicia uma oportunidade ímpar para que se aborde o tema do ensaio admissional em um estudo permitindo a melhor compreensão desse objeto em tempos marcados pela globalização e pelo aumento do número de estudantes brasileiros que buscam a educação superior fora de nossas fronteiras.

Desde o início, a intenção desta pesquisa era clara com relação a ampliar o entendimento sobre o objeto “Ensaio Admissional”, não apenas como um artefato cultural, mas, sobretudo, com relação às suas características e funções dentro do processo admissional. Para alcançar-se essa compreensão seria necessário acesso a um corpus que pudesse ser analisado e foi nesse ponto que o estudo se mostrou mais complicado do que o previsto.

As possibilidades de angariar material esbarraram em dois desafios: o primeiro com relação à comprovação da validade desses textos como fontes fidedignas e o segundo quanto

ao estabelecimento de um recorte de pesquisa eficaz para um objeto de estudo que é utilizado por todas as universidades e faculdades norte-americanas.

Por meio de textos validados e comentados pela instituição, a UJH permite a resolução do primeiro desafio. Por ser uma instituição de ingresso competitivo e que utiliza ensaios distribuídos pelas plataformas distribuidoras de inscrição⁵, a UJH oferece acesso a um texto representativo do *personal statement* de modo geral, solucionando também o segundo desafio.

Definida a fonte, a pesquisa passou à coleta e tratamento do corpus inicialmente composto por 27 ensaios exemplares, disponibilizados pela instituição em seu website, referentes às turmas de 2016, 2017, 2018 e 2019 (com base em anos de formatura) aos quais seriam posteriormente acrescentados 5 ensaios admissionais, referentes à turma de 2020.

É com base nesse corpus final de 32 ensaios admissionais exemplares, que são apresentados os dados deste estudo quali-quantitativo, realizado dentro de um modelo de pesquisa no qual a Análise de Dados Qualitativos Assistida por Computador (CAQDAS)⁶ foi integrada ao arcabouço teórico da semiótica francesa, possibilitando os resultados e as reflexões apresentadas neste estudo.

⁵ A partir de 1998, surgiram nos Estados Unidos entidades destinadas a facilitar o processo de inscrição acadêmica por meio da centralização de uma candidatura única que é distribuída para as diferentes instituições pelas quais o candidato tenha interesse.

⁶ *Computer-Assisted Qualitative Data Analysis*

3 O Estado da Arte

Como ponto de partida da pesquisa sobre o Estado da Arte, foi estabelecida a utilização do mecanismo de busca Google Acadêmico para o levantamento de artigos relacionados aos termos de busca. Após essa primeira pesquisa, os mesmos termos de busca foram utilizados na base de dados *ERIC* e nos acervos digitais da Universidade de São Paulo, Unicamp e PUC-SP. Os termos utilizados foram: *admission essay*, *college essay* e *personal statement*. Estabeleceu-se também que somente seriam investigados artigos e publicações onde esses termos fossem aplicados no mesmo sentido que possuem para nossa pesquisa ou quando apontassem para leituras que, de alguma forma, pudessem ser relevantes para este estudo. Dessa forma, por exemplo, a menos que o termo “*personal statement*” estivesse conectado ao contexto de ensaios admissionais, o mesmo não possuiria, em princípio, importância para este levantamento. Estipulou-se ainda que apenas as fontes consultadas seriam citadas.

3.1 Google Acadêmico

O Google Acadêmico, em virtude de seu algoritmo, retorna os resultados por ordem de relevância. De acordo com a Prof.^a Fátima Nunes (2015), as cinco primeiras páginas de resultados devem, em princípio, ser suficientes para cobrir os achados merecedores de atenção. Esse entendimento parece correto, diante dos resultados encontrados neste estudo, já que foram investigadas as páginas subsequentes até que se esgotassem as possibilidades de encontrar itens de relevância, sem que fossem localizadas fontes potencialmente úteis após a 5ª página de resultados para nenhum dos termos.

A pesquisa para o termo inicial “*admission essay*” apontou para resultados na casa de 1.2 milhão. A lista produzida foi encabeçada por um artigo sobre a aplicação da teoria de probabilidades a experimentos agrícolas que pode ser descartado. A segunda posição se restringiu a parâmetros de avaliação para ensaios admissionais exigidos pelo *Accreditation Council for Pharmacy Education* para um programa de doutorado em farmácia, não se referindo, portanto, ao contexto deste estudo.

A partir da terceira posição, a análise tornou-se mais interessante e útil com o artigo de Huiling Ding (2007), no qual a autora analisa gênero em um trabalho restrito à admissão a programas de medicina e odontologia. O artigo de Ding (2007) utiliza demarcações manuais

para posterior análise computadorizada restrita a itens lexicais no que chamou de **cartas** nas quais identificou “*moves*”, ou movimentos. Esses movimentos são: explicação da razão para ingressar, discussão de experiência de vida relevante ao campo da medicina e odontologia, comprovação de credenciais pertinentes e descrição da personalidade. A pesquisa utilizou 30 textos oriundos de websites comerciais.

A quarta posição ficou com Early e DeCosta (2010, p. 209), com seu artigo baseado na experiência de um *workshop* para 41 alunos do último ano do secundário, oriundos de camada social de baixa renda e várias etnias.

Este *workshop* sugere a necessidade de “expandir o currículo de *language arts* para incluir tarefas mais realistas e desmistificar os gêneros de controle de acesso (*gatekeeping genres*), tais como o ensaio de admissão à universidade, de forma que alunos não atendidos de etnias diversas possam desenvolver as habilidades de redação para serem admitidos em faculdades e universidades.”⁷

O valor do artigo de Early e DeCosta reside em demonstrar que a redação de ensaios admissionais não é, pelo menos necessariamente, parte do currículo escolar nos Estados Unidos e que a questão de acesso para alunos menos privilegiados e grupos étnicos minoritários continua representando um desafio de inclusão.

O próximo resultado da lista trata de ferramentas de admissão de modo geral e é seguido de mais dois resultados também de Early e DeCosta, o primeiro referente a uma intervenção nos moldes da que já foi mencionada e o segundo referente a um título (EARLY; DECOSTA, 2012) que merece, em princípio, atenção. Em seu *Real world writing for secondary students: teaching the college admission essay and other gate openers for higher education*, os autores continuam seu louvável trabalho propondo maior inclusão dos que chamam de “não atendidos”. A obra propõe-se a promover melhores condições de ingresso para secundaristas por meio de ênfase à redação de modo geral e do empoderamento dos alunos para que contem suas histórias.

A segunda página de resultados não apontou para artigos ou publicações úteis. Os resultados gerados incluem um artigo sobre identificação de atrito em ensaios admissionais para a faculdade de enfermagem, um artigo sobre ensaios admissionais como fator de previsão de comportamento profissional na área médica e um artigo da área de psicologia, mencionando ensaios de admissão no contexto do uso desnecessário de palavras eruditas.

⁷ *This workshop suggests the need to expand the language arts writing curriculum to include more real-world and authentic writing tasks and to demystify gatekeeping genres, such as the college admission essay, so ethnically diverse, underserved students can develop necessary writing skills to gain admission to colleges and universities.*

Os resultados da terceira página apontam para um artigo sobre ensaios de admissão no contexto da integridade acadêmica, mas é direcionado ao programa de *MBA* de uma instituição específica.

A terceira página, no entanto, inclui, um artigo (PENNEBAKER ET AL., 2014) sobre a análise computadorizada de *function words* em ensaios admissionais à graduação como fatores de previsão de sucesso acadêmico. No estudo, os autores analisaram 50 mil ensaios, obtidos da Universidade do Texas, em uma abordagem de categorização de palavras com base em dicionários predefinidos utilizando o programa *LIWC (Linguistic Inquiry and Word Count)*.

Em *The Psychological Meaning of Words: LIWC and Computerized Text Analysis Methods* (PENNEBAKER; TAUSCZIK, 2010, p. 24-38), localizado de forma indireta a partir do trabalho já citado, os autores deixam clara a sua proposta de correlacionar resultados de levantamentos linguísticos, com base em dicionários, com perfis psicológicos.

A quarta página de resultados incluiu um item mencionando “*admission essay*” como parte do contexto admissional e um resultado no contexto da retórica, um artigo de Karen Paley (1994), intitulado *The college application essay: A rhetorical paradox*, descrevendo um experimento em que ensaios de quatro alunos são enviados para quatro avaliadores diferentes. Os resultados da autora apontam para a necessidade de que o candidato retenha seu poder diante de forças que exigem que se exponha. Os resultados, apesar de interessantes, são baseados em um experimento, de acordo com a própria autora, informal e muito restrito. Sobre a semiótica ou a discursividade no processo em questão, o artigo de Paley (1994) tem pouco a oferecer.

A quinta página traz um resultado no contexto de plágio de ensaios para residência médica, um artigo no contexto de capitalismo acadêmico, um artigo no contexto das admissões como um todo (que já havia aparecido) e um artigo no contexto da compra e venda de ensaios admissionais.

A partir da sexta página, os resultados têm muito pouca relevância, incluindo, na oitava página, um artigo sobre a retórica em ensaios admissionais no contexto de acesso à pós-graduação em psicologia entre alguns ensaios admissionais propriamente ditos.

Alterando-se o termo de busca para “*personal statement*”, o mecanismo de busca fica sobrecarregado de entradas contendo ensaios pessoais sem relação com ingresso acadêmico.

Refinar a busca, alterando o parâmetro de levantamento para “*college personal statement*”, apresentou apenas um resultado, na quarta página, no contexto da habilidade de redação.

A oitava página traz uma ocorrência que seria merecedora de atenção se não fosse uma reapresentação de um resultado apresentado para o primeiro termo de busca.

O termo “**college essay**”, por sua vez, trouxe, na quarta página, o artigo já mencionado de Karen Paley (1994).

3.2 ERIC.

A plataforma reuniu 59 artigos em torno do termo de busca “**personal essay**”, apresentando o artigo de Hayley Haugen (2013, p. 49) *Beyond the Narrative Mode in the Composition*, abordando a necessidade de retorno ao ensaio pessoal nas escolas e reforçando a posição de Early e DeCosta (2010, p. 209) sobre a falta de ênfase para o gênero. Dos 58 artigos restantes, um tratava de questões de gênero e estereótipos (assuntos possivelmente úteis) fora do contexto dos ensaios pessoais.

Passando ao termo “**admission essay**”, foram localizadas 117 ocorrências. Os resultados incluíram o título *Admissions Decision-Making Models: How U.S. Institutions of Higher Education Select Undergraduate Students* de Gretchen Rigol. A autora (RIGOL, 2003, p. 23) faz apenas um levantamento sucinto sobre ensaios e *personal statements* que pouco contribui para quem precise escrevê-los.

Secretários de admissão geralmente acreditam que a escrita é um componente essencial da candidatura, apesar do fato de que alguns expressam preocupação sobre não saberem se o aluno recebeu ajuda significativa para escrever o ensaio. Um diretor observou que os leitores sabem que não podem ter 100% de certeza de que o candidato escreveu um ensaio excelente, mas sabem com bastante certeza quando foi responsável por um ensaio medíocre.⁸

Já na terceira página, reencontramos o artigo de Karen Paley (1994). Nenhuma das ocorrências posteriores apresentou quaisquer estudos sobre ensaios admissionais ou artigos que pudessem ter relevância para esta pesquisa.

A busca por “**personal statement**” retornou 61 resultados. Desses resultados, apenas o artigo de Steven Alvarez (2012, p. 32-56), *Arguing Academic Merit: meritocracy and the rhetoric of the personal statement*, pareceu útil. O artigo aborda o ensaio pessoal no contexto

⁸ *Admissions officers generally believe that writing is an essential component of the application, despite the fact that some express concern about not knowing if the student received substantial assistance in preparing the essay. One director noted that readers understand that they cannot be 100 percent certain that the applicant wrote a superb essay, but they can be quite sure that the applicant was responsible for a mediocre one.*

de alunos de primeiro ano de faculdade e sob a perspectiva de uma economia cultural, na qual a redação serve de instrumento, por meio de “táticas de retórica”, em um jogo de alavancagem de poder que se manifesta na forma de mérito acadêmico.

Como visto, as buscas não retornaram resultados referentes a estudos acadêmicos publicados sobre ensaios admissionais aprovados nos termos como propostos nesta pesquisa.

3.3 *Acervos Digitais da USP, PUC-SP e UNICAMP*

Os acervos digitais das três universidades pesquisadas não retornaram nenhum resultado para os termos de busca.

3.4 *Um Balanço*

Diante dos resultados das buscas, esta pesquisa entende que a análise qualitativa assistida por computador de um corpus fidedigno pode contribuir de forma significativa para a compreensão do objeto *personal statement* no contexto admissional da Universidade Johns Hopkins e, por extensão, para o entendimento do *personal statement* no cenário da educação superior norte-americana como um todo.

4 As Possíveis Fontes de Corpora.

Diante das alternativas para a obtenção de corpora, cabe investigar como cada uma delas trata a questão da validação dos ensaios apresentados como modelos, já que esta pesquisa exige a confiabilidade das fontes.

Para fins deste estudo, é necessário compreender-se que a validação dos ensaios admissionais a compor o corpus não depende somente de conhecer-se a autoria dos mesmos. Como a intenção é de realizar um estudo com base em ensaios admissionais aprovados, configura-se um problema que deve ser abordado a partir de três frentes distintas.

Como ilustra a Figura 2, abaixo, para que possam integrar o corpus, cada ensaio precisa existir na interseção de três parâmetros válidos que são: a integridade do próprio ensaio, a legitimidade de seu autor e a validação da aprovação pela instituição. Ou seja, a instituição precisa reconhecer o ensaio como aprovado, o ensaio apresentado como válido precisa ser o mesmo que a instituição aprovou e alguém precisa estar ligado à autoria do texto. A quebra de qualquer uma dessas diretrizes torna a utilidade do texto para fins de pesquisa questionável.

Figura 2 – Validação pela Instituição de Aprovação

Fonte: Elaborado pelo autor

Sobre a integridade do ensaio, é preciso lembrar que, a menos que a versão a ser estudada corresponda exatamente à versão aprovada, não há como se determinar se elementos cruciais à aprovação foram comprometidos por possíveis modificações. Sem que se mencione

a autoria, não há como saber se um ensaio é um texto genuinamente aprovado ou apenas um modelo artificial disponibilizado como exemplo. E sem que a instituição reconheça um texto como aprovado, reivindicações sobre uma possível aprovação não podem ser verificadas.

Assim, passa-se à investigação das fontes que pudessem contribuir para a constituição do corpus. Inicialmente, examinaram-se os livros e manuais que oferecem exemplos de ensaios aprovados ou que prometem ensinar a escrevê-los. No caso desses recursos, é necessário examinar como resolvem a questão da validade do material que apresentam ou se ignoram a questão.

4.1 *A Literatura Não Acadêmica sobre Ensaaios de Admissão.*

Por meio de expressões qualificando seus exemplos como ensaios “que funcionaram”, “que fizeram diferença”, “que vão por você na faculdade”, “bem-sucedidos”, “que conseguem sua aprovação” e “que funcionaram para eles”⁹, vários autores sugerem que seus livros contêm modelos autênticos de ensaios aprovados. Em princípio, essas obras poderiam ser consideradas não confiáveis simplesmente por constituírem fontes indiretas, mas talvez esse não seja necessariamente o caso. Diante dessas fontes, especificamente, é necessário que se cogite a hipótese de que seus organizadores e autores tenham negociado, junto às instituições e aos autores dos ensaios, o aval para a apresentação do material. Essa possibilidade é, pelo menos, sugerida por títulos que mencionam *Harvard*, *Wharton* e a *Ivy League*¹⁰ e foi investigada.

A seguir, é apresentada a análise da literatura que se propõe a auxiliar na redação de ensaios admissionais, seja oferecendo amostras supostamente aprovadas, exemplos simulados

⁹ Os fragmentos “that worked”, “that made a difference”, “that will get you into college”, “successful”, “that gets you accepted” e “what worked for them” foram extraídos dos subtítulos de obras consultadas cujos títulos completos são encontrados no Quadro 1, na Página 18, e nas Referências.

¹⁰ As escolas da “Ivy League” são consideradas as de maior prestígio dos Estados Unidos. Essas escolas ficam principalmente na parte noroeste do país. Existe um total de oito faculdades que são consideradas como sendo da Ivy League. Essas escolas são as Universidades Brown, Harvard, Cornell, Princeton, Dartmouth, Yale e Columbia e a Universidade da Pennsylvania. De todas as instituições de ensino superior, essas escolas de prestígio são consideradas as melhores e as mais procuradas em termos de ingresso e de formação.

[Texto original correspondente à nota de rodapé nº 9]

Ivy League schools are considered to be the most prestigious of all colleges in the United States. These schools are primarily located in the Northeastern part of the country. There are eight total colleges that are considered to be Ivy League. These schools are Brown, Harvard, Cornell, Princeton, Dartmouth, Yale, and Columbia universities and the University of Pennsylvania. Of all institutions of higher learning, these elite schools are considered to be the most outstanding and the most sought-after in terms of acceptance and graduation.

The History of the Ivy League. Disponível em: <<http://www.bestcollegereviews.org/history-ivy-league/>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

ou instrução sobre como escrevê-los. Os títulos examinados foram agrupados de acordo com quatro tipos de publicação:

- Coletâneas voltadas a instituições específicas;
- Coletâneas genéricas;
- Coletâneas especializadas;
- Manuais de instrução contendo exemplos.

O primeiro tipo reúne ensaios supostamente aprovados por instituições privadas, tidas como de alto prestígio, com títulos fazendo referência direta à *Ivy League*, com todas as escolas que a integram, ou a escolas individuais que dela façam parte. O segundo tipo é voltado à redação dos ensaios, independentemente da instituição a que se destinem. O terceiro reúne coletâneas compiladas para atender cursos ou necessidades específicas, como “Faculdade de Direito”, “Faculdade de Medicina”, “*LL.M.*” (Mestrado Profissional em Direito), “*MBA*” (Mestrado Profissional em Administração de Empresas) e bolsas de estudos. Finalmente, o quarto tipo contém manuais que se propõem a ensinar como escrever um ensaio admissional e fornecer exemplos.

O Quadro 1, na próxima página, apresenta os títulos investigados de acordo com os quatro tipos estabelecidos.

Quadro 1 – Examinando a Literatura Existente

Coletâneas voltadas em Instituições específicas	Coletâneas Genéricas	Coletâneas Especializadas	Manuais
TANABE, Gene; TANABE, Kelly. 50 Successful Ivy League Application Essays . 3ª ed. Belmont: SuperCollege, 2015.	TANABE, Gene; TANABE, Kelly. Accepted! 50 Successful College Admission Essays . 4ª ed. Belmont: SuperCollege, 2011.	TANABE, Gene; TANABE, Kelly. How to write a winning scholarship essay . 5ª ed. Belmont: SuperCollege, 2014. (12 ensaios)	BAULD, Harry. On writing the college application essay : the key to acceptance at the college of your choice. 25 th anniversary ed. Collins Reference, 2012
THE HARVARD CRIMSON (Ed.). 50 successful Harvard application essays : what worked for them can help you get into the college of your choice. 4ª ed. New York: St Martin's Griffin, 2014 [1ª Edição de acordo com ficha catalográfica]	THE HARVARD INDEPENDENT (Ed.) 100 Successful college application essays . 3ª ed. New York: Penguin. 2013.	GILBERT, Neda. Business School Essays that made a difference . 6ª ed. New York: Penguin Random House Company, 2014.	GELB, Alan. Conquering the college admissions essay in 10 steps : crafting a Winning Personal Statement. 2ª ed. Berkeley: 10 Speed Press, 2013.
	GLANCY, Gabrielle (Ed.). Best college admissions essays . 1ª ed. Oneiric, 2014.	GILBERT, Neda. Law School Essays that made a difference . 6ª ed. New York: Penguin Random House Company, 2014.	GLANCY, Gabrielle. The art of the college essay . 1ª ed. Oneiric, 2014.
	ROBINSON, Janine. Essay Heavenly Essays : 50 narrative college application essays that worked. Essay Hell, 2014.	SULLIVAN, Lauren (Ed.) 65 Successful Harvard Business School application essays . 2ª ed. New York: St Martin's Griffin, 2009.	ROBINSON, Janine. Essay Hell's writing survival kit : everything you need to conquer the college application essay. Essay Hell, 2015.
	BRASWELL, Laura (Ed.). College essays that made a difference . New York: Random House, 2014.	BOLICK, Dave. The MBA admissions essay : 18 pages of powerful techniques for winning admission to the MBA program of your choice. www.amsmissions-net , 2013.	ROBINSON, Janine. Essay Hell's 2015-16 prompts primer : strategies for the Common App, UC, transfer and other college application essays. Essay Hell, 2013. (Kindle)
	KAUFMANN, Daniel et alii. Essays that will get you into college . New York: Barron's, 2009.	BREDESEN, Lewis. 50+ successful Wharton Business School essays: write a successful application essay that gets you accepted to the world's top business schools . True View Publishing, 2012.	ROBINSON, Janine. Escape essay hell : a step-by-step guide to writing narrative college application essays. Essay Hell, 2016.
		AVI, Gordon. MBA admissions strategy: from profile building to essay writing . 2ª ed. New York: MacGraw-Hill, 2010.	WISSNER-GROSS, Elizabeth. Write your college essay in less than a day . New York: Ballantine, 2009.
		THE HARVARD CRIMSON (Ed.). 55 successful Harvard Law School essays : what worked for them can help you get into the law school of your choice. 2ª ed. New York: St Martin's Griffin, 2014.	CHISOLM, C.; IVEY, A. How to prepare a standout college application: expert advice that takes you from LMO to Admit . Jossey-Bass: San Francisco, CA, 2013

Coletâneas voltadas em Instituições específicas	Coletâneas Genéricas	Coletâneas Especializadas	Manuais
		ASHER, Donald. Graduate admission essays: write your way into the graduate school of your choice. 4ª ed. Berkeley: Ten Speed Press, 2012.	
		OWENS, Eric (Ed.). Law school essays that made a difference. New York: Random House, 2010.	
		Ivey, Anna. The Ivey Guide to law school admissions. 2010.	

Fonte: Elaborado pelo Autor

Essa etapa de investigação revelou que as coletâneas mencionando Harvard (THE HARVARD CRIMSON, 2014), na primeira coluna e Harvard (THE HARVARD CRIMSON, 2014b) e Wharton (BREDESEN, 2012), na terceira, utilizam os nomes dessas escolas como estratégias de marketing, já que também buscam alcançar os candidatos a outras instituições por meio de ressalvas como “entre na escola de sua escolha”, nas duas publicações do Harvard Crimson, e “que consegue a sua aprovação nas melhores escolas de administração do mundo”, no título de Bredeesen (2012).

Diante desses títulos, é fácil perceber-se a implicação discursiva de que, se é bom para Harvard (ou Wharton no caso de administração), o ensaio e, por extensão, o livro deve ser bom para todos. O problema com isso é que a estratégia, explorando a reputação das escolas, pode não corresponder à realidade, uma possibilidade para a qual Braswell (2014, p. viii) alerta.

Você vai ficar um tanto perplexo quando Harvard aceita, Columbia põe em lista de espera e Stanford rejeita um candidato no livro. Como vai ver, até os prodígios – e fizemos o perfil de vários – são rejeitados pelas melhores escolas. Na verdade, muito poucos alunos que encontrará neste livro entraram em todas as escolas para as quais se candidataram. Então, o que isso significa para você? Significa que fracassar faz parte da vida, mesmo que tenha trabalhado muito duro no que quer que tenha dado errado no final.¹¹

Do Quadro anterior, para efeito de uma possível constituição de corpora para este estudo, foram considerados os dois títulos na primeira coluna e os seis títulos na segunda coluna. A configuração final com oito títulos foi analisada para determinação da viabilidade da

¹¹ *You're going to be a bit perplexed when Harvard accepts, Columbia waitlists, and Stanford rejects a student in the book. As you'll see, even wunderkinds - we've profiled plenty of them - get denied admission to top-flight schools. In fact, very few students you will encounter in this book got into every college to which they applied. So what does this mean to you? It means that failure is a part of life, even when you've busted your hump working on whatever it was that ultimately failed.*

utilização dos ensaios neles contidos. Para melhor visualização dos parâmetros de validação, foi construído o Quadro 2, apresentado na página 21. Partindo-se da suposição arbitrária de que os ensaios tenham sido os mesmos apresentados às instituições, as publicações foram examinadas como relação aos seguintes quesitos:

- Número de ensaios apresentados;
- Se o nome do autor do ensaio é fornecido;
- Se os nomes das instituições de aprovação são fornecidos;
- A forma de obtenção dos textos pelo organizador da coletânea.

Para atribuir valores a cada quesito, foram estipuladas três possibilidades representadas por verde, amarelo e vermelho. Foi também estipulado que as avaliações amarelas e vermelhas representam graus crescentes de desconfiança com relação ao material e que uma única posição marcada com qualquer das duas cores seria suficiente para desqualificar por completo a coletânea em questão.

As duas últimas colunas foram reservadas, respectivamente, para as usuais ressalvas jurídicas dos autores, quando existentes, e para o veredito final sobre a possibilidade de uso.

Quadro 2 – Confiabilidade das Amostras em Coletâneas

COLETÂNEA	Nº de Ensaio	Nome do Autor Fornecido			Instituição de Aprovação Fornecida		Forma de Obtenção dos Textos			Disclaimers e Observações	Confiável para Pesquisa	
		☒	☐	☐	☒	☐	☒	☐	☐		☒	☐
		Sim	Parcial	Não	Sim	Não	Acesso a acervo Institucional	Fornecidos por candidatos	Não Informada		Sim	Não
TANABE, Gene; TANABE, Kelly. Accepted! 50 Successful College Admission Essays. 4ª ed. Belmont: SuperCollege, 2011.	50	☒			☒					Algumas narrativas e nomes foram modificadas com fins ilustrativos		☐
TANABE, Gene; TANABE, Kelly. 50 Successful Ivy League Application Essays. 3ª ed. Belmont: SuperCollege, 2015.	50	☒			☒			☐				☐
THE HARVARD CRIMSON (Ed.). 50 successful Harvard application essays: what worked for them can help you get into the college of your choice. 4ª ed. New York: St Martin's Griffin, 2014 [1ª Edição de acordo com ficha catalográfica]	50	☒				☐ ¹²		☐				☐
THE HARVARD INDEPENDENT (Ed.) 100 Successful college application essays. 3ª. ed. New York: Penguin. 2013.	100	☒			☒			☐				☐
GLANCY, Gabrielle (Ed.). Best college admissions essays. 1ª ed. Oneiric, 2014.	70	☒				☐		☐ ¹³				☐
ROBINSON, Janine. Essay Heavenly Essays: 50 narrative college application essays that worked. Essay Hell, 2014.	50	☒			☒			☐ ¹⁴				☐
BRASWELL, Laura (Ed.). College essays that made a difference. New York: Random House, 2014.	83	☒			☒			☐		Informa para onde o candidato se inscreveu e onde foi aprovado, onde foi reprovado e onde ficou em lista de espera.		☐
KAUFMANN, Daniel et ali. Essays that will get you into college. New York: Barron's, 2009.	59			☐		☐ ¹⁵			☐	Informa para qual instituição o ensaio foi escrito.		☐

Fonte: Elaborado pelo Autor

¹² Supostamente Harvard¹³ Textos solicitados e possivelmente oriundos da consultoria prestada pela autora, sem possibilidade de verificação.¹⁴ Segundo a autora (ROBINSON, 2014, p. 8), alunos com quem trabalhou, na condição de consultora, ao longo dos dois anos anteriores à publicação.¹⁵ *To understand this better, look at Essay 23 written for Stanford.* (KAUFMANN, 2009, p. 36, grifo nosso)

Dentre os títulos analisados, o maior impedimento residiu na procedência dos ensaios, supostamente fornecidos pelos candidatos, mas nunca avalizados pelas instituições.

A amostra mais confiável nesse cenário foi a de Braswell (2014), que, pelo menos, informa todas as instituições onde cada ensaio teria sido aprovado. Essas informações, no entanto, foram, como nos demais casos, fornecidas por candidatos e embora, em tese, pudessem ser confirmadas, caso a caso, pelas instituições, tal verificação seria impraticável, em virtude do número de instituições envolvidas e entraves burocráticos relativos ao sigilo da informação.

O quadro anterior ilustra um problema do qual as publicações comerciais se esquivam. Respaldados por sua suposta experiência pregressa, seja como avaliadores de instituições ou consultores de admissões, autores e organizadores tomam para si uma autoridade que pode ser questionada.

No caso das Coletâneas organizadas pelo Harvard Crimson, publicação que se apresenta como “O diário da Universidade desde 1873”¹⁶, os organizadores apostam no próprio nome para sugerir autoridade. Essa autoridade, no entanto, é duvidosa. O Harvard Crimson, ao contrário do que possa sugerir seu nome e slogan, não tem nenhum vínculo oficial com a Universidade Harvard.

Figura 3 – Sede do jornal universitário The Harvard Crimson

Fonte: Website do Jornal *The Crimson*

Os livros de Gen e Kelly Tanabe (2014), por sua vez, derivam sua autoridade do fato de seus autores terem sido premiados. Gen e Kelly formaram-se em Harvard, escreveram 13 livros e foram aceitos em todas as escolas para as quais se candidataram – incluindo todas as faculdades da *Ivy League* – e também teriam recebido US\$ 100 mil em bolsas. Essas

¹⁶ Disponível em: <<http://www.thecrimson.com/about/>>. Acesso em: 23 Abr. 2016.

informações são fornecidas pelos próprios autores nas contracapas de seus livros. Às alegações dos autores, soma-se o aval de uma fotografia dos mesmos, aqui reproduzida na Figura 4, com base na terceira edição de *50 Successful Ivy League Application Essays*. O livro ainda inclui “conselhos de diretores de admissão”.

Figura 4 – Gen e Kelly Tanabe

Fonte: Contracapa do Livro *50 Successful Ivy League Application Essays*

O livro de Braswell (2014, p. 3), por sua vez, traz endossos na forma dos nomes de treze diretores de admissão que contribuem com “detalhes do processo de admissão à graduação em suas instituições”. Nos títulos de publicação da editora Essay Hell, a autora Janine Robinson (2013) e (2015), reivindica autoridade com base em sua experiência, ensinando estudantes e outros clientes a escrever seus ensaios pessoais desde 2008.

Janine Robinson (2016, p. 7) parece correta com relação ao fato de que o que constitui um ensaio admissional excelente permanece desconhecido.

A maioria dos “especialistas” em ingresso na faculdade vai dar muitos conselhos sobre como escrever um ensaio excelente. Eles dizem coisas como: “Conte uma história.” ou “Seja VOCÊ o foco de seu ensaio.” ou “Seja único.” E estão corretos. Mas ninguém explica exatamente como fazer isso. Até agora!¹⁷

A falta de confiabilidade nas amostras que apresenta em seus livros, no entanto, impede que sua promessa de solução do impasse torne-se uma realidade.

Como visto por meio desses exemplos, os artifícios variam e combinam-se, mas a realidade é que nenhum dos títulos analisados oferece ensaios avalizados por instituições que pudessem ter sido utilizados de forma confiável.

Os autores e organizadores desses livros apenas esperam convencer seus leitores de que sua experiência é suficiente e de aplicação universal, restringindo-se a exemplos e listas de conselhos, sem que nenhum deles faça uma análise de como esses textos são constituídos. São

¹⁷ Most college admissions "experts" will give you lots of advice on how to write a great essay. They say things like, "Tell a story," or "Make sure your essay is about YOU," or "Be an individual." And they are correct. But no one ever explains exactly how to do that. Until now!

publicações que esperam ensinar a partir de exemplos, em vez de ensinar a partir do conhecimento do que constitui o objeto.

Figura 5 – Validação pelo Organizador

Fonte: Elaborado pelo Autor

4.2 Ensaaios mediante Assinatura de Plataformas Comerciais

Buscando-se alternativas nas plataformas que disponibilizam modelos de ensaios mediante assinatura, a situação não se revelou mais promissora. A plataforma com maior acervo disponível, a *Study Notes* alegava, quando do início dessa investigação, disponibilizar os “150 melhores ensaios admissionais aprovados”¹⁸. Os ensaios seriam provenientes de aprovações por *Common Application, Brown, Caltech, Carnegie Mellon, Columbia, Cornell, Dartmouth, Duke, Emory, Georgetown, Harvard, Johns Hopkins, MIT, Northwestern, Notre Dame, Princeton, Rice, Stanford, UC Berkeley, UCLA, University of Chicago, University of Pennsylvania, University of Southern California, Vanderbilt, Washington University* e *Yale*.

Mediante pagamento da assinatura, este estudo teve acesso a 141 textos, contendo um número muito grande de repetições e sem a menor possibilidade de verificação de autoria, em virtude de nomes incompletos, pseudônimos e submissões por parte de candidatos anônimos.

¹⁸ Disponível em: <<https://www.apstudynotes.org/essays/>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

Os nomes das instituições de aprovação são fornecidos, mas, sem autoria verificável, pouco pode ser feito para comprovar a legitimidade dos textos.

Atrás da aparente preocupação da *Study Notes* com a questão da autoria dos ensaios, expressa por suas instruções de como citar os mesmos, reproduzidas na Figura 6 abaixo, permanece a realidade de que a origem do material é duvidosa e a verificação da aprovação improvável.

Figura 6 – Candidato Anônimo¹⁹

Fonte: Website da Plataforma *Study Notes*

A plataforma Study Notes é uma operação comercial que aceita textos de qualquer indivíduo que se declare tendo sido aceito por qualquer instituição. Qualquer texto pode ser incluído no acervo em que ensaios do tipo *Personal Statement* se misturam com respostas dissertativas e outros tipos de ensaio. O acervo é marcado por uma grande predominância de ensaios de candidatos supostamente aceitos na Universidade Stanford.

Figura 7 – A Plataforma *Study Notes*

¹⁹ Disponível em: <<https://www.apstudynotes.org/uc-berkeley/describe-the-world-you-come-from/>>. Acesso em: 01 mai. 2017

Fonte: Captura de Tela - Website da Plataforma *Study Notes*

A plataforma apresenta, como o seu Ensaio nº 2, um texto intitulado “O Incrível Ensaio de Stanford sobre Hitler”²⁰. Nesse ensaio, a suposta candidata aprovada faz alusão a um sonho em que, por ter sido rejeitada por Stanford, acaba criando o “Quarto Reich”.

Sonhei com uma carta de rejeição de Stanford. Desapontada, me juntei ao Exército do Paquistão. Ganhei a honra militar “*Nishan-e-Imtiaz*”. Formei meu próprio partido, o “Partido Nacional Feminista dos Trabalhadores do Paquistão”, me tornei a primeira presidente do Paquistão e criei o que chamaram de “O Quarto Reich”. O resto é...
Violento demais para pôr em palavras.
Sonhos são estranhos. Não são? Mas dizem que podem servir de inspiração divina ou como profecia...²¹

Por mais intrigante que o ensaio nº 2 possa parecer, na realidade, sua presença pode gerar dúvidas sobre a credibilidade dos ensaios disponibilizados pela plataforma.

Tendo-se examinado a Study Notes, passou-se à segunda alternativa, a plataforma GradeSaver, cuja página inicial está reproduzida na Figura 8, que sofre dos mesmos problemas e também não pode ser utilizada como fonte de textos confiáveis.

Figura 8 – Homepage da Plataforma GradeSaver

Fonte: Captura de Tela – Website da Plataforma GradeSaver

²⁰ Disponível em: < <https://www.apstudynotes.org/stanford/hitler-essay/> >. Acesso em: 14 fev. 2017.

²¹ *I dreamt of a rejection letter from Stanford. Disappointed, I joined the Pakistani Army. Won Pakistani military honour “Nishan-e-Imtiaz”. I formed my own party “National Feminist Pakistani Worker’s Party”, became the first woman president of Pakistan and formed what they called “The Fourth Reich.” The rest... Too violent for words.
Dreams are bizarre. Aren’t they? But they say dreams can serve as Divine Inspiration or a prophecy...*

4.3 Modelos disponibilizados por Instituições de Ensino Superior

Tendo-se esgotado as possibilidades disponíveis comercialmente, restou fazer o levantamento de ensaios disponibilizados diretamente pelas instituições.

A busca por amostras fornecidas por instituições registrou os seguintes resultados:

Tabela 1 – Amostras Disponíveis

Instituição	Nº de Ensaios
Connecticut College	16
Tufts	3
Hamilton College	8
Carleton	3
Babson	4
Universidade Johns Hopkins	25

Fonte: Elaborada pelo Autor

5 O Recorte

A próxima consideração foi com relação à configuração de instituições que iriam integrar o corpus. Como lembrou Braswell (2014, p. viii), candidatos podem ser aprovados em uma instituição, reprovados em outra e postos em lista de espera em uma terceira. Isso remete à realidade de que um texto pode ser simultaneamente “aprovado” e “reprovado”.

Tentar-se compreender fatores de aprovação em um universo de múltiplas aprovações e reprovações tornaria a análise complexa, senão impossível, e não resultaria em dados úteis. Conclui-se disso que o estudo deve se restringir a uma única instituição.

Dos acervos localizados, apenas dois continham um número razoável de textos: a Connecticut College, com dezesseis textos, e a Universidade Johns Hopkins, com vinte e cinco. Levando-se em conta o número de ensaios e a importância das instituições, escolheu-se trabalhar com a segunda.

Os ensaios são identificados pelo nome de seu autor e considerados pelos avaliadores como os melhores na competição pelas vagas de uma das instituições de ensino superior de maior prestígio dos Estados Unidos. Aliando-se a isso o fato de que a UJH aceita candidaturas distribuídas pelas plataformas online *Common Application*, *Universal College Application* e *Coalition Application*²², os exemplos permitem acesso a ensaios que foram distribuídos por meio dessas plataformas, refletindo não apenas os textos destinados à instituição, mas também *personal statements* de modo geral.

Assim, constituiu-se um universo de pesquisa onde todos os ensaios examinados estão sujeitos às mesmas regras.

Inicialmente contando com vinte e cinco ensaios, referentes às turmas de 2016, 2017, 2018 e 2019, o corpus foi reconfigurado para incluir os sete textos da turma de 2020, disponibilizados no website da UJH e que substituíram os ensaios da turma de 2016²³, totalizando o conjunto de 32 textos, referentes às turmas de 2016 a 2020, que servem de base para este estudo.

Assim, a pesquisa chegou ao seu recorte em torno dos ensaios admissionais de uma instituição cuja trajetória confunde-se com a própria história da educação superior norte-americana. Tendo sido a primeira universidade dedicada à pesquisa nos Estados Unidos, a Universidade Johns Hopkins ditou a direção e boa parte do ritmo que a educação superior norte-

²² Disponível em: <<https://apply.jhu.edu/apply/>>. Acesso em: 1 mai. 2017.

²³ A Universidade Johns Hopkins disponibiliza apenas os ensaios de suas quatro últimas turmas, substituindo os mais antigos pelos mais recentes. O corpus deste trabalho reteve todos os textos a que teve acesso.

americana viria a tomar a partir da segunda metade do século XIX. Com uma proposta diferente de educação, inspirada do modelo alemão, sua fundação provocou uma onda de mudanças educacionais que afetou os moldes do ensino superior à época de sua fundação, trazendo consequências também para os mecanismos de admissão, que, a partir dali, seriam reconfigurados para dar ênfase à língua inglesa no lugar das línguas clássicas valorizadas até então.

Como veremos no Item 8.1, dedicado ao surgimento da amostra de redação, foi a fundação da Universidade Johns Hopkins, em última análise, que, ao desencadear eventos renovadores na educação superior norte-americana, lançou a semente do instrumento que mais tarde seria chamado de *Personal Statement*.

6 As Perguntas de Pesquisa

Partindo-se de uma abordagem que aliou elementos de análise qualitativa assistida por computador com o arcabouço teórico da semiótica francesa, este estudo buscou uma melhor compreensão das características dos ensaios admissionais integrantes do corpus, ao mesmo tempo em que procurou responder às seguintes perguntas:

- 6.1 *Qual é o conteúdo e a expressão do Ensaio Admissional aprovado pela UJH?*
- 6.2 *Exige esse Ensaio Admissional um tipo de redação diferente daquele com o qual o aluno de ensino secundário brasileiro está acostumado?*
- 6.3 *Em que aspectos difere esse texto em relação à nossa redação?*
- 6.4 *Será possível estabelecer padrões de conteúdo e expressão para textos aprovados pela UJH?*
- 6.5 *Quais são esses padrões, caso existam?*
- 6.6 *Na eventualidade da existência de padrões, serão esses transitórios, permanentes, ou marcados por uma combinação de elementos permanentes e transitórios?*
- 6.7 *São os possíveis achados aplicáveis à redação de ensaios admissionais para outras instituições ou são eles restritos ao ingresso na UJH?*

Considerando-se ainda que a abordagem semiótica aplicada neste estudo foi aliada à análise qualitativa assistida por computador, pode-se ainda perguntar:

- 6.8 *Podem as ferramentas computacionais de mineração de dados ter um papel maior nos estudos semióticos?*
- 6.9 *Como podem essas ferramentas ser ajustadas à análise semiótica?*
- 6.10 *Podem essas ferramentas oferecer perspectivas até aqui inacessíveis ao estudo semiótico?*

Parte II – Origem e Evolução do Ensaio Admissional

7 As Sementes de um Gênero

Seja por sua natureza subjetiva ou em função das diferentes expectativas culturais que o cercam, o ensaio admissional é um elemento que implica desafios para todos os candidatos.

Tendo-se aprendido sobre sua origem e importância dentro do contexto da educação superior norte-americana, este estudo passa a uma breve retrospectiva sobre a evolução do ensaio admissional como um gênero e à discussão sobre sua possível conexão com o ensaio literário que o precedeu.

Ao discorrer sobre o ensaio²⁴ em um artigo no New York Times, Phillip Lopate (2013), considerado nos círculos literários norte-americanos como um dos grandes ensaístas contemporâneos, brinca com a falta de prestígio literário do gênero ao afirmar:

Sou um ensaísta, seja isso bom ou ruim. Não suponho que muitos jovens sonhem em tornar-se ensaístas. Mesmo sendo a criança meio *nerd* que gostava de livros que eu era, minha fantasia era entrar nas listas de ficção e poesia, aqueles gêneros mais glamorosos e nobres que todos os anos ganham o Nobel, o Pulitzer e o *National Book Award*.²⁵

Mais adiante no mesmo artigo, o ensaísta (LOPATE, 2013) afirma que “Cartazes em postes anunciam aulas após o horário da escola para preparar o candidato à faculdade para o *common app* mais sedutor e vitorioso”²⁶ e se diz feliz com a possibilidade dessa nova carreira para ensaístas indigentes.

Ao reconhecer, ainda que de forma irônica, que ensinar estudantes a redigir ensaios admissionais seja uma alternativa para “ensaístas indigentes”, o autor admite também o parentesco entre os dois gêneros.

Quando nos deparamos com a palavra “ensaio” sendo utilizada para dar nome a um tipo de texto, não estamos imunes aos significados associados ao gênero literário “ensaio”. Um “ensaio admissional”, por extensão, seria um subgênero dentro de um gênero maior, o do “ensaio” como expressão literária, neste estudo às vezes referido como “ensaio literário” ou como “ensaio clássico”.

²⁴ No artigo *The Essay, an Exercise in Doubt*, Lopate (2013) trata exatamente da distinção entre o ensaio literário e o ensaio admissional. Para o autor a diferença reside no exercício da dúvida que seria a marca fundamental de um ensaio literário, mas para a qual não existiria espaço no ensaio admissional.

²⁵ *I am an essayist, for better or worse. I don't suppose many young people dream of becoming essayists. Even as nerdy and bookish a child as I was fantasized about entering the lists of fiction and poetry, those more glamorous, noble genres on which Nobels, Pulitzers and National Book Awards are annually bestowed.*

²⁶ *Tutors advertise on lampposts for after-school courses to prep the college aspirant for the most seductive, winning common app.*

Não há na literatura sobre o ensaio admissional investigada neste estudo dados que demonstrem uma ligação taxonômica entre o ensaio literário e o ensaio admissional. Ao tratarem do último, os autores das obras investigadas ignoram o primeiro.

No Capítulo 8, examinar-se-á o processo de evolução da redação admissional desde a introdução das amostras de redação no processo admissional norte-americano no último quarto do Século XIX até a materialização do ensaio admissional nas primeiras décadas do Século XX.

Por hora é bastante compreender que uma das implicações dessa evolução decorre do fato de que a partir de um dado momento as instituições passam a solicitar de seus candidatos “ensaios”. Não parece haver dados sobre a transição que permitam estabelecer se a escolha foi por um **nome** a ser atribuído à amostra de redação ou por um **gênero** de redação que pudesse acomodar as necessidades da avaliação. A segunda hipótese parece mais razoável, mas se deve ter em mente que no contexto escolar norte-americano toda resposta dissertativa é um “essay”. O raciocínio permitiria, em princípio, contrapor o termo inglês “ensaio” ao termo português “dissertação”, o que, no entanto, não se verifica na prática, já que em português as definições de “ensaio” e “dissertação” não se correspondem com exatidão, ficando reservado ao primeiro termo, de acordo com alguns dicionários, um caráter mais filosófico²⁷ do que o do segundo.

Com ou sem uma intenção inicial, ao designar a redação admissional com o nome de ensaio, a instituição atribuiu-lhe também as possibilidades desse gênero. Ao evoluir na direção de um texto contendo reflexões pessoais sobre o mundo ao seu redor, a conexão do ensaio admissional com um gênero maior marcado por sua natureza reflexiva seria inevitável. Esse encaixe de um gênero dentro de outro sugere que o ensaio admissional deve se subordinar às regras e formato do gênero que lhe parecem dar origem. Apesar dessa evolução, o ensaio admissional mantém características particulares, não tendo simplesmente se convertido ao gênero que lhe precedeu e, tampouco, sendo por ele absorvido.

O problema é que, mais frequentemente do que não, o candidato tem que enviar uma apresentação confiante de si que é mais como uma propaganda, uma historinha com o bem comum em mente, que ignora a vocação do ensaio como espaço para o questionamento honesto de si. (LOPATE, 2013)²⁸

²⁷ [...] 6 LIT prosa livre que versa sobre tema específico, sem esgotá-lo, reunindo dissertações menores, menos definitivas que as de um tratado formal, feito em profundidade [...] ETIM lat.tar. *exagium, ii* ‘ato de pesar; ponderar, avaliar’ (HOUAISS, 2009, p. 766, grifo nosso)

²⁸ *The problem is that, more often than not, the applicant is expected to put forward a confident presentation of self that is more like an advertisement, a smooth civic-minded con job, circumventing the essay’s gift for candid, robust self-doubt.* Disponível em: < <https://opinionator.blogs.nytimes.com/2013/02/16/the-essay-an-exercise-in-doubt/>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

Mesmo diante da ruptura apontada por Lopate (2013), existem divergências com relação às expectativas sobre o ensaio admissional que não permitem a dissociação completa dos dois gêneros. A queixa de Lopate sobre a impossibilidade da expressão da dúvida no ensaio admissional, demarcando o que o separaria do ensaio clássico, não pode ser comprovada com base no corpus. Apesar do baixo número de ocorrências, as instâncias de dúvida percebidas nos ensaios examinados demonstram que sua expressão não impede a aprovação de um candidato.

Se compreendermos, portanto, o ensaio admissional como um gênero ligado ao do ensaio literário, perceberemos que suas origens são não apenas remotas, mas intimamente ligadas à própria experiência humana.

7.1 *A Lista de Ziusudra*

Segundo John D'Agata (2009, p. 2), estima-se que 90% do que os Sumérios escreviam atendia apenas a exigências administrativas e “escrever” significava “escrever não ficção”. Sobre essa não ficção, o autor acrescenta:

Mas infelizmente, era o pior tipo de não ficção que existe: informacional, literal, nada existindo além do lugar que reservava para os fatos. Mesmo assim, a eficiência que a escrita havia introduzido em seus mercados ajudou o povo Sumério a tornar-se o mais rico do mundo, com seu berço passando vagarosamente de um posto avançado composto de barracos a um reino de alamedas largas e gigantescas quadras de apartamentos. A cultura cresceu sem parar por quase cinco séculos, com sua contabilidade, recibos e registros sendo a única literatura que produziu.²⁹ (D'AGATA, 2009, p. 2)

²⁹ *But unfortunately it was the worst kind of nonfiction there is: informational, literal, nothing about it mattering beyond the place it held for facts. Nevertheless, the efficiencies that writing introduced to their markets helped the Sumerian people become the richest in the world, their home slowly growing from an outpost of huts to a kingdom of broad boulevards and giant apartment blocks. The culture grew nonstop like this for almost five centuries, their tallies, receipts, and records the only literature they produced.*

Figura 9 – Tablete Sumério - Recibo do Imposto conhecido como “o ônus”, 2500 AEC³⁰

Fonte: Website da Universidade da Pennsylvania

Na Suméria, ao sul da Mesopotâmia, uma terra entrincheirada entre dois rios, os registros escritos permaneceram inalterados até que uma grande inundação imposta pela geografia da região destruiu tudo.

Os rios em torno da Suméria repentinamente começaram a transbordar e por sete dias e por sete noites ultrapassaram as suas margens, inundando a Suméria rapidamente, transformando tudo novamente em lama. A terra dos Sumérios havia se tornado mais uma vez indistinguível do nada do qual havia emergido.³¹ (D'AGATA, 2009, p. 3)

Com o recuar das águas (D'AGATA, 2009, p. 4), no entanto, surgiu uma alternativa à não ficção, quando “um único sobrevivente, chamado Ziusudra, é levado para a costa lamacenta e arrasada desse novo mundo e começou a escrever uma carta para seu futuro longo e vazio”³².

Ele não sabe se sua carta vai encontrar um destinatário, mas ele é compelido a escrever e assim escreve, catalogando os problemas que foram testemunhados no passado, oferecendo alguns conselhos sobre o que possa vir.³³ (D'AGATA, 2009, p. 4)

A lista de Ziusudra (D'AGATA, 2009, p. 4) “tem cinco mil anos, meio milênio mais antiga do que o primeiro poema conhecido, um milênio inteiro mais antiga do que a história mais antiga que conhecemos”³⁴.

³⁰ Disponível em <<http://www.upenn.edu/almanac/v48/n28/AncientTaxes.html>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

³¹ *The rivers surrounding Sumer started suddenly overflowing, and for seven days and seven nights they overcame their banks, coursed rapidly into Sumer, dissolved everything back to mud. The home of the Sumerians was rendered once again indistinguishable from the nothing that it had emerged from.*

³² *It begins in ancient Sumer, once the waters have receded, once a single survivor, named Ziusudra washes onto the flattened muddy shore of this new world and begins to write a letter to its long and empty future.*

³³ *He's uncertain whether his letter will ever find a recipient, but he's compelled to write, and so he writes, cataloguing the problems that he had witnessed in the past by offering some advice about whatever's coming next.*

³⁴ *This list that Ziusudra makes is five thousand years old—half a millennium older than the earliest known poem, a full millennium older than the earliest known story.*

Segundo D’Agata (2009, p. 4), “estudiosos gostam de dizer, portanto, que Ziusudra começou a literatura”³⁵. O autor acredita, no entanto, que Ziusudra foi mais além. Para D’Agata, a lista de Ziusudra foi o primeiro ensaio.

Mas penso que Ziusudra fez algo muito mais importante. Penso que sua lista é uma alternativa à não ficção, o início de uma forma que não é movida por informação, mas uma forma compelida, em vez disso, pela expressão individual – por investigação, por opinião, por espanto, por dúvida. **A lista de Ziusudra é o primeiro ensaio do mundo:** é a divagação inquisitiva de uma mente por um lugar varrido de qualquer resposta. A lista tenta fazer uma nova forma onde antes não havia nenhuma.³⁶ (D’Agata, 2009, p.4, grifo nosso)

O que D’Agata (2009) falha em reconhecer, no entanto, talvez seja um dos mais interessantes aspectos dessa lista. A Lista de Ziusudra é resultado da reflexão de um indivíduo sobre sua própria condição diante das colossais desventuras por que passou. Por meio de sua lista, Ziusudra reflete as preocupações de um ser de carne e osso que acabara de sobreviver a uma grande catástrofe.

Amigos, permitam-me partilhar o conselho que aqueles sábios tentaram oferecer. Permitam que lhes dê essas instruções, e, por favor, não as negligenciem. Lições do passado ainda podem ser úteis hoje porque qualquer caminho que se escolha na vida é um caminho que trilha a terra. – Ziusudra da Suméria, cerca de 2700 AEC (D’AGATA, 2009, p. 7)³⁷

A Lista de Ziusudra, ainda que não sendo uma narrativa nos termos convencionais, reflete o que Lopate (2015) chama de “rastreamento da consciência” e a que D’Agata (2009, p. 4) se refere como o catalogar dos pensamentos. Afinal, nada reflete melhor o rastrear das coisas necessárias ou a serem feitas do que uma lista. O que D’Agata talvez não tenha percebido é que a lista de Ziusudra não é apenas o primeiro ensaio.

³⁵ *Scholars like to say, therefore, that Ziusudra started literature.*

³⁶ *But I think that Ziusudra did something much more important. I think his list is the beginning of an alternative to nonfiction, the beginning of a form that's not propelled by information, but one compelled instead by individual expression—by inquiry, by opinion, by wonder, by doubt. Ziusudra's list is the first essay in the world: it's the mind's Inquisitive ramble through a place wiped dean of answers. It is crying to make a new shape where there previously was none.*

³⁷ *Friends, let me share with you the advice that those wise ones tried to offer. Let me give you these instructions, and please don't neglect them. Lessons from the past can still be useful for today, for any path that we may take in life is one that is treading the earth.*

Em vez disso, do mesmo jeito que se agarra a um touro para atravessar um rio poderoso, você se alia a um homem poderoso que o conduza ao sucesso. – Ziusudra da Suméria, cerca de 2700 AEC³⁸ (D'AGATA, 2009, p. 7)

Ziusudra não é Gilgamesh, herói do poema épico sumério que herda o nome de seu protagonista e também conta a história de um dilúvio. Apesar de suas reflexões sobre a mortalidade humana diante da eternidade dos deuses e a despeito de sua coragem e heroísmo, Gilgamesh é uma personagem de ficção.

Gilgamesh respondeu: 'Onde está o homem que consegue subir aos céus? Apenas os deuses vivem para sempre com o glorioso Shamash, mas para nós homens, nossos dias estão contados, nossas ocupações são um soprar do vento. Do jeito como são as coisas, já estão com medo! Eu irei na frente apesar de ser o seu senhor e seguramente vão poder gritar: "Andem, não há nada a temer!" E então se eu cair, deixarei para trás um nome que perdurará. Homens dirão sobre mim: "Gilgamesh tombou em luta com o feroz Humbaba."'³⁹

Ziusudra não é um herói por definição. Ziusudra é apenas um homem diante das adversidades extraordinárias a que estamos todos sujeitos. Ele é sobrevivente e, ao mesmo tempo, testemunho da vulnerabilidade humana. Ziusudra é o herói em todos nós.

A Lista de Ziusudra é o primeiro ensaio do mundo: é a divagação inquisitiva de uma mente através de um lugar completamente varrido de respostas.⁴⁰

Ao escrever sua lista, em circunstâncias nas quais uma lista não teria serventia, Ziusudra, na verdade, reflete sobre sua condição e nos lega também algo que vai além do ensaio. Sua lista de recomendações, ainda que desprovida de formato narrativo, implica a extraordinária história da sobrevivência de seu enunciador, de sua realidade diante da destruição total e de suas preocupações diante do que tem pela frente. Se a Lista de Ziusudra é o início da literatura, a literatura nasce com um Ensaio Autobiográfico.

³⁸ *Instead, just as you'd grasp an ox in order to cross a mighty river, align yourself with a powerful man to lead you to success.*

³⁹ *Gilgamesh replied: 'Where is the man who can clamber to heaven? Only the gods live for ever with glorious Shamash, but as for us men, our days are numbered, our occupations are a breath of wind. How is this, already you are afraid! I will go first although I am your lord, and you may safely call out, "Forward, there is nothing to fear!" Then if I fall I leave behind me a name that endures; men - will say of me, "Gilgamesh has fallen in fight with ferocious Humbab*

The Epic of Gilgamesh. Disponível em: <https://archive.org/stream/TheEpicofGilgamesh_201606/eog_djvu.txt>. Acesso em: 29 mar. 2017.

⁴⁰ *Ziusudra's list is the first essay in the world: it's a mind's inquisitive ramble through a place wiped clean of answers.*

Figura 10 – O herói Gilgamesh dominando um leão. Relevo da fachada da sala do trono, Palácio de Sargão II em Khorsabad (Dur Sharrukin), 713-706 AEC ⁴¹

Fonte: Blog Politerrâneo – O Politeísmo no Mediterrâneo Antigo

7.2 *Ancestrais Distantes*

Como vemos em *The Lost Origins of the Essay* de John D’Agata (2009), o ensaio possui raízes muito antigas e inescapáveis. Se tomarmos como parâmetro o rastrear da consciência que demarca o ensaio para Lopate (2015) ou o replicar da atividade da mente de que fala D’Agata (2009, p. 9), fica clara a implicação da reflexão, um processo distinto da análise e da opinião, como demarcadora do território do ensaio.

De acordo com o levantamento de D’Agata (2009, p. 7), o ensaio surge com a lista de Ziusudra. Parece mais razoável conceber, no entanto, que os elementos que caracterizam o gênero tenham dado sinais de existência, em graus e formas diversas, apontando para um texto conectado de forma inextricável à natureza humana que, no entanto, não coalesce como forma literária até que Montaigne escreva seu “Ensaio” no final do século XVI.

Em seu percurso, reflexões sem nome percorrem as estradas secundárias da expressão escrita, deixando exemplos esparsos, mas nem por isso insuficientes, de sua longa existência.

⁴¹ Disponível em: <<http://politerraneo.blogspot.com.br/>> Acesso em: 18 ago. 2017.

“Olhei com rigor para minha própria mente”, escreve Heráclito de Éfeso (D’AGATA, 2009, p. 19) em torno de 500 AEC. Mais tarde, por volta de 100 AEC (D’AGATA, 2009, p. 23), Teofrasto de Eresos nos lega um catálogo dos tipos de caráter. No primeiro século de nossa era, Plutarco nos deixa seu “Biografias Espartanas” (D’AGATA, 2009, p. 29) e, em Roma, Lúcio Sêneca (D’AGATA, 2009, p. 35) nos avisa que está doente. Da África do Sul, em 315 (D’AGATA, 2009, p. 37), vêm as “Perguntas e Respostas” de Azwinaki Tshipala e na China de 427 (D’AGATA, 2009, p. 43) encontramos a “Biografia do Senhor Cinco Salgueiros”.

Ainda na China, em 790, Li Tsung-Yuan (D’AGATA, 2009, p. 47) perguntou-se sobre a existência de Deus, abrindo o caminho no qual, mais tarde, em 858, Li Shang-Yin (D’AGATA, 2009, p. 51) deixaria sua lista de miscelâneas divertidas que incluíam a ironia em um médico ficar doente e em uma freira ficar grávida.

No Japão medieval, em 996 (D’AGATA, 2009, p. 57), Sei Shonagon, escreve “O Livro de Cabeceira”, considerado uma das obras-primas da literatura japonesa, com suas listas por categorias que incluem uma relação de coisas que fazem “o coração disparar”. No livro com suas reflexões sobre a vida na corte, Sei Shonagon (D’AGATA, 2009, p. 58) é a única personagem. Sobre as razões pelas quais o livro foi suprimido, D’Agata (2009, p. 58) levanta possibilidades interessantes:

Pode ter sido porque o Livro de Cabeceira foi escrito em japonês enquanto livros sérios no Japão medieval eram escritos em chinês. Também pode ter sido porque Sei Shonagon era uma mãe divorciada sozinha, de educação incomum, sexualmente incomum e disposta a falar sobre assuntos que ninguém em sua cultura ousaria. Pode ter sido, em outras palavras, porque Sei Shonagon era real.⁴²

Na Itália de 1336, Francisco Petrarca sobe uma montanha porque “crê” desejar altura. Petrarca também escreveu o que alguns acreditam ser (D’AGATA, 2009, p. 101) o primeiro guia de viagem, o Guia da Terra Santa de Petrarca, sem que nunca tivesse ido a Jerusalém.

Na Espanha de 1499, (D’AGATA, 2009, p. 107), europeus, pela primeira vez, experimentam abacaxi e noz-moscada. Também pela primeira vez, sentem o gosto do chocolate. É o ano de nascimento de Bernardino de Sahagún e cinco milhões de pessoas vivem na Mesoamérica, para onde Sahagún viajaria, anos mais tarde, em 1529, como monge franciscano, para ensinar espanhol e aprender Náuatle, a língua do povo Asteca. Com ajuda de três de seus alunos nativos, Bernardino compilaria um estudo de doze volumes sobre os Astecas,

⁴² *It could be because The Pillow Book was written in Japanese, while serious books in Medieval Japan were only composed in Chinese. It could also be because Sei Shonagon was a single divorced mother, uncommonly educated, uncommonly sexual, uncommonly willing to address subjects that no one in the culture dared. It could be, in other words, because Sei Shonagon was real.*

intitulado *Uma história Geral das Coisas da Nova Espanha*. O projeto bilíngue, em espanhol e Náuatle representa o que estudiosos consideram, ainda segundo D'Agata (2009, p. 107), o primeiro trabalho de etnografia oral. É um livro de definições, histórias, descrições e memórias contadas nas vozes de informantes anônimos.

A informação é repetitiva, contraditória, às vezes errada, inacreditável. Mas é improvável que o objetivo do livro fosse a exatidão de seus dados. Quando Sahagún termina seu estudo em vários volumes, estima-se que 70% da população asteca tinha morrido de doenças do velho mundo.⁴³

O velho mundo de Sahagún, como o dos Sumérios, também está sendo inundado. Desta vez pelas ideias e ideais do Renascimento. Aos poucos, o próprio pensamento humano se modifica e, na medida em que se torna ele próprio o protagonista, uma nova forma de escrever está a caminho. Outros cinquenta anos, no entanto, ainda separam os escritos de Sahagún e o surgimento de uma forma de escrever que compreende, explora e dá nome para a perspectiva pessoal que até então existira de forma esparsa e indefinida.

7.3 Michel de Montaigne

Robert Atwan (2012, p. 194) afirma que “qualquer um que tenha tentado escrever sobre o ensaio sabe como o gênero é difícil de definir”.⁴⁴ Atwan (2012, p. 195) explica que o ensaio é atribuído a Michel de Montaigne porque com a publicação de seus *Essais*, em 1580, pela primeira vez, o ato de escrever propriamente dito passava ao primeiro plano. Com seus ensaios, Montaigne dava origem a uma prosa que rejeitava a “autoridade jurídica, clerical, acadêmica ou profissional de seus contemporâneos”.

⁴³ *It is a book of definitions, histories, descriptions, and memories that are told in the voices of anonymous informants. The information is repetitive, contradictory, sometimes wrong, unbelievable. But it's unlikely that the book's point is the accuracy of its data. By the time that de Sahagún finishes his multivolume study, an estimated 70 percent of the Aztec people will have died of Old World diseases.*

⁴⁴ *Anyone who has attempted to write about the essay knows how difficult the genre is to define.*

Figura 11 – Michel Eyquem de Montaigne

Fonte: Projeto Gutenberg⁴⁵

Ainda segundo Atwan (2012, p. 195), Montaigne “não se permitia uma postura de autoridade – apenas aquela de ser um autor”⁴⁶. Os “Ensaaios”, enquanto obra, também indicavam uma abertura para diferentes configurações e acréscimos refletidos em quatro edições.

Michel de Montaigne (1533-1592), Ensaaios

Existem várias edições dos Ensaaios. Montaigne começou a escrevê-los em 1572:

- A primeira edição data de 1580: é composta pelos Livros I e II (texto [A]).
- A segunda edição data de 1582: contém alguns acréscimos ao texto original.
- A terceira edição, que data de 1587, é a mesma versão da edição de 1582.
- A quarta edição, entretanto, data de 1588 e inclui vários acréscimos e o Livro III; Este é o texto [B].
- Quando de sua morte, em 1592, Montaigne deixa uma cópia dos Ensaaios com muitos acréscimos: diz-se que é "a cópia Bordeaux" (texto [C]).
- Finalmente, há uma edição póstuma dos Ensaaios (1595): a de Marie de Gournay e Pierre Brach.⁴⁷ (ÉTUDESLITTÉRAIRE.COM, s.d.)

⁴⁵ Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/ebooks/3600>>. Acesso em: 15 mai. 2017.

⁴⁶ *He [Montaigne] allowed himself no authoritative posture — only that of being an author.*

⁴⁷ *Michel de Montaigne (1533-1592), Essais*

Il existe plusieurs éditions des Essais. Montaigne commença à les rédiger vers 1572 :

- *La première édition date de 1580 : il s'agit des Livres I et II (texte [A]).*
- *La deuxième édition date de 1582 : elle présente quelques additions au texte initial.*
- *La troisième édition, qui date de 1587, est la version identique à l'édition de 1582.*
- *La quatrième édition, quant à elle, date de 1588 et comprend de nombreuses additions ainsi que le Livre III ; il s'agit du texte [B].*
- *À sa mort en 1592, Montaigne laisse un exemplaire des Essais avec de nombreux ajouts : on dit qu'il s'agit de «l'exemplaire de Bordeaux» (texte [C]).*
- *Enfin, il existe une édition posthume des Essais (1595) : c'est celle de Marie de Gournay et Pierre de Brach.*

À medida que seus escritos acumulavam, acrescenta Atwan (2012, p. 195), “Montaigne acabou adotando a palavra *essai* para caracterizar seus esforços literários”⁴⁸. Sobre o significado do termo, Atwan (2012, p. 195) diz:

A palavra era um termo comum que naquela época não tinha nenhuma ressonância literária, como a maioria das palavras comuns, continha uma ampla gama de conotações. A etimologia de *essai* remonta a *exagium* do latim, que significava “pesar” ou “um peso”. Por volta do Século IV, o termo havia se espalhado pelas línguas românicas com o significado adicional e moderno de “tentar” ou “experimentar”.⁴⁹

Sobre o significado do termo adotado por Montaigne, Atwan (2012, p. 195) acrescenta que “embora o título do livro de Montaigne seja normalmente traduzido como ‘Ensaaios’, sugerindo apenas um gênero, deveríamos lembrar que, em sua época, o termo não sugeria gênero literário e seria lido como ‘tentativas’ ou ‘experimentos’”. Ainda segundo o autor (ATWAN, 2012, p. 195), “como o verbo *essayer* tinha um espectro amplo de sinônimos, também poderia sugerir: dar amostra, saborear, praticar, arriscar, experimentar, improvisar, testar, soar – e essas são apenas algumas das maneiras como o termo pode ser entendido”⁵⁰.

A questão terminológica sobre o termo “ensaio”, portanto, talvez resida menos na busca de um significado contido, mas na compreensão de que há várias maneiras de entender-se a palavra.

Talvez, por conta da etimologia latina do termo, os falantes de português tenham maior familiaridade com as possibilidades simultâneas da palavra que Montaigne escolheu para descrever tentativas, experimentos e amostras de seu pensamento.

Gilbert Keith Chesterton (2012, p. 57) talvez tenha sido quem melhor capturou o espírito do ensaio, ao dizer que se trata de um “salto no escuro”.

⁴⁸ *As his pieces accumulated, Montaigne settled on the word *essai* to characterize his literary efforts.*

⁴⁹ *The word was an ordinary term that at the time had no literary resonance. Like most common words it carried a broad range of connotations. The etymology of *essai* can be traced to the late Latin *exagium*, which meant “to weigh” or “a weight.” By the fourth century, the term had spread to the Romance languages with the additional and modern meaning of “to attempt” or “to try.”*

⁵⁰ *Though we normally translate the title of Montaigne’s book as *Essays*, suggesting only the genre, we should remember that in his time the term suggested no literary genre and would be read as “attempts” or “trials,” or, since the verb *essayer* had a wide spectrum of synonyms, it could also suggest: to sample, taste, practice, take a risk, to experiment, to improvise, to try out, to sound — and these are only a few ways we might understand the term.*

O ensaio é a única forma literária que confessa, em seu próprio nome, que o ato impensado conhecido como escrever é, na verdade, um salto no escuro. Quando escritores tentam escrever uma tragédia, não a chamam de tentativa de tragédia. Aqueles que laboraram pelos doze livros de um épico, o escrevendo com as próprias mãos, raramente fingiram ter escrito um épico somente a título de experimento. Mas um ensaio, pelo próprio nome assim como por sua natureza, é, de fato, uma tentativa e, de fato, um experimento. Uma pessoa não escreve, de fato, um ensaio. Ela, de fato, ensaia escrever um ensaio.⁵¹

Ralph Waldo Emerson (2012, p. 23), em “*Montaigne, or the Skeptic*”, ou “Montaigne, ou o cético”, faz alusão ao medalhão de 1576, reproduzido na Figura 12, na próxima página, que Montaigne usava como lembrete contra a presunção e compara o escrever sobre experiências corriqueiras com o escrever de um romance.

Sobre seu nome, desenhou uma balança e escreveu “*Que sais je?*” logo abaixo. Quando olho para sua efígie na página oposta à do título, parece que o escudo dizer: “Você pode se fazer de sabichão se quiser - pode aumentar e exagerar; eu represento a verdade e não vou aumentar o fato como ele é por nenhum país, igreja, dinheiro ou reputação da Europa. Prefiro resmungar e prosear sobre o que sei de verdade – minha casa e meus celeiros; meu pai, minha mulher e meus inquilinos; minha velha e magra cabeça calva; minhas facas e garfos; que carnes como e de que bebidas gosto e uma centena de assuntos igualmente insignificantes – do que escrever um bom romance com uma boa pena de corvo.”⁵²

Com Montaigne, a dúvida e o ceticismo entram em cena na literatura. A partir desse ponto o autor pode remover-se da posição de autoridade que havia ocupado até ali para escrever sobre suas experiências e reflexões.

⁵¹ *The essay is the only literary form which confesses, in its very name, that the rash act known as writing is really a leap in the dark. When men try to write a tragedy, they do not call the tragedy a try-on. Those who have toiled through the twelve books of an epic, writing it with their own hands, have seldom pretended that they have merely tossed off an epic as an experiment. But an essay, by its very name as well as its very nature, really is a try-on and really is an experiment. A man does not really write an essay. He does really essay to write an essay.*

⁵² *Over his name he drew an emblematic pair of scales, and wrote “Que sais je?” under it. As I look at his effigy opposite the title page. I seem to hear him say, “You may play old Poz, if you will, you may tail and exaggerate, - I stand here for truth, and will not, for all the states and churches and revenues and personal reputations of Europe, overstate the dry fact, as I see it; I will rather mumble and prose about what I certainly know, -- my house and barns; my father, my wife and my tenants; my old lean bald pate; my knives and forks; what meats I eat and what drinks I prefer, and a hundred straws just as ridiculous, - than I will write, with a fine crow quill, a fine romance.*

Figura 12 – O Medalhão de Montaigne⁵³

Fonte: Hmolpedia, the niche encyclopedia of the hard sciences of human existence!

O ceticismo e a dúvida são as características fundamentais do ensaio como tradição literária inaugurada por Montaigne. Michel de Montaigne, no entanto, não inventou o ensaio. Sua contribuição reside em dar a esta forma de expressão um nome em torno do qual ela pode se organizar e se fortalecer.

Estudo a mim mesmo mais do que a qualquer outro assunto; sou minha metafísica, minha física.⁵⁴
(MONTAIGNE, 2006, online)⁵⁵

Com um olhar consciente e franco sobre o mundo e as coisas, Montaigne rompeu com os moldes literários vigentes até então e formalizou o ensaio como um gênero autônomo e um instrumento de reflexão que permanece essencial para a investigação do que nos faz humanos.

⁵³ Disponível em: <<http://www.coht.info/page/Michel+Montaigne>>. Acesso em: 29 mar. 2017.

⁵⁴ Tradução para o inglês de Charles Cotton.

I study myself more than any other subject; 'tis my metaphysic, my physic:

⁵⁵ Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/files/3600/3600-h/3600-h.htm>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

8 A Origem do Ensaio Admissional

Embora os gregos e romanos tivessem formas de educação superior, a universidade como a conhecemos é um produto da Europa medieval (HASKINS, 1957, p. 1). Entre os anos 1100 e 1200 da nossa era, houve um grande influxo de conhecimento novo na Europa ocidental, em parte através da Itália e da Sicília, mas principalmente por meio dos estudiosos árabes da Espanha, ainda segundo Haskins (1957, p. 2). O novo conhecimento extravasara o confinamento das escolas monásticas e catedrais para criar profissões cultas⁵⁶ que atraíam jovens de todas as partes, dispostos a ensinar e a aprender, e que formaram guildas acadêmicas em Paris e Bolonha, nos legando a primeira e melhor definição de uma universidade, a de uma “sociedade de mestres e estudiosos”⁵⁷ (HASKINS, 1957, p. 5).

Figura 13 – Rafael Sanzio – A Escola de Atenas, 1509-1511, Afresco, 500 cm x 770 cm, Vaticano, Roma, Itália⁵⁸

Fonte: Universia Brasil

Haskins (1957, p.3), ao percorrer sobre a ascensão das Universidades, alerta para a dificuldade, mesmo no mundo atual, de aceitar-se que muitas coisas não têm fundador ou data estabelecida de início, tendo surgido de forma lenta e silenciosa, sem deixar registros definidos.

Sobre as origens incertas do ensaio admissional, pode-se dizer o mesmo. Até que novos pesquisadores venham a interessar-se pelo tema e novos achados venham à tona, não parece

⁵⁶ *learned professions*

⁵⁷ *a society of masters and scholars.*

⁵⁸ Disponível em: <<http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2012/06/19/944153/conheca-escola-atenas-rafael-sanzio.html>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

existir consenso sobre seu surgimento nem sobre quando o instrumento se torna usual em sua forma contemporânea. Também parecem inexistentes registros das oscilações em seu grau de importância, como elemento constitutivo do processo de seleção desde seu surgimento.

O ponto de partida dessa investigação sobre a origem do ensaio de admissão foi a entrevista concedida por Phillip Lopate (2015) para esta pesquisa, na qual o ensaísta e professor da Universidade Columbia apontou para a década de 1960 como o período em que esses ensaios teriam passado a fazer parte da seleção de candidatos. Uma análise cuidadosa das obras sobre a evolução do sistema educacional norte-americano, todavia, apontou para origens anteriores.

8.1 O Surgimento da Amostra de Redação

Pode-se argumentar que a origem do ensaio de admissão utilizado como instrumento de seleção pelas universidades norte-americanas remonta à origem da própria instituição universitária nos Estados Unidos. São as circunstâncias, o pensamento e os valores da sociedade norte-americana, infiltrados na estrutura e no funcionamento dessa nova instituição, que levarão ao surgimento dos textos que constituem o objeto deste estudo.

De acordo com Geiger (2015, p. 83), as primeiras faculdades norte-americanas, conhecidas como as Nove Faculdades Coloniais eram as seguintes:

Quadro 3 – As Faculdades Coloniais

Faculdade	Ano de Fundação
Harvard College	1638
College of William and Mary	1694
Yale College	1702
College of New Jersey	1747
King's College	1754
College of Philadelphia	1754
Rhode Island College	1766
Dartmouth College	1770
Queen's College	1771

Fonte: Elaborado pelo Autor

Segundo Haskins (1957, p. 21), nos Estados Unidos, as primeiras instituições de educação superior reproduziam o modelo de faculdade inglesa contemporânea de uma época em que, na Inglaterra, as faculdades eram mais importantes do que a universidade que constituíam. Ainda de acordo com Haskins (1957, p. 21), esse modelo não permaneceria imutável e durante o período de criação das universidades surgidas no final do século XIX, os Estados Unidos voltar-se-iam para a Europa continental, absorvendo novamente o seu legado.

As inovações trazidas da Europa impulsionaram a transição para um novo modelo de educação superior norte-americana que, por sua vez, abriu espaços para o desenvolvimento de novos procedimentos de admissão.

Nos primórdios da educação superior norte-americana, as instituições não utilizavam ensaios de admissão e o ingresso do candidato dependia mais de sua origem e prestígio do que de seu potencial intelectual. Com o passar do tempo e com o progresso natural, o processo admissional prosseguiu seu curso.

De acordo com Maxene Mulford (2015)⁵⁹, em 1851, Francis J. Child, Professor de Retórica em Harvard, voltou de uma licença de três anos, em que teria estudado nas universidades de Berlim e Göttingen, pregando um modelo no qual professores não eram obrigados a dar aulas de matérias entediantes, mas deviam estar envolvidos em pesquisa pioneira.

Figura 14 – Francis James Child – “Pai” do Ensaio Admissional⁶⁰

Fonte: Road2College

⁵⁹ Disponível em: <<http://www.road2college.com/history-of-the-college-essay/>>. Acesso em: 3 ago. 2015.

⁶⁰ Disponível em: <<http://www.road2college.com/history-of-the-college-essay/>>. Acesso em: 3 ago. 2015.

Mulford (2015) prossegue informando que, após seu retorno, o Professor Child teria informado à Universidade Harvard que, a menos que mudassem o conteúdo e a forma do que ensinava, iria transferir-se para a Universidade Johns Hopkins, que acabava de ser inaugurada, sendo a primeira universidade norte-americana a seguir o modelo alemão.

Lá [na Alemanha] os professores não precisam dar aulas de oratória clássica e investigação forense, matérias que dão trabalho aos alunos que se preparam para ser teólogos e advogados desde a Idade Média. Nas universidades alemãs, ser professor significa conseguir fazer pesquisas pioneiras da maneira como fazem os irmãos Grimm. Lá, os professores dão o trabalho que não interessa para meros alunos de pós-graduação.⁶¹

A Universidade Harvard, segundo Mulford (2015), cedeu imediatamente às exigências de Child, tirando do currículo o curso obrigatório de composição que ele detestava, pondo em seu lugar a Literatura Inglesa, uma disciplina até então inédita.

Ela [a disciplina] terá por base uma lista de leituras obrigatórias com cinquenta livros, os quais, sob os sucessores de Child, A. S. Hill e Charles W. Eliot, passam a ser conhecidos como os “*Harvard Classics*”. O acerto permite que o Professor Child tenha tempo para a sua paixão de catalogar baladas inglesas e escocesas.⁶²

Ainda segundo Mulford (2015), restava o problema de como ter certeza de que os calouros saberiam escrever de forma clara e concisa, já que Harvard não mais oferecia cursos de retórica, oratória e composição em inglês. Por conta disso, em 1874, em um esforço para livrar-se do problema, foi adotada uma solução engenhosa, que outras escolas se apressaram para copiar e que permanece até hoje. Mulford (2015) refere-se à introdução da composição curta em inglês e prossegue reproduzindo um trecho de catálogo, visto também em (Broome, 1903, p. 52), descrevendo a natureza dessas primeiras amostras de redação.

“[...] cada candidato à admissão terá que escrever uma composição curta em Inglês, correta em ortografia, pontuação, gramática e expressão, com tema a ser extraído de uma das seguintes obras: A Tempestade, Júlio César e O Mercador de Veneza de Shakespeare, O Vigário de Wakefield de Goldsmith; Ivanhoé e Canção do Último Menestrel de Scott.”⁶³

⁶¹ *Professors there do not have to lecture on Classic Oratory and Forensics, subjects students preparing to be theologians and lawyers have grimly ground away at since the Middle Ages. At German universities, being a professor means you get to conduct pioneering research the way the Brothers Grimm do. There, professors hand the scut work over to lowly graduate students.*

⁶² *It will draw upon a required reading list of fifty books, which under Child's successors A. S. Hill and Charles W. Eliot become known as “The Harvard Classics.” The arrangement frees Child to devote his energy to his academic passion: the cataloging of English and Scottish ballads.*

⁶³ *“...each candidate for admission will be required to write a short English composition, correct in spelling, punctuation, grammar and expression, the subject to be taken from one of the following works: Shakespeare's*

É dessa forma, segundo Mulford (2015), “com uma das melhores desculpas de todos os tempos que, magicamente, saber de antemão como escrever torna-se um pré-requisito de admissão”⁶⁴.

O texto, ao qual Mulford (2015) se refere, ainda não é o Ensaio Admissional como entendido hoje. No entanto, é fácil perceber que naquele momento se estabelece o precedente para o formato de texto de admissão que existe atualmente.

Sobre o processo seletivo no final do século XIX, Jessica Gross (2013) afirma que “as faculdades de elite aceitavam somente alunos de escolas particulares com base em provas de admissão em Latim e Grego”⁶⁵.

Ainda segundo a autora (GROSS, 2013) “as escolas [superiores] estaduais aceitavam quase qualquer um que tivesse concluído escolas secundárias certificadas pelos professores das universidades”⁶⁶.

Essa opinião, no que se refere aos exames admissionais, não encontra respaldo em Broome (1903, p. 54), para quem os parâmetros de admissão no final do século XIX já haviam incorporado novos elementos.

Quando esta tabela para 1870 é comparada com a de 1800, as mudanças nas exigências das faculdades que ocorreram durante os primeiros setenta anos do século XIX são claramente evidentes.⁶⁷

Broome (1903, p. 54) aponta que, por volta de 1870, o processo admissional encontrava-se relativamente uniformizado em termos das matérias envolvidas, muito embora o mesmo não fosse verdade sobre a carga horária. Ainda de acordo com o autor, no período dos trinta anos que se seguiram, as tendências das exigências admissionais continuaram favorecendo o aumento do número de matérias, o aumento da carga horária exigida de cada uma delas, a exigência de maior exatidão e, principalmente, maior liberdade de escolha.

Segundo Broome (1903, p. 54), em 1870, as matérias exigidas para admissão eram seis: latim, grego, matemática, história, geografia e inglês, o último subdividido em composição e gramática.

Tempest, Julius Caesar, and The Merchant of Venice; Goldsmith's Vicar of Wakefield; Scott's Ivanhoe and Lay of the Last Minstrel.”

⁶⁴ *In one of the biggest cop-outs ever, somehow, magically, already knowing how to write becomes a prerequisite for admission.*

⁶⁵ *In the late 1800's, elite colleges admitted students from private schools based on entrance exams in Latin and Greek*

⁶⁶ *State schools let in almost everyone who graduated from high schools certified by the universities' professors.*

⁶⁷ *When this table for 1870 is compared with the one for 1800 the changes in college requirements that occurred during the first seventy years of the nineteenth century are plainly evident.*

Das seis faculdades mencionadas por Broome (1903, p. 52) até ali, apenas Harvard, Cornell e Michigan exigiam todas as seis disciplinas, com línguas modernas ingressando na configuração no mesmo período em que **literatura e composição e ciência natural descritiva e experimental**.

Para Broome (1903, p. 54) era incompreensível, dada a importância das literaturas alemã e francesa, que as respectivas línguas não fossem exigências para admissão, constituindo acréscimos comparativamente tardios aos currículos das faculdades. Em um mundo que supervalorizava a formação clássica, as línguas estrangeiras haviam sido negligenciadas por muito tempo. Mais importante para a aparição do ensaio de admissão do que um descaso com línguas de forma geral, talvez tenha sido a visível negligência conjuntural com relação ao próprio inglês. Parece ter sido essa negligência que acabou abrindo a brecha para a evolução do ensaio admissional, como vemos em Broome (1903, p. 56).

O estudo que foi mais seriamente negligenciado em nossas faculdades até datas bem recentes é o do inglês. Durante o período colonial, o inglês utilizado até mesmo por acadêmicos reconhecidos era lastimável. Qualquer um que tenha tido oportunidade de examinar leis manuscritas e outros documentos das primeiras faculdades pode confirmar o fato.⁶⁸

Broome (1903, p. 56) prossegue, listando problemas de ortografia, emprego de maiúsculas e pontuação existentes na época como tendo três possíveis causas:

Primeiro, a língua e literatura serem relativamente novas em comparação com os clássicos; segundo, a falta de definição da língua e a ausência de qualquer padronização fizeram do inglês uma língua difícil de ensinar; e, terceiro, os termos cultura e instrução por meio dos clássicos haviam sido sinônimos nas mentes cultas por tanto tempo que qualquer atenção considerável à língua materna era considerada quase como dissipação de energia.⁶⁹

As observações de Broome (1903, p. 54-56), portanto, apontam para a origem do ensaio admissional a partir da necessidade de aferir a capacidade de expressão em inglês em tempos de mudanças no modelo educacional.

Até hoje, o ingresso na universidade norte-americana permanece complexo, constituindo não apenas um ritual, mas um rito de passagem que separa os afortunados que

⁶⁸ *The study which has been most seriously neglected in our colleges until a very recent date is English. During the colonial period the English used even by recognized scholars was lamentably bad. Anybody who has had occasion to examine the manuscript laws and other documents of the early colleges will testify to that fact.*

⁶⁹ *First, the English language and literature, in comparison to the classics, is relatively new; secondly, the indefiniteness of the language and the lack of any common standards have made English difficult to teach; and, thirdly, culture and training in the classics have so long been synonymous terms in the minds of the learned that any considerable attention to the mother tongue was regarded as almost a dissipation of energy.*

terão acesso à educação e, portanto, a mais chances de êxito em uma sociedade que polariza o valor do indivíduo em termos de fracasso e sucesso. Não é por acaso que a obra de Karabel (2005) sobre as universidades da elite norte-americana, considerado um dos principais livros sobre o processo admissional nos Estados Unidos tenha o título “*The Chosen*” (Os Escolhidos).

Como aponta Karabel (2005, p. 1), os elementos constitutivos desse processo são vários e de naturezas distintas. Alguns elementos do processo são objetivos enquanto outros são subjetivos.

[...] as cartas de recomendação, as entrevistas pessoais, a ênfase em atividades extracurriculares e as notas no *Scholastic Aptitude Test* (SAT), o empurrãozinho dado aos atletas e filhos de ex-alunos e a ênfase que pesa sobre qualidades altamente subjetivas como “caráter”, “personalidade” e “liderança” são características tão familiares desse processo que passaram a ser tidas como normais.⁷⁰

Com tal configuração, o ingresso às instituições norte-americanas de ensino superior continua desafiando a compreensão de quem não está inserido nesse sistema. Karabel (2005, p. 1) admite que “tanto do ponto de vista histórico como a partir de uma perspectiva comparativa, as práticas de admissão às escolas norte-americanas de prestígio são ‘extremamente estranhas’”⁷¹.

Segundo Karabel (2005, p. 1), para que um americano pudesse compreender como essas práticas são peculiares, bastaria tentar explicar a algum estrangeiro “por que a habilidade de correr com uma bola ou o lugar onde os pais de alguém estudaram é relevante para quem ganhará uma vaga em nossas instituições educacionais de maior prestígio...”⁷².

Ainda segundo o autor, da mesma forma que a maioria das instituições de prestígio de outros países até as primeiras décadas do século XX, Harvard, Yale e Princeton, as instituições centrais em seu livro, admitiam seus alunos com base, quase totalmente, em critérios acadêmicos. Essa prática teria mudado na década de 1920, quando as exigências acadêmicas tradicionais não eram mais suficientes para impedir o ingresso de alunos considerados “socialmente indesejáveis”⁷³.

⁷⁰ [...] the letters of recommendation, the personal interviews, the emphasis on extracurricular activities and scores on the *Scholastic Aptitude Test* (SAT), the boost given to athletes and alumni children, and the heavy stress on highly subjective qualities such as “character,” “personality,” and “leadership” — that they have come to be taken for granted.

⁷¹ [...] from both a historical and a comparative perspective, the admission practices of America's top colleges and universities are exceedingly strange.

⁷² [...] — why the ability to run with a ball or where one's parents went to college is relevant to who will gain a place at our nation's most prestigious institutions of higher education, [...]

⁷³ “socially undesirable”

Naquela época, já havia ficado claro que um sistema de seleção focado somente em desempenho acadêmico levaria à admissão de números cada vez maiores de alunos judeus, a maioria de origem na Europa oriental.⁷⁴ (KARABEL, 2005, p. 1)

Karabel (2005, p. 1) destaca que esse processo teria ocorrido ao mesmo tempo em que crescia por todo o país um movimento por restrição da imigração. Ainda segundo Karabel (2005, p. 1), tal mudança de configuração étnica “era inaceitável para os cavalheiros anglo-saxões que presidiam as *Big Three*, ou as “Três Grandes” (como eram então conhecidas Harvard, Yale e Princeton)”⁷⁵.

Foi somente depois de as faculdades particulares abrirem suas admissões para alunos oriundos de escolas públicas que todos viram a necessidade de procedimentos de candidatura.⁷⁶

Não é, portanto, por acaso que a primeira instituição a sentir o problema dos “alunos indesejáveis”, que já haviam sido mencionados em um relatório interno da instituição em 1908, segundo Karabel (2005, p. 129), foi Columbia. Nova Iorque, ainda segundo o autor (KARABEL, 2005, p. 129), contava com a maior concentração de judeus em todo o mundo, levando seu Reitor a expressar, em 1910, sua “preocupação com ‘uma quantidade de judeus despreparados e incultos’”⁷⁷.

Essas são as circunstâncias que levam Columbia a criar, em 1910, segundo Karabel (2005, p. 129), o primeiro *Office of Admissions*, uma secretaria de ingresso com a finalidade de filtrar candidatos. Outros nove anos ainda se passariam antes que *Harvard*, *Princeton* e *Yale* viessem a instituir esse mecanismo (KARABEL, 2005, p. 130). Em seu pacote de inovações, Columbia introduziu quatro grandes novidades: o *Office of Admissions*, o uso de critérios não acadêmicos como “caráter” e “liderança”, uma imposição de limite de vagas e, por último, o emprego explícito de uma cota, em 1921, reduzindo a proporção de calouros judeus para 22% contra os mais de 40% antes da medida.

Para Geiger (2015, p. 449), as reações ao número de judeus ingressantes datavam de 1914 e apesar de “grandes avanços em seus programas de profissões liberais e de graduação, *Columbia College* vinha perdendo o apoio das famílias da elite nova-iorquina”⁷⁸. A perda desse

⁷⁴ By then, it had become clear that a system of selection focused solely on scholastic performance would lead to the admission of increasing numbers of Jewish students, most of them of eastern European background.

⁷⁵ [...] it was unacceptable to the Anglo-Saxon gentlemen who presided over the Big Three (as Harvard, Yale, and Princeton were called by then).

⁷⁶ It wasn't until private colleges opened their admissions to public school students that anyone saw the need for an application.

⁷⁷ [...] concern about a “number of ill-prepared and uncultured Jews”

⁷⁸ Despite the great strides the university had made in graduate and professional studies, Columbia College had long been losing the patronage of New York's elite families.

apoio acabou atribuída ao excesso de judeus oriundos da crescente população judia da cidade. Geiger (2015, p. 449), no entanto acrescenta que “o diretor Frederick Keppel, explicitamente negou em seu livro *Columbia* que a faculdade estivesse ‘cheia de judeus europeus, que são as pessoas mais desagradáveis socialmente’.”⁷⁹.

Segundo (GEIGER, 2015, p. 450), é em 1919 que Columbia implanta um “sistema elaborado de admissão seletiva, administrado pela primeira Secretaria de Ingresso do país”⁸⁰. Geiger, apesar de dar a entender que esse sistema elaborado surge junto com a Secretaria de Ingresso, não é claro com relação à data de criação do departamento e, portanto, não invalida a data de 1910 apresentada por Karabel (2005, p. 129). Sobre a primeira turma admitida após as mudanças, Geiger (2015, p. 450) afirma:

A turma admitida totalizou 550 alunos: os candidatos tinham que fornecer informação detalhada sobre a origem familiar e se submeter a uma entrevista pessoal com um membro da diretoria de ingresso. Por anos, os candidatos da cidade também tinham que fazer um teste de inteligência sob a crença de que tais testes exporiam os meramente esforçados, cujas conquistas acadêmicas excedessem sua inteligência natural como resultado de estudo excessivo. (GEIGER, p. 450)⁸¹

O resultado de tal política de admissão foi o de fornecer à diretoria de ingresso (GEIGER, p. 450) meios mais do que suficientes para decisões subjetivas de admissão, cujo impacto resultou em uma diminuição no número de alunos judeus que havia atingido a casa dos 20% em 1920.

As outras grandes universidades seguiram o novo modelo, apesar da relutância inicial de abandonar as práticas em uso até então. O sistema vigente até ali, apesar de transparente e utilizado na maior parte do mundo (KARABEL, 2005, p. 130) não só não resolveria o problema do ingresso de judeus como poderia exacerbá-lo, já que os candidatos judeus, ainda segundo o autor, tendiam a apresentar qualificações acadêmicas fortes que poderiam representar uma vantagem no evento de elevação das exigências acadêmicas, aumentando as chances de ingresso ao invés de diminuí-las.

Ainda segundo Karabel (2005, p. 130), em carta de 1922, Lowell, então Presidente de Harvard, não teria deixado dúvidas de que o sistema de admissão baseado em padrão acadêmico teria continuado se não pelo problema dos judeus. Para Karabel (2005, p. 131), Harvard é o

⁷⁹ *The college dean, Frederick Keppel, explicitly denied in his book, Columbia, that the college was “overrun with European Jews, who are most unpleasant persons socially.”*

⁸⁰ [...] *an elaborate system of selective admission, administered by the country’s first Office of Admissions.*

⁸¹ *The entering class was capped at 550 students: applicants had to supply extensive information on family background and submit to a personal interview with a member of the admissions board. For a number of years, city applicants also had to take an intelligence test in the belief that it would expose grinds, whose academic achievements exceeded then natural intelligence by dint of excessive study.*

exemplo de uma instituição que abandona uma dada prática de admissão assim que essa não mais produza o resultado desejado, aquilo que chama de “lei de ferro das admissões”⁸².

Para Karabel (2005, p. 131) essa mentalidade levou à troca de um padrão amplamente objetivo por um padrão relativo e subjetivo. Essa transformação, durante a década de 1920 deixa como legado o sistema de admissões existente até hoje. Sobre a inovação, Karabel (2005, p. 131) afirma:

O novo sistema de seleção era muito mais complicado que o sistema baseado em exames que o havia precedido e implementá-lo exigia um novo aparato burocrático de coleta de informação e avaliação. Além de um diretor ou reitor, o novo *Office of Admissions* precisaria coletar quantidades enormes de dados até então desnecessários. (sic)⁸³

Dentre as inovações, segundo Karabel (2005, p.131), existe a da solicitação de um texto com a finalidade explícita de servir como elemento constitutivo de uma avaliação subjetiva. Embora sem data definida, esse foi o momento em que a amostra de redação se transformou no ensaio admissional.

O desenvolvimento de um procedimento para identificar os judeus era apenas o primeiro passo. Pela primeira vez, candidatos eram solicitados a preencher longos formulários de inscrição que incluíam informação demográfica, **um ensaio pessoal** e uma descrição detalhada das atividades extracurriculares que possam demonstrar “liderança” e revelar algo sobre seu “caráter”. A peça central do novo sistema era a carta pessoal de recomendação, especialmente as provenientes de fontes confiáveis, tais como ex-alunos, diretores ou professores das principais escolas supridoras de alunos.⁸⁴ (KARABEL, 2005, p. 131, grifo nosso)

Munida desses instrumentos, a universidade ganhava acesso a um arsenal que Karabel (2005, p. 131) chamou de indicadores sutis de “procedência” e “berço”, tais como a aparência física, modo de falar, de se vestir e se portar. Como instrumento final de avaliação, foi instituída a entrevista pessoal, normalmente conduzida por um diretor de admissões ou ex-alunos considerados confiáveis.

Para Karabel, (2005, p. 1), a implantação de exigências não tradicionais de admissão é fruto de uma mentalidade vigente na década de 1920 e estabelece um modelo admissional

⁸² [...] “the iron law of admissions”: [...]

⁸³ The new system of selection was for more complicated than the exam-based system that had preceded it, and implementing it required a new bureaucratic apparatus of information gathering and assessment. In addition to a director or dean, the new Office of Admissions would need to collect vast quantities of data formerly unnecessary.

⁸⁴ The development of a procedure for identifying Jews was only the first step. For the first time, candidates were asked to fill out lengthy applications that included demographic information, a personal essay, and a detailed description of extracurricular activities that might demonstrate “leadership” and reveal something about their “character.” The centerpiece of the new system was the personal letter of recommendation, especially those from trusted sources such as alumni and headmasters or teachers from the leading feeder schools.

baseado em uma análise subjetiva do candidato, permitindo que as universidades da elite norte-americana tivessem os meios para movimentar-se na direção de uma admissão baseada em “caráter”, que, por sua vez, permitiria que as instituições escolhessem os candidatos que lhes conviessem, ao mesmo tempo em que mantinham uma postura ambivalente sobre o mérito acadêmico.

Sobre essa ambivalência, Karabel (2005, p. 191) menciona a incoerência de Harvard, tida como o ápice da academia norte-americana, que tenta conciliar a busca pelo acadêmico ao mesmo tempo em que não perde de vista a agenda de formadora de líderes.

Apesar – ou talvez por causa – de sua reputação como a Meca para alunos brilhantes, a atitude de Harvard com relação aos melhores acadêmicos era profundamente ambivalente. Harvard abertamente aceitava um número pequeno de alunos com base em seu brilho acadêmico, e a alguns deles até eram oferecidas bolsas de estudo. Mas exatamente por causa da reputação de Harvard, o número de tais alunos tinha que ser rigidamente limitado.⁸⁵

Karabel (2005, p. 191) continua informando que Harvard não hesitava em sacrificar os candidatos melhor classificados em prol de sua missão institucional.

Fundamental para a política de admissões de Harvard – e para sua posição altamente equivocada em relação aos candidatos com maiores conquistas acadêmicas – era a questão de missão institucional. Bender expressava as posições dos administradores mais importantes de Harvard, incluindo Conant, quando escreveu que a tarefa de Harvard ia muito além de treinar o “empresário bem-sucedido... ou o governador.” Especialmente ao atrair os alunos da classe alta que eram cobiçados por todas as faculdades particulares de elite, Harvard tinha que ter muito cuidado para não reforçar a imagem de um lugar “cheio da estética do cabelo comprido, de homossexuais e poetas e tipos no mundo da lua” bem como de liberais e comunistas.⁸⁶

Geiger (2015, p. 448) vai além ao lembrar uma mentalidade vigente em que o caráter do aluno ideal era “estimulado, amplificado e santificado fora da sala de aula em atividades extraclasse e pela cultura de pares”⁸⁷. Ainda se referindo ao processo admissional no início do século XX, o autor retorna às questões do estereótipo, da eleição de pares e da atribuição

⁸⁵ *Despite — or perhaps because of — its reputation as a Mecca for brilliant students, Harvard's attitude towards top scholars was deeply ambivalent. Admittedly, Harvard did accept a modest number of students primarily on the basis of their scholastic brilliance, and some of them were even offered scholarships. But precisely because of Harvard's reputation, the number of such students had to be strictly limited.*

⁸⁶ *Fundamental to Harvard's admissions policy — and to its highly equivocal stance toward the most academically accomplished applicants — was the question of institutional mission. Bender expressed the views of Harvard's top administrators, including Conant, when he wrote that Harvard's task went far beyond training “the future scholar or scientist or the brilliant intellectual”; it also had a responsibility to groom “the successful businessman ... or governor.” Especially in attracting the upper-class students who were sought by all the elite private colleges, Harvard had to be very careful lest its image be reinforced as a place “full of long-haired esthetics [sic], of pansies and poets and various la-de-da types” as well as “parlor pinks, communists.*

⁸⁷ *[...] nurtured, enhanced and sanctified outside the classroom in college activities and the peer culture.*

subjetiva de valor para cada grupo como prerrogativa da instituição e deixa claro o potencial do modelo admissional para ajustar-se aos objetivos institucionais a cada momento.

Pela primeira vez, essas escolas têm que selecionar seus alunos a partir de um grupo de candidatos qualificados. Como decidiram fazer isso foi condicionado desde o início pelo medo de números cada vez maiores de alunos judeus se formando em escolas secundárias urbanas próximas. Majoritariamente filhos homens de imigrantes da Europa oriental, esses alunos eram **brilhantes, industriais e ambiciosos – nunca do jeito certo**. De acordo com estereótipos, dedicavam toda sua energia à sala de aula (“alunos apenas esforçados”) que nada contribuem para a faculdade por meio de atividades e que não têm qualidades de caráter e personalidade valorizadas pela sociedade de pares. Atrás dessa caricatura (e de mais insultos étnicos) se escondia uma maré de crescente antissemitismo.⁸⁸ (GEIGER, 2015, p. 449, grifo nosso)

Para Geiger (2015, p. 453), procedimentos de admissão seletiva constituem um jogo em que favorecer um grupo equivale a discriminar outros e acrescenta:

O processo de admissão, por conseguinte, exige decisões que as instituições sentem que devem permanecer em sigilo, tais como favorecer alunos que podem pagar a anuidade integral, filhos de ex-alunos e doadores, atletas, ou, mais recentemente, minorias beneficiárias de ação afirmativa.⁸⁹ (GEIGER, 2015, p. 453)

Ainda de acordo com o autor (GEIGER, 2015, p. 453), “A configuração está a serviço do que é melhor para a instituição – não da necessidade de atender noções abstratas de mérito ou valor.”⁹⁰

[...] no intervalo entre as duas grandes guerras, as faculdades e universidades particulares acreditavam que cotas limitando o número de alunos judeus e favoritismo pelos Protestantes Anglo-saxões Brancos (WASPs)⁹¹ mantinham uma comunidade estudantil “equilibrada” que servia aos seus interesses por meio do fomento de uma sociedade de pares e pelo apoio à educação das elites.⁹²

⁸⁸ *For the first time, these schools had to select their students from a surfeit of qualified applicants. How they chose to do this was conditioned from the outset by the fear of increasing numbers of Jewish students graduating from nearby urban high schools. Largely the sons of immigrants from Eastern Europe, these students were bright, industrious, and ambitious—all in the wrong ways. According to stereotypes, they devoted all their energy to the classroom (“greasy grinds”), contributed nothing to the college through activities, and lacked qualities of character and personality valued by the peer society. Behind this caricature (and more demeaning ethnic slurs) lay a rising tide of anti-Semitism [sic].*

⁸⁹ *The admissions process consequently requires decisions that institutions feel must be kept private, such as favoring affluent students who can pay full tuition, children of graduates and donors, athletes, or — more recently — minority beneficiaries of affirmative action.*

⁹⁰ *The mix is intended to serve the best interests of the institution — not abstract notions of merit or worthiness.*

⁹¹ *White Anglo-Saxon Protestants*

⁹² *The mix is intended to serve the best interests of the institution — not abstract notions of merit or worthiness. Private colleges and universities in the interwar years believed that quotas for Jewish students and favoritism for WASPs maintained a “balanced” student community that served their best interests by nurturing the peer society and supporting the education of elites.*

Geiger (2015, p. 453) admite que, no curto prazo, as instituições pudessem estar certas, mas afirma que, por conta dessas políticas de admissão, “[as instituições] transgrediram, de forma deliberada e sub-reptícia, valores fundamentais da educação superior norte-americana”⁹³.

Políticas contra discriminação, segundo Geiger (2015, p. 453) haviam sido incorporadas por leis estaduais e respeitadas desde a época colonial. Com o tempo, no entanto, o processo toma a direção de um “desdém gradual pelo mérito acadêmico que finalmente desembocaria no endosso tácito de um anti-intelectualismo universitário que traz prestígio para as três grandes universidades, *Harvard*, *Yale* e *Princeton*, às custas de uma miopia social e intelectual nas escolas de graduação”⁹⁴. Ainda segundo Geiger (2015, p. 453) seriam necessárias três décadas para que essas limitações fossem eliminadas, possibilitando que as instituições se tornassem “muito mais fortes e admiráveis”⁹⁵.

Não demoraria muito até que todas as escolas cedessem ao modelo que se impunha. Depois da primeira guerra mundial, ocorre um pico de matrículas, segundo Geiger (2015, p. 449), citando como exemplo *Dartmouth*, que aceitava inscrições com base apenas em certificados de conclusão e que, em 1921, recebeu 1600 inscrições a mais do que o número de vagas oferecidas. A procura, ainda segundo Geiger (2015, p. 449), teria forçado a instituição a adotar o “Processo de Admissão Seletiva”⁹⁶, adotado em seguida por *Cornell* e *Stanford*. Enquanto isso, *Harvard*, *Yale* e *Princeton* continuavam relativamente protegidas por um processo seletivo dependente de exames antiquados que haviam sido postos em prática antes de 1920 e antes de migrarem para formas mais abrangentes de admissão com o intuito de alcançar uma clientela mais ampla.

As faculdades de *Harvard*, *Yale* e *Princeton* conscientemente comprometeram-se com educação superior de elite de duas formas: Primeiro, pública e repetidamente abraçaram uma ideologia por meio da qual o aluno ideal exibía caráter, personalidade e proveniência social excelentes. Aptidão atlética era um traço admirado, mas conquista acadêmica não era. Essas escolas desdenhavam o mero sucesso acadêmico, que era desmerecido como tendo sido obtido “ralando” por meio de estudo excessivo.⁹⁷ (GEIGER, 2015, p. 448)

⁹³ And, in the short term, they may have been correct. However, in doing so, they transgressed, deliberately and surreptitiously, bedrock values of American higher education.

⁹⁴ Prohibitions of discrimination on religious grounds were written into state charters and honored since colonial times, when Witherspoon had boasted of the openness of the College of New Jersey. The flouting of academic merit was more open and amounted to a tacit endorsement of undergraduate anti-intellectualism. These postures brought affluence, at least for the Big Three, but at the cost of social and intellectual myopia in the undergraduate college.

⁹⁵ When they finally overcame these limitations, three decades later, they became far stronger and more admirable institutions.

⁹⁶ Selective Admission Process

⁹⁷ The colleges of *Harvard*, *Yale*, and *Princeton* consciously committed to elite higher education in two respects. First, they publicly and repeatedly espoused an ideology by which the ideal student exhibited outstanding

Assim, a educação superior norte-americana de elite chegou a um modelo que perdurou por décadas, com as cotas estabelecendo números máximos para alunos judeus persistindo até o final da segunda guerra mundial. Após 1945, críticas por parte da opinião pública com relação à exclusão étnica desencadearam a aprovação de leis contra a discriminação nos estados de Nova Iorque e Massachuets. As instituições, por sua vez, reagiram substituindo as cotas que limitavam o ingresso de judeus por cotas geográficas (GEIGER, 2015).

A despeito das reações contra a admissão discriminatória, após o final da segunda guerra mundial, um sistema de valores já era compartilhado pelas instituições influentes de ensino superior norte-americanas que aderiam fortemente ao projeto de educação superior de elite nos termos informados por Martin Trow, quando afirma que:

Formas elitistas de educação superior são marcadas por tentativas de instilar uma perspectiva moral e cultural geral, por meio de esforços para moldar qualidades mentais e emocionais, atitudes e caráter, e não meramente de treinar e informar alunos; [...] ⁹⁸ (TROW, 2010, p.150 *apud* GEIGER, 2015, p. 447-448)

Essa mesma ideologia foi crucial para a evolução do ensaio admissional até que se transformasse no instrumento que conhecemos hoje e é fácil perceber-se a relação diante das observações do autor:

[...] [a instituição de elite] pretende **comunicar aos alunos que podem realizar coisas grandes e importantes no mundo**. Nesse sentido, instituições de educação superior de elite são arranjos para fomentar a ambição e para prover a base social e os recursos intelectuais para que se alcance tal ambição. ⁹⁹ (TROW, 2010, p. 150 *apud* GEIGER, 2015, p. 448)

É nesse ponto que a evolução da mentalidade institucional da universidade norte-americana se infiltra na expectativa sobre seus candidatos e, finalmente, nas instruções para a produção de textos de admissão capazes de demarcar a superioridade de cada candidato em relação aos demais em sua capacidade de “*fazer coisas grandes e importantes no mundo*”.

Ainda segundo o autor (GEIGER, 2015, p. 453), “o sistema básico de admissões discriminatórias durou até a década de 1960 porque produzia os resultados que as instituições

character, personality, and social breeding. Athleticism was an admired trait, but scholastic achievement was not. They disdained mere academic achievement, which was disparaged as gained by "grinds" through excessive study.

⁹⁸ *Elite forms of higher education are marked by attempts to infuse a general moral and cultural outlook, by efforts to shape qualities of the mind and feeling, attitudes and character, and not merely to train and inform students; [...]*

⁹⁹ *[...] [it] intends to convey to students that they can accomplish large and important things in the world.... In this sense, institutions of elite higher education are arrangements for raising ambition and for providing social support and intellectual resources for the achievement of ambition.*

queriam.”¹⁰⁰. O legado desse sistema, contudo, na forma de uma exigência moldada para atender os anseios das instituições permanece até hoje.

Como visto, a origem exata do *personal statement* é difícil de se apontar. Sabe-se que o instrumento evoluiu a partir da amostra de redação introduzida nas escolas superiores norte-americanas no final do século XIX para aferir a capacidade de expressão em língua inglesa em um momento em que o paradigma educacional mudava de um modelo clássico para um modelo aberto à pesquisa e à experimentação. Em um universo com novas configurações de disciplinas que incluíam as ciências físicas e experimentais, como visto em Broome (1903, p. 521), saber escrever era uma necessidade.

À medida que, nas primeiras décadas do Século XX, a educação secundária norte-americana alcançava mais indivíduos, crescia, como consequência, a demanda por ensino superior. Essa demanda crescente nem sempre era recebida com entusiasmo por parte de escolas investidas em preservar a configuração das elites com as quais eram fortemente identificadas e de cujo apoio dependiam. Para proteger suas alianças com essas elites, as universidades adotaram mecanismos de controle de acesso que culminaram na utilização de instrumentos subjetivos de seleção, inicialmente criados para impedir o ingresso de candidatos tidos como indesejáveis.

É nesse contexto de práticas discriminatórias cuidadosamente direcionadas que a amostra de redação se transforma em um instrumento de avaliação subjetiva em algum momento durante a década de 1920. Após a segunda guerra mundial, o ensaio admissional já havia se disseminado como instrumento investido da tarefa de servir a uma ideologia de expectativas sobre o indivíduo e de moldagem de seu caráter que remete a uma suposta grandeza do indivíduo.

O fato de que, após a década de 1960, as práticas ostensivamente discriminatórias passaram a ser malvistas não significa que o *personal statement* tenha perdido utilidade para a escolha de candidatos, moldando a configuração estudantil das escolas superiores.

Diante da realidade da procura crescente pela educação superior em um mundo globalizado, é fácil compreender-se que o *personal statement* continue existindo como um mecanismo capaz de garantir à instituição configurações de alunos que reflitam sua ideologia, seus interesses e objetivos. Assim, as “escolas de elite” da educação superior norte-americana prosseguem sendo de elite, ainda que tenham que redefinir o significado do próprio termo, aceitando estrangeiros e minorias, desde que esses tenham recursos e estejam dispostos a

¹⁰⁰ [...], the basic system of discriminatory admissions endured into the 1960s because it produced the results that these institutions wanted.

reproduzir o quadro axiológico que preserva as posições institucionais. O ensaio admissional atual, aparentemente descolado de suas origens obscuras e politicamente incorretas para os padrões de hoje, não abdicou de seu poder.

Se quando da fundação da educação superior norte-americana, um punhado de escolas tomara emprestado o prestígio das elites com as quais se associara, agora são as escolas investidas desse prestígio que criam as novas elites.

O ensaio admissional é assim um gênio a serviço de um único senhor e que, por conta de sua subjetividade, detém o poder de fazer materializar o candidato, que se não é ideal, permanece sendo desejável diante dos objetivos da instituição.

8.2 O Personal Statement Hoje

Mais de um século após o surgimento do ensaio como avaliação subjetiva, tem-se um instrumento que não ficou imune à evolução da sociedade e dos costumes e que hoje atende objetivos bem diferentes dos que foram deixados para trás. Chega-se, dessa maneira, ao Ensaio admissional como o temos hoje, talvez melhor definido por Mary Hale Tolar (online)¹⁰¹, em seu *Definition of A Personal Statement*.

Para Tolar (online), o ensaio admissional define-se **tanto pelo que é como pelo que não é** e constitui um retrato, um convite, uma indicação de prioridades e julgamento e, mais precisamente, a história de quem o escreve, ao mesmo tempo em que não é um texto acadêmico que tem seu autor como tema, um currículo em forma narrativa, um registro em um diário pessoal, um apelo ou justificativa. Tolar ainda acrescenta que o fator mais importante é que quem o escreve deve ser autêntico.

O texto sem data, disponível pela internet, trata do conteúdo do ensaio admissional em geral e, mais especificamente, no contexto da candidatura a bolsas de estudo. Apesar de certa deficiência quanto aos seus dados bibliográficos, o texto tornou-se um clássico entre candidatos em busca de orientação sobre o ensaio admissional. O texto é frequentemente disponibilizado ou recomendado por instituições de nível superior como parâmetro para a redação de um bom ensaio admissional. No trecho abaixo, por exemplo, vemos o conselho disponível no website da Universidade de Nova Iorque.

Por essa razão, recomendo começar imprimindo o conselho de Mary Tolar. Marque as frases que parecem úteis. Há boas chances de que sejam as frases que o surpreendam ou confirmem o que era um palpite. Notar o que se salienta ajudará a revelar suposições que talvez nem tivesse percebido.¹⁰²

Tolar também informa que o ensaio admissional deve responder às seguintes perguntas: “Quem sou?”; “Quem quero ser?”; “Que tipo de contribuição quero dar e como?”; “Por que faz sentido estudar em Oxford (ou York, LSE, Cambridge, Sussex)?”¹⁰³

¹⁰¹ Disponível em: <<https://web.wpi.edu/Academics/FS/personal.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

¹⁰² *For that reason, I recommend you begin by printing out Mary Tolar's advice. Highlight the phrases that strike you as helpful. Chances are, these are the phrases that surprise you or confirm what was a hunch. Noticing what stands out will help reveal assumptions you may not have even known you had.*

Disponível em: <<https://www.nyu.edu/academics/awards-and-highlights/global-awards/support-and-resources/personal-statement-recommendations.html>>. Acesso em: 13 abr. 2017

¹⁰³ • *Who am I?*

• *Who do I want to be?*

• *What kind of contribution do I want to make, and how?*

• *Why does it make sense for me to study at Oxford (or York, LSE, Cambridge, Sussex)?*

Os conselhos de Tolar relembram que se o candidato se descrever como mais merecedor da vaga do que os demais, ele muito provavelmente, demonstrará o contrário. É interessante notar que a autora menciona apenas instituições inglesas, sendo importante ressaltar que a utilização dos ensaios admissionais se disseminou pelo mundo por influência do modelo norte-americano.

8.3 *A Ascensão do Ensaio Admissional*

O ensaio admissional é apenas uma de muitas variáveis do processo de admissão. Essas variáveis podem incluir diferentes configurações de elementos de seleção como performance acadêmica prévia, testes padronizados, cartas de recomendação e outras formas de redação. Diante desse conjunto é importante entender o “peso” do ensaio como variável do processo seletivo. A partir dessa compreensão, pode-se prosseguir para um entendimento do aumento gradual de sua importância até que se chegue ao seu papel no contexto atual das candidaturas.

8.4 *Tendências de Admissão*

Chisolm e Ivey (2013, p. vi) usam o acrônimo *LMO*, referindo-se à realidade da competição pelas vagas das universidades. As iniciais de *Like Many Others*, ou “Como Tantos Outros”, remetem à situação do candidato em sua busca por uma vaga em meio a um número cada vez maior de indivíduos com qualificações muito semelhantes.

Há uma realidade única e brutalmente dura que impulsiona tudo que diz respeito à admissão a uma faculdade norte-americana de alta procura: o número de candidatos qualificados para admissão é mais do que suficiente. (CHISOLM; IVEY, 2013, p. vi)¹⁰⁴

De acordo com Chisolm e Ivey (2013, p. vi), as chances de um candidato ser o primeiro da classe no secundário é compartilhada com quarenta e dois mil outros candidatos. As chances de ter sido reconhecido como um *National Merit Scholar*¹⁰⁵ são compartilhadas por cinquenta

¹⁰⁴ *There is a single, brutally hard reality that drives everything about admission to a top US college: there are more than enough qualified applicants to go around.*

¹⁰⁵ O *National Scholarship Program* é um Programa da *National Scholarship Corporation*, uma organização privada sem fins lucrativos, que promove competições anuais para que estudantes de talento sejam reconhecidos por meio de bolsas de estudos.

mil candidatos e a de estar entre os primeiros 5% nos testes padronizados *SAT* e *ACT* é compartilhada com outros oitenta e dois mil candidatos.

Para Gen e Kelly Tanabe (2014, p. 14), “na maior parte dos processos seletivos, o segredo está no seu ensaio ou entrevista”¹⁰⁶. Os autores também afirmam que tanto a natureza competitiva como a realidade da avaliação são aspectos explícitos do processo de avaliação. Diante dos números e da competitividade, talvez mais do que separar o proverbial joio do trigo, a tarefa dos ensaios admissionais seja a de separar o trigo do trigo que interessa.

A edição de 2005 do Relatório da *National Association for College Admission Counseling* (NACAC), pode deixar a impressão de que ensaios admissionais não tinham importância primordial nas decisões de admissão.

Fatores utilizados para avaliar inscrições para admissão em 2003 permaneceram de acordo com os de anos anteriores. Os fatores principais na decisão de admissão continuaram sendo as notas em disciplinas preparatórias para a faculdade, testes padronizados de admissão, média das médias gerais de nota. (NACAC, 2005, p. 5)¹⁰⁷

Os dados apresentados, no entanto, são provenientes de estatísticas sobre a educação superior em linhas gerais. No universo das escolas competitivas, os números deveriam apontar na direção oposta e isso parece se confirmar em relatórios posteriores, como será visto a seguir.

O gráfico na Figura 15, na próxima página, extraído da 10ª edição do relatório (NACAC, 2012, p. 26) mostra que, nos anos anteriores a 2012, houve, a despeito de oscilações, ascensão da importância dos ensaios, ao mesmo tempo em que foi verificada tendência semelhante com relação aos resultados de testes e notas em disciplinas. O gráfico ainda mostra que o ranqueamento dos candidatos perdeu importância.

Disponível em: <<https://www.nationalmerit.org/s/1758/start.aspx?gid=2&pgid=61>>. Acesso em: 14 ago. 2017

¹⁰⁶ [...] *the secret is in your essay or interview*. (grifos dos autores)

¹⁰⁷ *The factors used to evaluate applications for admission in 2003 remained consistent with previous years. The top factors in the admission decision continued to be grades in college prep courses, standardized admission tests, average overall grade point average.*

Figura 15 – Tendências dos Fatores de Admissão (NACAC, 2012, p. 26)

Fonte: Relatório NACAC 2012

Quando os números de candidatos por vaga se tornam altos, a importância de fatores objetivos de avaliação, tais como notas em testes padronizados e desempenho prévio dos candidatos pode aproximar-se demais, gerando empates dentre um número significativo de candidatos viáveis. Esses empates remetem a decisão a uma segunda camada de avaliação, agora subjetiva, que inclui ensaios, cartas de recomendação e possíveis entrevistas.

Como detalhado em outras seções deste relatório, instituições altamente seletivas têm mais probabilidade de adotar práticas como políticas de Admissão Antecipada, mantendo listas de espera e considerando outros fatores além das notas, resultados de testes e força do currículo do aluno, tais como **o ensaio, recomendações de professor/orientador, raça/etnia e resultados de testes de disciplinas**.¹⁰⁸ (NACAC, 2005, p. 22, grifo nosso)

Na prática, para escolas com grande demanda por ingresso, essa segunda etapa passa, efetivamente, a ser a fase que importa. Assim, os fatores objetivos servem para descartar candidaturas menos competitivas, ao mesmo tempo que os fatores subjetivos implicam a necessidade de que seja mantido um número viável de candidatos que justifique a necessidade de escolher-se entre eles.

¹⁰⁸ As detailed in other sections of this report, the most highly-selective institutions are most likely to engage in practices such as offering Early Decision policies, maintaining wait lists, and considering factors beyond a student's grades, test scores, and strength of curriculum, such as a student's essay, teacher/counselor recommendations, race/ethnicity, and subject test scores.

A décima edição do Relatório, de 2012, retoma especificamente a questão dos ensaios e cartas de recomendação como componentes de um segundo conjunto de fatores que compõem o processo decisório das instituições.

Um segundo conjunto de fatores – **ensaio ou amostra de redação**, recomendações de professores e orientadores, interesse que o aluno demonstrou [pela instituição] e atividades extracurriculares – foram na maioria das vezes classificadas como de importância moderada. Para muitas faculdades, esses fatores oferecem informação adicional sobre o desempenho acadêmico e os interesses do aluno, bem como de suas qualidades pessoais.¹⁰⁹ (NACAC, 2012, p. 34, grifo nosso)

A mesma edição do relatório ainda informa que pouquíssimas instituições dispensam candidatos do envio de ensaios e cartas de recomendação, mesmo nos casos de inscrição preferencial (*priority application*), ou seja, quando há oferta antecipada de vaga a candidatos considerados altamente qualificados.

Um número muito pequeno de instituições dispensou os candidatos de atender à exigência de ensaios e cartas de recomendação em 2006, 2007 e 2011. Muito raramente houve dispensa de resultados de testes e envio de históricos.¹¹⁰ (NACAC, 2012, p. 30)

Essa postura, novamente, reforça a percepção de que as instituições não abrem mão dos mecanismos subjetivos de seleção, e, portanto, não abdicam de salvaguardar seus interesses, mesmo diante de candidatos pré-selecionados.

A Tabela 2, na próxima página, também do Relatório de 2012, compara graus de importância de diferentes fatores no processo de admissão universitária até aquele momento.

¹⁰⁹ *A second set of factors—essay or writing sample, counselor and teacher recommendations, student's demonstrated interest and extracurricular activities—were most often rated as moderately important. For many colleges, these factors provide additional information about students' academic performance and interests, as well as their personal qualities.*

¹¹⁰ *A very small number of institutions waived essay and recommendation letter requirements in 2006, 2007 and 2011. Test score and transcript submission were very rarely waived.*

Tabela 2 - Fatores de Admissão¹¹¹

Tabela 4-1 Percentual de faculdades atribuindo diferentes níveis de importância a fatores de decisão admissional: 2011				
Fator	Importância Considerável	Importância Moderada	Importância Limitada	Sem importância
Notas em matérias preparatórias para a faculdade	84.3%	11.9%	2.3%	1.5%
Força do currículo escolar	67.7	20.4	5.8	6.2
Resultados do teste de admissão (SAT, ACT)	59.2	29.6	6.9	4.2
Notas em todas as matérias	51.9	39.2	6.9	1.9
Ensaio ou amostra de escrita	24.9	37.5	17.2	20.3
Interesse demonstrado pelo aluno	20.5	29.7	24.7	25.1
Recomendação do conselheiro	19.2	39.8	27.2	13.8
Classificação na turma	18.8	31.0	31.4	18.8
Recomendação de professor	16.5	41.9	26.5	15.0
Notas em Provas de Matérias sujeito (<i>Advanced Placement AP, International Baccalaureate IB</i>)	6.9	31.2	31.5	30.4
Portfólio	6.6	12.8	30.2	50.4
Entrevista	6.2	25.4	25.8	42.7
Pontuação no SAT II	5.4	9.7	22.6	62.3
Atividades extracurriculares	5.0	43.1	38.1	13.8
Resultados no exame estadual de conclusão	4.2	14.9	23.8	57.1
Trabalhos	2.3	17.0	43.2	37.5

FONTE: Pesquisa de Tendências de Admissão NACAC, 2011

Fonte: (NACAC, 2012, p. 30), Tabela original em inglês no Anexo B

De acordo com a tabela acima, a importância dos ensaios admissionais varia consideravelmente de instituição para instituição, indo de “importância nenhuma”, em 20,3% dos casos, à “importância considerável”, em 24,9%. A importância é “moderada” em 37,5% e “limitada” em 17,2%. Considerando-se as instituições que atribuem valor pelo menos moderado ao ensaio, tem-se um percentual de 62,4% de instituições que atribuem ao ensaio um grau de importância que não pode ser desconsiderado.

Dessa forma, ainda que a importância do ensaio admissional dentro do processo seletivo de cada instituição seja desconhecida, a variável não pode ser desconsiderada.

Que diferentes instituições atribuam importância diferente aos *personal statements* parece ser a consequência natural da existência de um objeto em meio a um contexto complexo. Diante da realidade de que as instituições de ensino superior relutam em abrir mão do mecanismo, resta a conclusão de que, embora não se possa conhecer sua importância dentro do contexto de cada escola, não se pode ignorar sua relevância como fator de aprovação.

Se a camada de decisão subjetiva não tivesse importância, não existiria motivo para que os mecanismos subjetivos fossem mantidos. Enquanto existirem, a despeito do “peso” que a instituição lhes queira atribuir, podem ser invocados a serviço dos interesses institucionais.

¹¹¹ Tabela original no Anexo B

9 Common Application – A Candidatura Distribuída

Até aqui, buscou-se o entender a importância do Ensaio Admissional e de sua dimensão no todo do processo de triagem de candidatos por parte das escolas. A perspectiva do candidato, no entanto, ainda não foi explorada.

Harry Bauld (2012, p. xii), no seu prefácio à vigésima quinta edição de *On Writing the College Application Essay*, lembra que em 1986, ano da primeira edição de seu livro, “os candidatos inscreviam-se tipicamente em seis ou sete escolas. Agora a inscrição em doze a quinze é rotina e muitos estudantes inscrevem-se em mais escolas”¹¹². Bauld (2012, p. xii) acrescenta ainda que “o novo clima [de mudanças desde a primeira edição] significa que o ensaio se tornou ainda mais importante”¹¹³.

A realidade das inscrições múltiplas não é um fenômeno recente e, até o surgimento da *Common Application*, candidatos precisavam preencher formulários e escrever ensaios para cada instituição pretendida. Em 1975, de acordo com Roth (2013)¹¹⁴, *Colgate University*, *Vassar College* e algumas poucas outras instituições com exigências semelhantes se reuniram e criaram um formulário comum para ser fotocopiado e enviado pelo correio. A iniciativa modesta, ainda de acordo com Roth (2013), tinha a missão elevada de aumentar o acesso por meio de um processo que fosse além das notas e resultados de testes para conduzir avaliações robustas de cada candidato. Ainda segundo o autor (2013), a *Common Application* passa a ser acessível pela internet em 1998 quando, para dar conta da demanda crescente, contrata pessoal para o trabalho até então realizado por voluntários e assume a forma jurídica de uma organização sem fins lucrativos. Os fundos para custear a operação são provenientes das taxas por candidaturas processadas pagas pelas universidades e que variam de acordo com exclusividade, ou seja, instituições participantes do sistema que disponibilizam formas alternativas de inscrição para seus candidatos pagam valores mais altos.

A plataforma de distribuição atualmente faz a mediação dos processos admissionais de quase 700 faculdades, de acordo com seu próprio website¹¹⁵.

¹¹² *In 1986 students typically applied to six or seven schools. Now applying to twelve to fifteen schools is routine, and many students apply to more.*

¹¹³ [...] *the new climate means the essay has become even more important...*

¹¹⁴ ROTH, A. *The uncommon rise of the common app*. 2013. Disponível em: <<http://marketdesigner.blogspot.com.br/2013/12/some-history-of-common-app.html>>. Acesso em: 18 ago. 2017

¹¹⁵ Disponível em: <<http://www.commonapp.org/>>. Acesso em: 29 mar. 2017.

Figura 16 – Página Inicial da *Common Application*

Fonte: Captura de Tela do Website *Common Application*

Embora a ideia por trás da *Common Application* seja a de centralizar o processo de candidaturas múltiplas, na prática, as instituições criaram exigências adicionais, conhecidas como *supplements*, ou suplementos, que obrigam os candidatos a complementar suas candidaturas com informações e ensaios específicos para cada instituição.

Em uma sociedade de livre concorrência, outras iniciativas surgiriam para competir com a *Common Application*. Atualmente, além dessa organização, existem a *Coalition for Access, Affordability and Success*¹¹⁶ e a *Universal College Application*¹¹⁷. A *Common Application*, no entanto, prossegue na liderança, congregando o maior número de escolas, seguida pela *Universal College Application*, uma operação comercial, fundada em 2007, que, no seu auge, contou com aproximadamente 80 instituições, segundo Roth (2013).

¹¹⁶ Disponível em <<http://www.coalitionforcollegeaccess.org/>>. Acesso em: 29 mar. 2017.

¹¹⁷ Disponível em <<https://www.universalcollegeapp.com/>>. Acesso em 29 mar. 2017.

Figura 17 – Página Inicial da *Coalition for Access, Affordability and Success*

Fonte: Captura de Tela – Website da *Coalition for Access, Affordability and Success*

De forma semelhante ao que acontece com a *Universal College Application*, a *Coalition for Access, Affordability and Success* agrega um número de escolas bem menor do que a *Common Application*, congregando, segundo seu website¹¹⁸ 90 instituições. A instituição vem conquistando o espaço merecido por uma organização que luta por inclusão e que consegue dispensar seus candidatos de baixa renda do pagamento das taxas de inscrição¹¹⁹ exigidas pela maioria das escolas associadas. Em sua página inicial, a *Coalition for Access, Affordability and Success* investe nos estereótipos da desigualdade para angariar simpatia e suporte para sua causa. Dentre os rostos na imagem que serve de pano de fundo, apenas três estão em foco, de jovens do sexo feminino e pertencentes a minorias étnicas, deixando subentendido que minorias étnicas e mulheres têm, ainda hoje, maior dificuldade de acesso à educação superior norte-americana.

¹¹⁸ Disponível em: <<http://www.coalitionforcollegeaccess.org/members.html>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

¹¹⁹ A taxa de inscrição aqui se refere aos valores pagos pelo candidato a cada instituição (*application fee*) para a qual se inscreva. O candidato não paga, pelo menos de forma direta, pelo processamento das inscrições pela plataforma que é, por sua vez, arcado pelas instituições.

Part III – O Desafio ao Candidato

10 As Proposições

Tendo chegado até os nossos dias por meio de um longo e tortuoso caminho, o ensaio admissional apresenta-se para o candidato como um desafio cujo ponto de partida é uma proposição que deve ser respondida.

No caso da UJH, com relação às exigências de ingresso, o candidato depara-se com as seguintes instruções:

Candidatos ao Primeiro Ano

Candidaturas são aceitas: de agosto à janeiro somente para o semestre do outono.¹²⁰

Aceitamos a *Common Application*, a *Universal College Application*, e a *Coalition Application* para candidatos ao primeiro ano.¹²¹

Compreendendo-se que os ensaios são distribuídos pelas plataformas de distribuição, é necessário investigar as proposições veiculadas para saber se essas instruções podem ter tido impacto sobre os ensaios analisados.

10.1 *Common Application*

O ensaio principal solicitado pela UJH, por meio da *Common Application*, deve demonstrar que o candidato é capaz de escrever de forma clara e concisa sobre o tema escolhido ao mesmo tempo em que deve auxiliar o candidato a distinguir-se dos demais. O tema deverá servir de “inspiração” e dar “estrutura” ao ensaio. Há um limite de seiscentas e cinquenta palavras e o formulário eletrônico de inscrição não aceitará uma resposta com menos de duzentos e cinquenta.

O sistema apresenta uma série de cinco proposições para que o candidato escolha a que melhor auxilie a responder sobre o que gostaria que a universidade soubesse sobre ele.

Os enunciados são os seguintes:

¹²⁰ Calouros ingressam no semestre do outono que começa em setembro.

Disponível em: <<https://apply.jhu.edu/apply/first-year-applicants/>> Acesso em: 07 fev. 2017.

¹²¹ Os candidatos podem utilizar qualquer um dos três serviços de encaminhamento de inscrições. Esses mecanismos foram criados para facilitar inscrições múltiplas e não são facultativos. Alunos de primeiro ano precisam fazer sua inscrição por meio de uma dessas entidades.

Alguns alunos têm uma formação, uma identidade, um interesse, ou talento que é tão importante que acreditam que suas inscrições seriam incompletas sem isso. Se essa descrição se aplica a você, compartilhe sua história.

As lições que aprendemos a partir de nossos fracassos podem ser fundamentais para nosso sucesso futuro. Conte-nos um incidente em que teve a experiência do fracasso. Como isso o afetou e o que aprendeu da experiência?

Pense em uma ocasião em que tenha desafiado uma crença ou ideia. O que o levou a agir? Você faria o mesmo de novo?

Descreva um problema que tenha resolvido. Pode ser um desafio intelectual, um problema de pesquisa, um dilema ético – qualquer coisa com importância pessoal independentemente da dimensão. Explique o significado disso para você e que passos foram tomados ou poderiam ser tomados para identificar uma solução.

Discuta uma conquista ou evento, formal ou informal, que tenha marcado sua transição da infância à idade adulta dentro de sua cultura, comunidade ou família.¹²²

Percebe-se que as proposições pedem ao candidato que relate episódios de sua vida, remetendo a uma uniformidade de expressão que reforça a percepção de que *personal statements* são textos nos quais são relatados episódios autobiográficos.

10.2 Universal College Application

A *Universal College Application* inicia com a solicitação de que o candidato informe a universidade na qual deseja ingressar para depois apresentar as exigências pertinentes. Para candidatos ao primeiro ano da Universidade Johns Hopkins, a lista inclui um ensaio admissional (*Personal Statement*) de 650 palavras e uma “Descrição de Atividades” contendo 150 palavras sobre atividades extracurriculares, de trabalho e de voluntariado.

¹²² *Some students have a background, identity, interest, or talent that is so meaningful they believe their application would be incomplete without it. If this sounds like you, then please share your story.*

The lessons we take from failure can be fundamental to later success. Recount an incident or time when you experienced failure. How did it affect you, and what did you learn from the experience?

Reflect on a time when you challenged a belief or idea. What prompted you to act? Would you make the same decision again?

Describe a problem you've solved or a problem you'd like to solve. It can be an intellectual challenge, a research query, an ethical dilemma—anything that is of personal importance, no matter the scale. Explain its significance to you and what steps you took or could be taken to identify a solution.

Discuss an accomplishment or event, formal or informal that marked your transition from childhood to adulthood within your culture, community, or family.

Disponível em <<https://apply.commonapp.org/ca4app#!c/0/33?sid=6&t=1486515632437>>. Acesso em: 07 fev. 2017.

Por favor, escreva um ensaio que demonstre sua capacidade de desenvolver e comunicar seus pensamentos. Algumas ideias incluem: uma pessoa que admire; uma experiência que tenha transformado sua vida; ou seu ponto de vista sobre um evento atual em particular.¹²³ (*Universal College Application*)

A *Universal College Application* apresenta uma aparente abertura maior, com proposições sobre “uma pessoa que o candidato admire” e um “ponto de vista sobre um evento”. Ao posicionar-se sobre esses assuntos, no entanto, o candidato é forçado a investir seu enunciador de um *éthos* alinhado com tais escolhas e que pode muito provavelmente, por força da necessidade de ancoragem na realidade, implicar experiências pessoais.

10.3 *Coalition for Access, Affordability and Success*

A *Coalition for Access, Affordability and Success*, mais conhecida como *Coalition*, é uma “iniciativa de várias faculdades e universidades públicas e privadas que se uniram para melhorar o processo de candidatura à faculdade para todos os estudantes”¹²⁴.

Os enunciados disponibilizados pela coalizão para os alunos candidatos ao primeiro ano, entre 2016 e 2018, são os seguintes:

Conte uma história de sua vida, descrevendo uma experiência que demonstre ou tenha contribuído para a formação de seu caráter.

Descreva um momento em que tenha feito uma contribuição para outras pessoas em que o bem maior tenha sido o seu foco. Discuta os desafios e recompensas dessa contribuição.

Já houve algum momento em que uma crença cultivada ou aceita há muito tempo tenha sido posta à prova? Como respondeu a isso? E como isso afetou suas crenças? Qual é a parte mais difícil de ser um adolescente hoje em dia? E qual a melhor parte? Que conselho daria a um irmão ou amigo mais novo (supondo que fossem prestar atenção)?

Envie um ensaio sobre um tema de sua escolha.¹²⁵

¹²³ Please write an essay that demonstrates your ability to develop and communicate your thoughts. Some ideas include: a person you admire; a life-changing experience; or your viewpoint on a particular current event.

Disponível em: < <https://www.universalcollegeapp.com/essay#first-year>>. Acesso em: 07 fev. 2017.

¹²⁴ a consortium of diverse public and private colleges and universities that has come together to improve the college admission application process for all students.

Disponível em: < <https://shibboleth-idp.collegenet.com/idp/Authn/UserPassword>> Acesso em: 07 fev. 2017.

¹²⁵ -Tell a story from your life, describing an experience that either demonstrates your character or helped to shape it.

- Describe a time when you made a meaningful contribution to others in which the greater good was your focus. Discuss the challenges and rewards of making your contribution.

- Has there been a time when you've had a long-cherished or accepted belief challenged? How did you respond? How did the challenge affect your beliefs?

- What is the hardest part of being a teenager now? What's the best part? What advice would you give a younger sibling or friend (assuming they would listen to you)?

- Submit an essay on a topic of your choice.

A *Coalition for Access, Affordability and Success*, por sua vez, utiliza proposições que remetem diretamente a uma “história” ou um “momento” na vida do candidato. A terceira proposição utiliza o artifício de perguntar sobre um conselho a ser dado a um irmão ou amigo mais jovem, pressupondo, portanto, que tal aconselhamento seja fruto de uma maior experiência de vida, ainda que tal diferença possa ser tênue.

11 O *Éthos* Institucional

No mundo concreto, a Universidade Johns Hopkins fica situada em Baltimore, no estado de Maryland. A Universidade ocupa dois campi, o campus *Johns Hopkins Homewood* e o Campus de *East Baltimore*.

No mundo digital, ao visitar o website da Universidade Johns Hopkins, o visitante depara-se com uma página de design despojado e minimalista, reproduzido na Figura 18, informando que a instituição foi a primeira universidade norte-americana de pesquisa, com a missão de investigar as grandes ideias e compartilhar o conhecimento para tornar o mundo melhor. Uma visão, segundo a universidade, da qual a instituição não se afasta há mais de cento e quarenta anos.

Figura 18 – UJH Página Inicial¹²⁶

Fonte: Captura de Tela – Website da Universidade Johns Hopkins

11.1 Valores Institucionais

De acordo com a página de abertura de seu website, a Universidade Johns Hopkins é uma Universidade marcada pela diversidade intelectual, guiada por uma curiosidade de foco global e reconhecida por sua pesquisa. A instituição ainda informa que mais de 21 mil alunos estão matriculados em seus programas de graduação e pós-graduação em suas nove escolas. A

¹²⁶ Disponível em: <<https://www.jhu.edu/>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

Universidade Johns Hopkins, ainda segundo a própria instituição, ao longo dos últimos 36 anos, foi a instituição que mais investiu em pesquisa dentre todas as universidades norte-americanas.

Trinta e seis de seus pesquisadores passados e atuais receberam o prêmio Nobel e a universidade está presente em mais de cento e cinquenta países, conduzindo pesquisas, treinamentos e atividades relacionadas. A Universidade também enfatiza multidisciplinaridade e a integração do trabalho de nove divisões, que, juntamente com o Laboratório de Física Aplicada, integram a universidade. Sobre a diversidade de seus programas a universidade informa que seus “[...] professores e alunos estudam, ensinam e aprendem dentro de seu curso, ou percorrendo mais de 240 cursos reconhecidos como dentre os melhores do país.”¹²⁷.

11.2 Cuidado! Pessoas Inteligentes

O website atual da universidade é funcional e dinâmico, visando atrair internautas com inclinação acadêmica por meio de manchetes sobre avanços científicos e testemunhos de professores e alunos que desafiam o candidato em potencial a integrar a escola.

Figura 19 – UJH – As Pessoas Mais Inteligentes do Mundo¹²⁸

Fonte: Captura de Tela – Website da Universidade Johns Hopkins

¹²⁷ [...] faculty and students study, teach, and learn in and across more than 240 programs regularly recognized as being among the nation's best.

¹²⁸ Disponível em: <<https://www.jhu.edu/>>. Acesso em: 5 fev. 2017.

Na Figura 19, vista na página anterior, o Professor Lawrence Aronhime avisa que a *Johns Hopkins* congrega algumas das pessoas mais inteligentes do mundo. Abaixo, na Figura 20, o Presidente Ronald J. Daniels afirma que o compromisso com a pesquisa arrojada continua vivo desde a fundação da instituição.

Figura 20 – UJH – Compromisso com a Pesquisa¹²⁹

Fonte: Captura de Tela – Website da Universidade Johns Hopkins

Dando seu testemunho, Pia, aluna de pós-graduação, vista na Figura 21, afirma que encontrar o seu lugar é apenas uma questão de descobrir o que funciona para cada um e chama a atenção para a pesquisa prática que possa ser aplicada. Segundo o mesmo testemunho, a pesquisa deve atender a uma necessidade de alguma comunidade e ter impacto sobre políticas.

Figura 21 – UJH – Oportunidades¹³⁰

Fonte: Captura de Tela – Website da Universidade Johns Hopkins

¹²⁹ Disponível em: <<https://www.jhu.edu/>>. Acesso em: 5 fev. 2017.

¹³⁰ Disponível em: <<https://www.jhu.edu/>>. Acesso em: 5 fev. 2017.

Para Pauline, aluna de graduação estudando História da Arte e apresentada na Figura 22, é fácil encontrar pessoas diferentes e com tanto a dizer que qualquer aluno gostaria de passar todo seu tempo conversando com elas. Para ela, a UJH é uma experiência de crescimento dentro e fora da sala de aula, onde também se aprende interagindo com outras pessoas.

Figura 22 – UJH – Interação¹³¹

Fonte: Captura de Tela – Website da Universidade Johns Hopkins

11.3 Seja a Diferença

A página principal do website apresenta um vídeo composto de segmentos curtos cuidadosamente elaborados para comunicar uma perspectiva de fora para dentro. Os vídeos, que vão mudando com novas visitas ao website, apresentam ao visitante um mundo atraente e, de certa forma, misterioso do qual não faz parte. Esse efeito é obtido a partir de imagens que não são totalmente compreensíveis para quem não esteja imerso no contexto da universidade. Não são as imagens óbvias comumente encontradas em websites semelhantes, mostrando laboratórios assépticos e alunos vestindo jalecos.

¹³¹ Disponível em: <<https://www.jhu.edu/>>. Acesso em: 5 fev. 2017.

As imagens nas páginas 86 a 90 são representativas de vídeos apresentados em cinco visitas distintas.

A primeira sequência de imagens capturadas apresenta uma pessoa com traje de proteção trabalhando em uma plantação, jogadores de hóquei entrando em campo e alunos caminhando pelo campus da universidade.

A segunda sequência mostra um aluno chegando ao campus de bicicleta, alunos entrando em uma sala de aspecto solene e um nadador completando sua chegada com a toca de natação da universidade.

A terceira sequência traz a biblioteca, peixes sendo observados em um aquário e uma sala de estudos.

A quarta sequência de imagens exibe um dos telescópios de micro-ondas do Observador Cosmológico de Grande Escala Angular (CLASS¹³²) no deserto de Atacama, uma sala de convivência e um treino de futebol americano.

Por último, a quinta sequência vem com a turma de 2020 reunida no campus da universidade, uma sala de aula com sete pessoas e um saguão onde uma das paredes exibe a citação de Ghandi: **“Seja a mudança que deseja ver no mundo.”**

¹³² *Cosmology Large Angular Scale Surveyor*

11.3.1 Sequência nº 1

Figura 23 – Sequência 1 Cena 1

Fonte: Captura de Tela – Website da Universidade Johns Hopkins

Figura 24 – Sequência 1 Cena 2

Fonte: Captura de Tela – Website da Universidade Johns Hopkins

Figura 25 – Sequência 1 Cena 3¹³³

Fonte: Captura de Tela – Website da Universidade Johns Hopkins

¹³³ Capturas com base em vídeo.Disponível em: <<https://www.jhu.edu/>>. Acesso em: 5 fev. 2017.

11.3.2 Sequência nº 2

Figura 26 – Sequência 2 Cena 1

Fonte: Captura de Tela – Website da Universidade Johns Hopkins

Figura 27 – Sequência 2 Cena 2

Fonte: Captura de Tela – Website da Universidade Johns Hopkins

Figura 28 – Sequência 2 Cena 3¹³⁴

Fonte: Captura de Tela – Website da Universidade Johns Hopkins

¹³⁴ Capturas com base em vídeo.

Disponível em: <<https://www.jhu.edu/>>. Acesso em: 5 fev. 2017

11.3.3 Sequência n° 3

Figura 29 – Sequência 3 Cena 1

Fonte: Captura de Tela – Website da Universidade Johns Hopkins

Figura 30 – Sequência 3 Cena 2

Fonte: Captura de Tela – Website da Universidade Johns Hopkins

Figura 31 – Sequência 3 Cena 3¹³⁵

Fonte: Captura de Tela – Website da Universidade Johns Hopkins

¹³⁵ Capturas com base em vídeo.

Disponível em: <<https://www.jhu.edu/>>. Acesso em: 5 fev. 2017

11.3.4 Sequência nº 4

Figura 32 – Sequência 3 Cena 1

Fonte: Captura de Tela – Website da Universidade Johns Hopkins

Figura 33 – Sequência 3 Cena 2

Fonte: Captura de Tela – Website da Universidade Johns Hopkins

Figura 34 – Sequência 3 Cena 3¹³⁶

Fonte: Captura de Tela – Website da Universidade Johns Hopkins

¹³⁶ Capturas com base em vídeo.

Disponível em: <<https://www.jhu.edu/>>. Acesso em: 5 fev. 2017

11.3.5 Sequência nº 5

Figura 35 – Sequência 5 Cena 1

Fonte: Captura de Tela – Website da Universidade Johns Hopkins

Figura 36 – Sequência 5 Cena 2

Fonte: Captura de Tela – Website da Universidade Johns Hopkins

Figura 37 – Sequência 5 Cena 3¹³⁷

Fonte: Captura de Tela – Website da Universidade Johns Hopkins

¹³⁷ Capturas com base em vídeo.

Disponível em: <<https://www.jhu.edu/>>. Acesso em: 14 fev. 2017

11.4 Pesquisa e mais Pesquisa

O último elemento na página principal é um mosaico dinâmico, reproduzido na Figura 38 abaixo, no qual áreas quadrangulares alternam-se na apresentação dos diversos temas de pesquisa na mira da universidade.

Figura 38 – UJH e Pesquisa¹³⁸

Fonte: Captura de Tela – Website da Universidade Johns Hopkins

Por meio do mosaico, a universidade apela para a curiosidade dos visitantes com manchetes como: “Receita para ficar viciado”, “Previsão de desastres”, “Entre a granja e o garfo”, “O gigantesco hábito norte-americano de desperdiçar comida”, “Desacelerando a evolução do Alzheimer”, “Mudança climática e canários em mares frios”, “Aprendendo do homem conhecido apenas como ‘ele’”, “Uma técnica permite que amputado controle membros prostéticos com seus pensamentos”, “Minicérebros podem reformular a testagem de medicamentos em pesquisa cerebral”, “Plantações em Telhados”, “Paleontólogo amador encontra ossos grandes e pequenos”, “Travessia rumo à segurança”, “Sua memória de cores não é o que imagina”, “Inventando a Inventologia: defendendo o estudo da inventividade humana”, “O fim do fim da linha”, “Energéticos: Risco em lata”, “O índice do universo”, “Estudando a biologia do voo do morcego”, “De que jeito o mundo vai conseguir ajudar seus refugiados?”, “O dilema americano das vacinas”, “Em favor das armas e de verificação de antecedentes”, “Estudo: Zika mata células chave para o desenvolvimento cerebral do feto”, “A

¹³⁸ Disponível em: <<https://www.jhu.edu/>>. Acesso em: 06 fev. 2017.

viagem épica da *New Horizon* até Plutão”, “Terapia portátil para o mal de Parkinson”, “A injeção vale o risco” e “A longa sombra de um começo pobre”.¹³⁹

As imagens e informações apresentadas no website cumprem uma função dupla e vão além de demarcar o território da instituição no espaço virtual da rede, buscando estabelecer, por meio de reconhecimento mútuo, um vínculo com seus candidatos em potencial. Se possíveis candidatos talvez não conheçam a instituição tanto quanto deveriam, a instituição, por outro lado, sabe muito bem quem quer como alunos.

Por meio de textos, imagens e vídeos, a instituição apresenta-se como um centro de pesquisa, onde pesquisar não é uma atividade árida, enfadonha e restrita. A Universidade Johns Hopkins representa-se como um centro no qual ciência, pesquisa e tecnologia não são atividades restritas a *nerds*, presos dentro de uma instituição ou de um laboratório, mas de pessoas arrojadas e ecléticas, munidas de curiosidade, talento e energia.

A universidade não escolhe mostrar em seus breves vídeos uma competição de natação ou uma partida de futebol. Prefere, em vez disso, mostrar a rotina diária dos treinamentos. Quando mostra cenas que remetem à pesquisa, mostra espaços abertos que não impedem a presença da alta tecnologia. A partir de imagens enigmáticas, a Universidade Johns Hopkins estabelece um processo de reconhecimento por parte de indivíduos observadores e disciplinados. Para os que não conseguem encontrar as pistas escondidas, a universidade dá um empurrão com as palavras de Ghandi, chamando pelos idealistas desejosos de participar da construção de um mundo melhor a partir da responsabilidade individual.

No plano das manchetes sobre pesquisa, a instituição representa-se como eclética e relevante, cobrindo assuntos que vão da preocupação com o desperdício de alimentos até o debate norte-americano sobre a necessidade da vacinação infantil. Com dezenas de assuntos distintos, a universidade esforça-se para atrair a atenção de possíveis candidatos que venham a perceber seus interesses refletidos nas preocupações da instituição.

¹³⁹ “Prescription for addiction”, “Disaster forecasting”, “Between farm and fork”, “America’s massive food waste habit”, “Slowing down Alzheimer’s advance”, “Climate change and canaries in cold seas”, “Learning from the man known as ‘him’”, “Technique allows amputee to control prosthetic limbs with his thoughts”, “Mini-brains could reshape brain research, drug testing”, “Rooftop Crops”, “Amateur paleontologist finds bones big and small”, “Crossing to safety”, “Your memory of colors isn’t as good as you think it is”, “Inventing Inventology: the case for the study of human inventiveness”, “The end of the end of the line”, “Energy drinks: Risk in a can”, “Table of contents of the universe”, “Studying the biology of bat flight”, “How can the world afford to help its refugees?”, “America’s vaccine dilemma”, “For guns and for background checks”, “Study: Zika kills cells key to fetal brain development”, “New Horizon’s epic voyage to Pluto”, “Portable Parkinson’s Therapy”, “It’s worth a shot”, “The long shadow of a poor start”.

11.5 *O Campo de Jogo*

Por meio de seu discurso, a instituição estabelece um campo de jogo e suas regras. Essas regras são de fácil percepção ao olhar atento e são estabelecidas em torno dos valores subjacentes a esse discurso. A instituição sabe o que quer. Melhor ainda, a instituição sabe quem quer. É a partir daí que se estabelece a função primordial do ensaio admissional, a de possibilitar à instituição acesso ao *éthos* do candidato, por meio de um texto autobiográfico de características especiais que atentam às regras desse jogo.

Diante do discurso institucional que simula conhecer o candidato, ainda que com base em um perfil, a instituição forja uma via de reconhecimento, na qual o candidato, tendo-se identificado com esse discurso, é tentado a dar um próximo passo, por meio da candidatura, em busca do reconhecimento formal por parte da instituição.

12 O Desafio Autobiográfico

Depois de tentar entender um pouco melhor o que a instituição parece esperar de seu futuro candidato, é hora de escrever o ensaio admissional a partir das proposições apresentadas. É nesse ponto que o candidato se encontra, possivelmente pela primeira vez, diante do desafio de produzir seu autorretrato. E não deverá ser um autorretrato qualquer. Este não é o momento para uma *selfie* casual. As circunstâncias impostas pela competição exigirão um exercício de profunda reflexão para que o texto represente um candidato alinhado com as expectativas e valores da instituição.

Talvez ninguém tenha capturado melhor a dificuldade da representação de si do que o célebre ilustrador norte-americano Norman Rockwell. Os autorretratos eram velhos conhecidos de Rockwell quando pintou uma de suas mais conhecidas ilustrações, seu *Triple Self-Portrait*, ou Autorretrato Triplo, de 1960.

Não é difícil, diante da ilustração de Rockwell, vista na Figura 40 na página 97, perceber-se a representação do movimento de ir e vir do pintor diante de seu reflexo. Chamam a atenção as referências que escolhe ao retratar a si mesmo. À sua direita estão autorretratos de Dürer, Rembrandt, Picasso e Van Gogh¹⁴⁰, convidando, de acordo com o website do *Norman Rockwell Museum*, a comparar o modo como cada um dos artistas enfrentou o problema do autorretrato.

A representação ainda inclui elementos inusitados, como a fumaça vinda do cesto de lixo contendo material potencialmente inflamável, o copo que se equilibra precariamente sobre o livro aberto, o croqui com diferentes ângulos possíveis para o retrato, o capacete de bombeiro francês que comprara na França pensando tratar-se de uma antiguidade.

Rockwell com frequência jogava as cinzas de seu cachimbo na lixeira. Mais de uma vez, essas cinzas fizeram trapos com tinta óleo, também frequentemente encontrados na lixeira, pegar fogo.¹⁴¹

As manobras utilizadas por Rockwell ao criar a ilustração foram diversas: inseriu elementos de desordem que, segundo testemunhas, não correspondiam a um Rockwell que era,

¹⁴⁰ *The four self-portraits on his canvas - Albrecht Durer, Rembrandt van Rijn, Pablo Picasso, and Vincent Van Gogh - are his references. They invite us to compare (as he did) how other artists tackled the problem of a self-portrait.*

¹⁴¹ *Rockwell often dumped the ashes from his tobacco pipe into the trashcan. On more than one occasion, those ashes actually caught some oily painty rags, also usually found in the trash can, on fire.* Disponível em: <<http://www.best-norman-rockwell-art.com/1960-triple-self-portrait.html#ixzz4qFNWgPed>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

na realidade, organizado; substituiu elementos como sua cadeira por um banquinho para aumentar a visibilidade e incluiu objetos de referência. Ao retratar-se com e sem óculos, Rockwell acrescentou a dimensão temporal de uma pintura ainda em andamento, tornando o efeito de realidade ainda maior.

Os objetos representados têm muito a dizer, estabelecendo relações entre o sujeito e o seu entorno. Esses elementos permitem a temporalização e a espacialização, além de possibilitar situar a actorialização discursiva.

Os objetos que representa são identificáveis e compatíveis com a tarefa que realiza, com um local pertinente e até mesmo uma época. As imagens que usa como referência são representações de retratos clássicos que remetem a objetos no mundo concreto.

O ator é, por sua vez, investido das múltiplas inter-relações com os elementos presentes, de um modo de fazer e de um modo de ser que ancoram a narrativa, dando-lhe efeito de realidade. No sentido da ocupação do imaginário, o triplo autorretrato de Rockwell é, possivelmente, mais “real” do que o próprio Rockwell.

Figura 39 – Clemens Kalisher – Fotografia de Referência para o Triple Self-Portrait, 1960, Norman Rockwell Museum, Stockbridge, Massachusetts, EUA¹⁴²

Fonte: Website do Norman Rockwell Museum

¹⁴² Disponível em: <<http://www.nrm.org/MT/text/TripleSelf.html#>>. Acesso em: 4 set. 2017.

Figura 40 – Norman Rockwell - *Triple Self-Portrait*, 1960, Óleo sobre Tela, 113.5 x 87.5 cm, Norman Rockwell Museum, Stockbridge, Massachusetts, EUA¹⁴³

Fonte: Website do Norman Rockwell Museum

¹⁴³ Fonte: *Norman Rockwell Museum*

Disponível em: < <http://www.nrm.org/MT/text/TripleSelf.html>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

Diante do autorretrato de Rockwell, temos uma demonstração eficaz de como o artista, por meio da ancoragem histórica, faz o observador esquecer que está apenas diante de uma representação. Essa eficácia, por sua vez, decorre da escolha meticulosa dos referenciais de lugar e tempo que permitem a constituição do simulacro do referente externo necessário ao efeito de realidade.

Por ancoragem histórica compreende-se a disposição, no momento da instância da figurativização do discurso, de um conjunto de índices espaços-tempos e, mais particularmente, de topônimos e de cronôminos que visam a constituir o simulacro de um referente externo e produzir o efeito de sentido “realidade”. (GREIMAS; COURTÈS, 2013, p. 30)

Em seu Autorretrato Triplo, Rockwell é extremamente bem-sucedido em fazer-crer. Tarefas e dificuldades semelhantes recaem sobre o autor do ensaio admissional. Ao escrever um ensaio admissional, o candidato também precisa de um simulacro da realidade que produza uma **ancoragem histórica** capaz de emprestar credibilidade à sua representação identitária.

12.1 Ilusões e Pactos

O caráter autobiográfico do ensaio admissional impõe o exame de questões em torno da representação identitária. De forma sintética, LeJeune (2014, p. 27) nos relembra que o autor de um texto é apenas uma pessoa imaginada a partir de um discurso.

Para o leitor, que não conhece a pessoa real, embora creia em sua existência, o autor se define como a pessoa capaz de produzir aquele discurso e vai imaginá-lo, então, a partir do que ele produz.

Em sua observação, LeJeune (2014, p. 27) refere-se a “autor”, no sentido da autoria de livros, mas é eficaz em alertar para a realidade de que o candidato escrevendo um ensaio admissional poderia dar autoria a uma infinidade de outros textos, cada um com uma representação diferente de si.

Talvez só se seja verdadeiramente autor a partir de um segundo livro, quando o nome próprio inscrito na capa se torna um “denominador comum” de pelo menos dois textos diferentes, dando assim a ideia de uma pessoa que não é redutível a nenhum destes textos em particular e que, podendo produzir um terceiro, vai além de todos eles.

Diante da autobiografia, LeJeune (2014, p. 27) ensina que a complexidade pode ser ainda maior em virtude da inexistência do que chamou de “espaço autobiográfico”, uma área de possibilidade da representação biográfica contraposta a representações não biográficas que lhe tenham precedido.

Veremos que isso é muito importante para a leitura de autobiografias: se a autobiografia é um primeiro livro, seu autor é consequentemente um desconhecido, mesmo se o que conta é sua própria história: falta-lhe, aos olhos do leitor, esse signo de realidade que é a produção anterior de outros textos (não autobiográficos), indispensável ao que chamaremos de “espaço autobiográfico”.

O ensaio admissional, no entanto, parece eficiente em produzir efeitos de realidade, convencendo o leitor de que o simulacro nele contido representa, com fidelidade, a identidade e o *éthos* de um indivíduo. A questão do espaço autobiográfico é resolvida por meio de um acordo tácito que se estabelece com a resposta a uma proposição que determina o caráter autobiográfico da resposta. A partir desse ponto, estabelece-se a crença por parte da instituição e do candidato de que o ensaio é autobiográfico, ainda que essa autobiografia não reflita com exatidão a história de vida do candidato por conta da representação identitária com ele sincretizada.

O pacto que se estabelece remete à conclusão de que o acesso ao *éthos* veiculado pela representação do enunciador seja, possivelmente, mais importante para o reconhecimento por parte do destinatário do que o *éthos* do candidato no mundo concreto.

O *éthos* representado pelo enunciador, dessa forma, fornece uma espécie de “radiografia” do candidato no mundo concreto e permite concessões desde que a narrativa, em função de ancoragem bem-sucedida na realidade, seja minimante capaz de persuadir o destinatário de que poderia ser verdadeira. Essa percepção é confirmada pelos comentários dos avaliadores sobre os textos apresentados, onde é nítido que os simulacros são tidos como os indivíduos reais, tratados por seus respectivos nomes e, com frequência, imaginados integrando a vida no campus, como será visto mais detalhadamente no item 15.9, referente à análise dos comentários, sem que seja mencionada a possibilidade de que suas representações não correspondam, de fato, aos candidatos.

No ensaio admissional o efeito de realidade é, em grande parte, alcançado por veiculação de sentidos que remetem ao *éthos* do enunciador. Por meio de relatos de episódios que posicionam o enunciador e seus valores identitários diante do mundo, *o destinatário no mundo concreto é levado a crer que existe um indivíduo correspondente depositário desses*

*valores no mundo concreto.*¹⁴⁴ Diante da importância do reconhecimento do quadro axiológico, os supostos eventos em torno da articulação dos valores identitários adquirem importância secundária.

O reconhecimento de um quadro axiológico desejável, por sua vez, fecha o ciclo de investimentos em objetos-modais como veículos capazes de atribuir valores identitários a um quadro axiológico com o qual o enunciatário buscou demonstrar conjunção, desencadeando um processo de fazer-crer. Diante do reconhecimento de atributos desejáveis, o destinatário estará diante de duas posições: a de acreditar ou duvidar que a representação tenha ressonância no mundo concreto, sendo essas possibilidades condicionadas ao sucesso das ancoragens discursivas presentes no enunciado.

Se compreendermos o *éthos*, como visto em Harkot-de-La-Taille (2013, p. 4), como um efeito de sentido de identidade, reforça-se a ideia de que a eficácia da comunicação identitária é o que importa para o sucesso do texto com todos os demais elementos de ancoragem na realidade tendo uma importância menor do que a que talvez tivessem em outros tipos de textos autobiográficos. Fecha-se, no ensaio admissional, um círculo, entre as representações de “*éthos*” e “identidade”, que permite, por meio do foco no primeiro elemento, o acesso ao segundo.

Paralelamente, tomam corpo crescentes investigações sobre os efeitos *de sentido de identidade*, particularmente sobre o *éthos*, termo que responde ao postulado semiótico segundo o qual não são pessoas de carne e ossos os sujeitos da enunciação, mas simulacros, discursivos por definição, recuperáveis, num movimento de pressuposição lógica, por pistas, por marcas de pessoa, espaço e tempo, deixadas nos enunciados. (itálico da autora)

Diante da correlação entre identidade e *éthos*, por sua vez, percebe-se o valor que o rastreamento das pistas de que fala Harkot-de-La-Taille (2013, p. 14) possui para o entendimento dos mecanismos pelos quais se articula o simulacro do candidato, instaurando credibilidade naquilo que é apresentado como a representação correspondente a um indivíduo

¹⁴⁴ Para efeito desta análise, as contraposições usuais entre enunciador e enunciatário, destinador e destinatário nem sempre podem ser mantidas em virtude da natureza de um texto no qual a representação provoca reações no mundo concreto. Quando é feita referência a enunciador e enunciatário, a relação estabelece-se no e pela atividade linguística, portanto neste caso, no âmbito do texto do ensaio admissional. Já destinador e destinatário operam no mundo concreto, respectivamente sincretizados com candidato e instituição. A quebra da paridade, quando ocorre neste texto, é intencional e reflete situações nas quais a representação desencadeia reação ou efeito no mundo concreto, portanto, entre enunciador e destinatário, lembrando-se que o destinatário não pode ser simplesmente sincretizado com o enunciatário, em virtude da realidade de ser o enunciatário meramente presumido pelo candidato e desprovido de poder no mundo concreto.

no mundo concreto. Esses mecanismos sustentam-se no que a semiótica chama de “efeito de realidade” ou “efeito de referente”, como ensina Barros (2011, p. 59).

Por efeitos de realidade ou de referente entendem-se **as ilusões discursivas** de que os fatos contados são “coisas ocorridas”, de que seus seres são de “carne e osso”, de que o discurso, enfim copia o real. Como no caso anterior, são ilusões criadas, efeitos de sentido, produzidos no discurso graças a procedimentos diversos.

É exatamente essa necessidade das “coisas ocorridas”, relatadas como fatos, de que fala Barros (2011, p. 59), que impõe ao *personal statement*, se compreendido como texto de suposto acesso à identidade de um indivíduo, a necessidade do relato de episódios que servirão de ancoragem com um mundo supostamente real.

Os efeitos de realidade ou de referente como também nos ensina Barros (2011, p. 60) são “construídos mais frequentemente por meio de procedimentos de semântica discursiva e não da sintaxe, ao contrário do que ocorre com os efeitos de enunciação”.

O recurso semântico denomina-se *ancoragem*. Trata-se de atar o discurso a pessoas, espaços e datas que o receptor reconhece como “reais” ou “existentes”, pelo procedimento semântico de concretizar cada vez mais os atores, os espaços e o tempo do discurso, preenchendo-os com traços sensoriais que os “iconizam”, os fazem “cópias da realidade”. Na verdade, fingem ser “cópias da realidade”, produzem tal ilusão. (BARROS, 2011, p. 60)

O sucesso dessas manobras de sentido instaura a credibilidade em um simulacro de realidade no qual está inserido o simulacro refletindo o próprio candidato. Estabelecida a credibilidade do simulacro de realidade, passa-se à possibilidade do estabelecimento da credibilidade do simulacro do candidato e, por extensão, do candidato no mundo concreto que, de certa forma, torna-se herdeiro dos atributos inicialmente investidos no simulacro ainda que, inicialmente, não existissem no mundo concreto.

A partir de interações convincentes entre o simulacro e seu entorno igualmente simulado, estabelece-se a possibilidade para que as condutas encadeadas pela narrativa reflitam no plano discursivo um quadro axiológico e marcadores de *éthos* igualmente convincentes, de forma que se possa acreditar na correspondência entre o simulacro identitário e o candidato no mundo concreto.

Para alcançar seu objetivo de admissão, o candidato no mundo concreto, ao escrever seu texto, fará investimentos em procedimentos semântico-discursivos, que julgue projetar as qualidades que acredite desejáveis, produzindo um retrato melhor de si, em resposta à sua interpretação da representação identitária da instituição, veiculada por meio de seu discurso

institucional, integrando à sua tarefa um enunciatório presumido sincretizado com o destinatário no mundo concreto.

Sobre a prevalência do universo axiológico na representação discursiva em relação ao quadro axiológico concreto do candidato e sobre a interdependência entre as expectativas e a adesão da instituição destinatária, Greimas (1978, p. 218) ensina:

A adesão do destinatário, por seu turno, só pode ser conquistada se ela corresponde à sua expectativa: isso significa que a construção do simulacro de verdade é fortemente condicionada, não diretamente pelo universo axiológico do destinador, mas pela representação que dele faz o destinador, que permanece definitivamente senhor da obra, responsável pelo sucesso ou pelo fracasso do seu discurso.

Estabelece-se dessa forma um pacto, não diferente de todos os outros pactos necessários às interações humanas, diante do fato de que a “realidade” é uma percepção e de que todos estamos sempre, como ensinou Goffman (2014), diante de representações identitárias.

É importante lembrar que, de forma semelhante a outros gêneros, o ensaio admissional, em virtude do acesso à representação identitária do enunciador acarreta consequências e mesmo riscos no plano concreto.

As entrevistas que determinam a escolha de um cargo, os comícios eleitorais, as relações de sedução, todas as declarações em que a imagem do locutor implica riscos concretos, [...] (AMOSSY, 2014, p. 9)

Por conta disso, há quem veja no *personal statement* um mecanismo falível. Para Lopate (2015), o ensaio admissional constitui um texto no qual o candidato faz propaganda de si mesmo e é, por implicação dos riscos no mundo concreto, incentivado a mentir, em um movimento contrário ao da reflexão honesta sobre si, que Lopate (2015) considera uma das marcas do ensaio clássico.

Mas se supõe que o candidato, de forma contida, pode-se dizer, com tato, basicamente se gabe por ser a pessoa excelente e voltada para a comunidade que é. Assim, basicamente, não se pede aos alunos que pensem contra si mesmos, o que é uma parte importante do ensaio clássico, mas pede-se que se apresentem como o melhor candidato. É mais ou menos como no *Facebook*, onde você molda uma imagem atraente de si mesmo. Por isso, do meu ponto de vista, não estão pedindo que você pense, estão pedindo que minta.

Falível ou não, o *personal statement* continua tendo um papel central nos processos seletivos norte-americanos, tendo-se transformado em um dos componentes centrais do ingresso à universidade nos Estados Unidos.

Parte IV – A Análise dos Dados

13 A Metodologia

A seguir, passamos à metodologia utilizada neste estudo, tendo-se em mente que uma distinção foi estabelecida entre a metodologia e os procedimentos que resultaram de sua aplicação.

13.1 A Semiótica Francesa neste Estudo

Greimas (1978, p. 219) trata do problema da representação da “verdade”, explicando a necessidade de uma “máquina” que produza esse efeito.

Se a verdade não passa de um efeito de sentido, vê-se que essa produção consiste no exercício de um fazer particular, de um *fazer-parecer-verdadeiro*, ou seja, na construção de um discurso cuja função não é o dizer-verdadeiro mas o parecer-verdadeiro. Esse parecer não visa mais, como acontecia no caso da verossimilhança, à adequação ao referente, mas à adesão por parte do destinatário, ao qual ele se dirige e pelo qual deseja ser lido como verdadeiro. (GREIMAS, 1978, p. 218)

A máquina à qual se refere Greimas (1978, p. 218) é um mecanismo complexo, no qual uma semântica e uma sintaxe discursivas revestem uma semântica e uma sintaxe narrativas que, por sua vez, existem sobrepostas a um nível fundamental.

No caso do *Personal Statement*, a finalidade dessa máquina é de persuadir um enunciatário sincretizado com a instituição no mundo concreto. O sucesso desse empreendimento, no entanto, como apontado por Greimas (1978, p. 218), depende do que chamou de “adesão” do destinatário com base na representação de universo axiológico veiculada pelo enunciatário. O *Personal Statement* é, portanto, um instrumento de representação onde a adesão do destinatário, por compartilhamento com o enunciatário de elementos chave do universo axiológico, espelha a persuasão por meio do *éthos* reconhecida desde Aristóteles (AMOSSY, 2014, p. 36).

Persuadimos pelo *éthos*, se o discurso é tal que torna o orador digno de crédito, pois as pessoas honestas (*epieíks*) nos convencem mais e mais rapidamente sobre todas as questões em geral [...]. Não é preciso admitir [...] que a *epieikeia* do orador não contribui em nada para a persuasão; muito ao contrário, o *éthos* constitui praticamente a mais importante das provas. (Aristóteles, 1973, p. 1356a *apud* Amossy, 2014, p. 36)¹⁴⁵

¹⁴⁵ Referência no original: *Ret. I* 1356a 4

Assim, partindo-se de pressupostos da semiótica, é concebível fazer-se um mapeamento que possa apontar para o universo axiológico representado nos *personal statements* que integram o corpus, revelando o *éthos* do enunciador sincretizado com o candidato, de forma que se tenha uma visão mais nítida da construção da representação veiculada pelo ensaio bem-sucedido.

Para esse mapeamento, concebeu-se adaptar a metodologia de codificação da abordagem de Análise Qualitativa de Dados Assistida por Computador (CAQDAS¹⁴⁶), utilizada na chamada de mineração de dados.

Dentro dessa abordagem, pode-se fazer demarcações pelos mais diferentes critérios e a ideia da “demarcação de temas” (SALDAÑA, 2009, p. 13) foi tomada como ponto de partida. A partir daí, surge a necessidade de algumas considerações sobre os conceitos cuja compreensão é necessária para a codificação.

Primeiramente, devemos entender que dentro da abordagem CAQDAS o termo “tema” é utilizado com referência ao resultado da codificação (SALDAÑA, 2009, p. 13). O autor quer dizer que não existe “codificação temática”. O que de fato existe, ainda segundo o autor, é a “análise temática” e o processo que chamou de “tematização dos dados”.

Embora não utilizando uma terminologia semiótica, o que SALDAÑA (2009, p. 13) faz é alertar para a realidade de que o segmento é demarcado com base em um efeito de sentido que apenas remete a um tema subjacente. Ainda que o pesquisador estivesse procurando por um “tema”, na prática o que faz, é identificar e demarcar o **segmento no qual esse tema foi percebido**. É justamente essa identificação que constitui o trabalho do analista. Na prática isso significa que cabe à interpretação do analista ler um segmento como “Com apenas dezesseis anos de idade, iniciei minha própria oficina mecânica na garagem de casa.” e determinar que o mesmo será tratado como veiculador de “empreendedorismo”. O mesmo segmento poderia ser lido como marcador para “quem tem uma casa para morar” ou “necessidade de trabalhar desde cedo”.

Essas escolhas, todavia, são arbitrárias somente até certo ponto, já que uma grade de leitura que faça sentido com base no tipo de texto e sua finalidade deve corresponder à codificação. Assim, “empreendedorismo” pode ser favorável ao ingresso em um curso de administração da mesma forma que a “necessidade financeira”, implicada pela necessidade de “trabalhar desde cedo” talvez fosse um efeito mais relevante no caso de um pedido de bolsa de estudo. São essas possibilidades de leitura que determinam as opções do analista diante do

¹⁴⁶ *Computer-Assisted Qualitative Data Analysis*

segmento, ou seja: se existe necessidade de subdivisão ou fusão de segmentos, se há sobreposições de efeitos de sentido, se tais sobreposições são relevantes e merecedoras de codificação independente, etc.

Em função da identificação do “tema” subjacente, cada segmento pode ser “codificado” por meio de um rótulo arbitrário, escolhido pelo analista.¹⁴⁷

Ao examinar-se o problema da codificação a partir de uma perspectiva semiótica, conclui-se que a demarcação do segmento pode ocorrer em função de efeitos de sentido produzidos tanto pelas diferentes figurativizações dos temas subjacentes como pelos temas propriamente ditos. A partir daí os segmentos podem ser rotulados com “códigos” que facilitam a organização, categorização e tratamento dos mesmos.

Temas operam no nível da semântica discursiva (BARROS, 2011, p. 68) e remetem a níveis subjacentes, podendo apontar para elementos constitutivos do nível narrativo e mesmo do fundamental, onde se estabelecem as relações elementares dos sentidos (BARROS, 2011, p. 77-78).

Os valores assumidos pelo sujeito da narrativa são, no nível do discurso, **disseminados sob a forma de percursos temáticos** e recebem investimentos figurativos. A disseminação dos temas e a figurativização deles são tarefas do sujeito da enunciação. Assim procedendo, o sujeito da enunciação assegura, graças aos percursos temáticos e figurativos, a coerência semântica do discurso e cria, com a concretização figurativa do conteúdo, efeitos de sentido sobretudo de realidade. (BARROS, 2011a, p. 68, grifo nosso)

A codificação, portanto, possibilita, entre outras coisas, que se acesse o nível semântico em busca das performances atualizadoras dos valores a serem assumidos pelos sujeitos e, por extensão, do *éthos* do enunciador.

Na economia do percurso gerativo, a **semântica narrativa** deve ser considerada como a instância de atualização dos valores. De fato, se o nível fundamental, em que se inscrevem a sintaxe e a semântica fundamentais, está destinado a articular e dar forma categórica ao microuniverso suscetível de produzir significações discursivas, esse universo organizado continua ainda sendo dos valores virtuais, enquanto não for assumido por um sujeito. (GREIMAS; COURTÉS, 2013, p. 438)

Como visto, neste estudo, parte-se do pressuposto de que a codificação de segmentos a partir de uma perspectiva semiótica pode contribuir com novos achados sobre o objeto da

¹⁴⁷ Para efeitos dessa pesquisa, é mais útil pensar os códigos como rótulos remetendo aos “efeitos de sentido” que podem ou não remeter a “temas” subjacentes que aparecem figurativizados nos segmentos demarcados. Ou seja, um segmento veiculando um efeito de sentido percebido a partir de uma “figurativização do tema empreendedorismo” é codificado como “empreendedorismo”. Esse raciocínio permite pensar-se o código “empreendedorismo” como uma categoria que agrupa todas as figurativizações detectadas para esse tema.

pesquisa, com base na visualização e melhor compreensão dos elementos constitutivos da representação discursiva do enunciatório em resposta às supostas expectativas do destinatário.

13.2 Os Ensaaios da Universidade Johns Hopkins – Apresentação do Corpus

Com o intuito de facilitar o processo de inscrição de seus candidatos, a Universidade Johns Hopkins disponibiliza amostras de ensaios admissionais que seu comitê de avaliadores julgou como os melhores de cada turma. Quando do levantamento inicial, a universidade disponibilizava ensaios de suas quatro últimas turmas, contando com cinco ensaios da turma de 2016, cinco da turma de 2017, sete da turma de 2018 e oito da turma de 2019. Ao longo de 2016, a instituição disponibilizou sete textos da turma de 2020, em substituição aos ensaios da turma de 2016, passando a uma configuração com os textos referentes às turmas de 2017 a 2020. Em virtude dessa alteração, o corpus utilizado neste estudo foi acrescido dos ensaios referentes a 2020, sem abdicar dos textos da configuração original, passando a refletir as turmas de 2016 a 2020, com um total de 32 ensaios admissionais.

A partir do ingresso da turma de 2021, no segundo semestre de 2017, a universidade passou a disponibilizar apenas amostras das últimas três turmas, portanto, 2019, 2020 e 2021. Todos os ensaios estudados podem ser consultados no **Anexo A**, mas é importante salientar que os exemplos provenientes das turmas 2016, 2017 e 2018 foram retirados do website.

Sobre os ensaios referentes à Turma de 2021, quando de sua disponibilização, o prazo para a conclusão deste estudo já não permitia que fossem integrados ao corpus.

Antes de prosseguir-se com a apresentação dos textos que são foco deste estudo, é necessário estabelecer que, na análise proposta, *o objeto personal statement será tratado como um quesito de avaliação independente, como se somente dele dependesse a aprovação do candidato*. Este tratamento é arbitrário, mas se faz necessário para isolar um objeto que é apenas uma das variáveis de uma equação de aprovação desconhecida.

O Quadro 3, na próxima página, apresenta os trinta e dois ensaios admissionais que compõem o acervo de amostras da Universidade Johns Hopkins, na sequência em que foram originalmente apresentados no website da instituição. As informações adicionais fornecidas pela instituição são restritas ao prenome do candidato e ao ano da turma. O ano da turma, por sua vez, refere-se ao ano de formatura.

Quadro 3 - Índice de Ensaios

Nº	Título	Autor	Turma
01	<i>A Home Destroyed</i> [Uma Casa Destruída]	Nina	2016
02	<i>Dharamsala</i> [Dharamsala]	John	2016
03	<i>Don't Be Sorry</i> [Não Tenha Pena]	Natalie	2016
04	<i>Cooking Up a Cataclysm</i> [Cozinhando um Cataclismo]	Alan	2016
05	<i>Thinking Outside the Box</i> [Pensando Diferente]	Alex	2016
06	<i>The Unathletic Department</i> [O Departamento Não Atlético]	Meghan	2017
07	<i>The Musketeer in Me</i> [O Mosqueteiro em Mim]	Vikas	2017
08	<i>Undecided</i> [Indeciso]	Daniel	2017
09	<i>Spy</i> [Espionar]	Elana	2017
10	<i>It's Name was Ozzy</i> [Seu Nome era Ozzy]	Agni	2017
11	<i>Outgrowing the Garage</i> [Deixando a Garagem para trás]	Elijah	2018
12	<i>String Theory</i> [Teoria das Cordas]	Joanna	2018
13	<i>Temper</i> [Temperamento]	Morley	2018
14	<i>Dissonance</i> [Dissonância]	Lela	2018
15	<i>Hometown</i> [Cidade Natal]	Quan	2018
16	<i>Content</i> [Conteúdo]	Noah	2018
17	<i>Spring Instead of Summer</i> [Primavera em vez de Verão]	Jacqueline	2018
18	<i>Breaking into Cars</i> [Arrombando Carros]	Stephen	2019
19	<i>How to Become an Adult</i> [Como tornar-se Adulto]	Michaela	2019
20	<i>Building A Twenty Story Apartment Building</i> [Construindo um Prédio de Vinte Andares]	Kyle	2019
21	<i>Returning to Peru</i> [De volta ao Peru]	Ana	2019
22	<i>Shelves One through Five</i> [Estantes Um à Cinco]	Neha	2019
23	<i>The Red Room</i> [A Sala Vermelha]	Brontë	2019
24	<i>Community Service Isn't For Me</i> [Serviço Comunitário não é para Mim]	Kyla	2019
25	<i>More Than Thick Eyebrows</i> [Mais do que Sobrancelhas Grossas]	Caroline	2019
26	<i>Just Keep Folding</i> [Continue Dobrando]	Jodie	2020
27	<i>The Palate of My Mind</i> [Os Sabores da Minha Mente]	Meghna	2020
28	<i>Intercom Enthusiast</i> [Grudado no Alto-falante]	Isaac	2020
29	<i>Growing Strawberries</i> [Criando Morangos]	Seena	2020
30	<i>On and Off</i> [Liga e Desliga]	Tan	2020
31	<i>From Yonkers to Accra</i> [De Yonkers à Accra]	Ansley	2020
32	<i>In Pursuit of the Sublime</i> [Em Busca do Sublime]	Kaylee	2020

Fonte: Elaborado pelo Autor

13.3 *A Abordagem do Corpus*

Para que possamos visualizar os fenômenos e objetos por novos ângulos e a partir de novas perspectivas, é preciso aliar as abordagens consagradas a novas possibilidades de análise. Neste estudo, aplicando-se essa filosofia de trabalho, buscou-se aliar a semiótica francesa a métodos de mineração de dados adaptados à tarefa de trabalhar-se com efeitos de sentido veiculados discursivamente.

13.4 *Quantidades de Qualidades*

A demarcação de texto utilizada neste estudo teve por objetivo identificar os segmentos veiculadores dos efeitos de sentido experimentados pelo pesquisador em uma abordagem que se beneficia de tecnologia computacional.

A linguística de corpus (CL) é uma abordagem de linguística que, por seu interesse na contagem e medição de características linguísticas, se presta à busca, contagem e facilidades de codificação de programas de computador. Ao contrário das abordagens racionalistas da linguística tradicional, a linguística de corpus (assim como a sociolinguística) tende a usar dados linguísticos que ocorrem naturalmente – [...] ¹⁴⁸ (MACMILLAN, 2005)

Dentro da abordagem conhecida como CAQDAS, a “codificação”, como é chamada, é sabidamente, um processo subjetivo que começa com a difícil escolha sobre o que demarcar. De acordo com Saldaña (2009, p. 13), muitos textos sobre pesquisa qualitativa recomendam que se faça demarcações de “temas”. O autor desaconselha essa prática por acreditar que tal abordagem é confusa, já que “temas” são o fruto da codificação.

O que Saldaña (2009, p.13) quer dizer é que não é possível demarcar temas, mas somente os segmentos onde temas são percebidos em função da interpretação do analista. Feita a identificação, cada segmento recebe um código que sintetiza o tema percebido e é nesse sentido que o “tema” é fruto da codificação. A impossibilidade de que fala o autor decorre exatamente da existência de efeitos de sentido que são veiculados por segmentos discursivos e que podem ser percebidos e identificados, sem que o segmento contenha necessariamente um marcador óbvio e expreso correspondente ao sentido veiculado.

¹⁴⁸ CL is a linguistic approach which, with its interest in counting or measuring linguistic features, lends itself readily to the search, count, and code facilities of computer programmes. Unlike the rationalist approaches of traditional linguistics, CL (as with sociolinguistics) tends to use naturally occurring language data – [...]

A diferença entre um código e um segmento demarcado reside, portanto, no fato de que códigos são o resultado de uma primeira camada de análise qualitativa, constituída pela localização e delimitação de segmentos veiculadores de sentido. Diante dessa compreensão, tem-se um modelo de análise em que segmentos veiculadores de sentido são dados cuja análise resulta em códigos, que por sua vez, tornam-se dados em um levantamento quantitativo assistido por computador, cujos resultados numéricos alimentam uma nova camada de análise qualitativa.

A consideração de Saldaña sobre a impossibilidade da demarcação de temas é, portanto, válida, mas desnecessária para o pesquisador acostumado às questões de representação e que compreende a distinção envolvida. No caso deste estudo, foi exatamente tendo em mente a ideia de “tema”, no sentido de um elemento passível de diferentes figurativizações, que pode se manifestar no texto de inúmeras maneiras, que o texto foi demarcado. Ou seja, este estudo compreende que os segmentos são demarcados por terem sido reconhecidos pelo analista como remetendo a temas subjacentes¹⁴⁹ que podem, por sua vez, receber rótulos que refletem esses temas de maneira sintética e que **viabilizam** uma nova camada de análise, agora quantitativa, que permite a visualização e organização de dados até ali inacessíveis e com potencial para novas camadas de análise qualitativa.

O modelo CAQDAS, também como lembra Saldaña (2009, p. 21), é importante ressaltar, tem como elementos fundamentais procedimentos que não dependem do computador. Nada de novo existe em se demarcar textos com a intenção de detectar padrões e percentuais de dadas ocorrências. Em tese, todos os procedimentos utilizados neste estudo poderiam ter sido realizados manualmente, com o auxílio de tabelas e calculadoras. Embora, Saldaña tenha razão com relação a essa realidade, a prática é mais complexa e a abordagem computadorizada permite que se acelere um processo que, de outra forma, inviabilizaria o avanço da pesquisa no tempo disponível, principalmente quando conduzida por um único pesquisador.

¹⁴⁹ Embora a demarcação orientada por temas tenha sido a diretriz de demarcação, é importante salientar que a demarcação é sempre aberta a outros objetos de interesse que possam ser identificados como: arcos narrativos, valores tratados de forma expressa, etc. É importante salientar a compatibilidade do tratamento de efeitos veiculadores de sentidos que remetem a temas com a possibilidade de levantamento de quadros axiológicos, já que tanto os efeitos de sentido quanto os temas a eles subjacentes podem remeter a valores de diversas ordens.

13.5 Codificação versus Análise

Ainda sobre a codificação, Saldaña (2009, p. 7) agrega um dado muito importante ao dizer que a maioria dos pesquisadores qualitativos codifica seus dados antes e depois de terem sido coletados, como uma estratégia de análise porque “codificar é analisar”, segundo Miles e Huberman (1994, p. 56 *apud* Saldaña, 2009, p. 7). Saldaña, no entanto, não descarta as perspectivas diferentes sobre o processo, ao citar (Basit, 2003, p. 145 *apud* Saldaña, 2009, p. 7) que “a codificação e a análise não são sinônimas, embora a codificação seja um aspecto importante da análise”.¹⁵⁰

A perspectiva de Basit (2003, p. 145 *apud* Saldaña, 2009, p. 7), mencionada acima, não leva em consideração um elemento que deveria ser de clara compreensão para pesquisadores que trabalham com ferramentas da chamada “mineração de dados”. Considere-se, por analogia, a mineração de diamantes. Diamantes são primeiro localizados em seus veios para depois serem extraídos em sua forma bruta e, somente muito depois, lapidados, adquirindo sua forma final. Dados não são diferentes. São localizados e extraídos, existindo a partir daí em diferentes graus de refinamento. O posicionamento desta pesquisa é de que a codificação, neste estudo, já constitui um resultado de análise qualitativa e o argumento a esse favor encontra sustentação no fato de que os próprios códigos poderiam ser utilizados como “categorias de efeitos de sentido”, constituindo assim resultados de análise já capazes de elucidar aspectos do objeto de estudo.

Retomando Miles e Huberman (1994, p. 56 *apud* Saldaña, 2009, p. 7), à luz desta pesquisa, o que parecem dizer é que para codificar é preciso primeiro analisar, ainda que essa análise seja feita a partir de dados de difícil visualização que preenchem o texto em forma “bruta”, ainda isentos das percepções e interpretações do analista.

Talvez a maneira mais simples de compreender a abordagem CAQDAS, como aplicada a este estudo, seja pensando em diferentes camadas de análise com resultados que são fruto da análise que os precedeu ao mesmo tempo em que voltam a ser tratados como dados na camada seguinte.

¹⁵⁰ [...] “Coding and Analysis are not synonymous, though coding is a crucial aspect of analysis”.

13.6 Viés e Limitações

O problema da existência de um viés em pesquisa não é desconhecido dos pesquisadores utilizando a abordagem CAQDAS. Saldaña (2009, p. 7) sintetiza o problema ao retomar vários autores:

Merriam (1998) afirma: “nossa análise e interpretação – os achados do nosso estudo - refletirão construtos, conceitos, linguagem, modelos e teorias que estruturaram o estudo desde o início” (p. 48). E não é apenas a sua abordagem de pesquisa qualitativa (por exemplo, estudo de caso, etnográfico, fenomenológico) e questões ontológicas, epistemológicas e metodológicas que influenciam e afetam suas decisões de codificação (Creswell, 2007; Mason, 2002). Sipe & Ghiso (2004) em sua narrativa reveladora sobre os dilemas de codificação para uma pesquisa sobre alfabetização infantil, apontam que “Toda codificação é uma decisão a tomar”, uma vez que trazemos “nossas subjetividades, personalidades, predisposições [e] “peculiaridades” para o processo (p. 482-3).¹⁵¹

É verdade que subjetividade, personalidade e predisposição podem interferir em uma pesquisa qualitativa. No entanto, é necessário lembrar que, como ensina Greimas (1978, p. 214), um texto possui isotopias de leitura.

Essa resistência do texto a certas variações ideológicas contextuais e não a outras somente se explica, se aceitarmos que o texto em si possui suas próprias marcas de isotopias de leitura (e, no caso que nos preocupa, suas *marcas de veridicção*), que limitam suas possibilidades.

Efeitos de sentido percebidos em uma leitura são influenciados pelas expectativas e pela grade de leitura do leitor com relação ao texto (Groupe M p. 364-375). Se, por um lado, esse entendimento sugere uma abertura para diferentes leituras, por outro, implica a possibilidade de leituras semelhantes se as expectativas e grades de leitura dos leitores forem semelhantes.

Sobre críticas com relação à utilização da abordagem CAQDAS para análise de discurso assistida por computador, MacMillan (2005) aponta para a descontextualização como uma causa de desinteresse. Para a autora, as críticas são resultado de pesquisas restritas à codificação e contagem de ocorrências de uso lexical, mesmo quando aliadas a modelos qualitativos.

¹⁵¹ Merriam (1998) states, “our analysis and interpretation - our study’s findings - will reflect the constructs, concepts, language, models, and theories that structured the study in the first place” (p. 48). And it is not only your approach to qualitative inquiry (e.g., case study, ethnographic, phenomenological) and ontological, epistemological, and methodological issues that influence and affect your coding decisions (Creswell, 2007; Mason, 2002). Sipe & Ghiso (2004) in their revealing narrative about coding dilemmas for a children’s literacy study, note that “All coding is a judgment call” since we bring “our subjectivities, our personalities, our predispositions, [and] our “quirks” to the process (pp. 482-3).

É importante ter ciência da diferença entre uma análise de discurso que usa métodos quantitativos para contar itens lexicais específicos e uma análise de discurso que estuda como a língua funciona, por meio do exame de seu uso dentro do contexto. Nos estudos acima, programas de computador (projetados para fins qualitativos ou quantitativos) foram usados juntamente com análise qualitativa, ou em análise linguística, para codificar e contar **ocorrências de uso lexical**.¹⁵² (grifo nosso)

Stubbs (2001, p. 305), por sua vez, mostra que o foco da pesquisa assistida por computador era com frequência a busca por *collocations* ordenados em torno de pontos de interesse (*nodes*).

Um *node*¹⁵³ (uma classe gramatical, *lemma*, ou outro padrão sob investigação) coocorre com *collocates* (classes gramaticais ou *lemmas*) dentro de uma certa faixa de classes gramaticais, por exemplo 4:4 (quatro palavras à esquerda e quatro à direita). [...] Um *collocation* é uma relação puramente lexical e não direcional: um par formado entre *node* e *collocate* que ocorre pelo menos uma vez no corpus.

É importante ter-se em mente que a abordagem CAQDAS, no caso deste estudo, é utilizada na demarcação de segmentos cujos efeitos de sentido são detectados, pelo analista, a partir de seus contextos.

Van Dijk, sobre a abordagem, faz a crítica, levantada por MacMillan (2005)¹⁵⁴, de que a “‘análise qualitativa profunda’ em uma seleção menor de dados ‘geralmente teria mais a revelar’”. Van Dijk pode estar correto em linhas gerais, mas este estudo exemplifica a existência do cenário, talvez incomum, no qual é importante a aproximação com um ponto de equilíbrio entre o aspecto qualitativo e o quantitativo para que os dados conduzam a conhecimento novo e relevante. *Sobre a questão da profundidade, é fundamental salientar que no modelo aqui utilizado a análise computacional é tão somente um instrumento a serviço do analista e subordinado à profundidade de análise por ele estabelecida.* Também é importante considerar que Van Dijk não explica o que constitui uma seleção menor de dados e que o número de amostras aqui utilizadas é, de fato, relativamente pequeno no contexto geral da mineração de dados e que o objetivo é exatamente o de uma análise qualitativa profunda.

Ainda sobre a utilização da análise computadorizada, Stubbs (2005, p. 317), ainda que tratando da performance de falantes, faz uma afirmação válida também no caso deste estudo.

¹⁵² *It is important to be aware of the difference between a discourse analysis which uses quantitative methods to count specific lexical items, and a discourse analysis which studies how language works, by examining its use in context. In the above studies software programmes (designed for qualitative or for quantitative purposes) were used alongside a qualitative analysis, or in linguistic analysis to code and count instances of lexical use.*

¹⁵³ *A node (the word form, lemma, or other pattern under investigation) co-occurs with collocates (word forms or lemmas) within a given span of word forms, for example 4:4 (four words to left and right). [...] A collocation is a purely lexical and nondirectional relation: it is a node-collocate pair which occurs at least once in a corpus.*

¹⁵⁴ Comunicação pessoal entre MacMillan e Van Dijk (MacMillan, 2005)

O corpus amplo oferece uma saída para o paradoxo saussuriano, já que milhões de palavras corridas podem revelar padrões que não podem ser observados a olho nu [...] Agora podemos estudar padrões que não são diretamente visíveis pelo observador humano, mas que são, apesar disso, estáveis na performance de muitos falantes.¹⁵⁵

13.7 Mapeamento de segmentos

Greimas e Courtés (2013, p. 495) definem o tema como a “disseminação, ao longo dos programas e percursos narrativos, dos valores já atualizados pela semântica narrativa”. Neste estudo, a codificação do texto demarca segmentos, que reconhecidos como veiculadores de temas, revestem, por sua vez, programas narrativos em torno de valores identitários. Esta codificação permite o posterior mapeamento dos efeitos de sentido veiculados por esses segmentos.

A partir desse entendimento, estabeleceu-se que a demarcação dos segmentos deveria ser feita sem uma leitura prévia do ensaio a ser “codificado” para que os efeitos de construção de sentido pudessem ocorrer de uma forma que se aproximasse de uma leitura natural. Uma leitura prévia poderia favorecer reflexões e “releituras” dos efeitos de sentido, que, por sua vez, modificariam a codificação.

Passa-se então às considerações sobre a demarcação de segmentos em função de efeitos de sentido. Efeitos de sentido podem ser percebidos em uma única palavra, uma oração, um período ou, até mesmo, um parágrafo inteiro. Assim, constata-se que um segmento curto em que o enunciador se declare explicitamente “empreendedor” pode ser demarcado e rotulado com o código “empreendedor”. Da mesma forma, tal código poderia ser aplicado a um parágrafo inteiro no qual o enunciador narrasse os esforços para juntar o dinheiro para a faculdade trabalhando na garagem de sua casa.

As dificuldades para o isolamento dos efeitos de sentido oriundas das múltiplas relações que se estabelecem discursivamente são conhecidas. Barthes (2012, p. 75) alerta para o problema das associações que se estabelecem na memória, desafiando a linearidade sintagmática.

¹⁵⁵ *Large corpora provide a way out of the Saussurian paradox, since millions of running words can be searched for patterns which cannot be observed by the naked eye (compare devices such as telescopes, microscopes, and X rays). We can now study patterns which are not visible directly to a human observer, but which are nevertheless stable across the language performance of many speakers.*

O primeiro plano é o dos sintagmas; o sintagma é uma combinação de signos, que tem por suporte a extensão; na linguagem articulada, essa extensão é linear e irreversível (é a “cadeia falada”): dois elementos não podem ser pronunciados ao mesmo tempo (*re-ler, contra todos, a vida humana*): cada termo tira aqui seu valor da oposição ao que precede e ao que segue; na cadeia de palavras, os termos estão realmente unidos *in praesentia*; a **atividade analítica que se aplica ao sintagma é o recorte**. O segundo plano é o das *associações* (para conservar ainda a terminologia de Saussure): “Fora do discurso (plano sintagmático), as unidades que têm entre si algo de comum associam-se na memória e assim se formam grupos em que reinam diversas relações” [...] (grifo nosso)

São essas diversas relações de que fala Barthes (2012, p. 75) que dificultam o trabalho de demarcação de segmentos, ao mesmo tempo em que o tornam essencial à visualização dos sentidos não expressos de forma explícita no plano dos sintagmas e que seriam, de outra forma, difíceis de mapear.

14 Os Procedimentos

Para melhor entendimento de como a metodologia foi aplicada à prática, este item trata das escolhas, ajustes e decisões pertinentes à análise dos dados.

14.1 A Escolha do Software

Tendo-se compreendido como um código pode ser aplicado à visualização de efeitos de sentido, passa-se à constatação de que, diante da quantidade, extensão e complexidade dos ensaios, a tarefa de codificação manual dos segmentos neles contidos seria demorada e árdua. A implicação dessa constatação é a da necessidade de investigar-se a possibilidade de utilização de recursos computacionais para auxiliar na tarefa.

Diante do corpus inicial composto de 27 ensaios, constatou-se que uma abordagem de análise dependente da demarcação manual de segmentos demandaria tempo que seria melhor empregado na análise propriamente dita. Certamente deveriam existir ferramentas computacionais capazes de auxiliar no processo dessa demarcação. A localização de uma ferramenta teve por ponto de partida os mecanismos de busca Google Acadêmico, *Google Books* e o próprio Google, com resultados que apontaram para o modelo adotado.

A consulta ao Google Acadêmico forneceu as orientações básicas com relação ao tipo de ferramenta necessária para esta pesquisa. Wiedemann (2013) aponta para o crescimento da disponibilidade de textos digitais merecedores de atenção e melhorias dos algoritmos de extração de dados como avanços que trazem mudanças para a análise qualitativa de dados provenientes de textos escritos.

A investigação das referências demonstrou que a configuração do estudo exigiria uma abordagem de *método misto*, do tipo *exploratório sequencial* (APUS.LIBGUIDES.COM, 2017)¹⁵⁶, caracterizada por uma fase de coleta e análise qualitativa de dados que é seguida de uma fase de análise quantitativa.

A partir da definição do modelo de pesquisa, passou-se à busca de referências adicionais sobre os softwares desenvolvidos para uma abordagem de exploração mista e chega-se às ferramentas para *Análise Qualitativa Assistida por Computador*, ou *CAQDAS*.

¹⁵⁶ *Research Methods Information: Mixed Methods Research*

A comprehensive resource for faculty and students who are teaching and conducting research. Disponível em: <apus.libguides.com/research_methods_guide/research_methods_mixed>. Acesso em: 12 ago. 2017.

Os softwares desenvolvidos para esse modelo de análise não são restritos à demarcação manual¹⁵⁷, sendo capazes de demarcação automatizada, que não seria possível no caso deste estudo¹⁵⁸, possuindo recursos para assistir nessa tarefa quando desejada. O procedimento de demarcação é chamado de “codificação” e os “códigos” oriundos dos segmentos são posteriormente submetidos à análise quantitativa.

De acordo com Lage (2011, p. 45), as funcionalidades desses softwares aceleram o processo de codificação e categorização. Além de possibilitarem consultas sofisticadas aos resultados que facilitam a construção e testes de teorias e hipóteses, essas ferramentas também possibilitam enfatizar a conexão entre os dados. A autora, todavia, informa que o benefício primordial de sua utilização é a redução do trabalho manual do pesquisador e, citando Garcia-Horta e Guerra-Ramos (2009, p. 153 *apud* LAGE, 2011, p. 45), adverte que esses softwares não criam categorias, não decidem sobre a codificação e também não interpretam dados.

São exatamente as características de não-interferência, no entanto, que tornam essa abordagem perfeita para a demarcação de segmentos dependentes de decisões por parte do pesquisador, que não fica restrito às imposições preestabelecidas fora do âmbito de sua pesquisa. É exatamente essa capacidade que faz a aplicação do modelo vantajosa para as ciências humanas e, por extensão, para a semiótica.

Dessas considerações, compreende-se que a abordagem CAQDAS, no caso deste estudo, é dependente de codificação manual. Foi, portanto, necessário investigar as implicações desse processo de codificação para a que se pudesse passar à escolha do software.

Saldaña (2009, p. 8) ensina que “a codificação é uma técnica heurística (do grego, significando descobrir) – uma técnica exploratória de resolução de problemas sem uma fórmula a seguir”¹⁵⁹. Sobre a codificação, Saldaña (2009, p. 8) informa tratar-se de um processo cíclico no qual o primeiro ciclo de codificação raramente é perfeito e no qual ciclos subsequentes aprofundam o gerenciamento, filtros, ênfases e foco das características salientes dos dados qualitativos, permitindo chegar-se em categorias, temas, conceitos a partir dos quais são apreendidos significados e/ou construídas teorias.

¹⁵⁷ Com frequência esses softwares utilizam processos automatizados de identificação de segmentos baseados em “dicionários” especialmente criados para detectar determinados objetos de interesse. Esses dicionários são por sua vez criados a partir de pesquisas iniciais feitas por demarcação manual.

¹⁵⁸ A demarcação automática, quando utilizada, ocorre com base em “dicionários” criados para cada tipo de pesquisa que, em nosso caso, além de inexistentes, seriam excessivamente restritivos no caso da demarcação de efeitos de sentido.

¹⁵⁹ *Coding is a heuristic (from the Greek, meaning to “to discover”) – an exploratory problem-solving technique without a specific formula to follow.*

O processo de codificação inerente à abordagem CAQDAS, no entanto, impõe uma preocupação de caráter prático. A codificação de um texto utilizando um software para análise CAQDAS **não** é necessariamente fácil e Saldaña (2009, p. 22) alerta:

Tentar aprender os princípios básicos de codificação e de análise qualitativa de dados simultaneamente com as instruções, por vezes, complexas e as múltiplas funções de programas CAQDAS pode ser demais para alguns, se não para todos. Sua energia mental pode estar mais focalizada no software do que nos dados.¹⁶⁰

A observação de Saldaña (2009, p. 22) remete à necessidade de cautela na escolha do software adequado à tarefa.

O próximo passo aponta para o levantamento dos programas já em uso dentro das áreas da linguística e da semiótica. Uma consulta à lista de softwares do website *The Linguist List*¹⁶¹ apresentou 286 títulos, alguns mencionando mineração de dados, e um único resultado mencionando especificamente o modelo CAQDAS, chamado *QDA Miner*.

O *QDA Miner* não é o único software que permite pesquisa qualitativa mista, mas após o exame de outras possibilidades, foi a opção que melhor combinou poder heurístico e apoio ao aprendizado de utilização. O desenvolvedor também disponibiliza uma versão de teste, manual e vídeos que facilitam o primeiro contato com a ferramenta.

Assim, chegou-se ao software que foi utilizado. Para que o estudo fosse produtivo e o foco não fosse desviado da análise para o aprendizado do software, buscamos uma abordagem de utilização minimalista, concentrando o esforço da pesquisa somente nas ferramentas¹⁶² capazes de oferecer o melhor retorno para os objetivos de codificação de segmentos significativos nos ensaios sob análise.

14.2 A Interface

É importante ressaltar que o processo de mineração de dados pressupõe a demarcação de todos os segmentos de todos os textos para que os dados sejam úteis, exigindo do pesquisador o fornecimento de um universo fechado, onde o fluxo de dados gradualmente adquire sua forma final. É igualmente importante ressaltar a diferença entre um segmento demarcado e um

¹⁶⁰ *Trying to learn the basics of coding and qualitative data analysis simultaneously with the sometimes complex instructions and multiple functions of CAQDAS programs can be overwhelming for some, if not most. Your mental energies may be more focused on the software than the data.*

¹⁶¹ THE LINGUIST LIST.

Disponível em: <<https://linguistlist.org/sp/browse-software.cfm>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

¹⁶² O *QDA Miner* possui várias ferramentas, algumas integradas internamente e outras na forma de programas independentes com os quais opera em conjunto.

segmento codificado. O primeiro é simples fruto da demarcação e resulta, no caso deste estudo, da delimitação do espaço textual onde um efeito de sentido foi detectado. Já o segundo incorpora o primeiro nível de análise intencional, agregando ao segmento um código¹⁶³ que permitirá o posterior tratamento quantitativo dos dados oriundos do corpus.

Tendo-se processado os segmentos codificados, verifica-se a relevância dos dados extraídos com base no número de ocorrências totais de cada código, também chamado de frequência e no número de casos (ensaios) em que ocorrem.

Figura 41 – Interface do Programa

Fonte: Manual do Software QDA Miner

A operação do *QDA Miner* fundamenta-se no conceito de um “Projeto”, ou seja, um conjunto de dados inseridos para serem analisados a partir da codificação de segmentos. O “Projeto”, por sua vez, incorpora “Casos”, “Variáveis” e “Códigos”.

A Figura 41, vista acima, na parte superior à esquerda, mostra a “Janela de Casos” (*Cases Window*), na qual aparece a lista dos arquivos, ou “casos”¹⁶⁴, que compõem o projeto. Neste estudo, cada “caso” é constituído do conteúdo textual proveniente de arquivos

¹⁶³ Neste estudo, o código surge da reflexão do analista sobre o efeito que detectou e expressa de forma sintética tal efeito. Com o acréscimo de novos códigos, o processo é refinado e códigos já designados podem ser consolidados ou mesmo substituídos para que reflitam com maior eficácia os efeitos a que se referem.

¹⁶⁴ Um “caso” corresponde ao respectivo arquivo mais as possíveis variáveis que tenham sido agregadas e equivale à versão desse conjunto que é passível de processamento pelo software.

individuais¹⁶⁵ contendo, por sua vez, um ensaio admissional na íntegra, seguido dos comentários do avaliador que o aprovou. Embora os comentários tenham sido mantidos dentro dos respectivos casos, eles não foram codificados e, portanto, sua presença não afeta os resultados obtidos. Os resultados numéricos são sempre relativos ao total dos segmentos demarcados e não têm relação com o total das palavras contidas em cada “caso”.

Na parte central da janela do programa, à esquerda, aparece a “Janela de Variáveis” (*Variables Window*). A “Janela de Variáveis” apresenta informações que tenham sido associadas pelo pesquisador a cada um dos “casos”. Neste estudo, optou-se por não agregar variáveis ao projeto.

No canto esquerdo inferior, encontra-se a janela de Códigos (*CODES*), que apresenta o “livro de códigos”.

Na área central, encontra-se a janela do Documento (*DOCUMENT*), que representa a área de trabalho onde o pesquisador seleciona e demarca os segmentos durante o processo de codificação.

À direita, encontra-se a Margem do Documento (*DOCUMENT MARGIN*) que mostra os códigos que foram designados para os segmentos já codificados. Aqui também é possível incluir comentários vinculados a cada caso e a visualização da codificação já sugere elementos de relevância para o pesquisador com relação a possíveis hipóteses que poderão, mais tarde, ser ou não confirmadas pela análise.

14.3 A Codificação.

Partindo-se do estabelecimento dos procedimentos de pesquisa, passou-se à sua aplicação prática. O trabalho, dessa forma, iniciou com a demarcação dos segmentos por meio de códigos que passaram a integrar o chamado “livro dos códigos”. Na terminologia da mineração de dados, o “livro dos códigos” nada mais é do que a lista de todos os códigos criados pelo pesquisador e ordenados pelo software, incluindo suas respectivas categorias, no caso de terem sido criadas durante o processo de codificação.

O livro dos códigos não é um elemento rígido e sua primeira versão sofreu inúmeras revisões até assumir sua versão final, da qual redundâncias e idiossincrasias identificadas foram eliminadas ou, pelo menos, atenuadas.

¹⁶⁵ Para cada ensaio e respectivo comentário foi preparado um arquivo independente de Microsoft Word para ser introduzido no *QDA Miner*.

Ao codificar determinados segmentos, o pesquisador pode expressar um efeito de sentido como “tenacidade”, por exemplo, com um dado código e efeitos iguais ou semelhantes, como “perseverança” e “obstinação”, com códigos distintos. Ou seja, efeitos de sentidos muito próximos podem gerar códigos distintos, refletindo separações de codificação que podem ou não ser úteis. Daí a necessidade da revisão cíclica dos códigos mencionada por Saldaña (2009, p. 8).

Tendo-se delimitado o livro dos códigos, passou-se à análise dos dados quantitativos e, a partir deles, foram visualizadas conexões com outros planos de análise.

14.4 Como Funciona um Código

A ideia fundamental por trás da demarcação de segmentos neste estudo é a de localizar, a partir de efeitos de sentido, temas imediatamente reconhecíveis pelo leitor, descartando possíveis figurativizações.

Considere-se o exemplo concreto, oriundo da codificação nesta pesquisa, do código “Alegação Incomum”. O código surgiu naturalmente diante de alegações do enunciador que geraram um efeito de estranheza ou mesmo incredulidade.

Esse código específico foi utilizado apenas duas vezes durante todo o procedimento de codificação, mas ilustra o processo de associação de um código a um efeito de sentido percebido durante a leitura.

Dentro da interface, por sua vez, basta que se selecione um código para que se possa localizar todas as suas ocorrências, como ilustra a Figura 42, abaixo.

Figura 42 – Como funciona um Código

Fonte: Captura de Tela do Software QDA Miner

Como mostra a Figura 42, na página anterior, ao selecionar-se o código “Alegação Incomum”, o programa apresenta duas ocorrências: “Eu nunca tinha arrombado um carro antes.” e “Dez anos atrás eu era uma espiã.”

É bastante claro que ambas as alegações são incomuns, especialmente dentro do contexto de indivíduos jovens que se candidatam à universidade e que se supõe não terem tendências criminosas tampouco qualificações para uma vida de espionagem.

O efeito de estranheza e incredulidade é uma possibilidade e, neste caso, resulta na demarcação apresentada. O rótulo poderia ter sido outro, como “Afirmção Inacreditável”, ou algo similar, mas o raciocínio no momento da demarcação inicial foi o de conceder o benefício da dúvida ao enunciador, não estabelecendo de antemão que a alegação fosse necessariamente exagerada ou falsa. Na realidade, nos casos citados, a primeira ocorrência remetia a um exagero e a segunda a uma fantasia, mas essas dimensões de sentido só se resolveram mais tarde, ao longo do percurso narrativo.

O mesmo princípio foi seguido para os demais códigos. Em alguns casos, devido à subjetividade inerente ao processo de leitura, a delimitação física, no sentido de onde começa e onde termina a demarcação correspondente a um efeito, pode ser difícil de definir.

14.5 Aplicando Códigos a Efeitos de Sentido

Neste ponto é importante distinguir entre um trecho ainda não demarcado de texto e um segmento já codificado. Um trecho curto pode conter diversos efeitos de sentido que podem ser ou não escolhidos para demarcação. É a codificação, portanto, que atribui a extensão definitiva de um segmento. Com a demarcação, pode-se identificar segmentos completa ou parcialmente sobrepostos ao longo da extensão do trecho original. Em virtude disso, códigos utilizados para demarcação dos segmentos não são objetivos nem regidos por ordem ou linearidade.

Para que se compreenda esse processo a partir do arcabouço da semiótica francesa é necessário ter-se em mente o conceito de “efeito de sentido”, assim definido por Greimas e Courtés (2013, p. 155) em seu Dicionário de Semiótica:

Efeito de sentido fr. Effet de sens; ingl. Meaning effect

Efeito de sentido (expressão tomada a G. Guillaume) é a impressão de “realidade” produzida pelos nossos sentidos, quando entram em contato com o sentido, isto é, com uma semiótica subjacente. Pode-se dizer, por exemplo, que o mundo* do senso comum é o efeito de sentido produzido pelo encontro do sujeito humano com o objeto-mundo. Da mesma forma, uma frase “compreendida” é o efeito de sentido de uma organização sintagmática particular de vários sememas*. Assim, quando se afirma, na esteira de Bloomfield, por exemplo, que o sentido existe, mas que nada se pode dizer dele, o termo “sentido” deve ser entendido como “efeito de sentido”, única realidade apreensível, mas que não pode ser apreendida de maneira imediata. Decorre daí que a semântica* não é a descrição do sentido, mas a construção que, visando a produzir uma representação* da significação*, só será considerada validada na medida em que for capaz de provocar um efeito de sentido comparável. Situado na instância da recepção, o efeito de sentido corresponde à semiose*, ato situado no nível da enunciação, e à sua manifestação que é o enunciado-discurso.

Considere-se a demarcação do trecho “se dobrar 1000 garças de papel...”¹⁶⁶ No contexto maior do ensaio, vários sentidos veiculados simultaneamente no plano discursivo podem ser identificados, possibilitando demarcações que poderiam remeter à “determinação”, à “habilidade manual”, ao “conhecimento de uma cultura diferente”, a uma combinação de alguns ou de todos os percursos discursivos que pudessem estar sendo desenvolvidos.

Ao demarcar-se o texto, no entanto, escolhas têm que ser feitas e são dependentes de como percursos possivelmente existentes foram desenvolvidos, atribuindo sentidos específicos, até o ponto da demarcação em questão. Os sentidos, portanto, mudam em função do fluxo de outros sentidos ao seu redor e as redes de sentidos que se estabelecem adquirem diferentes graus de complexidade na medida em que o percurso discursivo progride.

O ensaio a seguir, oriundo do corpus é aqui utilizado para demonstrar o processo de codificação de um trecho com alta densidade de demarcações em que os códigos se sobrepõem. Primeiro, o ensaio é apresentado, a seguir, sem demarcações para facilitar a leitura e, em seguida, com as demarcações nas Figuras 43 a 59.

¹⁶⁶ Extraído do Ensaio Admissional nº 26 “*Just keep folding*”.

Para a maioria dos escoteiros, o projeto de Chefe Escoteiro é uma experiência que normalmente envolve a construção de bancos ou a montagem de caixas. Eu não sou muito bom com um martelo, e minha natureza é mais pensar "fora da caixa" do que construir caixas. Em vez do barulho de martelos e serras cortando madeira, os ruídos do meu projeto vieram do clique do mouse e da digitação no computador. Minha ideia era criar um quiosque de informação de saúde com interface sensível ao toque para a clínica gratuita do bairro *St. Jude* que atende pessoas carentes da minha comunidade. Eu tive que planejar, desenvolver e liderar o projeto. Para conseguir terminar, foi gasto muito tempo angariando fundos e interagindo com conselheiros, voluntários, pessoal médico e do departamento de TI. A maior parte do trabalho envolveu muita programação para um PC com tela sensível ao toque que seria colocado dentro do quiosque. Descobri que a programação que era extremamente fácil para mim era difícil para alguns voluntários. Várias vezes, fiquei tentado a fazer o trabalho eu mesmo, mas encontrar tempo para ensinar escoteiros mais jovens a programar em HTML era gratificante por si só. Agora, os pacientes da clínica podem acessar informações bilíngues, assistir a vídeos sobre muitas doenças comuns, aprender mais sobre os medicamentos que foram prescritos e encontrar recomendações dietéticas específicas. (Anexo A)

Os trechos comparados abaixo contêm 214 e 218 palavras, em inglês e português, respectivamente. O original e a respectiva tradução estão contrapostos para que se possa visualizar o processo de demarcação que foi utilizado em todos os ensaios compondo o corpus.

Figura 43 – Transposição de Códigos

<p>For most scouts, the Eagle project is an experience that usually involves building benches or putting together boxes. I'm not much good with a hammer, and my nature is more thinking "outside the box" than building a box. Instead of the sound of tapping hammers and saws cutting wood, the noises from my project came from the clicking of mice and tapping on keyboards. My idea was to create a Touchscreen Health Information Kiosk for the St. Jude Neighborhood Free Clinic that serves the underprivileged in my community.</p> <p>I had to plan, develop and lead my project. Completion took an extensive amount of time fundraising and interacting with counselors, volunteers, medical staff, and the IT department.</p> <p>The majority of the work involved extensive programming for a touchscreen PC that would be placed inside a kiosk. I found that even though programming was almost second nature to me, some of the volunteers struggled with it. Many times, I was tempted to do the work myself, but taking the time to teach younger scouts how to program in HTML was rewarding in and of itself. The clinic's patients are now able to access bilingual information, watch videos about many common diseases, learn more about the medications they have been prescribed, and find specific dietary recommendations.</p>	<p>Versátil (Adaptable) Think Outside the Box</p> <p>Inovador</p> <p>Impacto no Mundo</p> <p>Altruista</p> <p>Proativo</p> <p>Independência</p> <p>Dedicação</p> <p>Liderança</p> <p>Empreendedor</p> <p>Trabalho de Equipe</p> <p>Aptidão Computação</p> <p>Altruista</p> <p>Ensinar, Vocação</p> <p>Conquista</p>	<p>Para a maioria dos escoteiros, o projeto de Chefe Escoteiro é uma experiência que normalmente envolve a construção de bancos ou a montagem de caixas. Eu não sou muito bom com um martelo, e minha natureza é mais pensar "fora da caixa" do que construir caixas. Em vez do barulho de martelos e serras cortando madeira, os ruídos do meu projeto vieram do clique do mouse e da digitação no computador. Minha ideia era criar um quiosque de informação de saúde com interface <i>touchscreen</i> para a clínica gratuita do bairro <i>St. Jude</i> que atende pessoas carentes da minha comunidade. Eu tive que planejar, desenvolver e liderar o [no original: meu] projeto. Para conseguir terminar, foi gasto muito tempo angariando fundos e interagindo com conselheiros, voluntários, pessoal médico e do departamento de TI. A maior parte do trabalho envolveu muita programação para um PC <i>touchscreen</i> que seria colocado dentro do quiosque. Descobri que a programação que era extremamente fácil para mim era difícil para alguns voluntários. Várias vezes, fiquei tentado a fazer o trabalho eu mesmo, mas encontrar tempo para ensinar escoteiros mais jovens a programar em HTML era gratificante por si só. Agora, os pacientes da clínica podem acessar informações bilíngues, assistir a vídeos sobre muitas doenças comuns, aprender mais sobre os medicamentos que foram prescritos e encontrar recomendações dietéticas específicas.</p>	<p>Versátil (Adaptable) Think Outside the Box</p> <p>Inovador</p> <p>Impacto no Mundo</p> <p>Altruista</p> <p>Independência</p> <p>Proativo</p> <p>Dedicação</p> <p>Liderança</p> <p>Trabalho de Equipe</p> <p>Coordenado, Ser</p> <p>Aptidão Computação</p> <p>Altruista</p> <p>Ensinar, Vocação</p> <p>Conquista</p>
--	---	--	--

Fonte: Capturas de Tela do Software QDA Miner

Como visto na figura anterior, a codificação foi facilmente transposta do inglês (L₁) para o português (L₂), com apenas uma ressalva: no trecho em português, por escolha estilística, o segmento “*lead my project*” (grifo nosso) foi traduzido simplesmente por “liderar o projeto”, em vez da forma mais literal “liderar o meu projeto”. A escolha estilística foi feita exatamente para que se pudesse ilustrar o problema da necessidade de uma tradução que refletisse todos os efeitos de sentido encontrados no original. No exemplo, a eliminação do adjetivo possessivo “my” poderia implicar a eliminação da possibilidade de codificar-se o segmento em português sob o código “Empreendedor”, já que o raciocínio estipulado de antemão para a utilização do código exigia que a ação empreendedora fosse necessariamente de iniciativa do próprio enunciador para que esse pudesse ser identificado como “empreendedor”. Em outras palavras, simplesmente participar de uma iniciativa empreendedora, por exemplo, não teria sido suficiente para justificar a utilização do marcador.

Na sequência de figuras abaixo, o trecho original em inglês assim como sua tradução são retomados para uma análise dos segmentos, agora apresentados um a um, para facilitar a visualização e que se tenha melhor compreensão da complexidade inerente à existência de múltiplos códigos.

De certa forma, pode-se pensar em cada demarcação como *remetendo a percursos discursivos empenhados em construir ou reforçar a representação do éthos do enunciatário*, de forma análoga a de pinceladas em um autorretrato sendo pintado.

Cada código existe em torno de um valor sendo atualizado pelo sujeito que passará a uma condição de conjunção com o mesmo e que se incorpora ao percurso narrativo para a constituição temática, agregando elementos ao memorial, como visto em Greimas e Courtés (2013, p. 438), das qualidades que a instituição possa julgar desejáveis.

Da mesma forma que um código aponta para um sentido no plano discursivo, também remete a um valor sendo atualizado no plano narrativo. Para cada código, portanto, pode-se pressupor a existência de um Programa Narrativo (PN), “constituído de um **enunciado de fazer** que rege um enunciado de estado”, como visto em Greimas e Courtés (2013, p. 388, grifo nosso).

Assim, o código “Altruísta” pode refletir quaisquer configurações discursivas que veiculem ações capazes de levar o sujeito do programa narrativo à conjunção com o estado de “ser altruísta” e, portanto, com o valor “altruísmo”.

Outra situação de demarcação pode envolver a escolha ou mesmo a criação de um código que melhor expresse o efeito escolhido para receber um rótulo. Em um exemplo prático,

apresentado, a seguir, na Figura 44, referente ao segmento “Minha ideia foi a de criar um quiosque de informações de saúde com interface sensível ao toque para a clínica gratuita do bairro *St. Jude*”, que recebeu o código “Inovador”, o foco da demarcação foi o efeito de “criação”, deixando-se o efeito de “ter uma ideia” em segundo plano.

Figura 44 – Pense fora da Caixa

Fonte: Captura de Tela do Software QDA Miner

Figura 45 – Pensar fora da Caixa

Para a maioria dos escoteiros, o projeto de Chefe Escoteiro é uma experiência que normalmente envolve a construção de bancos ou a montagem de caixas. Eu não sou muito bom com um martelo, e minha natureza é mais pensar "fora da caixa" do que construir caixas. Em vez do barulho de martelos e serras cortando madeira, os ruídos do meu projeto vieram do clique do mouse e da digitação no computador. Minha ideia era criar um quiosque de informação de saúde com interface *touchscreen* para a clínica gratuita do bairro *St. Jude* que atende pessoas carentes da minha comunidade. Eu tive que planejar, desenvolver e liderar o [no original: meu] projeto. Para conseguir terminar, foi gasto muito tempo angariando fundos e interagindo com conselheiros, voluntários, pessoal médico e do departamento de TI. A maior parte do trabalho envolveu muita programação para um PC *touchscreen* que seria colocado dentro do quiosque. Descobri que a programação que era extremamente fácil para mim era difícil para alguns voluntários. Várias vezes, fiquei tentado a fazer o trabalho eu mesmo, mas encontrar tempo para ensinar escoteiros mais jovens a programar em HTML era gratificante por si só. Agora, os pacientes da clínica podem acessar informações bilingues, assistir a vídeos sobre muitas doenças comuns, aprender mais sobre os medicamentos que foram prescritos e encontrar recomendações dietéticas específicas.

Think Outside the Box

Fonte: Captura de Tela do Software QDA Miner

Figura 46 – Inovador

Para a maioria dos escoteiros, o projeto de Chefe Escoteiro é uma experiência que normalmente envolve a construção de bancos ou a montagem de caixas. Eu não sou muito bom com um martelo, e minha natureza é mais pensar "fora da caixa" do que construir caixas. Em vez do barulho de martelos e serras cortando madeira, os ruídos do meu projeto vieram do clique do mouse e da digitação no computador. Minha ideia era criar um quiosque de informação de saúde com interface *touchscreen* para a clínica gratuita do bairro *St. Jude* que atende pessoas carentes da minha comunidade. Eu tive que planejar, desenvolver e liderar o [no original: meu] projeto. Para conseguir terminar, foi gasto muito tempo angariando fundos e interagindo com conselheiros, voluntários, pessoal médico e do departamento de TI. A maior parte do trabalho envolveu muita programação para um PC *touchscreen* que seria colocado dentro do quiosque. Descobri que a programação que era extremamente fácil para mim era difícil para alguns voluntários. Várias vezes, fiquei tentado a fazer o trabalho eu mesmo, mas encontrar tempo para ensinar escoteiros mais jovens a programar em HTML era gratificante por si só. Agora, os pacientes da clínica podem acessar informações bilingues, assistir a vídeos sobre muitas doenças comuns, aprender mais sobre os medicamentos que foram prescritos e encontrar recomendações dietéticas específicas.

Inovador

Fonte: Captura de Tela do Software QDA Miner

Figura 47 – Impacto no Mundo

Para a maioria dos escoteiros, o projeto de Chefe Escoteiro é uma experiência que normalmente envolve a construção de bancos ou a montagem de caixas. Eu não sou muito bom com um martelo, e minha natureza é mais pensar "fora da caixa" do que construir caixas. Em vez do barulho de martelos e serras cortando madeira, os ruídos do meu projeto vieram do clique do mouse e da digitação no computador. Minha ideia era criar um quiosque de informação de saúde com interface *touchscreen* para a clínica gratuita do bairro *St. Jude* que atende pessoas carentes da minha comunidade. Eu tive que planejar, desenvolver e liderar o [no original: meu] projeto. Para conseguir terminar, foi gasto muito tempo angariando fundos e interagindo com conselheiros, voluntários, pessoal médico e do departamento de TI. A maior parte do trabalho envolveu muita programação para um PC *touchscreen* que seria colocado dentro do quiosque. Descobri que a programação que era extremamente fácil para mim era difícil para alguns voluntários. Várias vezes, fiquei tentado a fazer o trabalho eu mesmo, mas encontrar tempo para ensinar escoteiros mais jovens a programar em HTML era gratificante por si só. Agora, os pacientes da clínica podem acessar informações bilingues, assistir a vídeos sobre muitas doenças comuns, aprender mais sobre os medicamentos que foram prescritos e encontrar recomendações dietéticas específicas.

Impacto no Mundo

Fonte: Captura de Tela do Software QDA Miner

Figura 48 – Altruísta

Para a maioria dos escoteiros, o projeto de Chefe Escoteiro é uma experiência que normalmente envolve a construção de bancos ou a montagem de caixas. Eu não sou muito bom com um martelo, e minha natureza é mais pensar "fora da caixa" do que construir caixas. Em vez do barulho de martelos e serras cortando madeira, os ruídos do meu projeto vieram do clique do mouse e da digitação no computador. Minha ideia era criar um quiosque de informação de saúde com interface *touchscreen* para a clínica gratuita do bairro *St. Jude* que atende pessoas carentes da minha comunidade. Eu tive que planejar, desenvolver e liderar o [no original: meu] projeto. Para conseguir terminar, foi gasto muito tempo angariando fundos e interagindo com conselheiros, voluntários, pessoal médico e do departamento de TI. A maior parte do trabalho envolveu muita programação para um PC *touchscreen* que seria colocado dentro do quiosque. Descobri que a programação que era extremamente fácil para mim era difícil para alguns voluntários. Várias vezes, fiquei tentado a fazer o trabalho eu mesmo, mas encontrar tempo para ensinar escoteiros mais jovens a programar em HTML era gratificante por si só. Agora, os pacientes da clínica podem acessar informações bilingues, assistir a vídeos sobre muitas doenças comuns, aprender mais sobre os medicamentos que foram prescritos e encontrar recomendações dietéticas específicas.

Altruísta

Fonte: Captura de Tela do Software QDA Miner

<p>Figura 49 – Independente</p> <p>Para a maioria dos escoteiros, o projeto de Chefe Escoteiro é uma experiência que normalmente envolve a construção de bancos ou a montagem de caixas. Eu não sou muito bom com um martelo, e minha natureza é mais pensar "fora da caixa" do que construir caixas. Em vez do barulho de martelos e serras cortando madeira, os ruídos do meu projeto vieram do clique do mouse e da digitação no computador. Minha ideia era criar um quiosque de informação de saúde com interface <i>touchscreen</i> para a clínica gratuita do bairro <i>St. Jude</i> que atende pessoas carentes da minha comunidade. Eu tive que planejar, desenvolver e liderar o [no original: meu] projeto. Para conseguir terminar, foi gasto muito tempo angariando fundos e interagindo com conselheiros, voluntários, pessoal médico e do departamento de TI. A maior parte do trabalho envolveu muita programação para um PC <i>touchscreen</i> que seria colocado dentro do quiosque. Descobri que a programação que era extremamente fácil para mim era difícil para alguns voluntários. Várias vezes, fiquei tentado a fazer o trabalho eu mesmo, mas encontrar tempo para ensinar escoteiros mais jovens a programar em HTML era gratificante por si só. Agora, os pacientes da clínica podem acessar informações bilingues, assistir a vídeos sobre muitas doenças comuns, aprender mais sobre os medicamentos que foram prescritos e encontrar recomendações dietéticas específicas.</p> <p>Independente</p> <p>Fonte: Captura de Tela do Software QDA Miner</p>	<p>Figura 50 – Proativo</p> <p>Para a maioria dos escoteiros, o projeto de Chefe Escoteiro é uma experiência que normalmente envolve a construção de bancos ou a montagem de caixas. Eu não sou muito bom com um martelo, e minha natureza é mais pensar "fora da caixa" do que construir caixas. Em vez do barulho de martelos e serras cortando madeira, os ruídos do meu projeto vieram do clique do mouse e da digitação no computador. Minha ideia era criar um quiosque de informação de saúde com interface <i>touchscreen</i> para a clínica gratuita do bairro <i>St. Jude</i> que atende pessoas carentes da minha comunidade. Eu tive que planejar, desenvolver e liderar o [no original: meu] projeto. Para conseguir terminar, foi gasto muito tempo angariando fundos e interagindo com conselheiros, voluntários, pessoal médico e do departamento de TI. A maior parte do trabalho envolveu muita programação para um PC <i>touchscreen</i> que seria colocado dentro do quiosque. Descobri que a programação que era extremamente fácil para mim era difícil para alguns voluntários. Várias vezes, fiquei tentado a fazer o trabalho eu mesmo, mas encontrar tempo para ensinar escoteiros mais jovens a programar em HTML era gratificante por si só. Agora, os pacientes da clínica podem acessar informações bilingues, assistir a vídeos sobre muitas doenças comuns, aprender mais sobre os medicamentos que foram prescritos e encontrar recomendações dietéticas específicas.</p> <p>Proativo</p> <p>Fonte: Captura de Tela do Software QDA Miner</p>
<p>Figura 51 – Empreendedor</p> <p>Para a maioria dos escoteiros, o projeto de Chefe Escoteiro é uma experiência que normalmente envolve a construção de bancos ou a montagem de caixas. Eu não sou muito bom com um martelo, e minha natureza é mais pensar "fora da caixa" do que construir caixas. Em vez do barulho de martelos e serras cortando madeira, os ruídos do meu projeto vieram do clique do mouse e da digitação no computador. Minha ideia era criar um quiosque de informação de saúde com interface <i>touchscreen</i> para a clínica gratuita do bairro <i>St. Jude</i> que atende pessoas carentes da minha comunidade. Eu tive que planejar, desenvolver e liderar o [no original: meu] projeto. Para conseguir terminar, foi gasto muito tempo angariando fundos e interagindo com conselheiros, voluntários, pessoal médico e do departamento de TI. A maior parte do trabalho envolveu muita programação para um PC <i>touchscreen</i> que seria colocado dentro do quiosque. Descobri que a programação que era extremamente fácil para mim era difícil para alguns voluntários. Várias vezes, fiquei tentado a fazer o trabalho eu mesmo, mas encontrar tempo para ensinar escoteiros mais jovens a programar em HTML era gratificante por si só. Agora, os pacientes da clínica podem acessar informações bilingues, assistir a vídeos sobre muitas doenças comuns, aprender mais sobre os medicamentos que foram prescritos e encontrar recomendações dietéticas específicas.</p> <p>Empreendedor</p> <p>Fonte: Captura de Tela do Software QDA Miner</p>	<p>Figura 52 – Liderança</p> <p>Para a maioria dos escoteiros, o projeto de Chefe Escoteiro é uma experiência que normalmente envolve a construção de bancos ou a montagem de caixas. Eu não sou muito bom com um martelo, e minha natureza é mais pensar "fora da caixa" do que construir caixas. Em vez do barulho de martelos e serras cortando madeira, os ruídos do meu projeto vieram do clique do mouse e da digitação no computador. Minha ideia era criar um quiosque de informação de saúde com interface <i>touchscreen</i> para a clínica gratuita do bairro <i>St. Jude</i> que atende pessoas carentes da minha comunidade. Eu tive que planejar, desenvolver e liderar o [no original: meu] projeto. Para conseguir terminar, foi gasto muito tempo angariando fundos e interagindo com conselheiros, voluntários, pessoal médico e do departamento de TI. A maior parte do trabalho envolveu muita programação para um PC <i>touchscreen</i> que seria colocado dentro do quiosque. Descobri que a programação que era extremamente fácil para mim era difícil para alguns voluntários. Várias vezes, fiquei tentado a fazer o trabalho eu mesmo, mas encontrar tempo para ensinar escoteiros mais jovens a programar em HTML era gratificante por si só. Agora, os pacientes da clínica podem acessar informações bilingues, assistir a vídeos sobre muitas doenças comuns, aprender mais sobre os medicamentos que foram prescritos e encontrar recomendações dietéticas específicas.</p> <p>Liderança</p> <p>Fonte: Captura de Tela do Software QDA Miner</p>

Figura 53 – Dedicação

Para a maioria dos escoteiros, o projeto de Chefe Escoteiro é uma experiência que normalmente envolve a construção de bancos ou a montagem de caixas. Eu não sou muito bom com um martelo, e minha natureza é mais pensar "fora da caixa" do que construir caixas. Em vez do barulho de martelos e serras cortando madeira, os ruídos do meu projeto vieram do clique do mouse e da digitação no computador. Minha ideia era criar um quiosque de informação de saúde com interface *touchscreen* para a clínica gratuita do bairro *St. Jude* que atende pessoas carentes da minha comunidade. Eu tive que planejar, desenvolver e liderar o [no original: meu] projeto. Para conseguir terminar, foi gasto muito tempo angariando fundos e interagindo com conselheiros, voluntários, pessoal médico e do departamento de TI. A maior parte do trabalho envolveu muita programação para um PC *touchscreen* que seria colocado dentro do quiosque. Descobri que a programação que era extremamente fácil para mim era difícil para alguns voluntários. Várias vezes, fiquei tentado a fazer o trabalho eu mesmo, mas encontrar tempo para ensinar escoteiros mais jovens a programar em HTML era gratificante por si só. Agora, os pacientes da clínica podem acessar informações bilingues, assistir a vídeos sobre muitas doenças comuns, aprender mais sobre os medicamentos que foram prescritos e encontrar recomendações dietéticas específicas.

Dedicação

Fonte: Captura de Tela do Software QDA Miner

Figura 54 – Ser Coordenado

Para a maioria dos escoteiros, o projeto de Chefe Escoteiro é uma experiência que normalmente envolve a construção de bancos ou a montagem de caixas. Eu não sou muito bom com um martelo, e minha natureza é mais pensar "fora da caixa" do que construir caixas. Em vez do barulho de martelos e serras cortando madeira, os ruídos do meu projeto vieram do clique do mouse e da digitação no computador. Minha ideia era criar um quiosque de informação de saúde com interface *touchscreen* para a clínica gratuita do bairro *St. Jude* que atende pessoas carentes da minha comunidade. Eu tive que planejar, desenvolver e liderar o [no original: meu] projeto. Para conseguir terminar, foi gasto muito tempo angariando fundos e interagindo com conselheiros, voluntários, pessoal médico e do departamento de TI. A maior parte do trabalho envolveu muita programação para um PC *touchscreen* que seria colocado dentro do quiosque. Descobri que a programação que era extremamente fácil para mim era difícil para alguns voluntários. Várias vezes, fiquei tentado a fazer o trabalho eu mesmo, mas encontrar tempo para ensinar escoteiros mais jovens a programar em HTML era gratificante por si só. Agora, os pacientes da clínica podem acessar informações bilingues, assistir a vídeos sobre muitas doenças comuns, aprender mais sobre os medicamentos que foram prescritos e encontrar recomendações dietéticas específicas.

Coordenado, Ser

Fonte: Captura de Tela do Software QDA Miner

Figura 55 – Trabalho de Equipe

Para a maioria dos escoteiros, o projeto de Chefe Escoteiro é uma experiência que normalmente envolve a construção de bancos ou a montagem de caixas. Eu não sou muito bom com um martelo, e minha natureza é mais pensar "fora da caixa" do que construir caixas. Em vez do barulho de martelos e serras cortando madeira, os ruídos do meu projeto vieram do clique do mouse e da digitação no computador. Minha ideia era criar um quiosque de informação de saúde com interface *touchscreen* para a clínica gratuita do bairro *St. Jude* que atende pessoas carentes da minha comunidade. Eu tive que planejar, desenvolver e liderar o [no original: meu] projeto. Para conseguir terminar, foi gasto muito tempo angariando fundos e interagindo com conselheiros, voluntários, pessoal médico e do departamento de TI. A maior parte do trabalho envolveu muita programação para um PC *touchscreen* que seria colocado dentro do quiosque. Descobri que a programação que era extremamente fácil para mim era difícil para alguns voluntários. Várias vezes, fiquei tentado a fazer o trabalho eu mesmo, mas encontrar tempo para ensinar escoteiros mais jovens a programar em HTML era gratificante por si só. Agora, os pacientes da clínica podem acessar informações bilingues, assistir a vídeos sobre muitas doenças comuns, aprender mais sobre os medicamentos que foram prescritos e encontrar recomendações dietéticas específicas.

Trabalho de Equipe

Fonte: Captura de Tela do Software QDA Miner

Figura 56 – Aptidão para Computação

Para a maioria dos escoteiros, o projeto de Chefe Escoteiro é uma experiência que normalmente envolve a construção de bancos ou a montagem de caixas. Eu não sou muito bom com um martelo, e minha natureza é mais pensar "fora da caixa" do que construir caixas. Em vez do barulho de martelos e serras cortando madeira, os ruídos do meu projeto vieram do clique do mouse e da digitação no computador. Minha ideia era criar um quiosque de informação de saúde com interface *touchscreen* para a clínica gratuita do bairro *St. Jude* que atende pessoas carentes da minha comunidade. Eu tive que planejar, desenvolver e liderar o [no original: meu] projeto. Para conseguir terminar, foi gasto muito tempo angariando fundos e interagindo com conselheiros, voluntários, pessoal médico e do departamento de TI. A maior parte do trabalho envolveu muita programação para um PC *touchscreen* que seria colocado dentro do quiosque. Descobri que a programação que era extremamente fácil para mim era difícil para alguns voluntários. Várias vezes, fiquei tentado a fazer o trabalho eu mesmo, mas encontrar tempo para ensinar escoteiros mais jovens a programar em HTML era gratificante por si só. Agora, os pacientes da clínica podem acessar informações bilingues, assistir a vídeos sobre muitas doenças comuns, aprender mais sobre os medicamentos que foram prescritos e encontrar recomendações dietéticas específicas.

Aptidão Computação

Fonte: Captura de Tela do Software QDA Miner

Figura 57 – Altruísta

Para a maioria dos escoteiros, o projeto de Chefe Escoteiro é uma experiência que normalmente envolve a construção de bancos ou a montagem de caixas. Eu não sou muito bom com um martelo, e minha natureza é mais pensar "fora da caixa" do que construir caixas. Em vez do barulho de martelos e serras cortando madeira, os ruídos do meu projeto vieram do clique do mouse e da digitação no computador. Minha ideia era criar um quiosque de informação de saúde com interface *touchscreen* para a clínica gratuita do bairro *St. Jude* que atende pessoas carentes da minha comunidade. Eu tive que planejar, desenvolver e liderar o [no original: meu] projeto. Para conseguir terminar, foi gasto muito tempo angariando fundos e interagindo com conselheiros, voluntários, pessoal médico e do departamento de TI. A maior parte do trabalho envolveu muita programação para um PC *touchscreen* que seria colocado dentro do quiosque. Descobri que a programação que era extremamente fácil para mim era difícil para alguns voluntários. Várias vezes, fiquei tentado a fazer o trabalho eu mesmo, mas encontrar tempo para ensinar escoteiros mais jovens a programar em HTML era gratificante por si só. Agora, os pacientes da clínica podem acessar informações bilingues, assistir a vídeos sobre muitas doenças comuns, aprender mais sobre os medicamentos que foram prescritos e encontrar recomendações dietéticas específicas.

Altruísta

Fonte: Captura de Tela do Software QDA Miner

Figura 58 – Vocação para Ensinar

Para a maioria dos escoteiros, o projeto de Chefe Escoteiro é uma experiência que normalmente envolve a construção de bancos ou a montagem de caixas. Eu não sou muito bom com um martelo, e minha natureza é mais pensar "fora da caixa" do que construir caixas. Em vez do barulho de martelos e serras cortando madeira, os ruídos do meu projeto vieram do clique do mouse e da digitação no computador. Minha ideia era criar um quiosque de informação de saúde com interface *touchscreen* para a clínica gratuita do bairro *St. Jude* que atende pessoas carentes da minha comunidade. Eu tive que planejar, desenvolver e liderar o [no original: meu] projeto. Para conseguir terminar, foi gasto muito tempo angariando fundos e interagindo com conselheiros, voluntários, pessoal médico e do departamento de TI. A maior parte do trabalho envolveu muita programação para um PC *touchscreen* que seria colocado dentro do quiosque. Descobri que a programação que era extremamente fácil para mim era difícil para alguns voluntários. Várias vezes, fiquei tentado a fazer o trabalho eu mesmo, mas encontrar tempo para ensinar escoteiros mais jovens a programar em HTML era gratificante por si só. Agora, os pacientes da clínica podem acessar informações bilingues, assistir a vídeos sobre muitas doenças comuns, aprender mais sobre os medicamentos que foram prescritos e encontrar recomendações dietéticas específicas.

Ensinar, Vocação

Fonte: Captura de Tela do Software QDA Miner

Figura 59 – Conquista

Para a maioria dos escoteiros, o projeto de Chefe Escoteiro é uma experiência que normalmente envolve a construção de bancos ou a montagem de caixas. Eu não sou muito bom com um martelo, e minha natureza é mais pensar "fora da caixa" do que construir caixas. Em vez do barulho de martelos e serras cortando madeira, os ruídos do meu projeto vieram do clique do mouse e da digitação no computador. Minha ideia era criar um quiosque de informação de saúde com interface *touchscreen* para a clínica gratuita do bairro *St. Jude* que atende pessoas carentes da minha comunidade. Eu tive que planejar, desenvolver e liderar o [no original: meu] projeto. Para conseguir terminar, foi gasto muito tempo angariando fundos e interagindo com conselheiros, voluntários, pessoal médico e do departamento de TI. A maior parte do trabalho envolveu muita programação para um PC *touchscreen* que seria colocado dentro do quiosque. Descobri que a programação que era extremamente fácil para mim era difícil para alguns voluntários. Várias vezes, fiquei tentado a fazer o trabalho eu mesmo, mas encontrar tempo para ensinar escoteiros mais jovens a programar em HTML era gratificante por si só. Agora, os pacientes da clínica podem acessar informações bilingues, assistir a vídeos sobre muitas doenças comuns, aprender mais sobre os medicamentos que foram prescritos e encontrar recomendações dietéticas específicas.

Conquista

Fonte: Captura de Tela do Software QDA Miner

Analisando-se os códigos utilizados para demarcar o trecho do exemplo retomado na Figura 60, a seguir, percebe-se a representação de um indivíduo “inovador”, “altruísta”, “empreendedor”, “independente”, “proativo”, “dedicado”, “coordenado”, que “deseja ter um impacto [positivo] no mundo”, que “sabe liderar”, que “tem vocação para ensinar”, que sabe “trabalhar em equipe” e que demonstrou isso em “conquistas” passadas.

Figura 60 – Segmentos Demarcados

Fonte: Captura de Tela do Software QDA Miner

Com base nos dados, sabemos que a Universidade Johns Hopkins favorece um tipo de ensaio admissional estruturado em torno do contar de uma história. Ao pedir um relato autobiográfico, a universidade espera que o candidato reflita sobre quem é e como se posiciona diante do mundo.

As ações que integram a narrativa do enunciador ficam, dessa forma estritamente vinculadas e dependentes dos valores e crenças que esse enunciador acredita compartilhar com o enunciatário presumido, por sua vez, sincretizado com o destinatário no mundo concreto.

Assim, fornecer uma simples lista de atributos não seria suficiente para mostrar como o enunciador se posiciona e interage com o mundo em função dessas características. Ao ser obrigado a contar uma história moldada por crenças e valores que crê serem compartilhados

com o enunciatório presumido, o enunciador veicula um testemunho de seu *éthos* por meio de um simulacro da realidade. Para que se compreenda como esse efeito é alcançado nos ensaios analisados, é preciso recorrer-se aos códigos e entender-se seus números.

14.6 As Ferramentas do Software

Tendo-se demarcado todos os textos integrantes do corpus, passou-se à utilização de ferramentas específicas de análise de dados dentro do software. Neste estudo, para determinar-se a frequência dos códigos demarcados e o número de ensaios admissionais (casos) em que ocorrem, foram utilizadas ferramentas agrupadas sob o menu de *Ferramentas de Análise de Codificação* (PROVALIS RESEARCH, p. 159).

Dentre as Ferramentas de Análise de Codificação, foi utilizada a ferramenta *Frequência de Codificação* (*Coding Frequency*) (PROVALIS RESEARCH, p. 160) para a extração do primeiro nível de informações quantitativas a partir dos segmentos demarcados. Uma segunda etapa recorreu à *Ferramenta de Análise de Agrupamentos* (*Cluster Analysis*) e conduziu a um nível adicional de análise.

Figura 61 – Frequência de Códigos

The screenshot shows the 'Coding Frequency' window of the PROVALIS RESEARCH software. The search criteria are set to '[SPEECH]'. The table below displays the results for various codes, categorized by Topics and Values. The columns include Category, Code, Description, Count, % Codes, Cases, % Cases, Nb Words, and % Words.

Category	Code	Description	Count	% Codes	Cases	% Cases	Nb Words	% Words
Topics\Economic	Globalization		12	4.6%	8	66.7%	946	3.4%
Topics\Economic	Local Economy	Jobs or unemployment, personal or company bankruptcy, etc. ALSO: Add "Globalization" if the speaker connect it to free trade agreements or economic factors in other countries.	19	7.3%	6	50.0%	1915	7.0%
Topics\Social	Ethic		36	13.8%	12	100.0%	3834	13.9%
Topics\Social	Power	Use it when talking about military interventions, sanctions, etc.	31	11.9%	9	75.0%	8536	31.0%
Topics\Other	Race/Ethnic relation		19	7.3%	6	50.0%	1959	7.1%
Topics\Other	Freedom		29	11.1%	6	50.0%	3052	11.1%
Topics\Other	Environment	Talk about environment, nature, global warming carbon emission, etc.	2	0.8%	2	16.7%	87	0.3%
Values\Liberal	Novelty		11	4.2%	5	41.7%	767	2.8%
Values\Liberal	Representativeness		28	10.7%	9	75.0%	2966	10.8%
Values\Conservative	Family		10	3.8%	5	41.7%	1090	4.0%
Values\Conservative	Protectionism		7	2.7%	3	25.0%	531	1.9%
Values\Conservative	Tradition		12	4.6%	7	58.3%	978	3.6%

Fonte: Manual do Software QDA Miner

14.7 Número de Ocorrências versus Número de Casos

Para a compreensão do que se segue é importante ter-se em mente os significados de “ocorrência” e “caso” dentro do software.

“Ocorrências” (*count*), também referidas dentro do software como “frequência”, refletem o número de vezes com que determinado código ocorre. O “percentual de ocorrências”, por sua vez, expressa a razão entre o número de ocorrências de um dado código em relação ao total de ocorrências de todos os códigos. Já um “caso” deve ser entendido como cada um dos textos, arquivos ou elementos individuais constituintes do corpus e o “percentual de casos” expressa a razão entre o número de casos contendo um dado código e o total do número de casos.

Para a análise quantitativa, iniciamos com a ordenação em função do *número de casos*, passando respectivamente ao *percentual de casos*, ao *número de ocorrências* e ao *percentual de ocorrências* referentes a cada código.

É fácil perceber-se que um código que combine um alto percentual de ocorrências e um alto número de casos é um código muito relevante.

Um código que ocorra com baixo percentual de ocorrências em um número muito alto de casos também é muito importante e, provavelmente, seja mais significativo do que códigos de alto percentual de ocorrências que não tenham expressão refletida em número de casos.

Considere-se, por exemplo, como apresentada na Tabela 3, abaixo, a distribuição hipotética de dois códigos, “ambição” e “fazer diferença” em um universo restrito a 10 casos no qual ambos os códigos são tidos como correspondentes a características positivas desejáveis.

Tabela 3 – Exemplo Ilustrativo de Número de Ocorrências por Caso

Caso	Nº de ocorrências para “Ambição”	Nº de ocorrências para “Fazer Diferença”
01	-	1
02	-	1
03	-	-
04	-	1
05	-	-
06	-	1
07	-	1
08	10	1
09	-	1
10	-	1

Fonte: Elaborada pelo Autor

Diante desse quadro, pode-se concluir que identificar-se um candidato cujo projeto de vida incluía “Fazer Diferença” seja mais importante, com oito ocorrências, do que de detectar-se o candidato ambicioso cujo ensaio apontou 10 marcadores para “Ambição”.

Ainda seria possível questionar a importância das 10 ocorrências do código “Ambição”, já que as mesmas ocorrem juntamente com a uma ocorrência do código “Fazer diferença”, não sendo possível, a partir daí, isolar sua importância para a aprovação. Dessa forma, “Ambição” pode ter interagido com “Fazer Diferença”, gerando um efeito de sentido positivo no qual a ambição é tida como positiva, se conectada ao objetivo de promover o bem maior.

Na prática, essa cooperação entre todos os efeitos de sentido é de grande importância, permitindo uma espécie de sinergia da qual depende a aprovação. Isolar esses efeitos, no entanto, permite ao pesquisador compreender quais deles têm maior grau de importância.

Ambas ordenações, por ocorrências e por casos, são valiosas. Enquanto a ordenação por número de ocorrências resulta dos efeitos de sentido nos quais o candidato investe por meio de seu enunciador, a ordenação por número de casos informa quais desses efeitos encontraram ressonância no destinatário. O quadro dos efeitos enfatizados pelos candidatos também remete ao destinatário presumido, refletindo as características que o candidato acredita serem valorizadas pela instituição.

Dessa consideração, percebe-se que a análise de importância dos códigos precisa ser feita no cruzamento desses planos, com alguns dados úteis sendo provenientes do número de casos, enquanto outros provêm do número de ocorrências, como reflete a Tabela 4, a seguir.

Tabela 4 – Ocorrências *versus* Casos

Caso	Nº de ocorrências para “ambição” ENFATIZADO PELO ENUNCIADOR (candidato)	Nº de ocorrências para “fazer diferença” VALORIZADO PELA INSTITUIÇÃO
01	-	1
02	-	1
03	-	-
04	-	1
05	-	-
06	-	1
07	-	1
08	10	1
09	-	1
10	-	1

Fonte: Elaborada pelo Autor

14.8 Aplicando o Princípio de Pareto

Diante de uma lista razoável de códigos demarcando efeitos de sentido provenientes da leitura do ensaio admissional, somos confrontados com a realidade de que é necessário um recorte para que a análise não seja desperdiçada com elementos de pouca relevância. Mas como fazer esse recorte? Felizmente, a mesma pergunta já foi feita diante de situações semelhantes e uma das maneiras de resolver o problema é pela aplicação do que ficou conhecido como a **Regra 80/20** ou **Princípio de Pareto** (KOCH, 2008).

O objeto desta pesquisa possui curiosos aspectos econômicos. Existe na redação de um ensaio admissional a evidente questão da eficiência do investimento dos recursos, nesse caso, discursivos, dos quais o candidato pode dispor. Não prestar atenção à economia envolvida no problema pode resultar em um esforço inútil, no qual o candidato erra completamente o alvo.

O cotidiano das sociedades humanas é repleto de situações semelhantes, nas quais o investimento de recursos de diferentes naturezas deve ser levado em consideração para que os resultados desejados sejam obtidos.

De acordo com Koch (2008, p. 6), o padrão que fundamenta a Regra 80/20 foi descoberto em 1897 pelo economista italiano Vilfredo Pareto (1848-1923).

Sua descoberta recebeu muitos nomes, incluindo Princípio de Pareto, Lei de Pareto, Regra de 80/20, Princípio de Menor Esforço e Princípio do Desequilíbrio. [...] Por um processo subterrâneo de influência sobre muitas pessoas bem-sucedidas, principalmente empreendedores, entusiastas da computação e engenheiros de qualidade, o Princípio 80/20 ajudou a formar o mundo moderno. (KOCH, 2008, p. 04)¹⁶⁷

Koch (2008, p. 6) continua dizendo que, apesar dessa importância, o princípio continuou sendo um dos grandes segredos do nosso tempo e que apenas uma pequena proporção de seu poder é utilizada mesmo pelos especialistas que conhecem e utilizam o princípio.

Em termos simples, ainda segundo Koch (2008, p. 04), o Princípio de Pareto é uma lei empírica “que estabelece que uma minoria de causas, insumos, ou esforço levam normalmente à maioria dos resultados, produtos e recompensas”¹⁶⁸.

¹⁶⁷ *His discovery has since been called many names, including the Pareto Principle, the Pareto Law, the 80/20 Rule, the Principle of Least Effort, and the Principle of Imbalance; throughout this book we will call it the 80/20 Principle. By a subterranean process of influence on many important achievers, especially business people, computer enthusiasts and quality engineers, the 80/20 Principle has helped to shape the modern world.*

¹⁶⁸ *The 80/20 Principle asserts that a minority of causes, inputs, or effort usually lead to a majority of the results, outputs, or rewards.*

Assim, o Princípio 80/20 afirma que há um desequilíbrio intrínseco entre causas e resultados, insumos e produtos e efeito e recompensa. Um bom parâmetro para esse desequilíbrio é oferecido pela relação 80/20: um padrão típico mostrará que 80% dos resultados decorrem de 20% dos insumos; que 80% das consequências derivam de 20% das causas; ou que 80% dos resultados são provenientes de 20% do esforço. (KOCH, 2008, p. 04)¹⁶⁹

As inúmeras utilidades do princípio incluem usos empresariais e aplicações no âmbito da gestão de pessoas, da busca por eficácia, do controle de qualidade e da gestão de riscos (DELERS, 2016).

Figura 62 – Princípio 80/20

Fonte: Shutterstock sob licença

Como se pode observar, com base na Figura 62, acima, podemos aplicar um mesmo paradigma à análise do corpus, estabelecendo-se um paralelo no qual 20% dos efeitos de sentido contribuíram para 80% da aprovação de cada ensaio admissional.

¹⁶⁹ So the 80/20 Principle states that there is an inbuilt imbalance between causes and results, inputs and outputs, and effort and reward. A good benchmark for this imbalance is provided by the 80/20 relationship: a typical pattern will show that 80 percent of outputs result from 20 percent of inputs; that 80 percent of consequences flow from 20 percent of causes; or that 80 percent of results come from 20 percent of effort.

15 Os Resultados

Neste item, o estudo apresenta os dados numéricos oriundos da codificação bem como reflexões a partir de uma nova camada de análise qualitativa a partir dos dados quantitativos obtidos.

15.1 *Números de Importância*

Após ser consolidada, a lista de códigos passou a conter 165 marcadores. Por aplicação da Regra 80/20, poderíamos fazer um recorte separando os 34 primeiros códigos. Essa tarefa, no entanto, não é tão simples assim.

Antes de decidir pelos códigos finais, precisamos verificar a diferença de distribuição com base no número de casos e no número de ocorrências (frequência), juntamente com seus respectivos percentuais, para não se correr o risco de eliminar um código de expressão.

O gráfico na Figura 63, na próxima página, apresenta a distribuição dos códigos em função do número total de casos, ou ensaios admissionais, em que aparecem. Podemos ver que o código “Revelação (*Insight*)” aparece no topo da lista, com 31 casos, seguido de “Percurso Heroico”, com 30 casos.

O gráfico na Figura 64, na página 141, por sua vez, apresenta a distribuição dos códigos em função de seu número de ocorrências totais.

Figura 63 – Códigos ordenados por N° de Casos

Fonte: Gráfico gerado pelo Software QDA Miner

Figura 64 – Códigos ordenados por ocorrências

Fonte: Gráfico gerado pelo Software QDA Miner

Lembrando que a sequência de apresentação dos códigos foi mantida igual nos dois gráficos, o gráfico de distribuição por número de ocorrências, na Figura 64, apresenta uma disparidade maior entre os dois primeiros códigos e mostra ainda que as duas ordenações produzem resultados visivelmente distintos.

Como sugerem as Figuras 63 e 64, a realidade da apresentação da totalidade dos dados oriundos do grande número de códigos dificulta a sua utilização. É exatamente neste ponto que o Princípio de Pareto se torna valioso.

Nas Tabelas 5 e 6, a seguir, são mostrados os pontos de corte para a aplicação do princípio, com base no número de casos, com ordenamento pela coluna F, no primeiro gráfico e, com base no número de ocorrências, com ordenamento pela coluna D, no segundo. As colunas E e G apresentam, respectivamente, os percentuais para ocorrências e casos.

Ao fazer-se o corte dos primeiros 20% dos códigos da lista ordenada em função do *número de casos* (coluna F), teremos uma situação em que o percentual corresponde às primeiras 33 posições (arredondadas para 34), com a última posição terminando em um código que, por sua vez, é a última ocorrência de um empate. A posição 35, com uma nova série de empates, é a primeira a ficar de fora. Assim, ajustes não são necessários e 34 códigos irão adiante.

Tabela 5 – Recorte por Princípio Pareto – Ordenação por Casos (Coluna F)

A	B	C	D	E	F	G
	Código		Ocorrências	% Ocorrências	Casos	% Casos
01	Revelação (<i>Insight</i>)		56	7,30%	31	96,90%
02	Heroico, Percurso		37	4,80%	30	93,80%
03	Conquista		35	4,60%	19	59,40%
04	Incomum, Experiência		20	2,60%	10	31,30%
05	Comprometimento		13	1,70%	9	28,10%
06	Espirituoso		12	1,60%	8	25,00%
07	Apaixonado por Algo (<i>Passionate</i>)		11	1,40%	8	25,00%
08	Inquisitivo		10	1,30%	8	25,00%
09	Altruísta		10	1,30%	8	25,00%
10	Comunidade, Senso de		10	1,30%	8	25,00%
11	Trabalha Duro		8	1,00%	8	25,00%
12	Aptidão-Acadêmica		15	2,00%	7	21,90%
13	Criatividade		14	1,80%	7	21,90%
14	Problemas, Resolve		13	1,70%	7	21,90%
15	Fazer Diferença		12	1,60%	7	21,90%
16	Vulnerável		11	1,40%	7	21,90%
17	Aptidão-Tecnológica		10	1,30%	7	21,90%
18	Família		10	1,30%	7	21,90%
19	Instituição, Conhecer a		17	2,20%	6	18,80%
20	Aptidão-Científica		11	1,40%	6	18,80%
21	Inovador		10	1,30%	6	18,80%
22	Resiliência		9	1,20%	6	18,80%
23	Visão de Futuro		8	1,00%	6	18,80%
24	Determinação		7	0,90%	6	18,80%
25	Eclético		6	0,80%	6	18,80%
26	Família, Gratidão/em Dívida		6	0,80%	6	18,80%
27	Trabalho de Equipe		9	1,20%	5	15,60%
28	Fracasso		8	1,00%	5	15,60%
29	Colaborativo		8	1,00%	5	15,60%
30	Conhecimento Incomum		7	0,90%	5	15,60%
31	Aprender por Experiência		7	0,90%	5	15,60%
32	Aptidão-Pesquisa		6	0,80%	5	15,60%
33	Servir a Comunidade (<i>Public Service</i>)		6	0,80%	5	15,60%
34	Responsabilidade		5	0,70%	5	15,60%
35	Etnia		5	0,70%	5	15,60%
36	Visão de Carreira		8	1,00%	4	12,50%
37	Aptidão-Experimentação		7	0,90%	4	12,50%
38	Riscos, Aceita (<i>Risk-taker</i>)		6	0,80%	4	12,50%
39	Desafios, Enfrenta		6	0,80%	4	12,50%
40	Importa-se com o Próximo		6	0,80%	4	12,50%

Fonte: Elaborada pelo Autor

Uma ordenação pelo total de ocorrências (Coluna D) gera uma nova lista, também passível de corte após o 34º código. Aqui, o 35º marcador também inicia uma nova série de empates e é o primeiro a ser descartado.

Tabela 6 – Recorte aplicando Princípio de Pareto – Ordenação por Ocorrências (D)

A	B	C	D	E	F	G
	Código		Ocorrências	% Ocorrências	Casos	% Casos
01	Revelação (<i>Insight</i>)		56	7,30%	31	96,90%
02	Heroico, Percurso		37	4,80%	30	93,80%
03	Conquista		35	4,60%	19	59,40%
04	Incomum, Experiência		20	2,60%	10	31,30%
05	Instituição, Conhecer a		17	2,20%	6	18,80%
06	Aptidão-Acadêmica		15	2,00%	7	21,90%
07	Criatividade		14	1,80%	7	21,90%
08	Comprometimento		13	1,70%	9	28,10%
09	Problemas, Resolve		13	1,70%	7	21,90%
10	Espirituoso		12	1,60%	8	25,00%
11	Fazer Diferença		12	1,60%	7	21,90%
12	Apaixonado por Algo (<i>Passionate</i>)		11	1,40%	8	25,00%
13	Vulnerável		11	1,40%	7	21,90%
14	Aptidão-Científica		11	1,40%	6	18,80%
15	Inquisitivo		10	1,30%	8	25,00%
16	Altruísta		10	1,30%	8	25,00%
17	Comunidade, Senso de		10	1,30%	8	25,00%
18	Aptidão-Tecnológica		10	1,30%	7	21,90%
19	Família		10	1,30%	7	21,90%
20	Inovador		10	1,30%	6	18,80%
21	Resiliência		9	1,20%	6	18,80%
22	Trabalho de Equipe		9	1,20%	5	15,60%
23	Obstinado		9	1,20%	3	9,40%
24	Trabalha Duro		8	1,00%	8	25,00%
25	Visão de Futuro		8	1,00%	6	18,80%
26	Fracasso		8	1,00%	5	15,60%
27	Colaborativo		8	1,00%	5	15,60%
28	Visão de Carreira		8	1,00%	4	12,50%
29	Ascendência, Dá Valor à		8	1,00%	3	9,40%
30	Consciência Ambiental		8	1,00%	2	6,30%
31	Determinação		7	0,90%	6	18,80%
32	Conhecimento Incomum		7	0,90%	5	15,60%
33	Aprender por Experiência		7	0,90%	5	15,60%
34	Aptidão-Experimentação		7	0,90%	4	12,50%
35	Eclético		6	0,80%	6	18,80%
36	Família, Gratidão/em Dívida		6	0,80%	6	18,80%
37	Aptidão-Pesquisa		6	0,80%	5	15,60%
38	Servir a Comunidade (<i>Public Service</i>)		6	0,80%	5	15,60%
39	Riscos, Aceita (<i>Risk-taker</i>)		6	0,80%	4	12,50%
40	Desafios, Enfrenta		6	0,80%	4	12,50%

Fonte: Elaborada pelo Autor

Uma ordenação por **percentual do número de casos** teria a mesma ordenação que a série ordenada por **número de casos**. De forma análoga, **número de ocorrências** e **percentual do número de ocorrências** produzem a mesma ordenação de códigos.

Assim, chega-se a duas listas relevantes, uma ordenada com base no **número de ocorrências** do código e outra ordenada com base no **número de casos** em que o código aparece.

O próximo passo é comparar as duas listas para verificar se há códigos diferentes que precisem ser considerados.

Com dados provenientes de duas listas, pode-se utilizar diferentes critérios para determinar que códigos seriam utilizados a partir da aplicação do Princípio Pareto. Os códigos oriundos da primeira lista poderiam ser escolhidos com a simples exclusão das divergências oriundas da segunda e vice-versa.

Como ambas as ordenações são valiosas, optou-se por uma terceira opção em que as divergências passam a integrar a lista final. O resultado apresentará um número ligeiramente maior do que os 20% dos códigos, mas esse ajuste é possível no universo de aplicação do Princípio de Pareto, que deve ser compreendido como uma orientação na busca de um ponto de equilíbrio e não como imposição de um percentual intransigível, como visto em Delers (2016, p. 15).

Adaptar o princípio de Pareto para atingir o índice 80/20 não é um objetivo em si mesmo. Tudo depende da atividade da empresa e do setor. É provável que uma empresa de supermercados tenha muitos clientes pequenos, como é normal para o setor, enquanto um fabricante de aeronaves tem menos clientes, mas eles são inevitavelmente maiores. Portanto, o setor influencia a razão do princípio de Pareto, e nem sempre deve ser 80/20.¹⁷⁰

¹⁷⁰ *Adapting Pareto's principle to reach the 80/20 ratio is not a goal in itself. It all depends on the activity of the company and its sector. A supermarket company is likely to have many small customers, as is normal for the sector, while an aircraft manufacturer has fewer customers, but they are inevitably bigger. Therefore, the sector influences the ratio of Pareto's principle, and it shouldn't always be 80/20.*

O Quadro 4, abaixo, apresenta as divergências localizadas, marcadas em amarelo.

Quadro 4 – Consolidando Códigos do Topo

	Códigos oriundos da Ordenação por Casos	Códigos oriundos da Ordenação por Frequência
01	Revelação (<i>Insight</i>)	Revelação (<i>Insight</i>)
02	Heroico, Percurso	Heroico, Percurso
03	Conquista	Conquista
04	Incomum, Experiência	Incomum, Experiência
05	Comprometimento	Instituição, Conhecer a
06	Espirituoso	Aptidão-Acadêmica
07	Apaixonado por Algo (<i>Passionate</i>)	Criatividade
08	Inquisitivo	Comprometimento
09	Altruísta	Problemas, Resolve
10	Comunidade, Senso de	Espirituoso
11	Trabalha Duro	Fazer Diferença
12	Aptidão-Acadêmica	Apaixonado por Algo (<i>Passionate</i>)
13	Criatividade	Vulnerabilidade
14	Problemas, Resolve	Aptidão-Científica
15	Fazer Diferença	Inquisitivo
16	Vulnerabilidade	Altruísta
17	Aptidão-Tecnológica	Comunidade, Senso de
18	Família	Aptidão-Tecnológica
19	Instituição, Conhecer a	Família
20	Aptidão-Científica	Inovador
21	Inovador	Resiliência
22	Resiliência	Trabalho de Equipe
23	Visão de Futuro	Obstinado
24	Determinação	Trabalha Duro
25	Eclético	Visão de Futuro
26	Família, Gratidão/em Dívida	Fracasso
27	Trabalho de Equipe	Colaborativo
28	Fracasso	Visão de Carreira
29	Colaborativo	Ascendência, Valoriza a
30	Conhecimento Incomum	Consciência Ambiental
31	Aprender por Experiência	Determinação
32	Aptidão-Pesquisa	Conhecimento Incomum
33	Servir a Comunidade (<i>Public Service</i>)	Aprender por Experiência
34	Responsabilidade	Aptidão-Experimentação

Fonte: Elaborado pelo Autor

Cotejados os dados das duas listas, definem-se os códigos a serem priorizados com base no Princípio de Pareto, chegando-se aos 39 marcadores que integram a lista final, apresentados no Quadro 5, a seguir. Esse número excede os 20% previstos pela regra, constituindo 23,63%, porém inclui as divergências entre as duas ordenações.

Quadro 5 – 39 Códigos Consolidados

	Códigos Oriundos de Ambas Ordenações Em Ordem Alfabética
01	Altruísta
02	Apaixonado por Algo (<i>Passionate</i>)
03	Aprender por Experiência
04	Aptidão-Acadêmica
05	Aptidão-Científica
06	Aptidão-Experimentação
07	Aptidão-Pesquisa
08	Aptidão-Tecnológica
09	Ascendência, Valoriza a
10	Colaborativo
11	Comprometimento
12	Comunidade, Senso de
13	Conhecimento Incomum
14	Conquista
15	Consciência Ambiental
16	Criatividade
17	Determinação
18	Eclético
19	Espirituoso
20	Família
21	Família, Gratidão/em Dívida
22	Fazer Diferença
23	Fracasso
24	Heroico, Percurso
25	Incomum, Experiência
26	Inovador
27	Inquisitivo
28	Instituição, Conhecer a
29	Obstinado
30	Problemas, Resolve
31	Resiliência
32	Responsabilidade
33	Revelação (Insight)
34	Servir a Comunidade (<i>Public Service</i>)
35	Trabalha Duro
36	Trabalho de Equipe
37	Visão de Carreira
38	Visão de Futuro
39	Vulnerabilidade

Fonte: Elaborado pelo Autor

A partir dessa nova configuração de códigos, pode-se realimentar o programa e gerar novos relatórios ordenados por número de casos e número de ocorrências respectivamente, como pode-se ver nas Tabelas 7 e 8, a seguir.

Tabela 7 – Relatório Ordenado em Função de Casos

	Código	Ocorrências	% Ocorrências	Casos	% Casos
01	Revelação (<i>Insight</i>)	56	7,30%	31	96,90%
02	Heroico, Percurso	37	4,80%	30	93,80%
03	Conquista	35	4,60%	19	59,40%
04	Incomum, Experiência	20	2,60%	10	31,30%
05	Comprometimento	13	1,70%	9	28,10%
06	Trabalha Duro	8	1,00%	8	25,00%
07	Altruísta	10	1,30%	8	25,00%
08	Comunidade, Senso de	10	1,30%	8	25,00%
09	Apaixonado por Algo (<i>Passionate</i>)	11	1,40%	8	25,00%
10	Espirituoso	12	1,60%	8	25,00%
11	Inquisitivo	10	1,30%	8	25,00%
12	Problemas, Resolve	13	1,70%	7	21,90%
13	Família	10	1,30%	7	21,90%
14	Fazer Diferença	12	1,60%	7	21,90%
15	Aptidão-Acadêmica	15	2,00%	7	21,90%
16	Aptidão-Tecnológica	10	1,30%	7	21,90%
17	Vulnerabilidade	11	1,40%	7	21,90%
18	Criatividade	14	1,80%	7	21,90%
19	Visão de Futuro	8	1,00%	6	18,80%
20	Família, Gratidão/em Dívida	6	0,80%	6	18,80%
21	Inovador	10	1,30%	6	18,80%
22	Eclético	6	0,80%	6	18,80%
23	Determinação	7	0,90%	6	18,80%
24	Instituição, Conhecer a	17	2,20%	6	18,80%
25	Aptidão-Científica	11	1,40%	6	18,80%
26	Resiliência	9	1,20%	6	18,80%
27	Aprender por Experiência	7	0,90%	5	15,60%
28	Responsabilidade	5	0,70%	5	15,60%
29	Servir a Comunidade (<i>Public Service</i>)	6	0,80%	5	15,60%
30	Colaborativo	8	1,00%	5	15,60%
31	Fracasso	8	1,00%	5	15,60%
32	Trabalho de Equipe	9	1,20%	5	15,60%
33	Aptidão-Pesquisa	6	0,80%	5	15,60%
34	Conhecimento Incomum	7	0,90%	5	15,60%
35	Aptidão-Experimentação	7	0,90%	4	12,50%
36	Visão de Carreira	8	1,00%	4	12,50%
37	Ascendência, Valoriza a	8	1,00%	3	9,40%
38	Obstinado	9	1,20%	3	9,40%
39	Consciência Ambiental	8	1,00%	2	6,30%

Fonte: Elaborada pelo Autor

Tabela 8 – Relatório Ordenado em Função de Ocorrências

	Código	Ocorrências	% Ocorrências	Casos	% Casos
01	Revelação (<i>Insight</i>)	56	7,30%	31	96,90%
02	Heroico, Percurso	37	4,80%	30	93,80%
03	Conquista	35	4,60%	19	59,40%
04	Incomum, Experiência	20	2,60%	10	31,30%
05	Instituição, Conhecer a	17	2,20%	6	18,80%
06	Aptidão-Acadêmica	15	2,00%	7	21,90%
07	Criatividade	14	1,80%	7	21,90%
08	Comprometimento	13	1,70%	9	28,10%
09	Problemas, Resolve	13	1,70%	7	21,90%
10	Espirituoso	12	1,60%	8	25,00%
11	Fazer Diferença	12	1,60%	7	21,90%
12	Apaixonado por Algo (<i>Passionate</i>)	11	1,40%	8	25,00%
13	Vulnerabilidade	11	1,40%	7	21,90%
14	Aptidão-Científica	11	1,40%	6	18,80%
15	Altruísta	10	1,30%	8	25,00%
16	Inquisitivo	10	1,30%	8	25,00%
17	Comunidade, Senso de	10	1,30%	8	25,00%
18	Aptidão-Tecnológica	10	1,30%	7	21,90%
19	Família	10	1,30%	7	21,90%
20	Inovador	10	1,30%	6	18,80%
21	Resiliência	9	1,20%	6	18,80%
22	Trabalho de Equipe	9	1,20%	5	15,60%
23	Obstinado	9	1,20%	3	9,40%
24	Trabalha Duro	8	1,00%	8	25,00%
25	Visão de Futuro	8	1,00%	6	18,80%
26	Fracasso	8	1,00%	5	15,60%
27	Colaborativo	8	1,00%	5	15,60%
28	Visão de Carreira	8	1,00%	4	12,50%
29	Ascendência, Valoriza a	8	1,00%	3	9,40%
30	Consciência Ambiental	8	1,00%	2	6,30%
31	Determinação	7	0,90%	6	18,80%
32	Aprender por Experiência	7	0,90%	5	15,60%
33	Conhecimento Incomum	7	0,90%	5	15,60%
34	Aptidão-Experimentação	7	0,90%	4	12,50%
35	Família, Gratidão/em Dívida	6	0,80%	6	18,80%
36	Eclético	6	0,80%	6	18,80%
37	Aptidão-Pesquisa	6	0,80%	5	15,60%
38	Servir a Comunidade (Public Service)	6	0,80%	5	15,60%
39	Responsabilidade	5	0,70%	5	12,60%

Fonte: Elaborado pela Autor

Comparando-se a ordenação por número de ocorrências com a ordenação por número de casos, observa-se que a ordenação por número de casos reflete os marcadores valorizados pela instituição enquanto a ordenação por ocorrências reflete os marcadores enfatizados no discurso do enunciador.

15.2 Quadrados Semióticos

A análise dos efeitos de sentido identificados por meio de códigos demonstra que esses efeitos remetem, em sua maioria, a valores identitários. Ou seja, remetem a uma matriz axiologia que, por sua vez, remete ao *éthos* do enunciador em seu percurso discursivo. Dentro desse percurso, os valores identitários são investidos de diferentes magnitudes em busca de ressonância com um destinatário cujo quadro axiológico só pode ser presumido.

A existência dessa modulação dos sentidos, por sua vez, remete à possibilidade da utilização da semiótica greimasiana e, mais precisamente, do quadrado semiótico como um instrumento para maior compreensão dos processos discursivos em torno do suposto compartilhamento de uma matriz axiológica.

O quadrado semiótico (FONTANILLE, 2015, p. 62) reúne dois tipos de oposições binárias em um “um só sistema que administra, ao mesmo tempo, a presença simultânea de traços contrários e a presença e a ausência de cada um desses dois traços”.

Neste estudo, o quadrado semiótico fornece o embasamento teórico que suporta a investigação que foi conduzida. É ele, afinal, que, ao contrapor oposições de categorias semânticas, permite a compreensão e a visualização de redes relacionais nas quais sentidos assumem valores distintos ao longo do continuum de suas possibilidades.

Graças ao quadrado semiótico, compreende-se que sentidos não são prisioneiros das palavras, mas existem no universo de possibilidades, de graus, de intensidades dentro de um campo semântico, estabelecido de forma relacional entre seus componentes.

Tratando do quadrado semiótico, Fontanille (2015) fornece o elemento crucial para a análise aqui proposta. Segundo o autor (2015, p. 67), é exatamente o quadrado semiótico que aponta para o que está “*em jogo*”.

No que concerne àquela [matriz narrativa] da qual nos ocupamos aqui, ou seja, o quadrado semiótico, os termos que a compõem tornam-se precisamente *aquilo que está em jogo* no percurso narrativo: parte-se da posição **a1**, por exemplo, buscando-se atingir a posição **a2**, via posição **não a1**. Consequentemente, o sistema de valores semânticos que esquematiza o quadrado semiótico deve, então, ser considerado como um sistema de valores para sujeitos determinados e, isto é, um *sistema axiológico*. (grifos e itálicos do autor, destaque nosso)

Como ensina Fontanille (2015, p. 67, itálico nosso), “o sistema de valores semânticos que esquematiza o quadrado semiótico deve, então, ser considerado como *um sistema de valores para sujeitos determinados*”.

Na prática desta pesquisa, o quadrado permite visualizar como as relações complexas de sentido contribuem para a veiculação daquele pretendido pelo enunciador. Tomando-se o Ensaio Admissional nº 6, temos um bom exemplo de aplicação, visto a seguir na Figura 65.

Figura 65 – Efeitos Pretendidos

Fonte: Elaborada pelo Autor

Por meio do quadrado semiótico, por exemplo, percebe-se que o “Departamento não Atlético” do Ensaio nº 6 utiliza, já em seu título, um jogo de sentidos onde a negação de um atributo reforça seu oposto – uma nuance que, pelo menos com base, no comentário ao Ensaio nº 6, não foi percebida pelo avaliador.

A primeira coisa que chama a atenção neste ensaio é o título chamativo, que, de forma eficaz, prepara o terreno para um ensaio que encanta por falar mal do próprio autor. O autor usa humor sutil ao longo do ensaio para enfatizar uma de suas fraquezas ao mesmo tempo em que revela como transformou o que alguns poderiam ter considerado um acontecimento negativo em uma experiência de aprendizado.¹⁷¹

¹⁷¹ Texto original no Anexo A. Ensaio nº 6.

No jogo entre os extremos do quadrado semiótico, fica clara a manobra do enunciador de remeter ao imaginário de que indivíduos intelectuais estão em contraposição aos atletas. Ao manipular a inexistência de um atributo o enunciador veiculou deliberadamente seu oposto, ou seja, “aptidão acadêmica”, um valor identitário que ocupa a 17ª. posição na ordenação de códigos por casos. Confirmando o apontado por Fontanille (2015, p. 67), as relações semânticas representadas pelos códigos utilizados não são exceção e apontam para sistemas de valores compartilhados.

Tendo-se validado a possibilidade de investigação do *éthos* do enunciador a partir dos sentidos que contribuem para sua construção, passamos à proposta de um quadrado semiótico prototípico, apresentado na Figura 66, abaixo, que relaciona as categorias semânticas abstraídas a partir do nível fundamental dos ensaios analisados.

Figura 66 – Quadrado Semiótico

Fonte: Elaborada pelo Autor

O Quadro 6, na próxima página, sintetiza as posições correspondentes ao quadrado prototípico, apresentado acima, para os 39 códigos principais extraídos do corpus. A lista apresenta apenas 31 posições porque algumas das relações de oposição, embora provenientes de códigos marcadores diferentes, remetem a um quadrado semelhante. Diferentes tipos de

“aptidão” (aptidão acadêmica, científica, tecnológica, para experimentação, para pesquisa – todas possuidoras de códigos correspondentes de demarcação) geram quadrados semióticos cujas relações se estabelecem em torno das mesmas categorias semânticas relacionadas à “aptidão”.

Quadro 6 – Síntese das Relações Semânticas dos 39 Códigos Principais.

Código	a1	a2	Não -a2	Não-a1
Altruísta	Altruísta	Egoísta	Não Egoísta	Não Altruísta
Apaixonado por Algo (Passionate)	Apaixonado	Indiferente	Não Indiferente	Não Apaixonado
Aprender por Experiência	Aprender	Desaprender	Não Desaprender	Não Aprender
Aptidão-Acadêmica	Aptidão	Inaptidão	Não Inaptidão	Não Aptidão
Aptidão-Científica	[Variação] Aptidão	[Variação]	[Variação]	[Variação]
Aptidão-Experimentação	[Variação] Aptidão	[Variação]	[Variação]	[Variação]
Aptidão-Pesquisa	[Variação] Aptidão	[Variação]	[Variação]	[Variação]
Aptidão-Tecnológica	[Variação] Aptidão	[Variação]	[Variação]	[Variação]
Ascendência, Valoriza a	Valorizar	Desvalorizar	Não Desvalorizar	Não Valorizar
Colaborativo	Colaborar	Atrapalhar	Não Atrapalhar	Não Colaborar
Comprometimento	Comprometimento	Descomprometimento	Não Descomprometimento	Não Comprometimento
Comunidade, Senso de	Consciência [Senso]	Indiferença	Não Indiferença	Não Consciência
Conhecimento Incomum	Conhecimento	Desconhecimento	Não Desconhecimento	Não Conhecimento
Conquista	Conquista	Derrota	Não Derrota	Não Conquista
Consciência Ambiental				
Criatividade	Criativo	Falta de Imaginação	Ausência da Falta de Imaginação	Não Criativo
Determinação	Determinação	Indecisão	Ausência da Indecisão	Ausência de Determinação
Eclético	Eclético	Restrito	Não Restrito	Não Eclético
Espirituoso	Espirituoso	Insípido	Não Insípido	Não Espirituoso
Família	Família (Implica Valorizar)	Desvalorizar	Não Valorizar	Não Desvalorizar
Família, Gratidão/em Dívida	Gratidão	Ingratidão	Não Ingratidão	Não Gratidão
Fazer Diferença	Fazer Diferença (Contribuir)	Retirar	Não Retirar	Não Contribuir
Fracasso	Fracasso	Sucesso	Insucesso	Não Fracasso
Heroico, Percurso	Herói	Vilão	Não vilão	Anti-herói
Incomum, Experiência	Experiência Incomum	Experiência Corriqueira	Experiência não Corriqueira	A Experiência não Incomum
Inovador	Inovador	Conservador	Não Conservador	Não Inovador
Inquisitivo	Inquisitivo	indiferente	Não indiferente	Não Inquisitivo
Instituição, Conhecer a	Conhecer	Desconhecer	Não Conhecer	Não Desconhecer
Obstinado	Obstinado	Desistente	Não Desistente	Não Obstinado
Problemas, Resolve	Resolve (Problemas)	Cria (Problemas)	Não Cria (Problemas)	Não Resolve (Problemas)
Resiliência	Resiliente	Frágil	Não Frágil	Não Resiliente
Responsabilidade	Responsável	Irresponsável	Não Responsável	Não Irresponsável
Revelação (Insight)	Revelação	Ocultação	Não Ocultação	Não Revelação
Servir a Comunidade (Public Service)	Servir (Doar) à Comunidade	Tomar	Não Tomar	Não Servir (Doar)
Trabalha Duro (Muito)	Trabalhar (Muito)	Trabalhar Pouco	Não Trabalhar Pouco	O não Trabalhar Muito
Trabalho de Equipe	Em Equipe	Individual	Não Individual	Não em Equipe
Visão de Carreira	Visão	Cegueira	Ausência da Cegueira	Ausência da Visão
Visão de Futuro	[Variação] Visão	[Variação]	[Variação]	[Variação]
Vulnerabilidade	Vulnerabilidade	Invulnerabilidade	Não Invulnerabilidade	Não Vulnerabilidade

Fonte: Elaborado pelo Autor

Atentando-se aos sentidos, percebe-se que os mesmos podem surgir e existir ao longo de percursos discursivos nos quais podem interagir entre si, coexistindo, reforçando-se, cancelando-se ou dissipando-se, em um processo de constante fluxo.

No caso do *personal statement*, esses sentidos remetem a um quadro axiológico e tem por função constituir a representação do *éthos* do enunciador, por meio de valores identitários que espera ora sejam compartilhados com os valores presumidos a partir dos simulacros discursivos do destinatário e ora sejam complementares a esses, em uma configuração de apostas investidas em um processo de reconhecimento por parte da instituição no mundo concreto. *Personal Statements*, dessa forma, ilustram com muita propriedade o “jogo” de que falou Fontanille (2015, p. 67).

15.3 Do Sintagma Narrativo ao Nível Discursivo: estratégias da enunciação

Como apurado pela pesquisa, no nível discursivo, os códigos remetem, ora por si sós, ora operando em conjunto, a um quadro axiológico. Esse plano discursivo se sustenta em um plano narrativo e em um plano fundamental, como se concebe na semiótica francesa, e se enuncia de modos específicos.

Com relação ao nível narrativo, o ensaio admissional exemplar aponta para um programa narrativo prototípico, no qual o sujeito do fazer, o protagonista da história contada no ensaio, identificado por **S₂**, é levado, direta ou indiretamente, pelo sujeito **S₁**, a instituição¹⁷², à uma performance por meio da qual demonstra estar ou se tornar **conjunto** com uma série de valores identitários associados na formação de um quadro axiológico, representado no programa sintagmático abaixo por **Ov**.

É por conjunção de **S₂** (o protagonista) com esse objeto-valor que o candidato, sincretizado com esse protagonista, espera ter seu valor demonstrado e o reconhecimento de que, por identificação com os valores que acredita serem cultivados pela instituição, merece dela fazer parte.

¹⁷² Deve-se lembrar neste ponto que **S₁**, aqui entendido como a instituição, manifesta-se no texto de forma sincrética com qualquer sujeito enunciativo ou situação que promova o movimento de **S₂** na direção da conjunção com os valores presumidamente compartilhados com a instituição. Ou seja, com base nas expectativas que julga existirem quanto aos valores com os quais deve demonstrar conjunção, o destinador insere em seu discurso um sujeito enunciativo, ou uma situação em substituição a esse sujeito, uma espécie de procurador da instituição no mundo concreto e que exige desse enunciador a demonstração desses valores. É por meio desse artifício que se transpõe a barreira entre o enunciado e o mundo concreto do destinador e destinatário.

Em sua estrutura narrativa, ensaios, como aprendemos deste estudo, têm por objetivo dar testemunho, por meio de performances do sujeito do fazer (S_2), do *éthos* e, em última análise, da identidade do candidato com ele sincretizado. Essa estrutura narrativa pressupõe, que, no plano da trama, uma situação ou circunstância exija tal performance para que a mesma seja justificável.

O sintagma – neste caso, um programa narrativo – sintetiza a configuração de um desafio inicial para que o protagonista tenha o espaço narrativo para a demonstração que o coloca em conjunção com seu objeto-valor.

$$\text{PN} = \text{F} [\text{S}_1 \rightarrow (\text{S}_2 \cap \text{O}_v)]$$

onde $\text{O}_v = \{\text{O}_{m1}, \text{O}_{m2}, \dots, \text{O}_{mn}\}$

15.4 Apostas Altas – Os Objetos Modais

Da mesma forma que podemos entender a proposição sintagmática como incluindo um quadro axiológico como objeto de valor, podemos também entender que tal quadro é constituído por valores identitários individuais, ou Objetos Modais, que podemos representar como O_m . Cada objeto modal, em um modelo prototípico, pode ser representado por uma variável, de O_{m1} a O_{mn} , e ser depositário de um valor identitário.

Por ser depositário desse valor, o Objeto Modal, nas várias possibilidades investidas (altruísmo, comprometimento, etc.), constrói um recorte de um sistema de valores que, idealmente, encontrará ressonância no quadro axiológico da instituição.

Por ter acesso somente a um destinatário presumido, o enunciador, S_2 , pode apenas supor a importância dos valores constituindo o quadro axiológico desse destinatário, o que torna seus investimentos discursivos um jogo de interpretação.

A existência de ordenações diferentes por ocorrências e por casos demonstra que os valores em jogo são enfatizados de formas diferentes pela instituição e pelo enunciador. Essa constatação decorre de o candidato não ter certeza, de antemão, sobre a configuração do quadro axiológico com o qual busca ressonância. As coincidências de ordenação, quando ocorrem, apontam para o fato de que o candidato bem-sucedido foi capaz de fazer escolhas que garantiram um alinhamento axiológico, ainda que parcial.

Tratando-se de um amplo universo de possibilidades, as apostas nos valores do quadro axiológico institucional precisam encontrar um ponto de equilíbrio, nem demais nem de menos. Apostar em um único ou em poucos valores implica a possibilidade da aposta em valores não priorizados pela instituição em um dado momento ou em valores tão óbvios e recorrentes que lhes falta capacidade de demonstrar qualquer diferencial que favorecesse o candidato. No cenário inverso, se as apostas forem diluídas sobre um número excessivo de valores, o "investimento" por aposta pode ficar demasiadamente diluído, perdendo sua intensidade e consequente potencial para causar impacto. Na prática, o excesso de apostas equivale a ter-se um ensaio no qual tantos valores são explorados que nenhum recebe o necessário investimento em seu desenvolvimento.

A eleição dos valores a serem focados em um ensaio admissional não é, por si só, garantia de um ensaio admissional bem-sucedido. O ensaio precisa construir uma narrativa igualmente bem-sucedida que convença a instituição das características do candidato. A escolha dos valores nos quais apostar, no entanto, é um primeiro passo crucial para que o ensaio possa alcançar seu objetivo de aprovação.

Para o candidato, no entanto, essa escolha talvez não seja necessariamente aparente, ou mesmo consciente, e é possível que ocorra de forma indireta, já que ao escolher a história que vai contar, o candidato não está escolhendo apenas uma história, mas um percurso narrativo em torno de um ou mais valores identitários.

15.4.1 Valores Identitários

As representações preenchendo a matriz axiológica são variáveis, não apenas no sentido de suas várias configurações, ou seja, a combinação de valores escolhidos para constituir a representação identitária, mas também no sentido de que elas mesmas são sujeitas à variabilidade intrínseca, ficando, portanto, sujeitas tanto à possibilidade de aumento como de redução de seu potencial persuasivo.

A matriz axiológica é, portanto, um quadro sujeito a um fenômeno análogo ao da convecção, no qual valores “aquecidos” emergem, tomando o lugar de valores que “esfriam” perdendo sua energia dentro de uma dinâmica axiológica.

Escrever um ensaio admissional é um exercício retórico em que o candidato, sincretizado com o enunciador, cria um simulacro de si que tem por finalidade persuadir a instituição, por sua vez, sincretizada com o enunciatório, a oferecer-lhe uma vaga em

decorrência de seu merecimento, demonstrado pelo compartilhamento discursivo eficiente de valores “quentes”, ou seja de valores de alta importância para ambos em dado momento.

Em virtude das diferentes configurações desses valores, o levantamento do quadro axiológico no corpus analisado não produz uma lista de valores capazes de assegurar o sucesso de ensaios futuros, mas aponta para a necessidade de candidatos refletirem sobre os valores identitários nos quais ancoram seus ensaios.

A retórica ensina que a persuasão é mais eficaz quando o enunciador toca o enunciatário por suas emoções. Os valores sociais são um modo de o fazer; quanto mais o enunciatário reconhecer no enunciador alguém alinhado consigo, maior a probabilidade de o enunciador persuadi-lo. (HARKOT-DE-LA-TAILLE, 2017)¹⁷³

Se bem-sucedido na eleição de seu quadro axiológico, o enunciador suscitará no destinatário uma conexão emocional em virtude do reconhecimento de semelhanças compartilhadas, desencadeando um processo de persuasão que recorre à emoção.

15.5 *Éthos como autorretrato*

Após o término da demarcação dos segmentos do corpus de pesquisa, pode-se proceder às primeiras análises quantitativas. Diante das codificações existentes, temos os números apresentados na Tabela 9, abaixo.

Tabela 9 – Códigos e Segmentos Codificados

Total de Códigos Criados	244
Total de Segmentos Codificados	525

Fonte: Elaborada pelo Autor

A lista original de códigos é alcançada com base em decisões em tempo real sobre que código será utilizado com base em seu efeito de sentido. Como decorrência, após o término do processo de codificação, é necessário que se faça uma revisão da lista para eliminar demarcações desnecessárias, por resultarem de códigos distintos que tenham sido designados

¹⁷³ Nota: em sessão de orientação.

para o mesmo efeito de sentido ou consolidarem efeitos de sentido muito próximos sob um mesmo código. A Tabela 10, por sua vez, reflete os códigos consolidados.

Tabela 10 – Códigos Consolidados e Segmentos Codificados

Total de Códigos Consolidados	165
Total de Segmentos Codificados	525

Fonte: Elaborada pelo Autor

Dos códigos restantes, temos a Tabela 11, na próxima página, mostrando suas respectivas contagens e percentuais juntamente com o número e percentual de casos em que ocorreram.

Tabela 11 – Códigos Consolidados (em ordem alfabética)

	Código	Ocorrências	% Ocorrências	Casos	% Casos
001	Aceitação de Si	1	0,10%	1	3,10%
002	Aceito, Ser	2	0,30%	2	6,30%
003	Adversidade	2	0,30%	2	6,30%
004	Alegação Incomum	1	0,10%	1	3,10%
005	Altruísta	10	1,30%	8	25,00%
006	Ambição	4	0,50%	4	12,50%
007	Ambição Profissional	2	0,30%	1	3,10%
008	Amizade	2	0,30%	2	6,30%
009	Amor	2	0,30%	1	3,10%
010	Apaixonado por Algo (<i>Passionate</i>)	11	1,40%	8	25,00%
011	Aprender por Experiência	7	0,90%	5	15,60%
012	Aprender, Paixão por	1	0,10%	1	3,10%
013	Aptidão-Acadêmica	15	2,00%	7	21,90%
014	Aptidão-Científica	11	1,40%	6	18,80%
015	Aptidão-Computação	3	0,40%	1	3,10%
016	Aptidão-Experimentação	7	0,90%	4	12,50%
017	Aptidão-Idiomas	4	0,50%	1	3,10%
018	Aptidão-Pesquisa	6	0,80%	5	15,60%
019	Aptidão-Tecnológica	10	1,30%	7	21,90%
020	Ascendência, Dá Valor à	8	1,00%	3	9,40%
021	Autossuficiente	1	0,10%	1	3,10%
022	Aventura, Senso de	1	0,10%	1	3,10%
023	Caráter	1	0,10%	1	3,10%
024	Cidadania	1	0,10%	1	3,10%
025	Colaborativo	8	1,00%	5	15,60%
026	Comprometimento	13	1,70%	9	28,10%
027	Comunicativo	2	0,30%	2	6,30%
028	Comunidade, Senso de	10	1,30%	8	25,00%
029	Condição da Mulher, Preocupação	5	0,70%	3	9,40%
030	Conexão	1	0,10%	1	3,10%
031	Confiante	4	0,50%	3	9,40%
032	Conhecimento Incomum	7	0,90%	5	15,60%
033	Conquista	35	4,60%	19	59,40%
034	Consciência Ambiental	8	1,00%	2	6,30%
035	Consciência da Realidade	2	0,30%	2	6,30%
036	Consciência de Identidade (Quem sou)	3	0,40%	3	9,40%
037	Consciência do Tempo	1	0,10%	1	3,10%
038	Consciência Social	3	0,40%	2	6,30%
039	Contexto [Situação]	2	0,30%	2	6,30%
040	Convicção	2	0,30%	2	6,30%
041	Coordenado, Ser	2	0,30%	2	6,30%
042	Coragem	4	0,50%	4	12,50%
043	Criatividade	14	1,80%	7	21,90%
044	Curiosidade	1	0,10%	1	3,10%
045	Dedicação	3	0,40%	3	9,40%
046	Derrota	1	0,10%	1	3,10%
047	Desafios, Enfrenta	6	0,80%	4	12,50%
048	Desafios, Gostar de	2	0,30%	2	6,30%
049	Desbravador (<i>Explorer</i>)	1	0,10%	1	3,10%
050	Descuidado	1	0,10%	1	3,10%
051	Detalhes, Atenção à	1	0,10%	1	3,10%
052	Determinação	7	0,90%	6	18,80%
053	Diligente	2	0,30%	2	6,30%
054	Diversidade, Abertura à	3	0,40%	2	6,30%
055	Diversidade, Contribuir com	1	0,10%	1	3,10%
056	Dúvida sobre Si	3	0,40%	2	6,30%
057	Eclético	6	0,80%	6	18,80%
058	Empatia	1	0,10%	1	3,10%
059	Empreendedorismo	2	0,30%	1	3,10%
060	Engenhoso	2	0,30%	1	3,10%
061	Ensinar, Vocação	1	0,10%	1	3,10%
062	Entusiasmo	2	0,30%	2	6,30%
063	Equilíbrio	5	0,70%	4	12,50%
064	Erudito	2	0,30%	2	6,30%

065	Esperançoso	1	0,10%	1	3,10%
066	Espirituoso	12	1,60%	8	25,00%
067	Estudioso	1	0,10%	1	3,10%
068	Ético	4	0,50%	3	9,40%
069	Etnia	5	0,70%	5	15,60%
070	Experiências, Aberto a Novas	2	0,30%	2	6,30%
071	Família	10	1,30%	7	21,90%
072	Família, como Modelo de Conduta	2	0,30%	1	3,10%
073	Família, Gratidão/em Dívida	6	0,80%	6	18,80%
074	Família, Irmãos	3	0,40%	2	6,30%
075	Família, Valores	1	0,10%	1	3,10%
076	Fazer Diferença	12	1,60%	7	21,90%
077	Filosófico	1	0,10%	1	3,10%
078	Fracasso	8	1,00%	5	15,60%
079	Frustração	1	0,10%	1	3,10%
080	Gerenciamento do Tempo	1	0,10%	1	3,10%
081	Global (Pensamento)	2	0,30%	1	3,10%
082	Gratidão	5	0,70%	2	6,30%
083	Herói	4	0,50%	4	12,50%
084	Heroico, Percurso	37	4,80%	30	93,80%
085	Humanitário	5	0,70%	1	3,10%
086	Humildade	1	0,10%	1	3,10%
087	Humor	5	0,70%	2	6,30%
088	Humor, Senso de	3	0,40%	2	6,30%
089	Idealista	1	0,10%	1	3,10%
090	Identidade	4	0,50%	2	6,30%
091	Imaginativo	4	0,50%	4	12,50%
092	Impacto no Mundo	2	0,30%	2	6,30%
093	Importa-se com o Próximo	6	0,80%	4	12,50%
094	Incomum, Ambiente	3	0,40%	2	6,30%
095	Incomum, Experiência	20	2,60%	10	31,30%
096	Incomum, Ser (<i>Unique</i>)	2	0,30%	2	6,30%
097	Indeciso	1	0,10%	1	3,10%
098	Independente	4	0,50%	4	12,50%
099	Infância, Experiência na	1	0,10%	1	3,10%
100	Iniciativa	1	0,10%	1	3,10%
101	Inovador	10	1,30%	6	18,80%
102	Inquisitivo	10	1,30%	8	25,00%
103	Instituição, Conhecer a	17	2,20%	6	18,80%
104	Interesse	1	0,10%	1	3,10%
105	Intuitivo	1	0,10%	1	3,10%
106	Lealdade	1	0,10%	1	3,10%
107	Leitor	1	0,10%	1	3,10%
108	Liderança	5	0,70%	4	12,50%
109	Lógico	3	0,40%	2	6,30%
110	Luta por Ideias	1	0,10%	1	3,10%
111	Maravilhado (<i>Sense of Wonder</i>)	2	0,30%	1	3,10%
112	Modelo a Seguir	5	0,70%	2	6,30%
113	Motivado (<i>Drive</i>)	1	0,10%	1	3,10%
114	Música, Amor pela	3	0,40%	1	3,10%
115	Natureza, Amor pela	2	0,30%	1	3,10%
116	Negativo	1	0,10%	1	3,10%
117	Objetivos, Possui	2	0,30%	2	6,30%
118	Obstinado	9	1,20%	3	9,40%
119	Optimismo	5	0,70%	3	9,40%
120	Orgulho (<i>Pride</i>)	3	0,40%	3	9,40%
121	<i>Overachiever</i>	2	0,30%	2	6,30%
122	Papel no Curso	5	0,70%	2	6,30%
123	Pedido-Implicito	1	0,10%	1	3,10%
124	Pensa Diferente (<i>think outside the box</i>)	1	0,10%	1	3,10%
125	Pensamento Crítico	1	0,10%	1	3,10%
126	Perseverante	3	0,40%	3	9,40%
127	Perspectiva Incomum	2	0,30%	2	6,30%
128	Pertencimento	2	0,30%	1	3,10%
129	Planejamento	1	0,10%	1	3,10%
130	Positivo	1	0,10%	1	3,10%
131	Proativo	5	0,70%	3	9,40%
132	Problemas, Resolve	13	1,70%	7	21,90%

133	Promissor	1	0,10%	1	3,10%
134	Propósito, Ter	2	0,30%	1	3,10%
135	Realidade x Fantasia	1	0,10%	1	3,10%
136	Realista	4	0,50%	2	6,30%
137	Reconhecimento (Obter)	1	0,10%	1	3,10%
138	Reflexão	6	0,80%	4	12,50%
139	Rejeitado	1	0,10%	1	3,10%
140	Resiliência	9	1,20%	6	18,80%
141	Responsabilidade	5	0,70%	5	15,60%
142	Resultados, Focado em	1	0,10%	1	3,10%
143	Revelação (<i>Insight</i>)	56	7,30%	31	96,90%
144	Riscos, Aceita (<i>Risk taker</i>)	6	0,80%	4	12,50%
145	Saber sobre o Curso	1	0,10%	1	3,10%
146	Satisfação (<i>Contentment</i>)	1	0,10%	1	3,10%
147	Seguro de si	2	0,30%	1	3,10%
148	Servir a Comunidade (<i>Public Service</i>)	6	0,80%	5	15,60%
149	Sobrevivente	2	0,30%	1	3,10%
150	Sociável	2	0,30%	2	6,30%
151	Superação	2	0,30%	2	6,30%
152	Sustentabilidade, Defende	1	0,10%	1	3,10%
153	Talento Incomum	3	0,40%	3	9,40%
154	Tecnologia, Paixão pela	1	0,10%	1	3,10%
155	Tenacidade	3	0,40%	3	9,40%
156	Trabalha Duro	8	1,00%	8	25,00%
157	Trabalho de Equipe	9	1,20%	5	15,60%
158	Universidade, Encaixe com a	3	0,40%	1	3,10%
159	Vergonha	2	0,30%	1	3,10%
160	Versátil	1	0,10%	1	3,10%
161	Versátil (<i>Adaptable</i>)	4	0,50%	4	12,50%
162	Visão de Carreira	8	1,00%	4	12,50%
163	Visão de Futuro	8	1,00%	6	18,80%
164	Vocação	1	0,10%	1	3,10%
165	Vulnerável	11	1,40%	7	21,90%

Fonte: Elaborada pelo Autor

15.5.1 Visualizando Sentidos

A partir desse novo relatório, é possível visualizar com clareza muito maior a distribuição dos elementos mais relevantes em função de critérios distintos.

Os gráficos das Figuras 67 e 68, apresentadas nas páginas 162 e 163, apresentam respectivamente a distribuição por número de casos e número de ocorrências.

Figura 67 – Distribuição dos Códigos Principais por Casos

Fonte: Gráfico Gerado pelo Software QDA Miner

Figura 68 – Distribuição Códigos Principais por Ocorrências

Fonte: Gráfico Gerado pelo Software QDA Miner

Os dados são também apresentados, de forma alternativa, em gráficos de setores, nas Figuras 69 e 70.

Figura 69 – Distribuição por Casos e Respectivos Percentuais

Fonte: Gráfico Gerado pelo Software QDA Miner

Figura 70 – Distribuição por Frequência e Respectivos Percentuais

Fonte: Gráfico Gerado pelo Software QDA Miner

15.6 Análise de Agrupamentos

Nos gráficos ordenados por *número de ocorrências*, o código “Revelação (*Insight*)” ocupa posição proeminente. Isso poderia indicar tratar-se do código mais importante. O relatório de ocorrências (Apêndice C), transcrito na Tabela 12, abaixo, no entanto, demonstra que o código ocorre no mesmo *número de casos* que o código para “Percurso Heroico”. Esse achado aponta para a possibilidade de que os códigos estejam ligados, possivelmente partilhando o mesmo grau de importância.

Tabela 12 – Relatório de Ocorrências

Código	Contagem	% Códigos	Casos	% Casos
Revelação (<i>Insight</i>)	56	7.2%	31	96.9%
Heroico, Percurso	38	4.9%	31	96.9%

Fonte: Elaborada pelo Autor

Para determinar-se a validade da hipótese de ligação desses marcadores, recorreu-se à análise de agrupamentos de códigos (*clusters*) e gerou-se um dendograma¹⁷⁴.

Análises de como se agrupam os efeitos de sentido dentro do texto podem ser feitas com base na proximidade dos códigos que os representam.

Vários são os tipos de técnicas de agrupamento encontradas na literatura. Manly (1994) destacou duas abordagens particulares, destacando, a primeira delas: i) técnicas que produzem dendogramas, em que o primeiro passo é calcular as medidas de dissimilaridade (ou similaridade) entre todos os pares possíveis de indivíduos e, assim, formar os grupos por processos aglomerativos ou divisivos; ii) técnicas que envolvem partições, em que os indivíduos podem se mover fora e dentro dos grupos em diferentes estágios da análise.

Inicialmente, na aplicação dessas técnicas, são estabelecidos centros de grupos, arbitrariamente, e cada indivíduo é agrupado em relação ao centro mais próximo. Novos centros são calculados e cada indivíduo se move para o grupo cujo centro seja mais próximo de si. O processo continua de forma iterativa até encontrar a estabilidade nos grupos. (MEYER, A., 2002)

Na Figura 71, a seguir, temos o dendograma referente aos agrupamentos com base nas proximidades dos 39 códigos principais e que foi útil para a compreensão do nível discursivo.

¹⁷⁴ Nota: O dendograma agrupa códigos por “famílias” com base em algoritmos que rastreiam coocorrências.

No gráfico da Figura 71, pode-se verificar que os códigos “Revelação (*Insight*)” (RV) e “Percurso Heroico” (PH), ocupando as duas posições mais proeminentes no agrupamento de cor magenta, estabelecem o núcleo desse agrupamento que ainda inclui os marcadores para “Senso de Comunidade”, “Conquista”, “Experiência Incomum” e “Fazer Diferença”.

A partir da importância desse agrupamento, por conter os dois códigos de maior expressão e os códigos mais proximamente ligados a esses¹⁷⁵, pode-se supor um percurso discursivo apoiado nos códigos que compõem o agrupamento.

Esses dados sugerem, portanto, a existência de uma estrutura discursiva comum e peculiar a esses ensaios admissionais: o “Percurso Heroico” ocorre inserido em um conjunto de efeitos preponderantes.

Se o número de ocorrências do código RV ocorre em número maior e parece associado ao código PH, parece lógico que se possa estabelecer a existência de um percurso sustentado primordialmente por tais marcadores.

Enquanto o número de ocorrências totais para RV é maior do que o para PH, PH ocorre uma única vez por caso, uma limitação não existente para nenhum outro código. Em síntese, o discurso heroico no *personal statement* parece admitir somente um herói e um percurso heroico correspondente, embora esse enunciador possa ter mais de uma revelação ou possa falar de sua revelação de uma forma que exija mais de uma demarcação – o que explicaria o número maior de ocorrências de RV.

Pode-se propor, a partir disso, um modelo estrutural em que, dada a importância da *Revelação*, parece ser ela própria demarcadora do momento da transformação do sujeito, por ter esse sujeito enfrentado uma *experiência incomum*. Essa Revelação é fruto de sua *conquista* prévia, da vitória sobre essa circunstância incomum, que dá testemunho do *éthos* alinhado com o da instituição, de alguém que pode *fazer diferença*. É por meio desse percurso que o enunciador é investido de poderes para representar o candidato como um indivíduo que compartilha os valores identitários do enunciatário e que é, portanto, merecedor de pertencer à instituição. De certa forma, o ensaio admissional *testa* o alinhamento do enunciador com a doxa institucional, ou melhor ainda, com os *endoxa*, nos termos propostos por Aristóteles, no sentido das opiniões reputadas e oriundas dos integrantes mais sábios dessa instituição.

¹⁷⁵ Nota: É importante lembrar que o núcleo é formado por dois elementos e não apenas pelo que aparece com mais proeminência neste gráfico específico, já que um desses elementos têm maior expressão apenas no âmbito das ocorrências, estando empatado em número de casos.

Sabemos pelos textos de Aristóteles que os endoxa são as opiniões reputadas, compartilhadas pela maioria (que se distingue, por sua vez, da multidão “óipollói”), ou por um grupo distinto, ou pelos sábios, e, por serem crenças valorizadas por Aristóteles no sentido de serem elencadas, na maior parte de seus tratados, ao início de cada investigação, quem se propõe a investigar determinado assunto deve, portanto, estar atento a este seletivo grupo de opiniões que parecem possuir caráter autoritativo sobre o objeto de investigação. Nessa medida, Aristóteles indica que os endoxa sejam os próprios componentes da análise que empreende em determinados tratados. (OLIVEIRA, M.; 2016, p. 75)

Os números, portanto, não se limitam a substanciar a existência de um padrão discursivo nas amostras disponibilizadas pela instituição. Eles também auxiliam a compreender como os valores, identidade e o *éthos* do enunciador se comparam aos valores, identidade e *éthos* do enunciatário.

Tendo-se estabelecido a importância do percurso discursivo, passa-se à análise do impacto dos efeitos de sentido que se articulam em torno desse percurso heroico.

15.7 Hot Spots – Um Quadro de Apostas

O QDA Miner permite visualizar “cruzamentos” de efeitos de sentido e suas respectivas importâncias, atribuindo a cada cruzamento uma pontuação. O gráfico na Figura 72, página 171, foi gerado a partir da ordenação por casos, refletindo, portanto, a valorização das combinações por parte da instituição. Pode-se, assim, examinar que combinações tiveram melhor retorno, com base em uma escala de 0 a 32¹⁷⁶.

Assim, vê-se novamente que o cruzamento de maior valor ocorre entre os marcadores para “Revelação” e “Percurso Heroico”. O mapa auxilia a visualizar, por exemplo, que tentar aliar o “conhecer a instituição” com o tema da “etnia” não pareceu oferecer vantagem alguma, resultando em uma pontuação zero.

O mesmo raciocínio é válido para todas as combinações possíveis e é útil, ensinando que o candidato, caso tivesse conhecimento desses dados de antemão, não deveria se restringir, ao redigir seu texto, às combinações com maior pontuação, já que não poderia, em princípio, ter certeza sobre como essas combinações serão interpretadas no futuro.

Em virtude disso, ao longo de seu texto, o enunciador terá que fazer apostas nas posições que julgue possuir maiores chances de acerto¹⁷⁷, distribuindo essas apostas de modo que o risco

¹⁷⁶ A pontuação em cada cruzamento reflete o número de casos contendo os pares de códigos, em uma escala de 0 a 32 (número total de casos).

¹⁷⁷ Um raciocínio análogo remete ao jogo de batalha naval onde o jogador soubesse da existência da esquadra adversária, mas ignora as posições ocupadas pelas embarcações.

não seja nem excessivamente alto, por concentrar suas apostas em poucas posições, arriscando não acertar nenhuma delas, nem tão baixo, por ter apostado em número excessivo de posições, que suas apostas tenham perdido relevância em termos de retorno.

Permanecer forçosamente nas posições de pontuação mais alta também pode ter efeito negativo no desenvolvimento da narrativa, já que as diferentes combinações possuem aplicabilidade distinta para diferentes enunciadores. Dessa forma, a permanência restrita nas posições de alta pontuação pode comprometer a verossimilhança da narrativa. Ou seja, é difícil ser-se autêntico quando se diz apenas o que se acredita ser o que os outros esperam ouvir. Para o destinatário, essa última constatação talvez contenha algum nível de garantia quanto a poder ele detectar se está diante de um texto que reflete genuinamente o candidato. Talvez tanto no ensaio admissional como na vida, querer agradar demais implique o risco de desconfiança.

Os dados, portanto, sugerem que o candidato que buscasse apoio dos dados como estratégia para redigir o ensaio admissional, deveria percorrer as pontuações, da mais alta para a mais baixa, buscando encontrar um número equilibrado de códigos com os quais tenha ressonância. O equilíbrio, por sua vez, existindo entre o risco excessivo da aposta em um ou alguns poucos códigos e um número excessivo dos mesmos, implicando a diluição do valor das apostas, em virtude da impossibilidade de que contribuam adequadamente para persuadir o enunciatário do compartilhamento do valor identitário que recebe a aposta.

A Figura 72, na próxima página, mostra o gráfico de pontuações referentes às combinações de códigos. A pontuação na área branca representa o cruzamento de cada código com seu reflexo, que, embora receba uma pontuação, não tem utilidade e fica de fora.

Figura 72 – Hot Spots

Fonte: Gráfico Gerado pelo Software QDA Miner

15.8 Diante do Herói – Um Percurso de Reconhecimento

Como visto, contando histórias preenchidas de marcadores de identidade e conduta, os candidatos cumprem a tarefa de, por meio de seus enunciadores, comunicar quem são. Neste estudo, buscamos compreender melhor esse processo por meio de uma análise assistida por computador.

À medida que o processo de demarcação de segmentos foi ocorrendo, percebeu-se a existência de um percurso. Os textos pareciam, um a um, tratar, em algum momento, de algum feito maior, de um gesto incomum, de uma esfera que transcendia a das simples conquistas corriqueiras. O código utilizado na demarcação desses segmentos foi estabelecido como “Percurso Heroico.”

O “Percurso Heroico” nos ensaios admissionais neste estudo pode ser atípico, no sentido dos modelos consagrados pelas teorias que o analisaram. Não dispõe de tempo nem espaço narrativo para a complexidade proposta por Propp (2013, 25-65), com suas 32 funções para a análise dos contos que estudou. Tampouco se percebem nos ensaios todas as doze etapas do modelo de Vogler (2006, p. 203), por sua vez, baseado no modelo de Campbell (2004, p. 45-221). Essas etapas não devem ser esperadas pelo leitor em busca do herói no ensaio admissional. Isso não significa que não esteja lá.

As etapas de Campbell buscavam apontar para a estrutura narrativa subjacente à jornada do herói com base nas mitologias do mundo, enquanto as etapas de Vogler, ainda que derivadas das de Campbell, foram compiladas, originalmente em um memorando interno para servir de base especificamente para roteiristas de Hollywood. (VOGLER, 2017)

O sistema de Campbell (2004, p. 3), no entanto, conta com doze etapas em torno do que o autor chamou de **monomito**, uma estrutura de apenas três elementos universais, e que permite compreender que o percurso heroico pode ser reduzido a uns poucos elementos.

O caminho padrão da aventura mitológica do herói é o da ampliação da fórmula representada nos ritos de passagem: separação – iniciação – retorno: que pode ser chamada de **unidade nuclear do monomito**. [grifo nosso]

A existência do monomito, todavia, não implica o reconhecimento automático de suas etapas nas narrativas heroicas encontradas no ensaio admissional, apenas sugere que o percurso pode ser reduzido a um modelo com a possibilidade de equivalência de elementos fundamentais.

Quadro 7 – As Etapas da Jornada do Herói

	Propp ¹⁷⁸		Campbell ¹⁷⁹		Vogler ¹⁸⁰
α	A Situação Inicial	Etapa 1	O Mundo Comum	Etapa 1	O Mundo Comum
β	Afastamento	Etapa 2	O Chamado da Aventura	Etapa 2	O Chamado da Aventura
γ	Interdição	Etapa 3	A Recusa do Chamado	Etapa 3	A Recusa do Chamado
δ	Transgressão	Etapa 4	O Encontro com o Mentor	Etapa 4	O Encontro com o Mentor
ε	Interrogação	Etapa 5	O Cruzar do Limiar	Etapa 5	O Cruzar do Limiar
ζ	Informação	Etapa 6	Provas, Inimigos, Aliados	Etapa 6	Provas, Inimigos, Aliados
η	Engano	Etapa 7	A aproximação da Caverna	Etapa 7	A aproximação
		Etapa 8	A Provação	Etapa 8	A Provação
θ	Cumplicidade	Etapa 9	A Recompensa (A tomada da Espada)	Etapa 9	A Recompensa
λ	Desgraça Preliminar	Etapa 10	O Caminho de Volta	Etapa 10	O Caminho de Volta
A	Vilania	Etapa 11	A Ressurreição	Etapa 11	A Ressurreição
a	Falta	Etapa 12	A Volta com o Elixir	Etapa 12	A Volta com o Elixir
B	Mediação				
C	Ação Contrária Inicial				
$\uparrow$	Partida				

¹⁷⁸ *Initial situation; Absentation; Interdiction; Violation; Reconnaissance; ζ Delivery; Trickery; Complicity; Preliminary Misfortune; A Villainy; a Lack; B Mediation; C Beginning counteraction; Departure; D First function of the Donor; E The hero's reaction; F Provision of a magical agent; G Guidance; H Struggle; I Branding; J Victory; K Liquidation of Lack; Return; Pr Pursuit; Rs Rescue; O Unrecognized arrival; L Unfounded claims; M Difficult task; N Solution; Q Recognition; Ex Exposure; T Transfiguration; U Punishment; W Wedding.* Tradução adaptada com base em Aguirre (2001, p. 4) e O Básico em Letras (2013). Disponível em:

<<http://www.northangerlibrary.com/documentos/AN%20OUTLINE%20OF%20PROPP%27S%20MODEL%20FOR%20THE%20STUDY%20OF%20FAIRYTALES.pdf>>. Acesso em: 9 ago. 2017.

Disponível em: <<https://obasicoemletras.wordpress.com/2013/03/17/estruturas-narrativas-o-modelo-funcional-de-propp/>>. Acesso em: 9 ago. 2017.

<http://www.northangerlibrary.com/documentos/AN%20OUTLINE%20OF%20PROPP%27S%20MODEL%20FOR%20THE%20STUDY%20OF%20FAIRYTALES.pdf>

¹⁷⁹ *Stage 1: The Ordinary World; Stage 2: The Call to Adventure; Stage 3: Refusal of the Call; Stage 4: Meeting with the Mentor; Stage 5: Crossing the Threshold; Stage 6: Tests, Allies, and Enemies; Stage 7: The Approach; Stage 8: The Ordeal; Stage 9: The Reward; Stage 10: The Road Back; Stage 11: Resurrection; Stage 12: Return with the Elixir*

(BRONZITE, online) Disponível em: <<http://www.movieoutline.com/articles/the-hero-journey-mythic-structure-of-joseph-campbell-monomyth.html>>. Acesso em: 9 ago. 2017.

¹⁸⁰ *Step 1: The Ordinary World; Step 2: The Call to Adventure; Step 3: Refusal of the Call; Step 4: Meeting with the Mentor; Step 5: Crossing the Threshold; Step 6: Tests, Allies, and Enemies; Step 7: The Approach; Step 8: The Ordeal; Step 9: The Reward; Step 10: The Road Back; Step 11: Resurrection; Step 12: Return with the Elixir* (MICHAELSON, 2014, online) Disponível em: <https://prezi.com/d4_n80xytod/voglers-12-stages-of-campbells-monomyth-the-heros-journey/>. Acesso em: 9 ago. 2017.

<i>D</i>	Primeira Função do Doador				
<i>E</i>	A Reação do herói				
<i>F</i>	Fornecimento do objeto mágico:				
<i>G</i>	Deslocamento				
<i>H</i>	Luta				
<i>I</i>	Marca				
<i>J</i>	Vitória				
<i>K</i>	Fim da Escassez				
↓	Retorno				
<i>Pr</i>	Perseguição				
<i>Rs</i>	Resgate				
<i>O</i>	Chegada não Reconhecida				
<i>L</i>	Reivindicações infundadas				
<i>M</i>	Tarefa Difícil				
<i>N</i>	Solução				
<i>Q</i>	Reconhecimento				
<i>Ex</i>	Exposição				
<i>T</i>	Transfiguração				
<i>U</i>	Punição				
<i>W</i>	Casamento				

Fonte: Elaborado pelo Autor

No *personal statement*, o percurso heroico é condensado de forma semelhante à do monomito, algumas vezes percebido em segmentos curtos, outras vezes presente ao longo de cadeias de segmentos alternados e mesmo constituindo arcos maiores que abrangem a quase totalidade do ensaio.

Como visto anteriormente no item 15.6, pode-se estabelecer, a partir da principal família de marcadores, um “*percurso heroico*” (monomito), a partir de uma “*experiência incomum*” que propicia uma “*conquista*” que, por sua vez, lega ao enunciatário uma “*revelação transformadora*”. Embora essas três etapas possam não corresponder exatamente às etapas de separação, iniciação e retorno, também não são completamente dissociadas dessas etapas primordiais se considerarmos a separação como a remoção da vida ordinária, a conquista como um processo transformador semelhante à iniciação e a revelação como o catalisador que permite

o reconhecimento e, portanto, o retorno ao mundo conhecido, sem o qual não pode existir reconhecimento.

É nesse espaço do heroico que aprendemos a história da filha que encara com naturalidade a esclerose múltipla da mãe, da jovem que adota e salva uma planta carnívora doente. É nele também que habita a estudante que criava morangos dentro de um armário escolar iluminado por luz ultravioleta e marcado com a frase “*Strawberry Fields Forever*”¹⁸¹. É ainda nesse espaço que encontramos a jovem empenhada em dobrar mil garças de papel¹⁸². O mesmo espaço circunda o jovem vietnamita decidido a comunicar-se com avós falantes de uma língua que não aprendeu e o candidato a engenheiro determinado a consertar, a qualquer preço, um velho viscosímetro. É dentro desse espaço discursivo que fica a África do jovem voluntário confrontado com a tarefa de localizar sacos mortuários em meio a uma epidemia de ebola.

Não são histórias comuns e são, certamente, memoráveis – uma das características, com frequência, mencionadas por avaliadores em seus comentários. Não é preciso relê-los para que seus protagonistas sejam trazidos de volta. Os ensaios são bem escritos e verossímeis. Por vezes tocantes, contam histórias em um plano tão agudamente pessoal que se torna difícil imaginá-los escritos por alguém que não tenha vivido essas experiências.

Nesses textos, as histórias contadas transcendem a natureza de uma mera narrativa para adquirir o caráter de um persuasivo testemunho sobre o que cada um desses indivíduos é capaz de fazer e de quem são como seres humanos. Não se projetam como pessoas comuns. Suas histórias retratam um *étos* único e monumental, suas histórias representam sujeitos naquilo que têm de melhor em si e de melhor a oferecer ao mundo.

¹⁸¹ Alusão à canção *Strawberry Fields Forever* de John Lennon e Paul McCartney.

¹⁸² De acordo com a tradição japonesa, acreditava-se que se alguém fizesse mil garças de papel seu desejo se realizaria. Dobrar mil garças de papel também se tornou um símbolo de esperança e cura em tempos difíceis. Como resultado, dobrar mil garças de papel se tornou comum e as dobraduras, unidas por barbante em grupos de 40 garças são dadas de presente. Disponível em: <http://www.jccc.on.ca/origami-cranes/pdf/meaning_of_the_origami_crane.pdf>. Acesso em: 6 set. 2017.

15.8.1 32 *Heróis*

Diante dos ensaios admissionais analisados, encontramos protagonistas que buscam demonstrar-se, por meio de diferentes performances, associados a um quadro axiológico presumidamente compartilhado com o destinatário. Esses protagonistas, como lembram Greimas e Courtés (2013, p. 347), correspondem a sujeitos debreados e instalados no discurso cujas posições vazias só recebem determinações após o fazer. Ou seja, por meio da performance escolhida, suas posições são investidas dos valores no quadro axiológico presumido. O gênero do texto impõe que a narrativa se construa em torno de uma performance louvável que investe o sujeito da narrativa por predicação.

Os sujeitos debreados e instalados no discurso são posições vazias que só recebem suas determinações (ou seus investimentos* semânticos) após o fazer*, seja do próprio sujeito da enunciação (pela predicação), seja do sujeito delegado inscrito no discurso: esses sujeitos são, portanto, tratados como objetos à espera de suas determinações, que podem ser tanto positivas quanto negativas (se definidos como desprovidos de atributos enunciados). Pode-se representar isso sob a forma de um enunciado de estado que indique a junção* (conjunção* ou disjunção*) do sujeito com o objeto. O objeto - ou **objeto-valor** - define-se, então, como lugar de investimento dos valores* (ou das determinações) com as quais o sujeito está em conjunção ou em disjunção. (grifo nosso)

Se no início da narrativa, os Sujeitos são objetos à espera de suas determinações, após a performance estão investidos de valor por conjunção com o objeto-valor, por sua vez investido de objetos modais representantes dos valores integrantes do quadro de valores identitários presumidamente compartilhado, detendo, por conta desses mesmos valores, potencial de reconhecimento por parte do destinatário.

Para alcançar seu propósito retórico, o ensaio recorre a estratégias de ancoragem na realidade por meio de índices espaço-temporais no momento da instância de figurativização do discurso (GREIMAS; COURTÉS, 2013, p. 30). Por meio de topônimos, ou designações dos espaços por meio de nomes próprios (GREIMAS; COURTÉS, 2013, p. 307), e de cronônimos, ou designadores de durações determinadas (GREIMAS; COURTÉS, 2013, p. 108), é construído o simulacro de um referente externo capaz de produzir o efeito de sentido de “realidade”.

Assim, por meio de ancoragem e do consequente efeito de “realidade”, atende-se como visto em Barros (2011, p. 55), um dos dois efeitos básicos produzidos pelos discursos com a finalidade de convencerem de sua verdade. O segundo efeito, seja de “proximidade” ou “distanciamento” (Barros, 2011, p. 55), por sua vez, é alcançado por meio de debreagens enunciativas e enuncivas.

A **debreagem actancial** consistirá, então, num primeiro momento, em disjuntir do sujeito da enunciação e em projetar no enunciado um *não eu*; a **debreagem temporal**, em postular um *não agora* distinto do tempo da enunciação; a **debreagem espacial**, em opor ao lugar da enunciação um *não aqui*. (GREIMAS; COURTÉS, 2013, p. 111, grifos e itálicos dos autores)

Projetado a partir do sujeito implícito da enunciação, o simulacro instala-se no discurso, quer actante da enunciação, quer actante do enunciado, de forma enunciativa no primeiro caso e de forma enunciva no segundo, ainda de acordo com Greimas e Courtés (2013, p. 112). Como ensina Fiorin sobre a enunciação (2007, p.81), “a partir do espaço e do tempo da enunciação, organizam-se todas as relações espaciais e temporais”. Ainda de acordo com o autor, “a enunciação é o lugar da instauração do sujeito e este é o ponto de referência das relações espaço-temporais, ela é o lugar do *ego*, *hic et nunc*¹⁸³.”

Por constituir um texto autobiográfico, o ensaio admissional impõe uma enunciação em torno de um sujeito que projeta efeitos de realidade fundamentalmente dependentes de processos enunciativos.

Ao longo do estudo foram detectadas quatro possibilidades de percurso heroico. No Quadro 8, na próxima página, é possível visualizar, de forma organizada, como cada texto inclui esse percurso e que estratégia foi utilizada na sua apresentação, se o mesmo aparece de forma implícita ou explícita, por empréstimo ou por demonstração de um “encaixe” com a instituição (sendo que a última pode ser considerada um caso especial de percurso implícito).

No primeiro tipo, o percurso heroico é apresentado de maneira explícita, dando conta de um feito ou feitos extraordinários. É o tipo mais comum, no qual o enunciador narra sua vitória sobre a adversidade e parte para as lições que tenha aprendido a partir dessa experiência.

O segundo tipo, mais raro, ocorre quando o leitor pode inferir a partir da posição ou situação do enunciador que algo extraordinário já ocorreu, permitindo ao enunciador ocupar sua posição atual. Este é o tipo de percurso demonstrado, por exemplo, por meio das demonstrações de capacidade ou conhecimento, que pressupõem uma jornada bem-sucedida que, no entanto, não é explicitada na narrativa.

No terceiro tipo, temos a pressuposição de um percurso heroico a partir de um percurso anterior com o qual o enunciador espera ter demonstrado alinhamento; este tipo de percurso é aqui chamado de percurso “por empréstimo” e ocorre quando o enunciador se representa em

¹⁸³ eu, aqui e agora.

alinhamento, por exemplo, com o heroísmo de ancestrais imigrantes ou mesmo de personagens fictícios pelos quais demonstre admiração.

Um quarto tipo de heroísmo parece ocorrer por demonstração de encaixe com a instituição. Esta variante é a mais difícil de detectar. O texto pode parecer nada conter de heroico. No entanto, nos raros casos em que possa ocorrer, já que ocorre em meio a textos demarcados pelo percurso heroico, parece indicar que o examinador neles reconhece características no mesmo patamar. Pode-se depreender da existência desses casos, que ser capaz de, de antemão, demonstrar um grau excepcional de encaixe com a instituição é um fato tão raro e digno de atenção quanto os feitos extraordinários de outras ordens. Afinal, para poder demonstrar tal encaixe, o candidato deve ser capaz de estudar profundamente a instituição e, muito provavelmente, sacrificar a possibilidade de outras candidaturas, apostando todos os seus recursos na candidatura única – um feito que, por definição, implica em risco e, consequentemente, coragem, a marca registrada do herói.

Quadro 8 – Síntese do Percurso Heroico

	Título	Autor	Turma	Ideia Central	Percurso Heroico Presente	Tipo de Percurso do Heroico	Síntese do Percurso Heroico
01	<i>A Home Destroyed</i>	Nina	2016	A destruição dos Recifes de coral em Oquinaua	Sim	Explícito	Sujeito torna-se um defensor da natureza.
02	<i>Dharamsala</i>	John	2016	Um desvio incidental leva um voluntário interessado em conhecer a Índia para cidade que abriga o governo exilado do Tibete	Sim	Explícito	Sujeito adapta-se à situação inesperada de estar em uma região “tibetana” na Índia.
03	<i>Don't Be Sorry</i>	Natalie	2016	O aprendizado de vida da filha de uma mulher acometida por Esclerose Múltipla.	Sim	Explícito	Sujeito aprendeu a lidar com a esclerose múltipla da mãe.
04	<i>Cooking Up a Cataclysm</i>	Alan	2016	Um acidente resulta de tentativa de cozinhas salmão e o socorro prestado pela avó chinesa	Sim	“Por empréstimo”	Os sacrifícios da avó imigrante são o alicerce dos sucessos.
05	<i>Thinking Outside the Box</i>	Alex	2016	Um escoteiro implanta um website e moderniza seu Grupo de Escoteiros	Sim	Explícito	Sujeito teve um impacto na comunidade de escoteiros pela implantação de sua visão tecnológica.
06	<i>The Unathletic Department</i>	Meghan	2017	Meghan comemora sua chegada por último em uma competição escolar de natação.	Sim	Explícito	O sujeito ressignifica a “derrota”, atribuindo à resiliência um valor maior do que o da vitória. Um exemplo de derrota heroica ou heroísmo por meio de sacrifício.
07	<i>The Musketeer in Me</i>	Vikas	2017	O estudante compara suas qualidades com as de D'Artagnan.	Sim	Explícito e “por empréstimo”	Sujeito sobrevive às “surras” e a partir delas desenvolve sua autoconfiança e resiliência. Estabelece paralelo com o herói literário em uma espécie de percurso “por procuração”.
08	<i>Undecided</i>	Daniel	2017	O candidato ao Curso de Engenharia comenta a importância da versatilidade.	Sim	Implícito	Ao citar de Aristóteles a Rand, Fitzgerald e Maslow o sujeito comunica ter sido bem-sucedido na tarefa de educar-se de forma plena. A não indicação de nomes próprios parece permitir supor que se refira aos donos mais proeminentes dos sobrenomes que trata com familiaridade, portanto, Ayn Rand, F. Scott Fitzgerald e Abraham Maslow, dando conta de uma educação abrangente, profunda e possivelmente incomum na sociedade norte-americana contemporânea.
09	<i>Spy</i>	Elana	2017	Um episódio de infância se conecta às experiências de vida de uma pessoa versátil.	Sim	Explícito	Partindo de um episódio da infância, narra uma série de feitos que incluem auxiliar no resgate de um acidente com um avião.
10	<i>It's Name was Ozzy</i>	Agni	2017	O desafio tecnológico de reparar um viscosímetro.	Sim	Explícito	O sujeito é bem-sucedido em fazer, junto com sua equipe, funcionar um viscosímetro essencial para o término de um estudo científico.

	Título	Autor	Turma	Ideia Central	Percurso Heroico Presente	Tipo de Percurso do Heroico	Síntese do Percurso Heroico
11	<i>Outgrowing the Garage</i>	Elijah	2018	Uma garagem fica para trás como cenário e laboratório de experimentos de engenharia e robótica.	Sim	Explícito	O sujeito, por iniciativa própria, utiliza a garagem de casa para seus próprios experimentos de engenharia e robótica, de catapultas à aplicação de inteligência artificial.
12	<i>String Theory</i>	Joanna	2018	Como a experiência de aprender a amarrar as embalagens de uma padaria se conecta à Teoria das Cordas	Sim	Explícito	O sujeito elabora sobre sua perseverança até finalmente aprender a fazer embrulhos amarrados com barbante trabalhando para uma padaria ao mesmo tempo em que reflete sobre a Teoria das Cordas.
13	<i>Temper</i>	Morley	2018	As lições tiradas do encontro de dois esquetistas	Sim		O sujeito narra seu processo de amadurecimento e o abandono da ideia de se tornar um esquetista profissional para abraçar outras possibilidades que vão da culinária à física.
14	<i>Dissonance</i>	Leila	2018	A candidata explica porque a Universidade Johns Hopkins é perfeita para sua mente inquieta e dissonante.	Sim	Híbrido de Implícito e “Por Encaixe”.	O que a candidata define com sua “loucura” (<i>insanity</i>) implica em seu reconhecimento do programa de Física da UJH como distinto de programas de outras instituições. O percurso heroico parece ocorrer em dois planos com o bem-sucedido desenvolvimento de uma personalidade intelectualmente inquieta que precisa da universidade para se nutrir e expandir e também na medida em que o sujeito é bem-sucedido na tarefa de demonstrar que é um “encaixe” (<i>fit</i>) perfeito para a instituição.
15	<i>Hometown</i>	Quan	2018	O neto de imigrantes vietnamitas lamenta não poder conversar com seus avós ao mesmo tempo em que descobre a música como um idioma de família.	Sim	Híbrido de “Por empréstimo” e Explícito	Um híbrido de empréstimo (tênue) do percurso heroico dos avós imigrantes ao mesmo tempo em que o sujeito reflete sobre sua conexão com suas origens e finalmente consegue se comunicar com os avós por meio da herança da música.
16	<i>Content</i>	Noah	2018	A paixão de aprender e estudar de um <i>nerd</i> autodeclarado.	Sim	Implícito	O sujeito narra percepções de quem foi bem-sucedido em uma jornada solitária de paixão pela música clássica que propicia novas percepções e se conecta com a paixão pelo estudo. Há um elemento de empréstimo quando o sujeito lista os compositores clássicos como criadores de coisas maiores e mais perfeitas do que eles próprios.
17	<i>Spring Instead of Summer</i>	Jacqueline	2018	A candidata fala de como sua conexão com seu irmão siamês afeta sua vida.	Sim	Explícito	Narra a luta de uma irmã para sobrepujar as sequelas físicas e emocionais após a separação do irmão siamês que sobreviveu com sequelas ainda maiores que as suas.

	Título	Autor	Turma	Ideia Central	Percorso Heroico Presente	Tipo de Percorso do Heroico	Síntese do Percorso Heroico
18	<i>Breaking Into Cars</i>	Stephen	2019	Como ter crescido como filho do meio possibilitou o desenvolvimento de características úteis como o otimismo, a confiança e estar preparado para diferentes situações.		Explícito	Narra a experiência de filho do meio como fator determinante para a formação de uma personalidade confiante e otimista e a capacidade de lidar com situações inusitadas em decorrência da falta de poder sobre as situações. Um exemplo do proverbial uso do limão para fazer uma limonada.
19	<i>How to Become an Adult</i>	Michaela	2019	As lições aprendidas ao cuidar de uma planta carnívora.	Sim	Explícito	Narra os bem-sucedidos esforços para salvar uma planta carnívora e a leitura desse evento como um momento de transição para a maturidade e a responsabilidade da vida adulta.
20	<i>Building A Twenty Story Apt. Build.</i>	Kyle	2019	A experiência como estagiário na construção civil conectada ao desejo de construir prédios adequados às necessidades tecnológicas, econômicas, ecológicas, sociais.	Sim	Híbrido de Explícito e “Por Encaixe”	Narra como a experiência de estagiário levou a percepções importantes sobre aspectos econômicos, ambientais e interpessoais. O sujeito não entra em detalhes sobre essas percepções e parece compensar essa falta de informação com informações muito detalhadas sobre seu “encaixe”.
21	<i>Returning to Peru</i>	Ana	2019	Uma viagem de retorno à terra natal do pai conecta-se com o desejo de uma carreira em engenharia ambiental.	Sim	Explícito	Uma viagem de retorno ao Peru, terra natal de seu pai, é crucial na decisão do sujeito de defender o ambiente em sua vida pessoal e profissional.
22	<i>Shelves One through Five</i>	Neha	2019	O acúmulo de experiências de vida é comparado a livros ocupando as fileiras de estantes em uma biblioteca.	Sim	Explícito	As estantes da biblioteca representam os desafios e o progresso intelectual alcançados até ali, deixando a promessa de uma quinta estante a ser preenchida da mesma forma que as anteriores.
23	<i>The Red Room</i>	Brontë	2019	A leitura e subsequentes releituras de Jane Eyre conectadas a reflexões e experiências de vida.	Sim	Implícito	Um livro favorito conecta-se às experiências da vida real, revelando aprendizado e amadurecimento.
24	<i>Community Service Isn't For Me</i>	Kyla	2019	Uma candidate dedicada ao serviço comunitário questiona a eficácia dessas ações.	Sim	Explícito	Narra a oposição a estereótipos de gênero e de inferioridade da mulher enquanto realizando trabalho voluntário em Maláui.
25	<i>More Than Thick Eyebrows</i>	Caroline	2019	A candidate descendente de italianos reflete sobre a natureza de sua herança étnica.	Sim	Explícito	Narra a jornada de aprendizado da língua italiana e o desejo de aprender ainda mais, enfatizando a percepção de que a língua é um elemento de conexão essencial com sua herança étnica.
26	<i>Just Keep Folding</i>	Jodie	2020	A determinação necessária para fazer 1000 garças de origami.	Sim	Explícito	Narra a sucesso de completar o projeto de fazer mil garças de origami.

	Título	Autor	Turma	Ideia Central	Percurso Heroico Presente	Tipo de Percurso do Heroico	Síntese do Percurso Heroico
27	<i>The Palate of My Mind</i>	Meghna	2020	As oportunidades na Universidade Johns Hopkins são comparadas a diferentes comidas.	Sim	Implícito por “Encaixe”	O sujeito faz um excelente trabalho de descrever em detalhe seu encaixe com a instituição; uma estratégia que parece compensar a falta de uma narrativa de percurso heroico prévio.
28	<i>Intercom Enthusiast</i>	Isaac	2020	O candidato narra sua contribuição para alegrar os colegas de escola por meio de seus anúncios matinais feitos pelo sistema de som.	Sim	Explícito	Narra a experiência de usar os anúncios matinais para alegrar e motivar os colegas de escola, transformando a maneira como esses anúncios eram conduzidos.
29	<i>Growing Strawberries</i>	Seenaa	2020	A candidate narra a experiência bem-sucedida de cultivar morangos em seu escaninho na escola.	Sim	Explícito	Narra a bem-sucedida e complexa tarefa de cultivar morangos dentro de um armário escolar.
30	<i>On and Off</i>	Tan	2020	O candidato conecta seus experimentos de eletrônica e robótica aos planos de estudar engenharia.	Sim	Explícito e por “Encaixe”	Narra diversos eventos encadeados bem-sucedidos que demonstram a aptidão técnica do candidato. Ao mesmo tempo o sujeito é extremamente bem-sucedido em demonstrar seu encaixe com a instituição.
31	<i>From Yonkers to Accra</i>	Ansley	2020	Os esforços de um voluntário combatendo a realidade de um surto de ebola.	Sim	Explícito	Narra a preocupação do sujeito com problemas de saúde enfrentados no mundo e seu trabalho como voluntário enfrentando um surto de ebola.
32	<i>In Pursuit of the Sublime</i>	Kaylee	2020	As lições aprendidas a partir do esforço de escrever um romance de quarenta mil palavras.	Sim	Explícito	Narra como o projeto de escrever um romance de 40 mil palavras se revela uma jornada de libertação e autoconhecimento.

Fonte: Elaborado pelo Autor

15.8.2 A Sagacidade

De acordo com os dados, no entanto, a representação heroica não é tudo. A universidade busca um tipo especial de herói. A ordenação dos códigos demonstra que o marcador para “Revelação (*Insight*)” aparece em igualdade de condições com o marcador para “Percurso Heroico”, sugerindo que para o enunciador não basta vencer o desafio, sendo investido dos valores em alinhamento com o destinatário, se não tirar dessa vitória uma lição transformadora.

Essa “Revelação”, seja ela sobre a vida, sobre o mundo ou sobre si, funciona como síntese da realização de um ou mais valores modais, gerando um efeito de conjunção com o quadro axiológico.

É atentando-se a essa revelação que são detectadas palavras e expressões que remetem à importância da introspecção para o sucesso do candidato. “Ter responsabilidade”, “compreender”, “aceitar”, “representar quem sou”, “abraçar imperfeições”. A lista poderia continuar, sempre com o mesmo resultado: expressões que pressupõem reflexão.

O Quadro 9, a seguir, apresenta uma síntese dessas “revelações” presentes nos ensaios.

Quadro 9 – Revelações

Nº	Título	Autor	Turma	Revelação (<i>Insight</i>)
01	<i>A Home Destroyed</i>	Nina	2016	“Também deixei um rastro branco e, por isso, tenho responsabilidade de reparar esses erros, de repintar essas cores, [...]” ¹⁸⁴
02	<i>Dharamsala</i>	John	2016	“[...] compreendi minha paixão por serviço comunitário, minha independência e o que faz Karmapa atraente.” ¹⁸⁵
03	<i>Don’t Be Sorry</i>	Natalie	2016	“Aceite o que a vida oferece e faça o melhor que puder.” ¹⁸⁶
04	<i>Cooking Up a Cataclysm</i>	Alan	2016	“Fiquei parado sozinho para o meu próprio bem para ter alguma ilusão de independência.” “Na verdade, embora eu tenha relutado em admitir antes, sempre dependi de pessoas como ela.” ¹⁸⁷
05	<i>Thinking Outside the Box</i>	Alex	2016	“Meu projeto de escoteiro me permitiu fazer uma diferença em minha comunidade de uma forma que representa, de verdade, quem eu sou, [...]” ¹⁸⁸
06	<i>The Unathletic Department</i>	Meghan	2017	“Ganhei mais cores ao abraçar minhas imperfeições e ganhar resiliência - mas não talento para o atletismo.” ¹⁸⁹
07	<i>The Musketeer in Me</i>	Vikas	2017	“Assim, quando chegam épocas como essa, ser d’Artagnan me torna forte [...] Tudo vai ser sobre a faculdade e essa ideia é ao mesmo tempo excitante e assustadora. Qualquer um que diga o contrário está mentindo.” ¹⁹⁰
08	<i>Undecided</i>	Daniel	2017	“Sei que no fim vou ter que achar o foco certo. Mas antes tenho que descobrir do que gosto. Haverá dezenas de debates internos sobre meus interesses. Vou deliberar e contestar, incerto sobre amar de verdade o que estiver fazendo, hesitante sobre isso ser o que vou querer fazer daqui a cinco anos. Mas não importa; isso faz parte do processo. Quando encontrar o que vou querer estudar, vou saber.” ¹⁹¹

¹⁸⁴ *I, too, have left a white footprint, so I have a responsibility to right these wrongs, to repaint those colors, [...]*

¹⁸⁵ *[...] I was able to comprehend both my passion for community service, my independence, and understand what makes the Karmapa so attractive.*

¹⁸⁶ *[...]; take what life gives you and run with it.*

¹⁸⁷ *I stood alone for my own sake, to further some illusion of independence/In reality, though I was reluctant to admit it before, I have always depended on people like her.*

¹⁸⁸ *My Eagle Scout project allowed me to make a difference in my community in a way that truly represented who I am [...]*

¹⁸⁹ *I become more colorful by embracing my imperfections and gaining resilience-but not athleticism.*

¹⁹⁰ *So, when times like these come, being d’Artagnan makes me strong. [...] Everything is going to become college and that proposition is as equally frightening as it is exhilarating. Anyone who says otherwise is lying.*

¹⁹¹ *I know I’ll have to find the right focus, eventually. But first, I’ll figure out what I love. There will be dozens of internal debates over my interests. I’ll deliberate and dispute, unsure of whether I truly love what I’m doing, hesitant about whether this is what I want to be doing five years from now. But it doesn’t matter; it’s part of the process. When I find what I want to study, I’ll know.*

Nº	Título	Autor	Turma	Revelação (<i>Insight</i>)
09	<i>Spy</i>	Elana	2017	“Eu poderia terminar sendo uma espiã, diplomata, astronauta, ou lutadora por uma causa perdida. Poderia terminar famosa ou completamente desconhecida. Só tenho certeza de duas coisas: Não vou ficar dentro de um escritório e vai ser bom me ter por perto em casos de emergência.” ¹⁹²
10	<i>It's Name was Ozzy</i>	Agni	2017	“Aprendi os valores básicos sobre os quais se fundamenta a pesquisa: construir pontes, trabalho de equipe e dar valor à integridade intelectual acima da pressão pela apresentação de artigos.” ¹⁹³
11	<i>Outgrowing the Garage</i>	Elijah	2018	“Ciência da computação e engenharia elétrica são essenciais para o robô, mas combine isso com biologia, astronomia, música e ecologia e é aí que a robótica se torna impressionante. Eu poderia ajudar os doentes com robôs que dessem mais destreza aos cirurgiões enquanto operam. Poderia ajudar os pobres com produtos acessíveis feitos por robôs. Poderia ajudar os idosos, substituir membros de soldados feridos e manter bombeiros seguros, tudo com robôs.” ¹⁹⁴
12	<i>String Theory</i>	Joanna	2018	“Estou começando a perceber que não devia sentir vergonha se demoro para aprender algo. Eu persisto e continuo a fazer pacotes todos os finais de semana no trabalho. Apesar de, às vezes, eu me desesperar, sempre enrolo outra vez o barbante na minha mão e começo de novo porque aprendi que as vitórias mais gratificantes vêm da tenacidade.” ¹⁹⁵
13	<i>Temper</i>	Morley	2018	“[...] a vida, como o esqueite e caras chamados “Fúria”, vai te derrubar. Não há nada a fazer exceto perdoar, esquecer e levantar-se.” ¹⁹⁶
14	<i>Dissonance</i>	Leila	2018	“Não quero a Johns Hopkins para que contenha minha mente, mas para que alimente a minha loucura.” ¹⁹⁷
15	<i>Hometown</i>	Quan	2018	“Ali com a música, finalmente conversei com meus avós. [...] Emoções são suficientes para fazer palavras desnecessárias. Em minha família, falamos três línguas distintas: vietnamita, a língua de nossa origem, inglês, a língua de nossa nova casa e a música para conectar tudo.” ¹⁹⁸

¹⁹² *I could end up as a spy, a diplomat, a soldier, an astronaut, or a fighter for a lost cause. I could end up famous or completely unknown. I know two things for sure: I won't be at a desk job, and I'll be good to have around when there's trouble.*

¹⁹³ *I learned the basic values that research is founded upon: building bridges, team work and valuing academic integrity above the pressure to submit papers.*

¹⁹⁴ *Computer science, electrical engineering, and mechanical engineering are crucial to the robot, but combine them with biology, astronomy, music, or ecology, and that's when robotics becomes amazing. I could help the sick with robots that give surgeons more dexterity while operating. I could help the poor with affordable, robot-made products. I could aid the elderly, replace the limbs of wounded warriors, and keep fire fighters from harm's way, all with robots.*

¹⁹⁵ *I am beginning to realize that I should not be ashamed if it takes me longer to learn. I persist, and I continue to tie boxes every weekend at work. Even though I occasionally backslide into feelings of exasperation, I always rewrap the string around my hand and start over because I have learned that the most gratifying victories come from tenacity.*

¹⁹⁶ *[...] life, like skateboarding and men named “Temper,” will knock you down. There is nothing else to do but forgive, forget, and stand back up.*

¹⁹⁷ *I look to Johns Hopkins not to contain my brain, but to feed the insanity.*

¹⁹⁸ *There in the music, I finally spoke to my grandparents. [...] Emotions are enough to make words unnecessary. In my family, we speak three different languages: Vietnamese, the language of our origin, English, the language of our new home, and music to connect everything together.*

Nº	Título	Autor	Turma	Revelação (<i>Insight</i>)
16	<i>Content</i>	Noah	2018	“O mundo é muito duro, mas também muito grande e muito bonito, com tantas coisas para fazer e tanta coisa para explorar que você nunca vai ficar sem ter no que pensar, mesmo quando pode por de lado as preocupações do dia a dia. Você pode aprender tudo o que quiser. Só que não é fácil: você não está aprendendo nada de verdade se for fácil. Você precisa fazer algo difícil, fazer algo fora de seu alcance, algo novo ou frustrante. Você tem que pular na água e nadar com toda força e tão rápido quanto puder. E antes que possa nadar - antes que o mundo possa "se apresentar a você" - precisa respirar bem fundo. Você sabe que adora nadar quando sente prazer de verdade nessa respiração.” ¹⁹⁹
17	<i>Spring Instead of Summer</i>	Jacqueline	2018	“É ainda mais difícil compartilhar a essência de quem sou; O fato de que Matt e eu estaremos sempre ligados à história de como nascemos. Estamos aqui por razões diferentes - a minha para escrever e ser seu guia; a dele para fazer os outros felizes da mesma forma que me faz feliz. De onde viemos e como chegamos aqui nos faz quem somos neste momento. Esse é o propósito da nossa história; é isso que eu quero que os outros saibam.” ²⁰⁰
18	<i>Breaking Into Cars</i>	Stephen	2019	“As coisas pequenas não me perturbam, e certamente não espero que as coisas sejam perfeitamente justas.” ²⁰¹
19	<i>How to Become an Adult</i>	Michaela	2019	“[...] o universo não vem com um manual da galáxia, e ao melhor da vida é descobrir o seu próprio caminho.” ^{202 203}
20	<i>Building A Twenty Story Apt. Build.</i>	Kyle	2019	“Aprendi que a engenharia precisa ser tratada de uma maneira holística que incorpora sistemas econômicos, ambientais e interpessoais.” ²⁰⁴
21	<i>Returning to Peru</i>	Ana	2019	“Alunos da Hopkins não se sujeitam a estágios ou pesquisas exigentes porque são requisitos; eles querem um entendimento mais profundo do que está à sua volta.” ²⁰⁵

¹⁹⁹ *The world is very harsh, but also very big and very beautiful, with so many things to do and so much to explore that you'll never run out of things to think about even when you can forget about your day-to-day concerns. You can learn all you want. It's just that it isn't easy: you're not really discovering anything if it's easy. You need to make it hard, to do something out of your reach, something new or frustrating. You have to throw yourself in the water and swim as hard and as fast as you can. And before you can go swimming—before the world can “present itself to you”—you need to take one last deep breath. You know you love to swim when you really relish that breath.*

²⁰⁰ *It's even harder to share the very core of who I am; the fact that Matt and I are forever tied together with the story of how we were born. We are here for different reasons—mine to write and be his guide; his to make others happy, like he makes me. Where we come from and how we got here makes us who we are in this moment. That's the purpose of our story; that's what I want others to know.*

²⁰¹ *I don't sweat the small stuff, and I definitely don't expect perfect fairness.*

²⁰² Alusão ao bestseller *The Hitchhiker's Guide to the Galaxy* de Douglas Adams, um *cult* entre os adolescentes norte-americanos.

²⁰³ *[...] the universe lacks a guide to the galaxy, and life is all about discovering your own way.*

²⁰⁴ *I have learned that engineering needs to be approached in a holistic manner that incorporates economic, environmental, and interpersonal systems.*

²⁰⁵ *Hopkins students don't submit themselves to demanding internships or research due to requirement; they yearn from a deeper understanding of what is at hand. That is who I am: self-driven and determined to go beyond what is necessary.*

Nº	Título	Autor	Turma	Revelação (<i>Insight</i>)
22	<i>Shelves One through Five</i>	Neha	2019	“Agora, parado em frente da estante de livros, percebo que estou perfeitamente satisfeito. Consigo me enxergar com uma clareza simples e ao mesmo tempo abrangente, como se estivesse me olhando fixadamente no espelho. Apesar da quinta estante estar incompleta, ela não é menos esperançosa ou menos promissora do que as quatro anteriores.” ²⁰⁶
23	<i>The Red Room</i>	Brontë	2019	“Ao longo de minha vida, li esse livro um total de três vezes, mas seria uma mentira afirmar que foi lido pela mesma pessoa a cada vez, já que acredito ter sido uma pessoa drasticamente diferente em cada uma delas.” ²⁰⁷ “Todo mundo tem uma sala vermelha e tenho certeza de que vou ter a experiência de encontrar muitas mais enquanto vou amadurecendo.” ²⁰⁸
24	<i>Community Service Isn't For Me</i>	Kyla	2019	“Sério! Serviço comunitário não é para mim; é para a Esther e para o Amai e todos os outros que espero poder ajudar.” ²⁰⁹
25	<i>More Than Thick Eyebrows</i>	Caroline	2019	“É provável que eu nunca domine completamente a linguagem corrente e os coloquialismos, mas, ao mesmo tempo, aprender essa língua vai me servir de estímulo cultural e intelectual pelo resto da vida. Acho que posso dizer que o idioma italiano agora me pertence, mas ainda há tanto para aprender. O italiano é um presente que vai ser importante para sempre, e sou grata por tê-lo recebido tão cedo na vida.” ²¹⁰
26	<i>Just Keep Folding</i>	Jodie	2020	“O mundo está cheio de números grandes. O preço da faculdade, o aluguel mensal e os preços dos carros contabilizados em muitos milhares. Esses números são incompreensíveis para quem nunca interagiu com algo tão grande e eu queria compreendê-los. Mil nunca será só um número para mim: são centenas e centenas de garças dobradas à mão combinadas com anos de esforço.” ²¹¹
27	<i>The Palette of My Mind</i>	Meghna	2020	“Espero passar meus próximos quatro anos na comunidade da Hopkins aprendendo com alunos de origens diferentes, que, como cada componente do molho de taboule, trazem suas perspectivas diferentes para as discussões, uma característica inestimável quando se estuda como a língua inglesa foi adaptada por culturas diferentes.” ²¹²

²⁰⁶ Now, standing in the front of a bookcase, I find that I am completely content. I can see myself with a simple, yet comprehensive clarity, like staring into a mirror. Though Shelf Five is unfinished, it is no less hopeful or less promising than the previous four.

²⁰⁷ Throughout my life, I've read this book a total of three times, although it would be untrue to claim that the same person read it each time, as I believe I've been drastically different people at each reading.

²⁰⁸ Everyone has a red room, and I'm sure I will experience many more as I mature.

²⁰⁹ Truly, community service isn't for me, it's for Esther and Amai and all the others I seek to serve.

²¹⁰ It is likely that I will never fully master the vernacular and colloquialisms, yet learning this language will stimulate me intellectually and culturally for life. I believe I can claim Italian as mine now, but there is still so much more to learn. Italian is a gift that I will hold dear forever, and I am glad that I received it so early in life.

²¹¹ The world is filled with big numbers. College tuition, monthly rent, and car prices deal in the many thousands. Those figures are incomprehensible to someone who has never interacted with anything so large, and I wanted to understand them. A thousand will never simply be a number to me: it is hundreds upon hundreds of hand-folded cranes combined with years of effort.

²¹² I hope to spend my next four years in the Hopkins community learning alongside students from backgrounds starkly different from my own, who, like each component of tabouli sauce, bring their varied perspectives to discussions, an invaluable trait when studying how English has been adapted by different cultures.

Nº	Título	Autor	Turma	Revelação (<i>Insight</i>)
28	<i>Intercom Enthusiast</i>	Isaac	2020	“A vida não deveria ser como um dia de inverno; deveria ser o prazer de um bom solo de saxofone ou a alegria de ver seus amigos todos os dias na escola. É o entusiasmo de um professor de biologia, a alegria de uma vitória esportiva, e até mesmo as mensagens calorosas da voz sem corpo de vinda do alto-falante da escola.” ²¹³
29	<i>Growing Strawberries</i>	Seena	2020	“Pretendo continuar a explorar e inventar, porque só então são novas realidades possíveis.” ²¹⁴
30	<i>On and Off</i>	Tan	2020	“Como a engenharia não existe no vácuo, uma segunda área de interesse em história da ciência e da tecnologia complementar meu trabalho, me auxiliando a compreender questões sociopolíticas, culturais e éticas que impulsionam os desenvolvimentos científicos. Equipada com essa visão holística, poderei adotar metodologias tecnicamente sólidas e socialmente responsáveis para a solução de diversos problemas.” ²¹⁵
31	<i>From Yonkers to Accra</i>	Ansley	2020	“Cultura e medicina estavam colidindo frontalmente, e não havia solução fácil.” ²¹⁶ “Nos unimos após as crises, terremotos e tsunamis dos noticiários, mas não nos unimos para resolver o problema da saúde humana básica, um direito de cada pessoa no planeta. Garantir a nossa saúde é complicado e monumental e exige coordenação total de agências e governos para construir infraestruturas sustentáveis a cargo dos cidadãos locais.” ²¹⁷
32	<i>In Pursuit of the Sublime</i>	Kaylee	2020	“De uma hora para a outra, eu não conseguia mais continuar fingindo que criar uma versão fictícia da minha vida no papel poderia substituir o que é real.” ²¹⁸

Fonte: Elaborado pelo Autor

²¹³ *Life shouldn't have to be a dreary winter day; it should be the satisfaction of a good saxophone solo or the joy of seeing one's friends every day at school. It is the enthusiasm of a biology teacher, the joy of a sports victory, and even the warm messages of a disembodied voice on the intercom.*

²¹⁴ *I intend to continue to explore and invent because only then are new realities possible.*

²¹⁵ *Because engineering does not exist in a vacuum, a HOST minor will complement my work by helping me understand the sociopolitical, cultural, and ethical issues that drive scientific developments. Equipped with this holistic vision, I will be able to adopt technically-sound yet socially responsible methodologies toward the solution of different problems.*

²¹⁶ *Culture and medicine were colliding head-on, and there was no easy solution.*

²¹⁷ *We come together in crises, highly publicized earthquakes and tsunamis, but we haven't come together to solve the problem of basic human health, a right for every person on earth. Ensuring our health is complicated and daunting and requires the mass coordination of agencies and governments to build sustainable infrastructures with local citizens in charge.*

²¹⁸ *Suddenly, I couldn't keep pretending that crafting a fictitious version of my life on paper could replace what is real.*

15.9 *A Outra Face do Espelho – A Análise dos Comentários*

O ensaio admissional pode ser visto como um espelho unidirecional, com a face reflexiva voltada para o candidato e a face transparente voltada para o avaliador. Diante de espelhos desse tipo, pessoas que não imaginam estar sendo observadas podem revelar gestos e trejeitos que, de outra forma, permaneceriam escondidos. É claro que os candidatos têm uma noção clara de que, no caso deste espelho hipotético, estão sendo observadas por um avaliador. Diante desse espelho, o candidato, tanto por refletir sobre si como por saber da existência desse observador, modula, na medida do que lhe é possível, por meio de seu enunciador, a imagem que projeta.

Sobre os avaliadores do outro lado do espelho, temos pistas na forma de seus comentários. Para entender a relevância desses comentários, serão analisados os doze primeiros. Este limite decorre simplesmente de tornarem-se, depois do ensaio de nº 12, muito sucintos e, ao mesmo tempo repetitivos.

15.9.1 *Comentário nº 1 [A Home Destroyed]*

No primeiro comentário, a Diretora Assistente de Admissões Dana Messenger, informa que conseguia perceber, por meio do ensaio, que Nina “possuía curiosidade intelectual e era comprometida com a pesquisa científica e ambiental”. A Assistente de admissões vai além, informando que, apesar de ser um texto bem redigido, o que fazia o ensaio forte era “transmitir uma conexão pessoal com assuntos ambientais maiores”. Dana Messenger vai adiante fornecendo talvez a mais útil síntese do que deve constituir a redação de um ensaio admissional. Para ela, com frequência, “os alunos (sic) escrevem sobre questões – políticas, educacionais, ambientais, etc. – de uma forma impessoal e argumentativa”. A Diretora Assistente prossegue acrescentando que “o ensaio admissional não é uma tese”²¹⁹ e que “deve ser uma reflexão de quem o aluno é”. Sobre o ensaio comentado, a avaliadora diz ainda que “o amor de Nina pelo oceano, por viajar e pelo meio ambiente permitiam uma breve visão de quem ela é como pessoa”.

²¹⁹ Item 15.6: todos os itálicos nossos

Assim, de forma muito objetiva, a Diretora Assistente nos fornece a chave para encontrar os elementos cruciais que determinaram o sucesso dos ensaios admissionais que constituem o corpus do estudo. Um bom ensaio admissional precisa, fundamentalmente, *comunicar quem o candidato é*, fornecendo perspectivas e ângulos que transcendem a mera argumentação e as opiniões sobre o mundo. O avaliador quer mais. Ele quer conhecer as razões por trás desses argumentos e opiniões e como essas posições afetam a vida e o próprio candidato.

15.9.2 Comentário nº 2 [Dharamsala]

No comentário ao segundo ensaio, Dana Messinger afirma que o texto a fez querer ver seu autor no campus. A avaliadora parece impressionada com a capacidade de o candidato adaptar-se e enxergar a mudança imposta como uma oportunidade *de aprender e explorar* uma parte diferente da Índia.

Embora a diretora não estabeleça diretamente um vínculo entre aprender e explorar uma região inesperada na Índia com a capacidade geral de aprender e explorar, é bastante provável que a possibilidade de transferir a capacidade de aprendizado e exploração para a sala de aula tenha sido interpretada como um traço identitário. Ainda com base nas experiências narradas, a avaliadora diz perceber em John um indivíduo muito corajoso e interessado em questões filosóficas e morais importantes. Deve-se talvez perceber aqui que esses traços identitários são depreendidos a partir da narrativa e não veiculados de forma explícita. No caso dessas duas características, Dana Messinger chega às suas conclusões a partir do episódio da pergunta ao líder budista tibetano sobre já ter amado alguém, não existindo em momento algum da narrativa considerações explícitas sobre a coragem ou quaisquer questionamentos filosóficos. O efeito é desencadeado pelo enunciador a partir de *demonstrações*. O candidato é tão bem-sucedido que a avaliadora imagina como seria tê-lo envolvido nas mais diversas atividades da vida no campus.

Novamente, encontramos o *Personal Statement como demonstração de quem o candidato é, por meio de demonstrações do que já fez*.

15.9.3 Comentário nº 3 [*Don't be Sorry*]

O terceiro ensaio narra a experiência de Natalie, uma jovem cuja mãe sofre de Esclerose Múltipla. Ao avaliar o ensaio, Sherryl Fletcher, Diretora Associada Sênior de Admissões, reporta que a candidata se apresenta por meio de uma voz verdadeira e profundamente ponderada. A avaliadora diz ainda que o ensaio demonstra a gratidão de Natalie tanto pelo que teve quanto pelo que não teve e seu reconhecimento de uma oportunidade para encontrar o sol por trás das nuvens. A avaliadora também *reitera a importância de demonstrar-se quem se é*, ao dizer que o ensaio todo propiciava uma visão clara das qualidades pessoais de Natalie, seu equilíbrio na vida, sua habilidade de adaptar-se e viver de forma positiva, tirando proveito das coisas boas e aceitando o que não pode mudar. Sherryl Fletcher acrescenta ainda que o ensaio permitiu acesso a experiências de vida incomuns e aos valores pessoais de Natalie.

15.9.4 Comentário nº 4 [*Cooking Up a Cataclysm*]

A partir da análise do comentário feito por Shannon Miller, Diretora Associada Sênior de Admissões, referente ao quarto ensaio admissional, pode-se confirmar seu desapeço por fórmulas e clichês. Shannon comenta que, com “frequência excessiva”, encontra ensaios que começam com a frase “Meu _____ me inspira.”²²⁰ A avaliadora acrescenta que deve haver maneiras mais criativas de transmitir uma mensagem, fazendo duas observações importantes: a primeira lembrando que os avaliadores estão sujeitos, apesar de sua experiência e treinamento para a tarefa de seleção, como qualquer leitor, a vieses e prejulgamentos; a segunda enfatizando a necessidade de algum nível de criatividade nos ensaios.

Assim, o ensaio admissional bem-sucedido estabelece conteúdo identitário ao longo de um eixo no qual *o enunciador modifica o mundo e é por ele modificado*. Retomando a questão do impacto do mundo sobre o indivíduo, Shannon Miller, aponta que o ensaio é bem-sucedido por que, por meio de “contar histórias”, o sujeito da narrativa nos informa “*porque ele é quem ele é e como as pessoas em sua vida influenciaram onde ele quer estar no futuro*”²²¹. Shannon admite ainda que, ao final da leitura, achava que o aluno seria um excelente companheiro de alojamento por ser espirituoso, gentil, cuidadoso e agradecido aos que se sacrificaram por ele.

²²⁰ “My _____ inspires me.”

²²¹ [...] *why he is who he is and how the people in his life have influenced where he wants to be in the future.*

Mais uma vez o ensaio bem-sucedido *produz no avaliador o efeito de imaginar a presença do **aluno** no campus*. O avaliador parece não considerar estar diante de um simulacro que participa de um jogo de efeitos de sentido.

15.9.5 Comentário nº 5 [*Thinking Outside the Box*]

O comentário referente ao texto nº 5 dá um passo adiante nas considerações sobre a construção da narrativa bem-sucedida quando Shannon Miller alerta sobre o perigo dos temas comuns, dando o exemplo do escotismo como atividade que, com frequência, é tema de ensaios admissionais. Shannon explica que uma das orientações transmitidas aos candidatos com relação aos ensaios é que “*escolham um assunto que os faça memoráveis no conjunto de candidatos*”²²².

Sobre o ensaio nº 5, Shannon diz que, ao unir sua “paixão por tecnologia” com uma atividade normalmente associada a “estar ao ar livre”, o enunciador faz algo inesperado, comunicando “*abertura a mudanças, capacidade de pensar de forma não convencional*”²²³ e seu desejo de retribuir para a comunidade.

Shannon ainda aponta o ensaio como um “*exemplo perfeito de fusão entre uma atividade extracurricular e o interesse por ciência da computação – área de potencial interesse acadêmico principal [do candidato]*”²²⁴.

15.9.6 Comentário nº 6 [*The Unathletic Department*]

Como se pode observar, os comentários fornecidos são valiosos instrumentos para que um candidato possa compreender o que dele é esperado ao redigir o seu ensaio admissional. No conjunto, as observações respondem às principais dúvidas que um candidato possa ter. Se o candidato, por exemplo, não sabe se deve ou não dar um título ao seu texto, o comentário do Ensaio nº 6, feito pela Diretora Assistente Sênior Janice Heisenrether, deixa claro que *um título pode fazer muita diferença na hora da escolha*.

²²² [...] choose a topic that will make them memorable in the pool, [...]

²²³ [...] an openness to change, his ability to think outside the box, [...]

²²⁴ [...] the perfect blend of showcasing an extracurricular activity and also wrapping in an interest in computer science, his potential major.

A primeira coisa que chama a atenção neste ensaio é o título chamativo, que, de forma eficaz, prepara o terreno para um ensaio que encanta por falar mal do próprio autor. O autor usa humor sutil ao longo do ensaio para enfatizar uma de suas fraquezas ao mesmo tempo em que revela como transformou o que alguns poderiam ter considerado um acontecimento negativo em uma experiência de aprendizado.²²⁵

A avaliadora vai além, dizendo que o ensaio é “bem redigido é uma leitura agradável” que “revela algumas qualidades importantes sobre o autor, que talvez não tivéssemos identificado por meio dos outros componentes de sua candidatura”²²⁶. Esse comentário reitera a importância do ensaio admissional eficaz e *aponta para a sua capacidade de complementar as informações veiculadas pelos demais instrumentos de avaliação, como cartas de recomendação, questionários, etc.*

É importante lembrar que cartas de recomendação, por imposição de sua finalidade, enfatizam aspectos positivos do indivíduo sobre o qual a recomendação é feita – mas podem mencionar, até por instrução das instituições, algum aspecto em que o candidato precise melhorar.

O comentário ainda acrescenta que o ensaio oferece “uma rápida visão de como ela [a candidata] lida com o desafio e o fracasso, certamente uma habilidade útil para a vida e que será útil na vida real, começando pelos seus quatro anos na faculdade”²²⁷.

Temos no comentário do ensaio nº 6 uma visão que inicialmente parece contraposta à visão do Professor Lopate (2015) quando este afirma que “se espera que o candidato, de forma sutil ou, talvez pudéssemos dizer, cuidadosa, gabe-se pela pessoa maravilhosa e preocupada com a comunidade que é”²²⁸. A declaração do autor não parece deixar muito espaço para que o candidato mencione suas falhas e dificuldades e leva a um novo exame dessa suposta falibilidade.

Com relação a efeitos de sentido, a construção do ensaio nº 6 é mais complexa do que a análise de Janice Heitsenrether pode fazer crer. Quando fala mal de si mesma, a candidata escolhe um aspecto bastante interessante e que se expressa desde o título do ensaio.

²²⁵ *The first thing that stands out about this essay is the catchy title, which effectively sets up an essay that is charmingly self-deprecating. The author goes on to use subtle humor throughout the essay to highlight one of her weaknesses but at the same time reveals how she turned what some might have considered a negative event into a positive learning experience.*

²²⁶ *[...] well-written and enjoyable to read, but it reveals some important personal qualities about the author that we might not have learned about her through other components of her application.*

²²⁷ *[...] a glimpse of how she constructively deals with challenge and failure, which is sure to be a useful life skill she will need in the real world, starting with her four years in college.*

²²⁸ *[...] he's supposed to boast, quietly you might say, tactfully, but essentially brag about of what a fine outstanding community oriented person he is.*

Ao escolher o título “Departamento Não Atlético”, a candidata vale-se de referências culturais compartilhadas que, por sua vez, apoiam-se na contraposição entre alunos que fazem parte de um departamento de atletismo e os que não fazem. A contraposição explora um suposto alinhamento do enunciador com um universo de alunos, que por terem maior inclinação intelectual, conseqüentemente, teriam menos talento para os esportes. Aqui o enunciador joga habilmente com estereótipos.

No imaginário norte-americano, essa polarização, baseada em estereótipos, expressa-se no clichê dos *nerds versus jocks*, ou dos **estudiosos** em contraposição aos **atletas**. O clichê também traz consigo a carga de relações escolares frequentemente, pelo menos no imaginário, marcadas por *bullying*. Ao relatar que se aceita da maneira como é, apesar da suposta limitação atlética, o enunciador também indica possível resiliência diante do ambiente tido como hostil aos *nerds* da escola secundária (outro clichê enraizado no imaginário norte-americano).

No caso do ensaio nº 6, o leitor atento não pode deixar de considerar a hipótese de que esses clichês tenham sido manipulados para produzir a percepção de um indivíduo intelectualmente capaz e resiliente que se aceita, apesar do que outros possam interpretar como seus fracassos.

Assim, o enunciador que, à primeira vista, parece contrariar a posição do Professor Lopate (2015), na verdade pode reforçá-la, valendo-se de uma manobra retórica ao admitir uma fraqueza para, de fato, implicar uma qualidade.

15.9.7 Comentário nº 7[*The Musketeer in Me*]

Ao analisar o texto em que o sujeito da narrativa se compara ao herói literário D’Artagnan, o avaliador explica que “um erro comum que encontra nos ensaios é a falha dos candidatos em estabelecer uma conexão forte entre si mesmos e a personagem sobre a qual escrevem”²²⁹.

O avaliador aponta ainda para características de identidade, como o candidato “[...] lida com desafios, sua ambição e como é como amigo.”²³⁰, acrescentando que todas essas características são procuradas em uma candidatura.

²²⁹ [...] a common mistake I see in essays where applicants don’t make a strong connection between themselves and the character they are writing about.

²³⁰ [...] how he handles challenges, his ambition, and how he is as a friend.

Patrick Salmon acrescenta, ao finalizar, que “Sua voz era clara em sua redação e [essa voz] me deu a sensação de que eu o conhecia, fazendo o ensaio memorável”²³¹. Patrick Salmon, ao contrário do que foi visto nos comentários até aqui, parece consciente da separação entre candidato e enunciatário, parecendo considerar a representação do enunciatário como uma personagem.

15.9.8 Comentário nº 8 [Undecided]

Com relação às possíveis estratégias utilizadas pelos candidatos, encontramos algumas ocorrências nas quais o enunciador procura demonstrar, por meio de indícios de que conhece muito bem a instituição, que se encaixa com a mesma. Essas ocorrências são escassas e é possível dizer, com algum grau de segurança, que a baixa ocorrência desse tipo de ensaio está vinculada à dificuldade de redigir-se um texto convincente sobre o alinhamento com uma instituição que ainda não é conhecida.

Ainda assim, diante da dificuldade de demonstrar-se alinhamento, de acordo com o comentário da Conselheira de Admissões Monique Hyppolite, há uma expectativa com relação à capacidade do candidato em demonstrar como combinar sua experiência de vida com a nova experiência acadêmica.

Daniel escreve sobre como sua formação e sua origem o levaram a tornar-se curioso e a explorar vários interesses. Ele faz um excelente trabalho em combinar isso à sua experiência acadêmica na Hopkins para identificar o que exatamente quer estudar no futuro. (Comentário do Ensaio nº 8)²³²

O comentário confirma que o ensaio admissional traz o avaliador para um jogo em que suposições sobre o candidato são construídas em resposta às estratégias de fazer-crer do enunciador sobre sua identidade e seu *éthos*.

Em síntese, o candidato constrói e projeta um simulacro verossímil e profundamente integrado aos valores da instituição e o avaliador aceita o simulacro como representação do candidato no mundo concreto.

²³¹ *His voice was clear in his writing, gave me the sense that I knew him, and made the essay memorable.*

²³² *Daniel writes about how his upbringing and where he's from has led him to be inquisitive and explore a range of interests. He does a great job of tying it all into using his academic experience at Hopkins to pinpoint what exactly it is that he wants to study in the future.*

15.9.9 Comentário nº 9 [Spy]

Ao comentar o ensaio nº 9, Shannon Miller descreve a candidata como tendo **senso de aventura**, uma qualidade, segundo a avaliadora, **intangível** e que “não seria visível em seus históricos escolares, resultados de testes, ou listas de atividades”²³³.

Após esse diagnóstico, a avaliadora prossegue justificando que Elana era “alguém que faria diferença em nosso campus, alguém que não hesitaria em envolver-se e tentar coisas novas. Ela pareceu perfeita para integrar a Hopkins”²³⁴.

15.9.10 Comentário nº 10 [It's Name was Ozzy]

O comentário do ensaio nº 10, novamente de Janice Heitsenrether, aponta para os mesmos princípios, enfatizando capacidade de encontrar soluções (resourcefulness), determinação para vencer obstáculos e capacidade de enfrentar um dilema ético e lembrando que a Universidade Johns Hopkins busca não apenas o aluno que vai ter uma trajetória brilhante, mas que também venha a ser um membro exemplar da comunidade.

A avaliadora encerra, acrescentando que o ensaio permitia perceber “*como o aluno enfrentaria os desafios acadêmicos na faculdade, bem como seu potencial tanto para ser um integrante quanto um líder de equipe eficaz*”²³⁵.

15.9.11 Comentário nº 11 [Outgrowing the Garage]

A partir do ensaio nº 11, os comentários da instituição deixam de ser assinados pelos avaliadores. Na medida em que novos exemplos, oriundos das novas turmas forem substituindo as amostras antigas, todos os comentários assinados, se a tendência se mantiver, deixarão de existir no website. Mesmo sem assinatura, os mecanismos pelos quais o ensaio tem êxito são visivelmente os mesmos. O ensaio nº 11 não foge à regra e é descrito fornecendo um “*senso de personalidade*”.

²³³ [...] that cannot be seen in her transcript, test scores, or list of activities.

²³⁴ [...] someone who would make a difference on our campus, someone who wouldn't hesitate to get involved and try something new. She seemed like a great fit for Hopkins.

²³⁵ [...] how this student will confront academic challenges in college, as well as his potential to be an effective team member and leader.

À medida que lê seu ensaio, você imagina alguém que vai explorar programas acadêmicos, grupos estudantis e oportunidades dentro e fora do campus – você imagina um membro dinâmico de nossa comunidade Hopkins. (Comentário do Ensaio nº 11)²³⁶

15.9.12 Comentário nº 12 [*String Theory*]

O ensaio nº 12 revisita a questão do fracasso. O avaliador não deixa de apontar para a visão da personalidade e vai adiante afirmando que a candidata não tem medo de rir de si mesma ou de admitir suas dificuldades aprendendo a fazer embrulhos em uma padaria.

O fracasso com os embrulhos, no entanto, é temporário e tem a função de estabelecer o pano de fundo para a persistência do enunciador diante dos possíveis desafios impostos pela vida. O avaliador novamente volta à necessidade da veiculação da identidade, afirmando que a candidata “usou o espaço para nos dizer muito *sobre quem ela é*”.

Apesar do tópico propriamente dito – aprender a fazer embrulhos em uma padaria – parecer restrito em escopo, ele nos permitiu ver como seus interesses fazem sentido e conhecê-la por meio de sua redação.²³⁷

Por meio do título e do primeiro período em seu ensaio, a enunciadora joga habilmente com as palavras, demonstrando conhecer o modelo físico-matemático conhecido como *teoria das cordas* e até oferece sua sintética interpretação da mesma. Seu conhecimento sobre a teoria, no entanto, é apenas uma hábil manobra para conectar seu texto à história que quer contar, sem deixar passar a oportunidade de demonstrar aptidão acadêmica e científica.

²³⁶ *As you are reading his essay, you picture someone who will explore academic programs, student groups, and opportunities on and off campus—you picture a dynamic member of our Hopkins community.*

²³⁷ *Even though the actual topic itself—learning to tie string around bakery orders—seems narrow in scope, it allowed us to see how well-rounded her interests were and really get to know her through her writing.*

16 Respondendo às Perguntas de Pesquisa

A seguir, passa-se às respostas deste estudo às Perguntas de Pesquisa elencadas sob o Item 6.

16.1 Qual é o conteúdo e a expressão do Ensaio Admissional aprovado pela UJH?

Em síntese, como seria esperado, os textos que compõem o corpus são textos essencialmente narrativos. Não foram encontradas interrupções significativas de fluxo narrativo na forma de diálogos ou outras formas de texto. Embora exista, pelo menos, em tese, a possibilidade de um narrador em terceira pessoa e essa possibilidade tenha sido verificada em pontos da narrativa do ensaio “Spy”, os textos são narrados em primeira pessoa. Talvez melhor do que falar em conteúdo, seja mais importante tratar dos efeitos de sentido remetendo a valores identitários sobre os quais esses textos são construídos e a pesquisa demonstra que podem ocupar um espectro muito amplo e variável.

Algo que deve ser enfatizado é que o ensaio admissional é um contar de uma história. Essa história, no entanto, não é a história do indivíduo, mas a história que o indivíduo escolhe para representá-lo.

16.2 Exige esse Ensaio Admissional um tipo de redação diferente daquele com o qual o aluno de ensino secundário brasileiro está acostumado?

O ensaio admissional exige conteúdo e expressão bem diferentes daqueles com os quais o estudante brasileiro está acostumado. O ensaio admissional é um exercício de reflexão sobre si com um consequente posicionamento do enunciador com relação ao mundo. O enunciador do ensaio admissional volta seu olhar para si mesmo e não faz uma mera argumentação sobre o mundo ou dos acontecimentos ao seu redor. O termo “pessoal”, em “ensaio pessoal”, tem uma dimensão autobiográfica indispensável. Esse aspecto autobiográfico é, no entanto, complexo e não restrito ao relato objetivo dos fatos.

O ensaio admissional é autobiográfico na medida em que o candidato elege as experiências emblemáticas para representar, por meio de seu simulacro discursivo, quem é como indivíduo e como se posiciona diante do mundo. Essa escolha de um evento ou eventos cruciais formarão a base de um enredo, no qual valores identitários, veiculadores do *éthos* do enunciador, são investidos em um percurso discursivo cuja finalidade é a de demonstrar alinhamento com os valores identitários e, fundamentalmente, com o *éthos* da instituição.

16.3 Em que aspectos difere esse texto em relação à nossa redação?

A grande diferença entre um ensaio admissional e uma redação de vestibular reside no fato de que o primeiro exige um olhar voltado primordialmente para o próprio enunciador e como esse se posiciona diante do mundo. Esse posicionamento será expresso por meio de uma narrativa emblemática que o enunciador escolhe para representá-lo. A redação de vestibular, por sua vez, exige um olhar objetivo, essencialmente voltado para fora, e capaz de dar sustentação a uma argumentação sobre um objeto escolhido pelo avaliador e que, por ser predeterminado, implica o distanciamento entre o sujeito e o objeto.

16.4 Será possível estabelecer padrões de conteúdo e expressão para textos aprovados pela UJH?

De maneiras diferentes todos os textos fazem a mesma coisa, apontando para padrões com relação à forma, essencialmente narrativa, e ao conteúdo, desenvolvido em torno de demonstrações da identidade do candidato por meio do simulacro com ele sincretizado na enunciação. Os ensaios admissionais, com base no corpus analisado, se constituem em torno do **fazer-saber** a partir da narrativa de episódios emblemáticos e investidos de significado para o candidato. A natureza desses episódios, no entanto, ocupa um espectro tão amplo como o da própria experiência humana.

16.5 *Quais são esses padrões, caso existam?*

Em um plano mais profundo, existe um padrão dependente da demonstração de alinhamento por parte do candidato sincretizado com o enunciador com o quadro axiológico vigente da instituição. Os episódios emblemáticos escolhidos pelo candidato para representá-lo, por meio de seu enunciador, devem ser capazes de demonstrar valores identitários compartilhados com a instituição para que o candidato possa ser reconhecido como merecedor de integrá-la.

A instituição, por sua vez, tem sua identidade construída, pelo menos no plano discursivo, em torno de valores cuja ressonância em seus candidatos seja do interesse dessa instituição.

O processo de seleção é, portanto, um processo de reconhecimento no outro dos valores identitários que a instituição deseja cultivar e o maior desafio do candidato é o conseguir demonstrar de forma convincente o seu alinhamento com tais valores.

16.6 *Na eventualidade da existência de padrões, serão esses transitórios, permanentes, ou marcados por uma combinação de elementos permanentes e transitórios?*

Atentando-se à resposta anterior, compreende-se que o quadro axiológico é essencial e subjacente ao processo admissional da Universidade Johns Hopkins.

Valores, no entanto, estão sujeitos a transformações e, como o próprio termo sugere, são depositários de graus de importância que podem aumentar ou diminuir com o tempo e com a evolução da sociedade. Atributos que no passado foram causa de discriminação hoje representam diversidade cultural, passando a contar de forma positiva para indivíduos para os quais diversidade seja um valor social ou identitário. Disso, pode-se concluir que, diante da transitoriedade dos valores identitários integrantes da matriz axiológica da instituição, a demonstração de alinhamento com a instituição está subordinada a dois fatores: valores não são compartilhados de forma universal e valores são suscetíveis à mudança, em função de cultura, sociedade e ideologia.

16.7 São os possíveis achados aplicáveis à redação de ensaios admissionais para outras instituições ou estão eles restritos ao ingresso na UJH?

Os achados permitem a compreensão do mecanismo subjacente geral e sugere que um processo semelhante se aplique a outras instituições. Quando alerta para a possibilidade de ficarmos perplexos diante de um mesmo candidato aprovado em um lugar, reprovado em outro e em lista de espera em um terceiro (com base no mesmo texto), Braswell (2014, p.viii) não explica a razão, muito menos menciona a questão dos valores identitários.

Você vai ficar um pouco perplexo quando Harvard aceita, Columbia põe em lista de espera e Stanford rejeita um candidato no livro.

Quando se compreende o tipo de texto que é esperado do candidato e que a função desse texto é a de permitir, por meio de uma demonstração autobiográfica, o exame de quem esse candidato é para, a partir daí, verificar-se seu alinhamento com a instituição, torna-se fácil compreender que um candidato possa ter maior sintonia com uma dada instituição do que com outra, em virtude dos valores identitários enfatizados tanto pelo candidato como pela instituição a cada dado momento.

Se incorrermos na pressuposição que todas as escolas de educação superior devem partilhar o mesmo conjunto de valores, ainda assim precisamos ter em mente que mesmo valores compartilhados de forma universal possuem diferentes graus de importância, em virtude de diferentes interesses acadêmicos, econômicos, políticos, etc.

Se existe um segredo, este parece residir em reconhecer os valores identitários enfatizados por uma dada instituição em um dado momento e concentrar os esforços em demonstrações autobiográficas baseadas em episódios que demonstrem alinhamento do enunciador com esses valores.

Outra conclusão à qual se pode chegar é a de que textos genéricos devem, em princípio, ter menores chances de sucesso do que textos criados com uma instituição específica em mente.

Considerando-se ainda que a abordagem semiótica aplicada neste estudo foi aliada à análise qualitativa assistida por computador, pode-se ainda perguntar:

16.8 Podem as ferramentas computacionais de mineração de dados ter um papel maior nos estudos semióticos?

Ferramentas como as utilizadas nesta pesquisa têm um enorme potencial para os estudos semióticos e linguísticos, possibilitando a abertura para estudos maiores, abrangendo quantidades maiores de material que até pouco tempo não poderiam ser analisadas. Para entender-se a aplicabilidade, basta que se compreenda uma ideia simples: essas ferramentas, pelo menos em uma primeira etapa, são mecanismos eficazes de demarcação de segmentos, sendo capazes de auxiliar na marcação de qualquer objeto de interesse.

Em uma segunda etapa, permitem que sejam analisados dados quantitativos que permitem a visualização de elementos, até ali, inacessíveis e com potencial tanto para constituir novo conhecimento como direcionar novos questionamentos e reflexões sobre o objeto estudado.

16.9 Como podem essas ferramentas ser ajustadas à análise semiótica?

No caso específico do software utilizado, há poucos ajustes a serem feitos. Do ponto de vista do usuário, pode-se demarcar qualquer coisa que poderia ser demarcada de forma manual. Esse dado pode parecer banal, mas na prática não é. O software precisa ser capaz de administrar um número significativo de códigos de uma forma que faça sentido para o analista que, por conta disso, pode investir em tarefas que talvez fossem impossíveis sem a ferramenta.

Do ponto de vista do que pode melhorar em termos de desenvolvimento do software, o uso da ferramenta neste estudo não exigiu que se levasse o programa até onde se esbarrasse em obstáculos ou falhas de operação. A maior dificuldade foi a de reproduzir os caminhos feitos dentro da ferramenta a cada vez que a repetição de um processamento específico era necessária. As múltiplas combinações de comandos para gerar certos gráficos e ordenações nem sempre

são fáceis de lembrar e podem forçar o usuário a redescobrir o caminho, por tentativa e erro, praticamente a cada vez. A edição dos gráficos gerados para alterar as legendas padrão e outras propriedades também são, por vezes, difíceis de acessar, tornando uma tarefa simples em um desafio que consome tempo. Essas poucas dificuldades, no entanto, são decorrência natural do desenvolvimento de um software robusto cujas possibilidades são tantas e, às vezes, tão complexas que podem dificultar sua operação.

É concebível que uma versão voltada à linguística e a semiótica pudesse, na verdade, ser mais simples, dispensando um bom número de ferramentas, concentrando-se apenas nas tarefas de demarcação e ordenação e gráficos úteis a esse tipo de pesquisa, possibilitando dessa forma uma interface de mais fácil operação que pudesse estimular tanto a experimentação como o uso mais disseminado do software. Essa hipótese, no entanto, pode não ser correta, já que a maior disseminação de estudos assistidos por computador pode levar a novas aplicações que, por sua vez, poderão se beneficiar do uso das ferramentas mais complexas.

16.10 Podem essas mesmas ferramentas oferecer perspectivas até aqui inacessíveis ao estudo semiótico?

A posição deste estudo é a de que as ferramentas de análise qualitativa assistida por computador podem desempenhar um papel cada vez maior em estudos linguísticos, discursivos e semióticos, na medida em que possibilitam trabalhar com quantidades maiores de dados, diminuindo possíveis distorções inerentes ao trabalho com amostras reduzidas.

Parte V – Considerações Finais

17 Poder, Reconhecimento e Ideologia

Deparar-se com um quadro axiológico identitário ocupando a posição do objeto-valor do percurso narrativo de um *personal statement* é uma consequência natural das imposições de conteúdo de seu gênero. O *éthos* do qual é investido o simulacro discursivo da pessoa, atua como representação da ipseidade²³⁸ do enunciatário na busca de reflexo em seu enunciatário.

O resultado final é inevitável de um *personal statement* é o do confronto de duas matrizes axiológicas, de dois *ethe*, por sua vez constituídos de elementos negociáveis e inegociáveis que entram em jogo em configurações que podem ou não descartar o alinhamento entre duas identidades.

Como em todo confronto, estabelece-se uma relação de poder. O poder institucional, nem por isso, é predeterminado. O mesmo se estabelece na relação com o candidato de forma proporcional ao seu desejo de ingresso. Quanto mais investido estiver em ser aprovado, maior o poder que a instituição poderá exercer sobre ele.

Sobre a relação de poder, Foucault (1995, p. 248) afirma não ser possível sem que existam pontos de *insubmissão*, acrescentando que uma vitória sobre o oponente substitui o exercício do poder.

Transferindo-se essa compreensão para o plano do ensaio admissional, a proposição da instituição estende-se aos limites do poder em uma relação que se estabelece somente porque o candidato é fundamentalmente livre. Inserido nessa relação, o candidato tem em seu *personal statement* uma estratégia de neutralização de poder por “aprovação”, por meio da qual transcende a um novo patamar onde se estabelecem novas relações de poder.

Como não poderia haver relações de poder sem pontos de insubmissão que, por definição, lhe escapam, toda intensificação e toda extensão das relações de poder para submetê-los conduzem apenas aos limites do exercício do poder; este encontra então sua finalidade seja num tipo de ação que reduz o outro à impotência total (uma “vitória” sobre o adversário substitui o exercício do poder), seja numa transformação daqueles que são governados em adversários. [FOUCAULT, 1995, p. 248]

A estratégia para a qual aponta Foucault (1995 p. 248), no caso dos *personal statements* implica a representação da ipseidade por meio de um *éthos* preenchido por valores identitários capazes de demonstrar o alinhamento das identidades imutáveis, dos valores identitários não

²³⁸ Ricoeur (2006, p. 116-118) define identidade enquanto narrativa. Para o autor, a identidade é narrativa e se organiza no âmbito do sujeito, *idem* (o mesmo), *ipse* (a pessoa em seu momento histórico), ambos em constante tensão dialética diante do *alter*, externo ao sujeito, por sua vez, também em permanente tensão dialética com o conjunto dos dois anteriores. (idem x ipse) x alter.

negociáveis, dentro da matriz axiológica. Em síntese, as coisas que importam, que detêm valor, devem ser compartilhadas, passando o desafio estratégico ao plano da determinação de quais elementos importam para o destinatário com base em sua representação discursiva.

Ao considerar a estima social como forma de conhecimento mútuo, Ricoeur (2006, p. 216) questiona a “nova exigência normativa”, as “formas de conflitualidade” e as “capacidades pessoais” antes de reiterar a opinião de Honneth²³⁹ de que são os valores comuns aos sujeitos que permitem o reconhecimento nessa esfera.

Várias questões são assim colocadas: que nova exigência normativa supostamente satisfaz a estima social? Que formas de conflitualidade estão ligadas às mediações pertencentes ao pós-jurídico? Que capacidades pessoais são correlativas dessas formas de reconhecimento mútuo? Honneth consagra apenas algumas páginas a essa arquitetura de questões que proponho detalhar. Na opinião desse autor, é a existência de um horizonte de valores comuns aos sujeitos que constitui a pressuposição mais importante desse terceiro ciclo de considerações. (RICOEUR, 2006, p. 216)

Ricoeur (2006, p. 216) prossegue afirmando que é “ao mesmo tempo a dimensão axiológica da estima mútua que é enfatizada: é com os mesmos valores e com os mesmos fins que as pessoas avaliam a importância de suas qualidades próprias para a vida do outro”. Essa dimensão axiológica da qual fala Ricoeur (2006, p. 219) fornece, por tanto, a escala pela qual o outro será “medido”.

É, pois, do conceito de economia da grandeza que é preciso falar primeiro, antes de falar sobre o empreendimento de justificação enquanto operação de qualificação das pessoas em relação à situação que elas ocupam na escala das grandezas.

Passando à dimensão temporal, Ricoeur (2006, p. 216) nos lembra, a partir do pensamento de Honneth, da possibilidade da exploração multidimensional das mediações sociais a partir de sua constituição simbólica e acrescenta que a concepção cultural que uma sociedade tem de si mesma constitui a soma dos valores e fins éticos mobilizados a cada momento.

Para Ricoeur, “A ideia de comunidade de valores se anuncia como o horizonte presumido de uma inevitável diversidade axiológica que contrasta com a universalidade presumida dos direitos subjetivos de ordem jurídica”.

²³⁹ Referência a Honneth não fornecida no original de Ricoeur (2006, p. 216)

O exame do conceito de estima social depende, desse modo, de uma tipologia das mediações que contribuem para a formação do horizonte de valores compartilhados, e a própria noção de estima varia de acordo com o tipo de mediação que torna uma pessoa estimável. (RICOEUR, p. 216)

É na articulação desse “horizonte de valores” que cada indivíduo encontra o espaço de representação identitária que não lhe é reservado pelos estatutos jurídicos por conta de sua inerente valorização da igualdade atribuída de forma universal.

Ainda segundo Ricoeur (2006, p. 216), “noções ligadas à de estima social, como o prestígio ou a consideração, não escapam do pluralismo axiológico resultante da variedade das próprias mediações”. O resultado desse processo, ainda de acordo com o autor, subordina a estima social às condições interpretativas solidárias do caráter simbólico das mediações sociais.

Uma questão importante que deve ser considerada com relação aos *personal statements* é a da *precedência do reconhecimento sobre o conhecimento* do outro. Tendo-se em mente que, em Ricoeur, com base em Jean-Marc Ferry, a narração, como órgão da identidade narrativa, é uma das grandes mediações da comunicação que contribuem para os “atos de discernimento” que, por sua vez, constituem a identidade pessoal, tem-se a dimensão da importância da narrativa no *personal statement* como uma chave hermenêutica essencial a um reconhecimento que ocorre antes do próprio conhecimento. Como relembra Ricoeur (2006, p. 217), ao discorrer sobre a obra de Jean-Marc Ferry:

O que o tomo II propõe, sob o título *As ordens do reconhecimento*, é o exame das mediações na forma de organização que fazem que o “próximo seja sempre alguém já reconhecido sem sequer ter sido conhecido.

Desse entendimento, extrai-se que o *personal statement* é o mecanismo por meio do qual o enunciador se converte no “próximo” em um processo pelo qual se permite reconhecer como tal, enquanto constrói uma narrativa envolta em um discurso sobre quem ele é. Para o destinatário no mundo concreto, por sua vez, o conhecer é uma impossibilidade atenuada pelo reconhecimento dos valores identitários capazes de conduzir à estima.

Refletindo sobre o pensamento de Luc Boltanski e Laurent Thévenot, Ricoeur (2006, p. 219) aborda a dimensão econômica e os mecanismos pelos quais o indivíduo se faz reconhecer, explicando que “A justificação é a estratégia por meio da qual os competidores fazem reconhecer seus lugares respectivos no que os autores denominam economias de grandeza”.

A primeira ideia que se impõe é a de uma avaliação das prestações sociais dos indivíduos que reivindicam a ideia de justiça, mas segundo uma diversidade de crivos de grandeza que os autores chamam de economias, em razão de sua coerência em relação a um certo tipo de sucesso social. (RICOEUR, 2006, p. 219)

É importante salientar que o termo “economia” não é aqui empregado em seu sentido mais amplo, mas se referindo ao jogo de forças econômicas inerente a qualquer sistema nos quais recursos de diferentes ordens possam ser investidos e administrados.

Personal Statements, por serem depositários de representações de valores sociais e, fundamentalmente, identitários, instituem em sua relação de mediação um sistema econômico cuja complexidade não é circunscrita por seu formato.

Existe, portanto, dentro do *personal statement* uma “economia da grandeza” marcada por operações de qualificação em relação à situação ocupada na escala das grandezas e é essa posição que faz com que um indivíduo possa ser considerado “pequeno” ou “grande” em relação a critérios de grandeza.

Dentro do contexto dessa economia de mensuração, Ricoeur (2006, p. 219) ensina que as provas de qualificação geram uma disputa em uma ordem de dada grandeza e que essa competição possui alinhamento com o conceito de luta pelo reconhecimento.

A avaliação dos desempenhos obedece, em cada caso, a uma bateria de testes aos quais devem satisfazer protagonistas em situações de contestação se puderem ser qualificados de “justificados”.²⁴⁰

A partir das observações de Ricoeur (2006, p. 216), transportadas para o plano do *personal statement*, tem-se novamente o imperativo de que a demonstração, ainda que mediada por um mecanismo narrativo, é inevitável para o estabelecimento da valoração necessária ao reconhecimento.

Nessa economia, tal valoração, por sua vez, varia em função da ressonância de valores identitários, impondo ao enunciador demonstrações nas quais invista em valores que julgue terem maior importância dentro do quadro axiológico do destinatário presumido.

Ainda sobre o reconhecimento, é necessário compreender a existência de uma mutualidade que é necessária na constituição da liberdade requerida pelo estabelecimento da relação de poder. O enunciador é fundamentalmente livre e escolhe participar de um jogo no qual, por sua vez, investe recursos em prol do possível retorno por reconhecer na instituição, com base em sua representação discursiva, uma ressonância com seu próprio sistema de valores

²⁴⁰ “Onde digo reconhecimento nossos autores dizem *justificação*” (RICOEUR, 2006, p. 2190, *italico do autor*)

sociais e identitários. Articula-se dessa forma um ciclo de reconhecimento mútuo que abrange um complexo jogo em torno das interseções axiológicas dos sujeitos.

É exatamente sobre a existência de uma economia de grandeza subjacente que se sustenta a hipótese investigada nesta pesquisa de que o *personal statement* é mediador em um jogo. Removendo-se a economia de sustentação, não há escala de valoração nem possibilidade de reconhecimento. Fora de um sistema que pressuponha a existência de valores, quaisquer movimentos seriam incapazes de promover reações de qualquer natureza.

Valores, no entanto, remetem à ideologia. É a ideologia, por sua vez, que investe de valores o sistema das relações subjetivas, criando as condições para que exista o jogo com o potencial para os retornos de investimentos, ao mesmo tempo em que são impostas regras que implicam ajustes da representação identitária.

Nos ajustes próprios às identidades narrativas, construídas conjuntamente, vale notar o poder de manipulação que exercem as ideologias. O reconhecimento de si, sob tal manipulação, privilegia a identidade-*ipse*, sua dimensão histórica e coletiva, mutável, como identidade do grupo x ou y. (HARKOT-DE-LA-TAILLE, 2008)

Sobre as ideologias, Harkot-de-La-Taille (2008), ao examinar Ricoeur, aponta para o poder de manipulação que exercem e que tal manipulação promove o que chamou de uma hipertrofia da identidade-*ipse* (mutável) que, ocorrendo em detrimento da identidade-*idem* (imutável), aponta na direção da desintegração da identidade, por meio do constante movimento na direção da dimensão histórica coletiva.

A hipertrofia da identidade-*ipse*, em detrimento da identidade-*idem*, enfraquece a identidade narrativa. Um sujeito eminentemente móvel, identificado a cada momento à dimensão histórica e coletiva, caminha em direção à desintegração da identidade. No limite, escapa à imputação de seus atos a si, afasta-se da condição de agente, de personagem “que age e sofre”, aproximando-se do estatuto de “coisa”, isenta de responsabilidade, à qual certas ações não são imputáveis.

Assim, o reconhecimento pelo grupo exige um nível de sacrifício da identidade individual e que se expressa nos *personal statements*, sob a forma de uma modulação da ipseidade que privilegia a representação identitária mais favorável em detrimento da mais genuína, que converte o clichê “seja você mesmo” e um paliativo inócuo que nada tem a ensinar.

Por outro lado, o jogo ideológico é uma estrada de mão dupla. As ideologias moldam o pensamento e é somente dentro de seu contexto que existe a possibilidade para a liberdade pressuposta pela relação de poder apontada por Foucault (1995 p. 248). É preciso, em outras palavras, que os jogadores desejem participar do jogo.

Ainda sobre a questão da liberdade, no âmbito das teorias intersubjetivas, Jaeggi (2013, p. 136) alerta para o risco da conceptualização de liberdade como a presença de possibilidades indeterminadas, ou seja, como permissão para qualquer movimento.

As teorias intersubjetivas da liberdade - e isso é a quintessência da diferença entre modelos positivos e negativos - permanecem presas a um conceito negativo de liberdade, da ("romântica") liberdade como indeterminação, como a presença de possibilidades indeterminadas, e que inclusive contém uma radicalização dramática desta ideia de indeterminação.

A consideração de Jaeggi (2013, p. 136) é o necessário lembrete de que vivemos imersos no ideológico e não no ideal e que mesmo o exercício da liberdade ocorre dentro do campo das possibilidades ideologicamente preestabelecidas.

Jaeggi (2013, p. 130) ainda questiona se o reconhecimento é um processo que remete ao êxito ou, por vincular-se à subjugação, destinado ao fracasso.

Portanto, o reconhecimento é algo que - compreendido como modelo de intersubjetividade - é exitoso ou pelo menos está referido ao êxito - ou seria ele, vinculado à subjugação, à assimetria e ao necessário desconhecimento do outro, necessariamente destinado ao fracasso? Reconhecimento é condição de possibilidade de liberdade ou de perda de liberdade? Através do reconhecimento podemos encontrar-nos "a nós mesmos" ou o reconhecimento é o meio de um poder estranho ao qual nada de "próprio" se tem a opor?

A resposta à indagação parece existir vinculada ao quanto de disposição exista para que se abdique dos próprios valores, sacrificando a identidade-*idem* em prol da identidade-*ipse*, como apontou Harkot-de-La-Taille (2008).

Na prática do exercício de compor o *personal statement*, por meio de um discurso identitário, a resistência a uma subjugação total em prol da representação que em tudo espelha valores presumidos do enunciatário dá sinais de vitalidade por meio de efeitos de sentido que remetem ao fracasso e à vulnerabilidade, efeitos de sentido cujos códigos foram detectados entre os 39 códigos principais. Ainda que tais demarcadores apontem para uma possibilidade de associação a efeitos de sentido remetendo à coragem ou à resiliência, são ainda assim ancoragens na falibilidade humana que expressam resistência a pressões pela representação estritamente reflexiva do quadro axiológico presumido.

18 A Trilha de Ziusudra

Phillip Lopate (2013), ao falar de *college essays* em artigo publicado no New York Times, *The Essay, an Exercise in Doubt*, ou O Ensaio, um “Exercício do Duvidar” sugere, que no ensaio admissional não há espaço para o exercício da dúvida, que considera a marca essencial do ensaio clássico.

A partir daí, é preciso investigar-se se a dúvida, de fato, não tem espaço no discurso do ensaio admissional, já que sua inexistência representaria uma ruptura significativa com o gênero do ensaio literário. Estaríamos dessa forma, diante de dois gêneros estanques e sem ligação taxonômica. É necessário, portanto, estabelecer-se se a observação de Phillip Lopate é procedente.

O resultado desta pesquisa, com relação à presença da “dúvida”, é que ela está presente nos ensaios aprovados, tendo aparecido como um dos marcadores que emergiram na fase de codificação dos segmentos veiculando efeitos de sentido demarcados sob o código **“Dúvida sobre Si”**. Apesar de números baixos, contando com três ocorrências distribuídas em dois casos, representados em termos percentuais por 0,40% e 6,30% respectivamente, constata-se a abertura para o exercício da dúvida dentre os ensaios analisados. Quanto à expressividade dos números, é possível que a “dúvida” não se manifeste com mais frequência porque seja compreendida pelos candidatos como um risco.

Ainda que a dúvida fosse completamente inexistente nas amostras, na impossibilidade de se testar todo o universo dos ensaios admissionais já escritos, seria ainda assim necessário considerar-se a possibilidade de que a dúvida pudesse existir no discurso dos ensaios admissionais com chance de aprovação.

A posição deste estudo é, portanto, de que o ensaio admissional é um gênero independente, mas que se vincula à tradição do ensaio clássico, em virtude de uma natureza reflexiva e até filosófica que se expressa na forma das “revelações” compartilhadas por seus autores e demarcadas neste estudo sob o código **“Revelações (Insight)”**, identificadas em 56 ocorrências e 31 casos, com os respectivos percentuais de 7,30% e 96,90%. Não parece haver até aqui, com base na literatura investigada, como se estabelecer se tal vínculo foi forjado de forma deliberada com a proposição de uma tarefa de redação que já trazia em si expectativas associadas à variante literária ou se ocorreu em virtude de um olhar em retrospecto, por parte dos candidatos, que buscando entender a tarefa proposta se voltaram ao ensaio clássico como um possível paradigma para o que precisavam escrever.

Uma terceira hipótese, no entanto, alerta para a possibilidade de que o ensaio admissional seja apenas a reinvenção espontânea de um gênero, que, por ser fruto de reflexão sobre a trajetória de vida, está simplesmente destinado a nos acompanhar na jornada humana. Por sua natureza reflexiva, o ensaio parece naturalmente vinculado ao rastrear da consciência de que falou Lopate (2013), sem perder de vista sua vocação para a expressão da representação da vida por meio do inventário consciente dos eventos que a constituem.

Assim, de certa forma, a partir da reflexão imposta pela tarefa de escrever sobre si, cada candidato, diante da realidade da incerteza inerente à condição humana, trilha novamente os passos de Ziusudra, escrevendo sobre as lições do que ficou para trás, diante da incerteza do que tem pela frente.

19 Uma Síntese

Este estudo contextualizou o *personal statement*, conectando o texto admissional autobiográfico tanto à sua história no contexto educacional dos Estados Unidos quanto a um gênero literário maior com o qual compartilha uma relação nem sempre clara.

À luz de dados obtidos com auxílio da análise quali-quantitativa assistida por computador, foi possível analisar centenas de segmentos textuais para compreender como esses textos produzem efeitos de sentido em seus destinatários e como esses efeitos se combinaram nos ensaios admissionais no corpus objeto deste estudo.

A partir daí, foi possível chegar-se a conclusões importantes sobre como esses efeitos de sentido se articulam em torno de um herói que, por sua vez, transforma-se por meio de uma percepção de mundo que resulta do enfrentamento de um desafio.

Se as perguntas de pesquisa pudessem ser sintetizadas em uma única, esta seria provavelmente se existe uma fórmula para o ensaio admissional bem-sucedido, tendo-se sempre em mente que se tratam aqui dos textos exemplares disponibilizados pela Universidade Johns Hopkins.

Diante dessa pergunta, a resposta é dupla.

A análise nos permite demonstrar que os textos tidos como ótimos possuem elementos comuns. Sobretudo, a análise indica a existência de um “percurso louvável” que se conecta a uma “revelação” manifesta ao enunciatário. A semiótica, por sua vez nos permite estabelecer que existe uma sintaxe narrativa subjacente em que, essencialmente, o enunciador busca demonstrar conjunção com valores identitários que julgue serem compartilhados ou complementares aos valores identitários de um enunciatário presumido a partir de um simulacro da instituição. Estabelece-se, dessa forma, um jogo cujo objetivo é o de demonstrar o maior grau possível de alinhamento entre o *éthos* do enunciador e o *éthos* do enunciatário presumido, com a esperança de que o quadro axiológico apreendido a partir do simulacro desse enunciatário presumido corresponda ao modelo axiológico de fato em uso no mundo concreto, pelos indivíduos encarregados de representar a instituição, decidindo quem nela vai ingressar. Além da realidade de que o texto será escrito sem acesso a um quadro axiológico explícito, existe, para o enunciador, a complicação de que esse quadro é orgânico e dinâmico, com os valores identitários sujeitos à variação em função de fatores como o curso de estudos pretendido e o momento histórico, social e cultural da candidatura.

Dada a realidade de uma enorme possibilidade de combinações possíveis nesse jogo de valores, o enunciador é levado a fazer apostas recebedoras de diferentes graus de investimento

nos componentes axiológicos enquanto constrói uma narrativa revestida desses valores no nível discursivo. Tais investimentos, por sua vez, deverão ser distribuídos, de forma a buscar um ponto de equilíbrio entre o alto risco inerente ao investimento em um número muito pequeno de valores identitários e, por outro lado, o da descapitalização desse investimento por diluição entre um excesso de variáveis axiológicas.

Tendo-se isso em mente, se existe um caminho para o ensaio bem-sucedido, ele parece apontar para a investigação do quadro axiológico presumível a partir do simulacro do enunciatório em um esforço para aumentar a probabilidade de alinhamento dos valores identitários.

É exatamente no plano de uma axiologia na verdade inacessível, por não poderem ser conhecidas as verdadeiras motivações por trás das decisões sobre ingresso no plano do mundo concreto, que se articula o mecanismo de controle de acesso, unilateral e arbitrário que protege a instituição do ingresso daqueles indivíduos que não agreguem qualidades alinhadas aos seus objetivos.

Pode-se argumentar, no entanto, que a possibilidade de interdição é igualmente restrita, por ser limitada ao acesso a um simulacro do enunciador, e que, portanto, o ensaio pode ser insuficiente para proteger a instituição do ingresso de indesejáveis a cada dado momento. Deve-se atentar a essa consideração lembrando que, em primeiro lugar, as instituições podem interpretar possíveis ingressos de candidatos indesejáveis como meras “falhas” dos protocolos admissionais e que, em segundo, as instituições no mundo concreto continuam detendo, simplesmente em decorrência da existência do instrumento, o poder de utilizar o ensaio como pretexto para interditar quaisquer candidatos que julguem desqualificados por quaisquer outros critérios subjetivos que não sejam de conhecimento dos mesmos.

Ainda assim, o *personal statement* precisa ser escrito e sua redação remete à pergunta “Quem é *você*?” Diante do enigma das admissões, a resposta bem-sucedida de quem já ingressou pode apontar uma direção, mas não oferece garantias sobre o que novos candidatos deverão escrever, já que o que interessa à instituição é exatamente aquilo que faz cada candidato único e cada ensaio inédito. Com base em dados altamente dependentes de um quadro axiológico mutável, conclui-se que o candidato deve se posicionar em função de reavaliações de si e do enunciatório presumido que o vinculem de forma sincrônica e pertinente com a sociedade e o mundo ao seu redor.

20 *Alma Mater*

Como visto, o ensaio admissional é um objeto complexo. O termo *Personal Statement* é suficiente para remeter o candidato a uma série de dúvidas. Se *personal statements* são ensaios, são então, em virtude do próprio nome, ensaios pessoais. Mas, por definição, o ensaio clássico é um gênero “pessoal” – pelo menos no sentido do relatar experiências e descrever o mundo a partir de uma perspectiva individual. Em *personal statement*, pode-se concluir, o significado de “*personal*” vai além, acrescentando ao termo um enfoque não apenas pessoal, mas autobiográfico.

O termo “autobiográfico” tem aqui, por sua vez, um significado restrito, demarcado por episódios deliberadamente escolhidos para corroborar a demonstração de alinhamento axiológico que o enunciador almeja representar, tendo-se sempre em mente que o enunciador é apenas um simulacro sincretizado com o candidato.

Diferentemente do ensaio literário, o *personal statement* é criado com a intenção de que seus efeitos de sentido tenham repercussão no mundo concreto. Para alcançar seu propósito, o enunciador deve fundamentalmente “demonstrar” quem é. Esse “demonstrar” implica, por sua vez, dar exemplos de como o enunciador se coloca no mundo e o modifica ao mesmo tempo em que é por ele modificado.

Partindo-se desse raciocínio, pode-se concluir que *Personal Statements* são “Demonstrações Pessoais Autobiográficas”, por meio das quais o enunciador intenta demonstrar alinhamento com o quadro axiológico do enunciatário presumido, valendo-se da performance de atos emblemáticos que operam como testemunhos da identidade e do *éthos* desse enunciador.

Diante da crescente competição por vagas, o espaço que cabe ao ensaio admissional preencher é o espaço do novo cada vez mais novo, da sintonia cada vez mais precisa com o mundo concreto e da eficácia retórica cada vez maior.

Contrariando a crença na fórmula pronta, no exemplo bem-sucedido, nos conselhos dos blogues sobre admissões, as amostras apontam para um texto que é fruto de reflexão e onde a leitura de um alinhamento de valores é mais importante do que como esse alinhamento se expressa. Fórmulas e modelos são incapazes de injetar na redação do ensaio admissional o seu elemento mais fundamental: um quadro axiológico compartilhado em um dado momento.

Sobre os conselhos referentes a como escrever um ensaio admissional, talvez reste alguma verdade para os que pregam o recorrente “seja você mesmo”, mas somente se o candidato compreender que “ser ele mesmo” implica encontrar o que de melhor possui em si e

o que de melhor tem a oferecer ao mundo e que a função de seu enunciador é ser convincente ao fornecer “testemunhos” de um *éthos* que compartilha com o candidato com ele sincretizado.

A partir de sua origem relativamente obscura, o ensaio admissional evolui e chega a nós como um sofisticado instrumento de seleção. Como nos ensina o quadrado semiótico greimasiano, “selecionar” implica “excluir” da mesma forma que “admitir” implica “interditar”. Em seu processo de triagem, com base em um recurso discursivo, a instituição exclui muitos para chegar aos poucos indivíduos nos quais julga poder encontrar seus próprios traços, em um reflexo de si mesma e de seus valores.

Dentro desse contexto, o ensaio admissional continua servindo aos objetivos ideológicos da instituição, reservando-lhe poder para determinar não apenas quem constituirá a elite do futuro, mas também o quadro axiológico compartilhado pelos membros dessa elite.

Nesse sentido, a universidade torna-se verdadeiramente geradora de seus “filhos” ao promover a continuidade de seu projeto, perpetuando seus interesses pela modulação de seus valores turma após turma, geração após geração.

Fim

REFERÊNCIAS

- AGUIRRE, M. **An outline of Propp's model for the study of fairytales**. 2011. Disponível em: <<http://www.northangerlibrary.com/documentos/AN%20OUTLINE%20OF%20PROPP%27S%20MODEL%20FOR%20THE%20STUDY%20OF%20FAIRYTALES.pdf>>. Acesso em: 9 ago. 2017.
- ALVAREZ, A. Arguing academic merit: meritocracy and the rhetoric of the personal statement. **Journal of Basic Writing**, v. 31 n. 2, p. 32-56, 2012.
- AMOSSY, R. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2014.
- ASHER, D. **Graduate admission essays: write your way into the graduate school of your choice**. 4ª ed. Berkeley: Ten Speed Press, 2012.
- ATWAN, R. Notes towards the definition of an essay. In: KLAUS, C. H.; STUCKEY-FRENCH, N. (eds.) **Essayists on the essay: Montaigne to our time**. Iowa City: University of Iowa Press, 2012.
- AVI, G. **MBA admissions strategy: from profile building to essay writing**. 2ª ed. New York: MacGraw-Hill, 2010.
- O BÁSICO EM LETRAS. **Estruturas narrativas: o modelo funcional de Propp**. 2013. Disponível em: <<https://obasicoemletras.wordpress.com/2013/03/17/estruturas-narrativas-o-modelo-funcional-de-propp/>>. Acesso em: 9 ago. 2017.
- BARROS, D. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática. 2011.
- BARTHES, R. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix. 2012.
- BAULD, H. **On writing the college application essay: the key to acceptance at the college of your choice**. ed. 25º aniversário. Collins Reference, 2012.
- BEST COLLEGE REVIEWS. **The history of the Ivy League**. Disponível em: <<http://www.bestcollegereviews.org/history-ivy-league/>>. Acesso em: 18 ago. 2017.
- BOLICK, D. **The MBA admissions essay: 18 pages of powerful techniques for winning admission to the MBA program of your choice**. www.MBA-admissions.net, 2013.
- BRASWELL, L (ed.). **College essays that made a difference**. New York: Random House, 2014.
- BREDESEN, L. **50+ successful Wharton Business School essays: write a successful application essay that gets you accepted to the world's top business schools**. True View Publishing, 2012.

BRONZITE, D. **The hero's journey - mythic structure of Joseph Campbell's monomyth.** [s.d.] Disponível em: <<http://www.movieoutline.com/articles/the-hero-journey-mythic-structure-of-joseph-campbell-monomyth.html>>. Acesso em: 24 ago. 2017.

BROOME, E. **A historical and critical discussion of college admission requirements.** New York: The MacMillan Co., 1903.

CHESTERTON, G. The essay. In: KLAUS, C. H.; STUCKEY-FRENCH, N. (eds.) **Essayists on the essay: Montaigne to our time.** Iowa City: University of Iowa Press, 2012.

CHISOLM, C.; IVEY, A. **How to prepare a standout college application: expert advice that takes you from LMO to admit.** Jossey-Bass: San Francisco, CA, 2013.

D'AGATA, J. **The lost origins of the essay.** Graywolf Press: Minneapolis, 2009.

DELERS, A. **Pareto's Principle: expand your business!** en50minutos.es, 2016.

DING, H. Genre analysis of personal statements: analysis of moves in application essays to medical and dental schools. **English for Specific Purposes.** Elsevier: West Lafayette, v. 26, n. 3, p. 268-392, 2007.

EARLY, J.; DECOSTA-SMITH, M.; VALDESPINO, A. Write your ticket to college: A genre-based college admission essay workshop for ethnically diverse, underserved students. **Journal of Adolescent & Adult Literacy.** v. 54, n. 3, p. 209-219, 2010.

EARLY, J.; DECOSTA-SMITH, M. **Real world writing for secondary students: teaching the college admission essay and other gate-openers for higher education.** Teacher's College Press: New York, 2012.

EMERSON, R. Montaigne, or the skeptic. In: KLAUS, C. H.; STUCKEY-FRENCH, N. (eds.) **Essayists on the essay: Montaigne to our time.** Iowa City: University of Iowa Press, 2012.

ÉTUDES LITTÉRAIRE.COM. **Michel de Montaigne (1533-1592), Essais.** Disponível em: <<https://www.etudes-litteraires.com/montaigne.php>>. Acesso em: 05 ago. 2017.

FIORIN, J. Enunciação e semiótica. **Letras. Santa Maria** n. 33, p. 71-97. dez. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/issue/view/653/showToc>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

_____. Semiótica e retórica. **Gragoatá**, Niterói, n. 23, p. 9-26, 2 sem. 2007.

FONTANILLE, J. **Semiótica do discurso.** São Paulo: Contexto, 2015.

FOUCAULT, M. Como se exerce o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 239-250

GEIGER, R. **The history of American higher education: learning and culture from the founding to World War II.** Princeton University Press, 2015.

GELB, A. **Conquering the college admissions essay in 10 steps: crafting a winning personal statement.** 2ª ed. Berkeley: 10 Speed Press, 2013.

GILBERT, N. **Business school essays that made a difference.** 6ª ed. New York: Penguin Random House Company, 2014.

GILBERT, N. **Law school essays that made a difference.** 6ª ed. New York: Penguin Random House Company, 2014.

GLANCY, G. (ed.) **The art of the college essay.** 1ª ed. Oneiric, 2014.

GLANCY, G (ed.) **Best college admissions essays.** 1ª ed. Oneiric, 2014.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana.** 20ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

GREIMAS, A. J.; CORTÊS, J. O contrato de veridicção. **Acta semiotica et linguistica.** v. 2, n. 1, 1978. p. 211-221.

_____. **Dicionário de semiótica.** São Paulo: Contexto, 2013.

GROSS, J. Who made that college application? **The New York Times Magazine**, 2013. Disponível em: < <http://www.nytimes.com/2013/11/10/magazine/who-made-that-college-application.html>>. Acesso em: 03 mar. 2014.

GROUPE μ . Cap. VII Entre anasémiose et catasémiose: l'interprétation, un renvoi infini (364-375) IN: **Principia semiotica aux sources du sens.** Bruxelas: Les Impressions Nouvelles. 2015.

HARKOT-DE-LA-TAILLE, E. **Notas em sessão de orientação.** São Paulo. 2017.

HARKOT-DE-LA-TAILLE, E. Parcours de la reconnaissance: trois études, de Paul Ricoeur. **CASA. Cadernos de Semiótica Aplicada**, v. 6, p. 11, 2008. Disponível em: <http://dml.fflch.usp.br/sites/dml.fflch.usp.br/files/Parcours%20de%20la%20reconnaissance.pdf>. Acesso em 16 mar. 2017.

HARKOT-DE-LA-TAILLE. **Sentir, saber, tornar-se: estudo semiótico do percurso entre o sensório e a identidade narrativa.** São Paulo, 2013, Tese de Livre Docência. 2013.

THE HARVARD CRIMSON (ed.). **50 successful Harvard application essays: what worked for them can help you get into the college of your choice.** 4ª ed. New York: St Martin's Griffin, 2014.

THE HARVARD CRIMSON (ed.). **55 successful Harvard Law School essays: what worked for them can help you get into the law school of your choice.** 2ª ed. New York: St Martin's Griffin, 2014.

THE HARVARD INDEPENDENT (ed.). **100 Successful college application essays.** 3ª ed. New York: Penguin, 2013.

HASKINS, C. **The rise of universities**. Ithaca: Cornell University Press, 1957.

HAUGEN, H. Beyond the narrative mode in the composition classroom: embracing a return to the personal essay. **The CEA Forum**. v. 42, n. 1, p. 49-70. 2013.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IVEY, A. **The Ivey Guide to law school admissions**. 2010. Orlando: Hartcourt, Inc. 2005

JAEGGI, R. Reconhecimento e subjugação: da relação entre teorias positivas e negativas da intersubjetividade. **Sociologias**. Porto Alegre. Ano 15 n. 33, mai/ago. 2013. p. 120-140

JHU - JOHNS HOPKINS UNIVERSITY. **Essays that worked: class of 2016**. Disponível em: <<https://apply.jhu.edu/apply/essays-that-worked/2016/>>. Acesso em: 25 jan. 2016

_____. **Essays that worked: class of 2017**. Disponível em: <<https://apply.jhu.edu/apply/essays-that-worked/2017/>>. Acesso em: 25 jan. 2016.

_____. **Essays that worked: class of 2018**. Disponível em: <<https://apply.jhu.edu/apply/essays-that-worked/2018/>>. Acesso em: 26 jan. 2016.

_____. **Essays that worked: class of 2019**. Disponível em: <<https://apply.jhu.edu/apply/essays-that-worked/2019/>>. Acesso em: 26 jan. 2016.

_____. **Essays that worked: class of 2020**. Disponível em: <<https://apply.jhu.edu/essays-worked-2020/>>. Acesso em: 25 jan. 2017

KARABEL, J. **The chosen: the hidden history of admission and exclusion at Harvard, Yale, and Princeton**. Mariner Books, 2005.

KAUFMANN, D.; DOWHAN, A.; DOWHAN, C. **Essays that will get you into college**. New York: Barron's, 2009.

KOCH, R. **The 80/20 Principle: the secret to achieving more with less**. Nova Iorque: Crown Business, 2008.

LAGE, M. **Os softwares tipo CAQDAS e a sua contribuição para a pesquisa qualitativa em educação**. ETD - Educação Temática Digital, Campinas, v.12, n.2, p.42-58, jan./jun. 2011

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LOPATE, P. **Phillip Lopate: entrevista [set. 2015]. Entrevistador: Jordan Hahn Bandeira**. São Paulo. 1 arquivo em formato mp3. Entrevista concedida para esta pesquisa.

_____. **The essay: an exercise in doubt**. 2013. Disponível em: <http://opinionator.blogs.nytimes.com/2013/02/16/the-essay-an-exercise-in-doubt/?_r=0>. Acesso em: 24 ago. 2015.

MACMILLAN, K. More than just coding? Evaluating CAQDAS in a discourse analysis of news texts. **FQS: Forum Qualitative Social Research Sozialforschung**. v. 6, n. 3, Art. 25, set. 2005. Disponível em: <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/28/59> Acesso em: 08 set. 2016.

MEYER, A. **Comparação de coeficientes de similaridade usados em análises de agrupamento com dados de marcadores moleculares dominantes**. Dissertação [mestrado] Escola superior de Agricultura Luiz de Queiroz. 2002

MICHAELSON, J. **Vogler's 12 stages of Campbell's monomyth (The hero's journey)**. 2014. Disponível em: https://prezi.com/d4_n80xyxtod/voglers-12-stages-of-campbells-monomyth-the-heros-journey/. Acesso em: 24 ago. 2017.

MONTAIGNE, M. **Project Gutenberg's The Essays of Montaigne, Complete, by Michel de Montaigne**. 2006. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/3600/3600-h/3600-h.htm> Acesso em: 15 fev. 2016.

MULFORD, M. **History of the college essay: the little known story of how the teaching of writing went off track in the US**. Disponível em: <http://www.road2college.com/history-of-the-college-essay/>. Acesso em: 3 ago. 2017.

NACAC NATIONAL ASSOCIATION FOR COLLEGE ADMISSION COUNSELING. **State of college admission**. 2005.

_____. **State of college admission**. 10ª ed. 2012.

NCES NATIONAL CENTER FOR EDUCATION STATISTICS. **Back to school statistics**. Disponível em: <https://nces.ed.gov/fastfacts/display.asp?id=372>. Acesso em: 31 jul. 2017.

NUNES, F. Palestra "Revisões Sistemáticas" – Prof.^a Dra Fátima Nunes (30/09/2015 - MAE/USP). **Youtube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wgaw97mTKWM&t=1002s> >. Acesso em: 30 set. 2015.

OLIVEIRA, M. O “método dos endoxa” interpretado à luz de Tópicos I 1, 100b20-22. **Filogenese**. v. 9, p. 61-75, 2016. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/6_marianefariasoliveira.pdf. Acesso: 18 ago. 2017.

OWENS, E. (ed.). **Law school essays that made a difference**. New York: Random House, 2010.

PALEY, K. **The college application essay: A rhetorical paradox**. 1994. Disponível em: <http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED367982.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2017.

PENNEBAKER, J.; TAUSCZIK, Y. The psychological meaning of words: LIWC and computerized text analysis methods. **Journal of Language and Social Psychology**. v. 29, n. 1, p. 24-54. Sage Publications. 2010.

PENNEBAKER, J. ET AL. When small words foretell academic success: the case of college admissions essays. **Plos One**. v. 9, n. 12, 2014. Disponível em: <<http://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0115844>>. Acesso em: 6 ago. 2015.

PROVALIS RESEARCH. **QDA Miner 4: qualitative and mixed-method software with unparalleled computer-assisted coding, analysis, and report writing capabilities**. 2014.

RICOEUR, P. **Percorso do reconhecimento**. Rio de Janeiro. Edições Loyola. 2006.

RIGOL, G. **Admissions decision-making models: how U.S. institutions of higher education select undergraduate students**. College Entrance Examination Board. 2003.

ROBINSON, J. **Essay Hell's 2015-16 prompts primer: strategies for the Common App, UC, transfer and other college application essays**. Essay Hell, 2013. (Versão Kindle)

_____. **Escape essay hell: a step-by-step guide to writing narrative college application essays**. Essay Hell, 2016.

_____. **Essay hell's writing survival kit: everything you need to conquer the college application essay**. Essay Hell, 2015.

_____. **Heavenly Essays: 50 narrative college application essays that worked**. Essay Hell, 2014.

ROTH, A. **The uncommon rise of the common app**. 2013. Disponível em: <<http://marketdesigner.blogspot.com.br/2013/12/some-history-of-common-app.html>>. Acesso em: 18 ago. 2017

SALDAÑA, J. **The coding manual for qualitative researchers**. Londres: Sage Publications Ltd. 2009

STUBBS, M. Computer-assisted text and corpus analysis: lexical cohesion and communicative competence. In: SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, H. (eds.) **The handbook of discourse analysis**. Malden, MA: Blackwell Publishing. 2001.

SULLIVAN, L. (ed.) **65 successful Harvard Business School application essays**. 2ª ed. New York: St Martin's Griffin, 2009

TANABE, G.; TANABE, K. **Accepted!: 50 successful college admission essays**. 4ª ed. Belmont: SuperCollege, 2011.

_____. **50 Successful Ivy League application essays**. 3ª ed. Belmont: SuperCollege, 2015.

_____. **How to write a winning scholarship essay**. 5ª ed. Belmont: SuperCollege, 2014.

THE LINGUIST LIST. **Browse software**. Disponível em: <<https://linguistlist.org/sp/browse-software.cfm>>. Acesso em: 1 mar. 2015.

THE WRITER'S JOURNEY. **The hero's journey outline**.

Disponível em: <<http://www.movieoutline.com/articles/the-hero-journey-mythic-structure-of-joseph-campbell-monomyth.html>>. Acesso em: 9 ago. 2017.

TOLAR, M. **Definition of a personal statement.** [S.l., s.d.] Disponível em: <<https://web.wpi.edu/Academics/FS/personal.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

VOGLER, C. **A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

VOGLER, C. **The memo that started it all.** [S.l., s.d.] Disponível em: <http://www.thewritersjourney.com/hero%27s_journey.htm#Memo>. Acesso em: 7 ago. 2017.

WIEDEMANN, G. Opening up to big data: computer-assisted analysis of textual data in social sciences. **Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research**, v. 14, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/1949/3552>>. Acesso em 20 ago. 2017.

WISSNER-GROSS, E. **Write you college essay in less than a day.** New York: Ballantine, 2009.

Apêndices

Apêndice A – Entrevista com o Ensaísta e Professor Phillip Lopate

Transcrição da Entrevista com Professor Phillip Lopate

[00:01:21]

<Conversation starts at 00:01:21>

Professor Lopate: Hello.

Jordan: Good morning. Is this professor Lopate?

Professor Lopate: Yes. Who's calling?

Jordan: This is Jordan, the PhD student. I set up an interview with you, sir. Good morning.

Professor Lopate: That's right. Yes. Yes, I've been expecting your call.

Jordan: Good morning. Thank you so much for helping me out.

Professor Lopate: Yes, I'm happy to.

Jordan: So, I have you on speaker right now, if that's okay, because I would like to record this conversation. Is that fine with you?

Professor Lopate: Yeah, it's fine.

Jordan: OK, great. I have, I just have a few questions really. I'm doing my research on admission essays, specifically.

Professor Lopate: OK.

Jordan: And obviously, I cannot fail to see a connection between admission essays and personal essays in general.

Professor Lopate: Right.

Jordan: And it seems to me that you are the person to talk to when it comes to personal essays. I have been reading your books and I read your articles, and... Maybe you could tell me a little bit about how you see admission essays connecting to personal essays in general.

Professor Lopate: Well, I think there's a promise that they could connect, but there are a lot of barriers to that connection. There is a... Students are encouraged to write personal statements. And a lot of this comes out of the 1960's when there was an attempt to get students to read and write more, but writing about their lives. So the personal statement is an invitation to put across your personality somehow. And, so you would think it was a good opportunity to write personal essays. However, personal essays and essays in general feed on doubt and skepticism and the personal essay statement has turned into a kind of advertisement for the student. But he's supposed to boast, quietly you might say, tactfully, but essentially brag about of what a fine outstanding community oriented person he is. Or she is. So essentially, students are not asked to think against themselves, which is such an important part of the classic essay,

but to propose that they are the best candidate. So it's a little bit like Facebook, where you're fashioning an attractive image of yourself. So, from my perspective, you are not being asked to think, you're being asked to lie.

Jordan: Absolutely.

Professor Lopate: Yeah.

Jordan: Let me ask you something. You mentioned that this seemed to have started out in the 60's. And were these essays being used before that? How long have American universities...

Professor Lopate: Oh, essays have been used forever, really.

Jordan: Where did they come from? I mean originally. I mean as part of admission procedures, where did they come from? Why did people even get started doing that?

Professor Lopate: Where did essays come from?

Jordan: Uh-huh. I mean admission essays.

Professor Lopate: Oh, admission essays? Oh, admission essays have been used for a long time, but in the past, they... In academic essays, for instance, you were discouraged from using the word "I".

Jordan: Uh-huh.

Professor Lopate: It was considered bad taste to use a first person pronoun. And what I'm saying is, from the 1960's on, there has been a kind of loosening of that stricture and a much greater permission to use the word "I".

Jordan: I see.

Professor Lopate: So instead of asking the students to write a piece of criticism or an academic essay, they are asking them to fashion a self-portrait in five hundred words or at most a thousand words. Which is a very difficult thing to do. And as I say, they encourage these formulas rather than real thinking.

Jordan: In fact, that brings me to some other questions. One of them is that a lot of what is written is based on these books that are out there, the kind teaching people how to write personal admission statements and so forth.

Professor Lopate: Yeah.

Jordan: So, these books are having an influence on how people write, am I correct? Is this a valid assumption?

Professor Lopate: Yes. I mean, most high schools now have a college counselor who is working with the students to steer them into different colleges they think they have a chance of getting into, and then reading their personal statements and telling them to be more positive, let's say. So, I mean, I mentioned in my essay how my daughter had written...

Jordan: Yes, about...

Professor Lopate: Attraction to melancholy and she was told that that was too...

Jordan: Negative?

Professor Lopate: <unclear – 0:07:35.6>, you know? Ironically, she’s now a senior in college and she’s applying for post-baccalaureate fellowships and was writing a statement again saying she wants to study the <unclear – 0:07:51.3> or conformity and was again told: “no, that’s too negative.” So the very notion of positive and negative is, I think, unliterally. It’s kind of like, it’s a simplistic polarity. But it merely comes down to writing a commercial for yourself. Just like a personals ad, when you say: “likes Mozart, likes hiking, is warm and looking for love”, you know?

Jordan: I see.

Professor Lopate: So essentially, writing a personals ad is trying to get you into, to another scope.

Jordan: Sure. Let me ask you something else. I forgot to ask you how long you have for this. I don’t intend to take much time from you, I know you’re a very busy person, but do you think we can...

Professor Lopate: I think we can talk for a few moments, go on.

Jordan: OK. All right. So, one of my questions is. Some people will argue that everything is fiction, right? And so...

Professor Lopate: I don’t believe that.

Jordan: Well, that was my assumption. I would say that you are probably one of the people who do believe that, that there is a level of truth to what people write. And I tend to agree with you on that. <speaking simultaneously / unclear – 0:09:19.9>.

Professor Lopate: I don’t know. You probably did not, were not able to, did not get a hold of my book called To Show and to Tell.

Jordan: Not yet. It’s on its way, coming from Amazon. I have not read it yet.

Professor Lopate: So, in the book To Show and to Tell, I have an essay about this very thing. It’s an essay called Facts and Implications, and I argued that it’s part of the fact that personal essays are crafted and are selective that doesn’t make them fiction.

Jordan: I see. OK.

Professor Lopate: It’s still a lot to <unclear – 0:10:00.2> by holding on to the category of nonfiction.

Jordan: I see.

Professor Lopate: So, I think that there is different kind of a tonality or a space in fiction than there is in nonfiction. Yeah.

Jordan: Somewhere in one of your articles, you mentioned something very interesting. You mentioned that... The essay is some sort of exercise in finding some common consciousness. Could you elaborate a little bit on that?

Professor Lopate: But, like what?

Jordan: You mentioned consciousness and how the essay establishes some sort of connection between people.

<unclear – 0:11:10.2>

Professor Lopate: The essay <unclear – 0:11:13.7> and particularly the personal essay, it can be seen as an attempt to form a friendship between the writer and the reader. It's a very conversational form and the essay itself is a track of consciousness. That's the plot of an essay. It's tracking what you think about something, as you're thinking it. And in the process, you're trying to bring the reader into your mind and to suggest that the reader may have similar thoughts or similar quotes. So I mean, there is a kind of storied plot to essays, but sometimes the plot is simply how to seek through something.

Jordan: Oh, thank you so much. Now, let me go back to admissions essays for a moment. Would you say that because of the way these texts are being shaped and being directed, as you pointed out, even by school counselors, that people may be led to some sort of standardized ethos in these texts or would that be an exaggeration?

Professor Lopate: By standardized ethos, do you mean political correctness?

Jordan: Among other things, yes.

Professor Lopate: Yeah, definitely. Definitely, I think you're expected to convey a conventional thought... In the United States there's been this emphasis on community service. You're supposed to demonstrate that you help your fellowman by going down to Costa Rica and digging latrines or something. These are usually kind of like disguised holidays, you know? But anyway, you're not really expected to puzzle out: "do you really want to save humanity?" or anything, you're just expected to say so.

Jordan: I see.

Professor Lopate: And similarly you're expected to say that all men are brothers and to repress your doubts about that. In other words, you're not expected to interrogate difference, you're expected to respect otherness but not interrogate difference. That would be one way of putting it. And you're certainly not expected to be honest about your fears, your prejudices or anything like that.

Jordan: One of the reasons why I started looking at these texts is that because of globalization in the recent past, a lot of Brazilians started going to the United States and other countries to study. And then they have to write these texts and they look at them and then they go: "oh my God, I don't know what to do with this. What am I supposed to write? What am I supposed to do?" And so I started looking at these things and I thought that very interesting, because... I thought it was very interesting, because it seems to me that, in spite the fact that the schools do want foreign students, they're expecting a discourse that is very American in tone. Would that be a valid assumption?

Professor Lopate: That's very what?

Jordan: That the schools would be expecting a discourse that would be very American in tone.

Professor Lopate: Yes, very American in tone. I mean, so looking at Brazil, one of my favorite writers is Machado de Assis... And Machado de Assis is an ironist, he is very ironical in tone and particularly in his masterpieces. So somebody who grew up appreciating Machado de Assis would be taking a chance by writing something ironical because irony is not always understood.

Jordan: Sure.

Professor Lopate: Yeah. However, I should say that if you were to write, if the student were to write an ironical or skeptical personal statement and send, and apply to a lot of colleges, there is a chance that one of the people reading these essays would laugh and appreciate it. In other words, it isn't true that everybody at the receiving end is equally conventional. So you might find somebody who says: "yes, we need this kind of free thinking individual." So even though the... So, let's say that the custodians or the gate keepers, like the college counselors, might discourage somebody from writing something that's a little fresher. And if the student went ahead and did it anyway, he or she might find a more appreciative audience on the other end. You have no idea who's reading these essays. I mean a lot of times, it's a lot to argue. You know? So, and some of the alumni are humorous and some have no sense of humor.

Jordan: Uh-huh. So, in essence, it's a very complicated process.

Professor Lopate: It's a very complicated process and if you applied to, let's say, five or ten colleges...

Jordan: It's exponentially complicated.

Professor Lopate: You might, somebody... And you wrote something unusual, you might very well find somebody who says: "this is a good candidate." So it's not quite as hopeless as we are making it here.

Jordan: OK. Well, Professor, first, thank you so much. I think I got everything that I needed. I cannot thank you enough for this opportunity. I understand you're an extremely busy person and you've helped me so much.

Professor Lopate: I hope to get to Brazil someday and maybe <unclear – 0:18:11.0>.

Jordan: Well, if you come, just let me know! Something just occurred to me and I guess I have just one last question...

Professor Lopate: I think somebody is translating one of my books, my film book, and publishing in Brazil, but anyway, go on. What's your last question?

Jordan: My last question is if by any chance you know anyone at Columbia who is more closely in contact with the admission essays or someone who could allow me to take a look at what people are writing. I don't know. Just a thought.

Professor Lopate: I don't know who's reading these things, really. If I did, I would tell you.

Jordan: That's not a problem.

Professor Lopate: It's a semisecret process.

Jordan: Yes, I understand, and this is why it's difficult for me to have access to the information I need. But anyway...

Professor Lopate: If you spoke to admissions directors, they might point to the right direction.

Jordan: Well, I'll certainly try that! Professor Lopate, thank you so much! I already took enough of your time. It was a real pleasure talking to you. I will let you go back to your work.

Professor Lopate: Thank you. Take care of yourself.

Jordan: You too.

Professor Lopate: Bye bye.

Jordan: Good bye now.

[00:19:40]

<*Fim da Transcrição*>

Apêndice B – Relatório Ordenado por Casos

Tabela 8 – Relatório Ordenado por Número de Casos e Respectivos Percentuais

Código	Contagem	% Códigos	Casos	% Casos
Revelação (<i>Insight</i>)	56	7,30%	31	96,90%
Heroico, Percurso	37	4,80%	30	93,80%
Conquista	35	4,60%	19	59,40%
Incomum, Experiência	20	2,60%	10	31,30%
Comprometimento	13	1,70%	9	28,10%
Comunidade, Senso de	10	1,30%	8	25,00%
Inquisitivo	10	1,30%	8	25,00%
Trabalha Duro	8	1,00%	8	25,00%
Altruísta	10	1,30%	8	25,00%
Apaixonado por Algo (<i>Passionate</i>)	11	1,40%	8	25,00%
Espirituoso	12	1,60%	8	25,00%
Fazer Diferença	12	1,60%	7	21,90%
Criatividade	14	1,80%	7	21,90%
Vulnerabilidade	11	1,40%	7	21,90%
Aptidão-Acadêmica	15	2,00%	7	21,90%
Aptidão-Tecnológica	10	1,30%	7	21,90%
Família	10	1,30%	7	21,90%
Problemas, Resolve	13	1,70%	7	21,90%
Família, Gratidão/em Dívida	6	0,80%	6	18,80%
Eclético	6	0,80%	6	18,80%
Inovador	10	1,30%	6	18,80%
Resiliência	9	1,20%	6	18,80%
Visão de Futuro	8	1,00%	6	18,80%
Determinação	7	0,90%	6	18,80%
Instituição, Conhecer a	17	2,20%	6	18,80%
Aptidão-Científica	11	1,40%	6	18,80%
Aprender por Experiência	7	0,90%	5	15,60%
Trabalho de Equipe	9	1,20%	5	15,60%
Servir a Comunidade (<i>Public Service</i>)	6	0,80%	5	15,60%
Etnia	5	0,70%	5	15,60%
Conhecimento Incomum	7	0,90%	5	15,60%
Colaborativo	8	1,00%	5	15,60%
Aptidão-Pesquisa	6	0,80%	5	15,60%
Responsabilidade	5	0,70%	5	15,60%
Fracasso	8	1,00%	5	15,60%
Aptidão-Experimentação	7	0,90%	4	12,50%
Reflexão	6	0,80%	4	12,50%
Imaginativo	4	0,50%	4	12,50%
Importa-se com o Próximo	6	0,80%	4	12,50%
Coragem	4	0,50%	4	12,50%
Independente	4	0,50%	4	12,50%
Riscos, Aceita (<i>Risk taker</i>)	6	0,80%	4	12,50%
Visão de Carreira	8	1,00%	4	12,50%
Herói	4	0,50%	4	12,50%
Liderança	5	0,70%	4	12,50%
Versátil (<i>Adaptable</i>)	4	0,50%	4	12,50%
Equilíbrio	5	0,70%	4	12,50%
Ambição	4	0,50%	4	12,50%
Desafios, Enfrenta	6	0,80%	4	12,50%
Dedicação	3	0,40%	3	9,40%
Proativo	5	0,70%	3	9,40%
Ético	4	0,50%	3	9,40%
Orgulho (<i>Pride</i>)	3	0,40%	3	9,40%
Talento Incomum	3	0,40%	3	9,40%
Ascendência, Valoriza a	8	1,00%	3	9,40%
Obstinado	9	1,20%	3	9,40%
Confiante	4	0,50%	3	9,40%
Optimismo	5	0,70%	3	9,40%
Condição da Mulher, Preocupação	5	0,70%	3	9,40%
Consciência de Identidade (Quem sou)	3	0,40%	3	9,40%
Perseverante	3	0,40%	3	9,40%

Tenacidade	3	0,40%	3	9,40%
Objetivos, Possui	2	0,30%	2	6,30%
Papel no Curso	5	0,70%	2	6,30%
Aceito, Ser	2	0,30%	2	6,30%
Amizade	2	0,30%	2	6,30%
Diversidade, Abertura à	3	0,40%	2	6,30%
Diligente	2	0,30%	2	6,30%
Superação	2	0,30%	2	6,30%
Experiências, Aberto a Novas	2	0,30%	2	6,30%
Lógico	3	0,40%	2	6,30%
Overachiever	2	0,30%	2	6,30%
Realista	4	0,50%	2	6,30%
Família, Irmãos	3	0,40%	2	6,30%
Adversidade	2	0,30%	2	6,30%
Comunicativo	2	0,30%	2	6,30%
Erudito	2	0,30%	2	6,30%
Coordenado, Ser	2	0,30%	2	6,30%
Entusiasmo	2	0,30%	2	6,30%
Consciência da Realidade	2	0,30%	2	6,30%
Convicção	2	0,30%	2	6,30%
Gratidão	5	0,70%	2	6,30%
Consciência Ambiental	8	1,00%	2	6,30%
Consciência Social	3	0,40%	2	6,30%
Perspectiva Incomum	2	0,30%	2	6,30%
Impacto no Mundo	2	0,30%	2	6,30%
Humor	5	0,70%	2	6,30%
Humor, Senso de	3	0,40%	2	6,30%
Contexto [Situação]	2	0,30%	2	6,30%
Identidade	4	0,50%	2	6,30%
Dúvida sobre Si	3	0,40%	2	6,30%
Modelo a Seguir	5	0,70%	2	6,30%
Desafios, Gostar de	2	0,30%	2	6,30%
Incomum, Ambiente	3	0,40%	2	6,30%
Sociável	2	0,30%	2	6,30%
Incomum, Ser (<i>Unique</i>)	2	0,30%	2	6,30%
Leitor	1	0,10%	1	3,10%
Intuitivo	1	0,10%	1	3,10%
Pedido-Implícito	1	0,10%	1	3,10%
Positivo	1	0,10%	1	3,10%
Reconhecimento (Obter)	1	0,10%	1	3,10%
Estudioso	1	0,10%	1	3,10%
Família, como Modelo de Conduta	2	0,30%	1	3,10%
Frustração	1	0,10%	1	3,10%
Gerenciamento do Tempo	1	0,10%	1	3,10%
Global (Pensamento)	2	0,30%	1	3,10%
Empreendedorismo	2	0,30%	1	3,10%
Planejamento	1	0,10%	1	3,10%
Idealista	1	0,10%	1	3,10%
Pertencimento	2	0,30%	1	3,10%
Pensamento Crítico	1	0,10%	1	3,10%
Infância, Experiência na	1	0,10%	1	3,10%
Iniciativa	1	0,10%	1	3,10%
Pensa Diferente (<i>think outside the box</i>)	1	0,10%	1	3,10%
Detalhes, Atenção à	1	0,10%	1	3,10%
Descuidado	1	0,10%	1	3,10%
Desbravador (<i>Explorer</i>)	1	0,10%	1	3,10%
Maravilhado (<i>Sense of Wonder</i>)	2	0,30%	1	3,10%
Motivado (<i>Drive</i>)	1	0,10%	1	3,10%
Negativo	1	0,10%	1	3,10%
Derrota	1	0,10%	1	3,10%
Curiosidade	1	0,10%	1	3,10%
Saber sobre o Curso	1	0,10%	1	3,10%
Satisfação (<i>Contentment</i>)	1	0,10%	1	3,10%
Resultados, Focado em	1	0,10%	1	3,10%
Diversidade, Contribuir com	1	0,10%	1	3,10%
Rejeitado	1	0,10%	1	3,10%
Empatia	1	0,10%	1	3,10%
Consciência do Tempo	1	0,10%	1	3,10%

Engenhoso	2	0,30%	1	3,10%
Ensinar, Vocação	1	0,10%	1	3,10%
Esperançoso	1	0,10%	1	3,10%
Seguro de si	2	0,30%	1	3,10%
Sobrevivente	2	0,30%	1	3,10%
Realidade x Fantasia	1	0,10%	1	3,10%
Conexão	1	0,10%	1	3,10%
Propósito, Ter	2	0,30%	1	3,10%
Família, Valores	1	0,10%	1	3,10%
Promissor	1	0,10%	1	3,10%
Filosófico	1	0,10%	1	3,10%
Sustentabilidade, Defende	1	0,10%	1	3,10%
Cidadania	1	0,10%	1	3,10%
Caráter	1	0,10%	1	3,10%
Aventura, Senso de	1	0,10%	1	3,10%
Autossuficiente	1	0,10%	1	3,10%
Humanitário	5	0,70%	1	3,10%
Humildade	1	0,10%	1	3,10%
Tecnologia, Paixão pela	1	0,10%	1	3,10%
Aptidão-Idiomas	4	0,50%	1	3,10%
Indeciso	1	0,10%	1	3,10%
Aptidão-Computação	3	0,40%	1	3,10%
Universidade, Encaixe com a	3	0,40%	1	3,10%
Vergonha	2	0,30%	1	3,10%
Aprender, Paixão por	1	0,10%	1	3,10%
Versátil	1	0,10%	1	3,10%
Interesse	1	0,10%	1	3,10%
Amor	2	0,30%	1	3,10%
Lealdade	1	0,10%	1	3,10%
Ambição Profissional	2	0,30%	1	3,10%
Luta por Ideias	1	0,10%	1	3,10%
Vocação	1	0,10%	1	3,10%
Alegação Incomum	1	0,10%	1	3,10%
Música, Amor pela	3	0,40%	1	3,10%
Natureza, Amor pela	2	0,30%	1	3,10%
Aceitação de Si	1	0,10%	1	3,10%

Fonte: Elaborada pelo Autor

Apêndice C – Relatório por Número de Ocorrências (Frequência)

Tabela 9 – Relatório Ordenado por Número de Ocorrências (Frequência) e Respetivos Percentuais

Código	Contagem	% Códigos	Casos	% Casos
Revelação (<i>Insight</i>)	56	7,30%	31	96,90%
Heroico, Percurso	37	4,80%	30	93,80%
Conquista	35	4,60%	19	59,40%
Incomum, Experiência	20	2,60%	10	31,30%
Instituição, Conhecer a	17	2,20%	6	18,80%
Aptidão-Acadêmica	15	2,00%	7	21,90%
Criatividade	14	1,80%	7	21,90%
Comprometimento	13	1,70%	9	28,10%
Problemas, Resolve	13	1,70%	7	21,90%
Espirituoso	12	1,60%	8	25,00%
Fazer Diferença	12	1,60%	7	21,90%
Apaixonado por Algo (<i>Passionate</i>)	11	1,40%	8	25,00%
Vulnerabilidade	11	1,40%	7	21,90%
Aptidão-Científica	11	1,40%	6	18,80%
Comunidade, Senso de	10	1,30%	8	25,00%
Inquisitivo	10	1,30%	8	25,00%
Altruísta	10	1,30%	8	25,00%
Aptidão-Tecnológica	10	1,30%	7	21,90%
Família	10	1,30%	7	21,90%
Inovador	10	1,30%	6	18,80%
Resiliência	9	1,20%	6	18,80%
Trabalho de Equipe	9	1,20%	5	15,60%
Obstinado	9	1,20%	3	9,40%
Trabalha Duro	8	1,00%	8	25,00%
Visão de Futuro	8	1,00%	6	18,80%
Colaborativo	8	1,00%	5	15,60%
Fracasso	8	1,00%	5	15,60%
Visão de Carreira	8	1,00%	4	12,50%
Ascendência, Valoriza a	8	1,00%	3	9,40%
Consciência Ambiental	8	1,00%	2	6,30%
Determinação	7	0,90%	6	18,80%
Aprender por Experiência	7	0,90%	5	15,60%
Conhecimento Incomum	7	0,90%	5	15,60%
Aptidão-Experimentação	7	0,90%	4	12,50%
Família, Gratidão/em Dívida	6	0,80%	6	18,80%
Eclético	6	0,80%	6	18,80%
Servir a Comunidade (<i>Public Service</i>)	6	0,80%	5	15,60%
Aptidão-Pesquisa	6	0,80%	5	15,60%
Reflexão	6	0,80%	4	12,50%
Importa-se com o Próximo	6	0,80%	4	12,50%
Riscos, Aceita (<i>Risk taker</i>)	6	0,80%	4	12,50%
Desafios, Enfrenta	6	0,80%	4	12,50%
Etnia	5	0,70%	5	15,60%
Responsabilidade	5	0,70%	5	15,60%
Liderança	5	0,70%	4	12,50%
Equilíbrio	5	0,70%	4	12,50%
Proativo	5	0,70%	3	9,40%
Optimismo	5	0,70%	3	9,40%
Condição da Mulher, Preocupação	5	0,70%	3	9,40%
Papel no Curso	5	0,70%	2	6,30%
Gratidão	5	0,70%	2	6,30%
Humor	5	0,70%	2	6,30%
Modelo a Seguir	5	0,70%	2	6,30%
Humanitário	5	0,70%	1	3,10%
Imaginativo	4	0,50%	4	12,50%
Coragem	4	0,50%	4	12,50%
Independente	4	0,50%	4	12,50%
Herói	4	0,50%	4	12,50%

Versátil (<i>Adaptable</i>)	4	0,50%	4	12,50%
Ambição	4	0,50%	4	12,50%
Ético	4	0,50%	3	9,40%
Confiante	4	0,50%	3	9,40%
Realista	4	0,50%	2	6,30%
Identidade	4	0,50%	2	6,30%
Aptidão-Idiomas	4	0,50%	1	3,10%
Dedicação	3	0,40%	3	9,40%
Orgulho (Pride)	3	0,40%	3	9,40%
Talento Incomum	3	0,40%	3	9,40%
Consciência de Identidade (Quem sou)	3	0,40%	3	9,40%
Perseverante	3	0,40%	3	9,40%
Tenacidade	3	0,40%	3	9,40%
Diversidade, Abertura à	3	0,40%	2	6,30%
Lógico	3	0,40%	2	6,30%
Família, Irmãos	3	0,40%	2	6,30%
Consciência Social	3	0,40%	2	6,30%
Humor, Senso de	3	0,40%	2	6,30%
Dúvida sobre Si	3	0,40%	2	6,30%
Incomum, Ambiente	3	0,40%	2	6,30%
Aptidão-Computação	3	0,40%	1	3,10%
Universidade, Encaixe com a	3	0,40%	1	3,10%
Música, Amor pela	3	0,40%	1	3,10%
Objetivos, Possui	2	0,30%	2	6,30%
Aceito, Ser	2	0,30%	2	6,30%
Amizade	2	0,30%	2	6,30%
Diligente	2	0,30%	2	6,30%
Superação	2	0,30%	2	6,30%
Experiências, Aberto a Novas	2	0,30%	2	6,30%
Overachiever	2	0,30%	2	6,30%
Adversidade	2	0,30%	2	6,30%
Comunicativo	2	0,30%	2	6,30%
Erudito	2	0,30%	2	6,30%
Coordenado, Ser	2	0,30%	2	6,30%
Entusiasmo	2	0,30%	2	6,30%
Consciência da Realidade	2	0,30%	2	6,30%
Convicção	2	0,30%	2	6,30%
Perspectiva Incomum	2	0,30%	2	6,30%
Impacto no Mundo	2	0,30%	2	6,30%
Contexto [Situação]	2	0,30%	2	6,30%
Desafios, Gostar de	2	0,30%	2	6,30%
Sociável	2	0,30%	2	6,30%
Incomum, Ser (<i>Unique</i>)	2	0,30%	2	6,30%
Família, como Modelo de Conduta	2	0,30%	1	3,10%
Global (Pensamento)	2	0,30%	1	3,10%
Empreendedorismo	2	0,30%	1	3,10%
Pertencimento	2	0,30%	1	3,10%
Maravilhado (<i>Sense of Wonder</i>)	2	0,30%	1	3,10%
Engenhoso	2	0,30%	1	3,10%
Seguro de si	2	0,30%	1	3,10%
Sobrevivente	2	0,30%	1	3,10%
Propósito, Ter	2	0,30%	1	3,10%
Vergonha	2	0,30%	1	3,10%
Amor	2	0,30%	1	3,10%
Ambição Profissional	2	0,30%	1	3,10%
Natureza, Amor pela	2	0,30%	1	3,10%
Leitor	1	0,10%	1	3,10%
Intuitivo	1	0,10%	1	3,10%
Pedido-Implícito	1	0,10%	1	3,10%
Positivo	1	0,10%	1	3,10%
Reconhecimento (Obter)	1	0,10%	1	3,10%
Estudioso	1	0,10%	1	3,10%
Frustração	1	0,10%	1	3,10%
Gerenciamento do Tempo	1	0,10%	1	3,10%
Planejamento	1	0,10%	1	3,10%
Idealista	1	0,10%	1	3,10%
Pensamento Crítico	1	0,10%	1	3,10%
Infância, Experiência na	1	0,10%	1	3,10%

Iniciativa	1	0,10%	1	3,10%
Pensa Diferente (<i>think outside the box</i>)	1	0,10%	1	3,10%
Detalhes, Atenção à	1	0,10%	1	3,10%
Descuidado	1	0,10%	1	3,10%
Desbravador (<i>Explorer</i>)	1	0,10%	1	3,10%
Motivado (<i>Drive</i>)	1	0,10%	1	3,10%
Negativo	1	0,10%	1	3,10%
Derrota	1	0,10%	1	3,10%
Curiosidade	1	0,10%	1	3,10%
Saber sobre o Curso	1	0,10%	1	3,10%
Satisfação (<i>Contentment</i>)	1	0,10%	1	3,10%
Resultados, Focado em	1	0,10%	1	3,10%
Diversidade, Contribuir com	1	0,10%	1	3,10%
Rejeitado	1	0,10%	1	3,10%
Empatia	1	0,10%	1	3,10%
Consciência do Tempo	1	0,10%	1	3,10%
Ensinar, Vocação	1	0,10%	1	3,10%
Esperançoso	1	0,10%	1	3,10%
Realidade x Fantasia	1	0,10%	1	3,10%
Conexão	1	0,10%	1	3,10%
Família, Valores	1	0,10%	1	3,10%
Promissor	1	0,10%	1	3,10%
Filosófico	1	0,10%	1	3,10%
Sustentabilidade, Defende	1	0,10%	1	3,10%
Cidadania	1	0,10%	1	3,10%
Caráter	1	0,10%	1	3,10%
Aventura, Senso de	1	0,10%	1	3,10%
Autossuficiente	1	0,10%	1	3,10%
Humildade	1	0,10%	1	3,10%
Tecnologia, Paixão pela	1	0,10%	1	3,10%
Indeciso	1	0,10%	1	3,10%
Aprender, Paixão por	1	0,10%	1	3,10%
Versátil	1	0,10%	1	3,10%
Interesse	1	0,10%	1	3,10%
Lealdade	1	0,10%	1	3,10%
Luta por Ideias	1	0,10%	1	3,10%
Vocação	1	0,10%	1	3,10%
Alegação Incomum	1	0,10%	1	3,10%
Aceitação de Si	1	0,10%	1	3,10%

Anexos

Anexo A - O Corpus

Ensaio Admissional nº 01 – A Home Destroyed

A Home Destroyed - Nina

I was seven years old when I saw the ocean for the first time. My grandmother had invited me to visit her near Okinawa, Japan. I will never forget that encounter—the intense sun, the endless horizon, the infinite shades of blue that dissolved any boundary between sky and waves. And most of all, the secret of the water. Swimming in those waters was like diving into a kaleidoscope, deceptively plain on the outside, but a show of colors on the inside, waiting to dazzle me, mesmerize me. Those colors! Coral reefs—pink, green, red, purple—covered the seafloor; streaks of sunlight illuminated them, the swaying water creating a dance of hues. And weaving in and out of the contours of coral swam brilliant fish that synchronized every movement with the water, creating one body, one living entity. I longed to join and flow with them to the music of the waves; that’s where I felt I belonged. And leaving was like parting home, not going home.

Five years later, I returned. At first, all seemed to match my memory: the crystalline waters and that open horizon with the sun daring to come closer to Earth. But the second I dove in, I knew my home had vanished...white. That’s all I could see around me: bone-white death. I couldn’t accept it. I kept swimming farther out, hoping to catch even the smallest hint of color. But there was no sign of that brilliant garden I remembered, just fragments of bleached coral. It was like looking down onto the aftermath of a war: a bombed city, with only the crumbles of cement to testify for the great buildings that once stood. But who was the culprit behind this egregious attack?

Though at the age of twelve, I couldn’t even begin to guess, I now know the answer is us. Humans are an impressive species: we have traveled to every continent, adapted to countless environments, and innovated to create comfortable means of living. But in the process, we have stolen the colors from nature all around the globe, just as we did that coral reef. Our trail of white has penetrated the forests, the oceans, the grasslands, and spread like a wild disease. I, too, have left a white footprint, so I have a responsibility to right these wrongs, to repaint those colors, and to preserve the ones that remain. Some question why I should care. The answer is simple: this planet is my home, my birthplace. And that, in and of itself, is an inseparable bond and a timeless connection. Nature has allowed me my life, so I have no right to deny its life. As Jane Goodall once said, “If we kill off the wild, then we are killing a part of our souls.” This is my soul—our soul. I know that I alone cannot protect this soul, so I will not make a promise that I cannot fulfill. But this promise I will make: I will do what I can do.

Nina

Hometown: Dallas, Texas

Intended major: Biology

“Reading the essay, I get the sense that Nina is both intellectually curious and committed to scientific and environmental research. Though Nina’s essay is well written, what makes it so strong is that it also conveys a personal connection to larger environmental issues. Too often, students write about issues—political, educational, environmental, etc.—in an impersonal and argumentative way. The college essay isn’t a thesis; it’s meant to be a reflection of who the student is, and Nina’s love of the ocean, of travel, and of the environment gives me a glimpse of who she is as an individual.”

—Dana Messinger, Senior Assistant Director of Admissions

Ensaio Admissional nº 02 – Dharamsala

Dharamsala - John

I sat nervously in the plastic chair, my cotton chupa tied a bit too tightly. A few robed monks sat quietly by a water cooler. After a short wait, a guide led my group through the palace gardens into the Karmapa's office. The room was 1970s inspired: paneled oak walls, Venetian blinds, and a plaid couch atop an Oriental rug. Seemingly out of place, the Karmapa sat gloomily, dressed in a traditional vermilion robe.

My fixation with India began with a paperback copy of *Arrow of the Blue-Skinned God*. The book depicted India as a blend of modernism and tradition; a country illustrated in Vedic literature as utopian and mystic, yet today a fusion of Hinduism and urban development. My love of India stems from its multifaceted personalities, its ability to function as a center of religious fervor, a backdrop for historical events of great import, and a cosmopolitan nation of both metropolises and pastoral communities. I envisioned glass cities laced with smog, burlap bags of spices, crumbling shrines coughing undulating incense rather than the monochromatic lifestyle of the Main Line. Readily submitting to India's allure, I signed up for a service trip to explore the cultures of India by teaching English in a small village. Travel, especially for service, propels me to journey beyond suburbia and to explore the world, whether it is as a student ambassador in China or an English teacher in Tanzania. However, an itinerary mix-up landed me in the foothills of the Himalayas, far from the India I had read about.

The community was Dharamsala, a Buddhist enclave home to the exiled Tibetan government. With little knowledge regarding Buddhism, I was initially dismayed with the hushed village. I vowed to learn, though. I attended Buddhist lectures at the headquarters of the Tibetan government, received a Tibetan name, Tenzin Thegchog, from the Dalai Lama, and taught English to refugees. Then came the audience with the Karmapa Lama, Tibetan Buddhism's leader. The naturally reserved Tibetans would vivaciously discuss with me his future as Tibet's leader and enthuse about his looks; the Tibetans agreed that the Karmapa was attractive. However, sitting on the office floor, I felt little inspiration. Then the Karmapa allowed us to ask questions. Spontaneously, I asked, "Have you ever loved someone?"

The Karmapa answered immediately: "No, I never had the chance."

Where service is, for me, intrinsically personal, it isolates the Karmapa. Required to lead his people, the Karmapa is unable to establish the personal relationships that make service enjoyable and define "normal" life. Whether it is pouring tea at a soup kitchen, creating Valentine's Day cards with children at the Domestic Abuse Center, or planting oak tree saplings with the Willistown Conservation Trust, I find pleasure in serving others and also in the relationships formed while doing so. I realized the Karmapa's answer was truthful and inspiring. Through his blunt response, I was able to comprehend both my passion for community service, my independence, and understand what makes the Karmapa so attractive.

John

Hometown: Villanova, Pennsylvania

Intended majors: History and Biology

"John's essay conveyed a lot about his personality and made me want to see him on our campus. At first, I was drawn to John's sense of adventure and imagination. I liked that reading this book led John to volunteer in a small Indian village. What was more impressive, however, was his ability to 'roll with the punches' and see the change in location as an opportunity to learn and explore a different part of India. Asking the Karmapa whether he's ever loved someone took a lot of courage, but it also suggested John has an interest in some of the world's great philosophical and moral questions. I liked that Karmapa's response made John reflect on his own interests and commitment to service. This essay made me think John would be very involved on our campus—in community service, in other clubs and organizations, as a roommate, and in the classroom."

—Dana Messinger, Senior Assistant Director of Admissions

Ensaio Admissional nº 03 – Don't Be Sorry

Don't Be Sorry - Natalie

It was a raw, blustery March day and I was leading four classmates to my house to hash out the remaining details of our current English presentation. When I opened the door, however, I received a surprise. I had not anticipated my mother still being home and neither had my group members. Their faces turned slightly blank, as if they were trying to hide their confusion and surprise. The previously relaxed atmosphere had become very formal and quiet. I had seen this before.

My group members had only observed my mom for a few seconds, but it was long enough to ignite their curiosity. I casually explained that the woman in the wheelchair they had just seen was my mother and that she has M.S.—multiple sclerosis. This is a fact I have relayed dozens of times throughout my life, and I thought nothing of it as I took my group member's heavy winter jackets and hung them up.

But one of the girls immediately said, "Oh, I'm sorry."

I was actually speechless. Sorry? Sorry for what? No one has ever said those words to me before regarding my mother, and I did not know how to respond. You say "I'm sorry" when someone's uncle passes away or when their pet dies; only "bad" situations are deserving of the "I'm sorry" response and I have never viewed my mother's disease as needing to receive it.

I shrugged off the reply in a polite way, and we got working. But the moment my group members left I was alone with my thoughts, alone with the "I'm sorry" clause.

Our family's life is completely different than others due to my mom's disease, but I have known no other way of living. My mother has had M.S. since she was in college, so I was born into a world with motorized scooters and walkers and extra precautions. This is my norm. And while other people may pity my mother and our family, I see no reason to be down. I could spend all my time harping on the drawbacks and my "missed opportunities," but what fun would that be? I will always find the silver lining.

This seemingly insignificant March day actually made quite a difference for me. I finally realized that you need to appreciate not just what you have had, but what you have not. Because of my mother I had learned independence and responsibility while most kids were still watching Saturday morning cartoons. I could balance a checkbook by fifth grade, thought more consciously about keeping our house clean than most kids ever will, and was always willing to lend a hand. These lessons have stuck with me. I understand that you have to make the best out of what you are given; take what life gives you and run with it.

So why be sorry for me? I know I would not trade my life for the world.

Natalie

Hometown: Grosse Pointe, Michigan

Intended major: Biology

"Natalie's voice in this essay is real and deeply thoughtful. Her life with her mom is just that, her life with her mom. She underscores her appreciation for what she has had as well as what she has not had and relates to this as a "silver lining" opportunity. A chance to learn independence, responsibility, sensitivity, and compassion is all balanced with making the best of what life provides you with. One of my favorite sentences is, "Take what life gives you and run with it." This entire essay provides me with a clear view of Natalie's personal qualities, her balance in life, her ability to adapt and live positively and her full appreciation for enjoying the bright side and accepting what one cannot change. This essay was a window into the unique life experiences and personal values that Natalie will add to our first-year student class."

—Sherryl Fletcher, Senior Associate Director of Admissions

Ensaio Admissional nº 04 – Cooking Up a Cataclysm

Cooking Up a Cataclysm - Alan

Goggles? Check.

Lab coat? Yep.

Common sense? Maybe not.

I was determined to start the mission anyway, a mission of proving independence, a mission of showing I did not need to be babied and demonstrating just some modicum of autonomy. My mission: to cook salmon.

I turned around, checked that my grandmother was asleep, and gave myself the go-ahead.

I turned on the stove, tossing pink chunks into the pan; the hot oil first sizzled, shook, then violently splattered with incredible vehemence.

I turned into a statue, frozen in shock.

I had neglected to wipe the wet fish before chucking it into the pan. Now I stood in pain, in panic, in my outlandish garb, wincing as each speck of oil found its home on my exposed skin. Then out of nowhere my grandmother appeared, my gray-haired savior with a lid, throwing her frail body before the pan to shield mine. The oil indignantly pattered against the lid as she set it down; I bowed my head in guilty silence, waiting to be scolded.

But Po-Po just took my hands.

“Are you hurt?” she asked in her rural Chinese dialect, gently.

I looked up from the dirtied kitchen floor, my mother’s sacred domain desecrated. There was no anger on Po-Po’s tired face, only love, and splotches of reddened skin where the oil had scalded her. She wore no protective goggles, no fancy coat. I had been afraid she might be angry at first, but I was more shaken now, shamed by the realization that I had hurt her.

Yet, she never showed it. She never does. She did, however, accept my apologies and even worked beside me to help clean. Only when I appeared not to notice did she briefly disappear to check her burns.

I had acted rashly that day, but so had she, in confronting the volcano of hot grease. Only, her act of irrationality had been for my sake. I believe it to be the same irrationality that compelled her to leave her rustic home among rice paddies to immigrate to America, where she would work two menial jobs, where the people spoke a strange language ever beyond her grasp. She stood alone, enduring those hardships for the sake of her children and grandchildren. I stood alone for my own sake, to further some illusion of independence.

In reality, though I was reluctant to admit it before, I have always depended on people like her. I depend on them for the sweet, life-giving encouragement and the warm, unconditional love that makes everything else possible. They love me. They inspire me. They free me from fear of failure.

Indeed, despite all she has done for me, Po-Po never asks for anything more in return than just for us to spend time together. She is simple. But so is love. Here is someone without so much as a high school education. Yet, it is through her that I have learned things no amount of schooling could possibly teach—a giving heart, strength of character, a humble spirit, and most importantly, an understanding that I am connected to those who have made my opportunities possible.

As I see my grandmother’s quiet resolution, I feel invigorated, inspired. This titan of quiet strength makes me feel invincible. Her selflessness humbles me. Her love and loving sacrifices are pillars of my success. I just needed a little prodding from a malicious piece of fish to remind me that even as I stand triumphantly over my neat little heap of achievements, people like my grandmother stand with me, and it is on their sacrifices that I build my success.

Alan

Hometown: San Leandro, California

Intended major: Biomedical Engineering

“All too often, I see essays that start with a first sentence of “My _____ inspires me.” While I appreciate the statement, there are definitely more creative ways to convey the message. Alan does just this. He has written, in my opinion, a successful essay. Through his story telling, he informs us of why he is who he is and how the people in his life have influenced where he wants to be in the future. By the end of the essay, I was thinking to myself, “This student would be a great roommate...witty, warm, caring, and thankful to those who have sacrificed for him!”

—Shannon Miller, Senior Assistant Director of Admissions

Ensaio Admissional nº 05 – Thinking Outside the Box

Thinking Outside the Box - Alex

“I wish the Boy Scouts of America made computers an Eagle Scout required merit badge,” was my response to the Troop Commissioner when he asked if I wanted to make any changes to the Boy Scout program. This was the final question of my Eagle Board of Review, signifying the culmination of my eleven-year commitment to scouting. Traditionally, Boy Scouts is about camping, starting fires, and surviving in the outdoors. But, in my case, it was also about applying technology. At the beginning of high school, my troop had dwindled in size, to a point that many scouts were looking for other troops to join in the event ours disbanded. Part of the problem, I thought, was that my troop did not have a website; without this, we were unable to attract new scouts looking to join the troop and publicize all the activities in which we were involved. In a few days time, I set up a domain, created pages for photographs, announcements, calendars, and a form for new scouts to request to speak with our Scoutmaster. Over the next several months, recruitment soared and our membership nearly doubled. I served as Webmaster for the next three years, during which time I enhanced the features of our website. One significant improvement, appreciated by leaders, was easy mobile access for updating calendars and documents like committee meeting agendas. While this drive to create an online presence for my troop was created by my love of computers, I was not finished integrating technology into my Boy Scout experience.

For most scouts, the Eagle project is an experience that usually involves building benches or putting together boxes. I’m not much good with a hammer, and my nature is more thinking “outside the box” than building a box. Instead of the sound of tapping hammers and saws cutting wood, the noises from my project came from the clicking of mice and tapping on keyboards. My idea was to create a Touchscreen Health Information Kiosk for the St. Jude Neighborhood Free Clinic that serves the underprivileged in my community. I had to plan, develop and lead my project. Completion took an extensive amount of time fundraising and interacting with counselors, volunteers, medical staff, and the IT department. The majority of the work involved extensive programming for a touchscreen PC that would be placed inside a kiosk. I found that even though programming was almost second nature to me, some of the volunteers struggled with it. Many times, I was tempted to do the work myself, but taking the time to teach younger scouts how to program in HTML was rewarding in and of itself. The clinic’s patients are now able to access bilingual information, watch videos about many common diseases, learn more about the medications they have been prescribed, and find specific dietary recommendations.

My Eagle Scout project allowed me to make a difference in my community in a way that truly represented who I am, a young man who loves technology. I was able to make the whole scouting experience my own, implementing what I love to help those around me.

Alex

Hometown: Yorba Linda, California

Intended major: Computer Science

“As I am sure you can imagine, after looking at thousands of applications, you will see many students who participate in similar activities. Boy Scouts is definitely one of those activities. Therefore, when we tell people to choose a topic that will make them memorable in the pool, you might not think that writing about being a Boy Scout would be a good choice. However, Alex proves that you can make it work. His story is a unique one in that he has brought his passion for technology into an activity that normally focuses on the outdoors. I appreciate how he shows an openness to change, his ability to think outside the box, and his desire to give back to his community. This essay is the perfect blend of showcasing an extracurricular activity and also wrapping in an interest in computer science, his potential major.”

—Shannon Miller, Senior Assistant Director of Admissions

*Ensaio Admissional nº 06 – The Unathletic Department***The Unathletic Department - Meghan**

A blue seventh place athletic ribbon hangs from my mantel. Every day, as I walk into my living room, the award mockingly congratulates me as I smile. Ironically, the blue seventh place ribbon resembles the first place ribbon in color; so, if I just cover up the tip of the seven, I may convince myself that I championed the fourth heat. But, I never dare to wipe away the memory of my seventh place swim; I need that daily reminder of my imperfection. I need that seventh place.

Two years ago, I joined the no-cut swim team. That winter, my coach unexpectedly assigned me to swim the 500 freestyle. After stressing for hours about swimming 20 laps in a competition, I mounted the blocks, took my mark, and swam. Around lap 14, I looked around at the other lanes and did not see anyone. “I must be winning!” I thought to myself. However, as I finally completed my race and lifted my arms up in victory to the eager applause of the fans, I looked up at the score board. I had finished my race in last place. In fact, I left the pool two minutes after the second-to-last competitor, who now stood with her friends, wearing all her clothes.

The blue for the first loser went to me.

However, as I walked back to my team, carrying the seventh place blue, listening to the splash of the new event’s swimmers, I could not help but smile. I could smile because despite my loss, life continued; the next event began. I realized that I could accept this failure, because I should not take everything in life so seriously. Why should I not laugh at the image of myself, raising my arms up in victory only to have finished last? I certainly did not challenge the school record, but that did not mean I could not enjoy the swim.

So, the blue seventh place ribbon sits there, on my mantel, for the world to see. I feel no shame in that. In fact, my memorable 20 laps mean more to me than an award because over time, the blue of the seventh place ribbon fades, and I become more colorful by embracing my imperfections and gaining resilience-but not athleticism.

“The first thing that stands out about this essay is the catchy title, which effectively sets up an essay that is charmingly self-deprecating. The author goes on to use subtle humor throughout the essay to highlight one of her weaknesses but at the same time reveals how she turned what some might have considered a negative event into a positive learning experience. Not only is this essay well-written and enjoyable to read, but it reveals some important personal qualities about the author that we might not have learned about her through other components of her application. We get a glimpse of how she constructively deals with challenge and failure, which is sure to be a useful life skill she will need in the real world, starting with her four years in college.”

—Senior Assistant Director Janice Heitsenrether

Ensaio Admissional nº 07 – The Musketeer in Me

The Musketeer in Me - Vikas

One fundamental rule of reincarnation is that you do not know your past life. Well, it seems as though I broke that rule. In fact, I am absolutely certain that my past reincarnation was none other than d'Artagnan, the fourth musketeer.

Knowing that is a gift. It makes the arduous process of describing the entirety of my personality in 500 words or less, possible. I can simply toss Alexandre Dumas' biographical recount of my past life and say, "That's me," and those two words would mean everything. They make me that noble and heroic Gasconian that set out to Paris with nothing more than a yellow, hairless pony and a dream of grandeur.

Alas, times have changed. The Musketeers, dueling, and horses, they have all become relics of the past. A new era and new circumstances bring a different life. Now, I am a first generation, 17-year-old American living in Jersey. My yellow, hairless horse is an old, squeaky Toyota Camry: its modern equivalent. My stunning silver-gilded rapier and armour have been replaced by a BIC pen and legal pad.

However, all those changes are superficial. Inside, I still dream of the same grandeur. I dream, with every fiber of my body, that one day I will become a Newtonian giant holding a Nobel Prize. That one day I will support the innovation and ingenuity that fuels our evolving world. The only challenge is that there are millions of people that share the same dream as me, so what makes me different?

Well, even if the shell of who I am has changed, I am still d'Artagnan at heart. That means being young, foolish, and audacious all at the same time. With pride, I charge first and then think second, knowing that my intuition and passions will forge my path. With conviction, I duel my enemies under the slightest provocation (as long as you consider a pen a weapon). The result is that I've been beaten to the ground an ungodly number of times. But, from those moments, I learned the most. And, in those adventures, where I got bruised and battered, I had friends that brought to life "All for one and one for all."

Yet, the greatest part of being d'Artagnan that I believe in myself to the point that I believe in something larger than myself. I believe in the people around me, my community, my country, and even the world. And I believe every day is going to be better than the one before it.

So, when times like these come, being d'Artagnan makes me strong. The following months are going to change everything. My town. My home. My friends. Everything is going to become college and that proposition is as equally frightening as it is exhilarating. Anyone who says otherwise is lying. Yet, with all those changes, being d'Artagnan is my constant. It is what is going to help me not only overcome the challenges brewing in the future, but also excel. And, if the past is any indication of the future, then the Nobel Prize already has my name written on it.

"This essay was clever, humorous, and gave insight into the writer's personality. He effectively used a fictional character as a way to talk about himself; this overcomes a common mistake I see in essays where applicants don't make a strong connection between themselves and the character they are writing about. From the essay, I was able to get a sense about how he handles challenges, his ambition, and how he is as a friend. These are all important aspects that we look for in an application. His voice was clear in his writing, gave me the sense that I knew him, and made the essay memorable."

—Assistant Director Patrick Salmon

*Ensaio Admissional nº 08 – Undecided***Undecided - Daniel**

I was born in the wrong century.

A combination of an avant-garde homeschooling education and liberal parents produced an inquisitive child who dreamt of versatility. I want to be an Aristotle, a Newton, or, if nothing else, an engineer who can perform titrations and analyze works by Rand or Fitzgerald.

Growing up in Miami, Florida, a mecca for diversity, I've seen interests and talents splattered across the entire spectrum. Sports coaches who write computer code after practice, cross country runners who dabble in cancer research and community service management, these were the people who influenced my upbringing. From these inspirations, I've crafted an ideal for my future, one where I can play a few varied roles, yet play them well. But I am atypical too. A water skier who spends mornings in the Everglades with my camera, and flies remote airplanes on the weekends.

I know I'll have to find the right focus, eventually. But first, I'll figure out what I love. There will be dozens of internal debates over my interests. I'll deliberate and dispute, unsure of whether I truly love what I'm doing, hesitant about whether this is what I want to be doing five years from now. But it doesn't matter; it's part of the process. When I find what I want to study, I'll know. If I were a wonder of the world, I'd be the Great Pyramid. Starting broad, before refining myself to a point, I think Maslow would've approved.

“What stood out to me about Daniel’s major essay was that, while he applied undecided, he still crafted a really well written essay about his interests. Daniel writes about how his upbringing and where he’s from has led him to be inquisitive and explore a range of interests. He does a great job of tying it all into using his academic experience at Hopkins to pinpoint what exactly it is that he wants to study in the future.”

—Admissions Counselor Monique Hyppolite

Ensaio Admissional nº 09 – Spy

Spy - Elana

Ten years ago, I was a spy.

Secret identities, awesome spy gadgets and undercover operations consumed my imagination. This was serious business and I took training seriously.

My brother was Public Enemy No.1. He'd come home and I'd use Mission Impossible stealth moves to follow him everywhere. I'd pick his bedroom door with a nail file and steal his allowance. I'd climb the tree outside his window and take reconnaissance photos.

The proudest moment of my young espionage career was Operation Secret Crate. One Saturday afternoon, Mom drove up with my brother and his friends, who were coming over to play Grand Theft Auto, make stupid jokes and eat junk food. My mission: eavesdrop.

My high-tech tool was a plastic moving crate, two and a half feet square, forgotten behind the living room couch. It had eye-holes big enough for an intrepid spy.

I was small and flexible, but fitting inside that crate was a stretch. Still, the mission was on. Quick jumping jacks and toe touches to loosen the limbs. Squat, knees to chest, crate over head...

Slam! The boys banged through the front door and swarmed onto the couch. Peering out I saw tennis shoes and hairy ankles. My heart thumped so loud I worried it would overpower their excited voices and the hum of the X-Box. The smell of Pizza Hut cheese sticks was in the air.

The moment of truth. Would they notice the girl crouched in the crate inches away?

One minute. Five minutes. Ten minutes. They didn't notice! Fifteen minutes. Twenty minutes. Still safe. Thirty minutes. I realized the flaw in my plan. I might learn their secrets, but my body was so contorted and aching that soon I might never walk again.

Something had to be done. Something bold, drastic, unthinkable.

ARGGHHAHGHGHGHGHGHHAHDHGHGHHGHGHG!!!!!!

I shouted at the top of my lungs, flung the crate off me and jumped onto the couch. They all screamed. The cheese sticks went flying. The coke spilled. My brother, for once, had nothing to say.

Elana, girl of mystery, strikes, I said. Be warned.

I strutted out of the living room.

Since those first spy trainings, I've never stopped preparing for a future clandestine career. I've cracked codes in computer science and cracked jokes with a CIA operative. I've slogged through 10k of mud at the Camp Pendleton mud run and four years of Chinese in high school. I've flown planes with the Civil Air Patrol in Santa Monica and beat drums with Sudanese refugees in Tel-Aviv. I have launched a rocket, administered CPR, operated ham radios, set a broken arm and helped a rescue team look for a downed plane.

I could end up as a spy, a diplomat, a soldier, an astronaut, or a fighter for a lost cause. I could end up famous or completely unknown. I know two things for sure: I won't be at a desk job, and I'll be good to have around when there's trouble.

"I like this essay because you really get to see the adventurous side of Elana, an intangible quality that cannot be seen in her transcript, test scores, or list of activities. By telling a story from her youth and connecting it to current activities and personal qualities, her sense of humor shines through and lets the reader know she is not afraid to take risks. After reading this essay, I saw her as someone who would make a difference on our campus, someone who wouldn't hesitate to get involved and try something new. She seemed like a great fit for Hopkins."

—Associate Director Shannon Miller

Ensaio Admissional nº 10 – Its Name was Ozzie

Its Name was Ozzie - Agni

Its name was Ozzie. Ozzie stood two feet tall, glistening, and scraping his feet against the ground with the bullish determination to work. We filled Ozzie up. He swooshed, growled, slurped, and gurgled. Just as Ozzie was about to reach the finish line, he collapsed in a panting mess.

I looked down.

That night I received a call from my research partner, M. “We need these readings,” he sighed.

“I know. But the bulb of the university’s Ostwald viscometer broke during our readings.”

“We have no choice,” M’s voice dropped after a few minutes, “let’s fudge the biodiesel readings.”

I knew this wasn’t M. We had overcome numerous obstacles during our research, yet this one was magnified by the time constraint upon us. The journal’s submission deadline was only a week away.

I paused.

Sensing my silence M said, “You find us a better idea then.” The line went dead.

M had helped us overcome obstacles during our research in the past. It was my turn to step up.

It is difficult to move an object from a dead stop: especially if that object is your brain. Finally, I got it. I called up our professor to tell him my idea. My suggestion was to assemble a team of four undergraduate students at the university, who would work on repairing the Ostwald viscometer (Ozzie) in between classes. In the meanwhile, we would work on synthesizing fuel samples for the tests.

The ensuing week could be classified as ‘Hell Week’, characterized by a search for disposed chicken and pork skins, 14 hour lab days, and holding beakers for hours with only energy drinks to fuel us.

We also had the mission of motivating the undergraduate students to work on repairing Ozzie. They could easily have lost their interest with their other priorities. We encouraged them by getting to know them on a personal level, taking them to late night dinners at KFC, and playing 2-on-2 basketball with them during tea break.

I was constantly aware of the risk I had put in the faith that they would stay focused, as repairing an Ostwald viscometer for two high school students was not getting them any university credits, but they connected to our mission in finding a sustainable fuel, and to us. Colonel Sanders’ recipe could’ve helped us too.

Slap! We high-fived once we finished synthesizing the samples. We hugged the undergraduates when they had finished repairing Ozzie’s bulb.

Placing this small event in a large spectrum, I learned the basic values that research is founded upon: building bridges, team work and valuing academic integrity above the pressure to submit papers. This experience showed me that there are always resources available to solve a problem as long as you are creative. Even against a deadline that makes you question your academic ethics, one must consider the impact correct results may have on the academic community.

In our case, fabricating the fuel’s readings would not only affect our search to find a viable solution to the production of a sustainable fuel in the future, but also it would be against the spirit of experimentation and failure in science. The end result of a choice we made now awaited us. Tension tingled my fingertips. It was time...

Its name was Ozzie. He slurped, burped, bubbled and crossed the finish line. There were our readings.

I looked up.

“The author does a good job of pulling the reader in from the very beginning by recounting a scenario that at first seems like it might have had a catastrophic outcome. As we read on, we learn that the author, along with his research partners, was able to tap into his resourcefulness and determination to overcome an obstacle. Along the way, the author reveals not only the logistical challenges his team encountered, but also the ethical dilemma they had to consider. A big part of the work we do as admissions counselors is to find a student who will excel academically at UJH and who will also be a good community member. This essay gives us real insight into how this student will confront academic challenges in college, as well as his potential to be an effective team member and leader.”

—Senior Assistant Director Janice Heitsenrether

Ensaio Admissional nº 11 – Outgrowing the Garage

Outgrowing the Garage - Elijah

The air is tainted with unnatural fumes of grease, wood, and burnt electrical tape. Oil slicks stain the floor. Thick wooden shelves sag unnervingly close to buckling under the weight of old house paint and power tools. A workbench lies buried beneath papers, rulers, cans, and metal shards. An uncomfortable growl pours from the water heater. Most people wouldn't describe my grimy garage as pleasant, but I love spending my free time here. It's where I built a 2 ft trebuchet in sixth grade, a 4 ft trebuchet in seventh grade, and plan to build an 8 ft trebuchet this winter break. It's where I built a battlebot and slapped an Arduino microcontroller on top to give it intelligence. Ever since I sat watching jets shake the sky and explosions rock the screen in the movie *Iron Man* as a stunned sixth grader, I've spent weekends experimenting in my garage, trying to learn everything I can about engineering and robotics.

Sure, outside of my garage I love wildlife and hiking, history, and weird foods. I love classic rock, jazz, and maybe even secretly Katy Perry. Nevertheless, I've always had a life plan centered on robotics: go to a great college, learn robotics, build robots, get a Bernese mountain dog, and live happily ever after in a beautiful forest home. It seems strange that I've committed myself to robotics so easily despite my many interests, but in reality, robotics combines nearly all of them. Computer science, electrical engineering, and mechanical engineering are crucial to the robot, but combine them with biology, astronomy, music, or ecology, and that's when robotics becomes amazing. I could help the sick with robots that give surgeons more dexterity while operating. I could help the poor with affordable, robot-made products. I could aid the elderly, replace the limbs of wounded warriors, and keep fire fighters from harm's way, all with robots. Although these robots may not be the crimson and gold *Iron Man* suit that first got me interested, I love the realistic and heroic possibilities in the field of robotics.

Almost as exciting as imagining the robots I could build, is imagining where I could build them. I could become a professor and research cutting edge A.I. algorithms. I could become an entrepreneur and bring my creations to market. I could even become an employee for a tech company and devote myself to its latest innovations. Maybe next year around this time, I will even be studying on the Freshman Quad. With the LCSR robotics lab, the minor in robotics, a top-notch engineering program, a beautiful campus, incredible seafood, and what the visiting admissions counselor described as a "vibrant a cappella scene," Johns Hopkins will both make college fun and satisfy my inner nerd. But for now, I will go on working in my garage, competing for space with the family car.

"We like Elijah's essay because you really get a sense of his personality—the essay is light-hearted, but still does a good job of highlighting his interest in robotics in a descriptive and entertaining way by comparing it to his fascination with *Iron Man*. He ties his interests back to opportunities at UJH like the freedom to combine multiple academic fields, research in the LCSR lab, and the a cappella scene. As you are reading his essay, you picture someone who will explore academic programs, student groups, and opportunities on and off campus—you picture a dynamic member of our Hopkins community."

—Johns Hopkins Undergraduate Admissions Committee

Ensaio Admissional nº 12 – String Theory

String Theory - Joanna

If string theory is really true, then the entire world is made up of strings, and I cannot tie a single one. This past summer, I applied for my very first job at a small, busy bakery and café in my neighborhood. I knew that if I were hired there, I would learn how to use a cash register, prepare sandwiches, and take cake orders. I imagined that my biggest struggle would be catering to demanding New Yorkers, but I never thought that it would be the benign act of tying a box that would become both my biggest obstacle and greatest teacher.

On my first day of work in late August, one of the bakery's employees hastily explained the procedure. It seemed simple: wrap the string around your hand, then wrap it three times around the box both ways, and knot it. I recited the anthem in my head, "three times, turn it, three times, knot" until it became my mantra. After observing multiple employees, it was clear that anyone tying the box could complete it in a matter of seconds. For weeks, I labored endlessly, only to watch the strong and small pieces of my pride unravel each time I tried.

As I rushed to discreetly shove half-tied cake boxes into plastic bags, I could not help but wonder what was wrong with me. I have learned Mozart arias, memorized the functional groups in organic chemistry, and calculated the anti-derivatives of functions that I will probably never use in real life—all with a modest amount of energy. For some reason though, after a month's effort, tying string around a cake box still left me in a quandary.

As the weeks progressed, my skills slowly began to improve. Of course there were days when I just wanted to throw all of the string in the trash and use Scotch tape; this sense of defeat was neither welcome nor wanted, but remarks like "Oh, you must be new" from snarky customers catapulted my determination to greater heights.

It should be more difficult to develop an internal pulse and sense of legato in a piece of music than it is to find the necessary rhythm required to tie a box, but this seemingly trivial task has clearly proven not to be trivial at all. The difficulties that I encountered trying to keep a single knot intact are proof of this. The lack of cooperation between my coordination and my understanding left me frazzled, but the satisfaction I felt when I successfully tied my first box was almost as great as any I had felt before.

Scientists developing string theory say that string can exist in a straight line, but it can also bend, oscillate, or break apart. I am thankful that the string I work with is not quite as temperamental, but I still cringe when someone asks for a chocolate mandel bread. Supposedly, the string suggested in string theory is responsible for unifying general relativity with quantum physics. The only thing I am responsible for when I use string is delivering someone's pie to them without the box falling apart. Tying a cake box may not be quantum physics, but it is just as crucial to holding together what matters.

I am beginning to realize that I should not be ashamed if it takes me longer to learn. I persist, and I continue to tie boxes every weekend at work. Even though I occasionally backslide into feelings of exasperation, I always rewrap the string around my hand and start over because I have learned that the most gratifying victories come from tenacity. If the universe really is comprised of strings, I am confident that I will be able to tie them together, even if I do have to keep my fingers crossed that my knots hold up.

"Joanna does a great job of grabbing your attention from the first sentence by comparing her struggles learning to tie up bakery boxes to string theory. We get a glimpse at her personality throughout the essay—she is not afraid to laugh at herself or admit failure. She uses her story to illustrate that she recognized a weakness, refused to give up, and is able to grow from it; which gives us a sense of how she will tackle challenges here at UJH. Her voice definitely came through in this essay. She also used the space effectively to tell us a lot about who she is—her love of music and science, her dedication to a part-time job, and her ability to put things in perspective. Even though the actual topic itself—learning to tie string around bakery orders—seems narrow in scope, it allowed us to see how well-rounded her interests were and really get to know her through her writing."

—Johns Hopkins Undergraduate Admissions Committee

Ensaio Admissional nº 13 – Temper

Temper - Morley

I feel perfectly content at Woodrow Wilson Skateboard Park, a cement swell in the ground located just west of the easternmost point of the north side of Chicago and trapped perennially in the mental space inhabited by fourteen-year-old angry youths. Outside of home and school, it is the place where I have spent most of my life. Its terrain so familiar, I could navigate it blindfolded, towed on my board by a pack of feral dogs. Much of what I know of life, I learned there.

A sea of nods and handshakes and back pats welcomes my every arrival to this municipal oasis. Here, I am known. Called variously Mor, Bob Morley, Mordog, Mo, Mo Money, or (long story) Tom Pork. It is the only place on earth where (were an election ever to be held) I could almost certainly be mayor. Among the strange, sometimes downcast, and essentially good people here, I have found another family. I need them as much as they need me and as much as we all need skateboarding. This four-wheeled toy brings us inner peace. Skateboarding is a standing meditation, a time to put conscious thought aside and let primal impulse guide the body through various jumps and balancing acts. I turn to skating in times of joy and in times of strife, to celebrate a good day, escape writer's block, social failures, or other minor tragedies.

It is at Wilson that I encountered once, and then again, a man called Temper. I was thirteen when I crashed into a beefy shadowy figure I had heard talked about only in whispers. This man, known by the word he had chosen to affix to hundreds of walls around Chicago, had earned a spot in the community as a respected graffiti artist and skateboarder. His improbably light feet and on-board grace were known to most of the city. I was barely inaugurated into the park scene when I plowed headlong into him, knocking both of us down, turtle-like and winded. I hadn't been paying attention and apologized rapid-fire while trying to scrape my body off of his. When we both got to our feet, Temper knocked me down again and walked away without comment. It was the most frightening thing that ever happened to me at Wilson. He left the park that day, and I had seen him once, maybe twice, since.

The five years since the incident have been more or less good to me. In high school, I abandoned the dream of becoming a professional skateboarder and discovered a fuller gamut of life's offerings. I learned to think about things other than skating and in turn discovered physics, girls, cooking, and writing—a pursuit I love as much as skateboarding. The same cannot be said for the passage of time in Temper's life. I saw him recently and had lunch with him and my friend. He told us of overcoming a crippling drug addiction, spending time in jail, and contracting AIDS—a disease that every day reminds him that his time on earth is coming to an end. He is trying his best to make the most of it all. It was with the greatest trepidation that I told him about the Wilson incident. Over pizza and lemon soda, I explained how much he had scared me. I added that it was important that it had happened. I think it helped me grow up, I explained. An awkward silence followed. His head turned down and to the side for a moment. Then he just laughed. His eyes apologized, and I laughed too, collectively embracing that very Wilson mentality: life, like skateboarding and men named "Temper," will knock you down. There is nothing else to do but forgive, forget, and stand back up.

"Morley's structure for the essay is measured with each paragraph transitioning to a different personal quality. He sets the scene and characters, and then shifts into the meat of the essay, writing about how a specific incident epitomizes the park experience. The essay beautifully ties in Morley's personality with his experiences at Woodrow Wilson. His focus is always on developing how the park has shaped HIM. After reading the essay, I have a much better understanding of who Morley is and what qualities he will bring to Hopkins. We get the sense that he is reflective and authentic—the type of UJH student you'd want as your lab partner or in your writing group."

—Johns Hopkins Undergraduate Admissions Committee

*Ensaio Admissional nº 14 – Dissonance***Dissonance - Leila**

My brain is utterly discordant. Curiosities, ranging from abortion in colonial America to the enlarged paralimbic region of whale brains, battle for priority of investigation in my mind. As I sit hunched over my laptop, my screen is always split in two. What my mom sees as a teenager wasting away behind a glowing screen is actually me trying to watch a documentary on Magritte and his genius style of surrealism while learning about the groundbreaking water geysers found on Jupiter's moon Europa. Such investigative tendencies are even evident in my running list of ideas for the Woodrow Wilson Fellowship, with topics ranging from the cycle of recidivism that fosters the prison industrial complex to the removal of people of color from 17th and 18th century paintings in current academia.

I look to Johns Hopkins not to contain my brain, but to feed the insanity. I need the lack of a core curriculum and intersession courses so I can investigate a breadth of topics thoroughly, to a much fuller extent than I can manage with just the library and the internet. I look to Johns Hopkins as the home for my eclectic interests so I can continue playing soccer just as well as I can continue pursuing photography at the Homewood Arts Workshops.

As I rave about my recent cosmic ventures like going to a Brian Greene lecture and meeting with an astrophysicist at the Goddard Space Flight Center, I look to Johns Hopkins to engage my enthusiasm with research institutions like the Applied Physics Laboratory and the Center for Astrophysical Science. Where my college search left me faced with so many small, lackluster physics programs, Johns Hopkins shines with the delightfully extensive Henry A. Rowland Department of Physics and Astronomy.

As my boyfriend and I have an involved discussion about the incompatibility of an omniscient God with libertarian free will, I look to Johns Hopkins' Department of Philosophy with classes like The Existential Drama and Freedom of Will and Moral Responsibility. With sketchbooks full of musings on topics like my cognitive dissonance of rejecting free will while revering Sartre, I am insuppressibly excited by the undergraduate philosophy journal Prometheus. Seeing that no new issues of Prometheus have been published in the last couple of years, I am determined to resurrect the thought-provoking gem, just as decidedly as I am to start and Ethics Bowl team at Johns Hopkins.

As I passionately rant about rape culture and cultural appropriation in the shower, I look to Johns Hopkins' student organizations like the Hopkins Feminists, Sexual Assault Resource Unit, and the Office of Multicultural Affairs so I can contribute my soap-studded ideas and take action.

I look to Johns Hopkins for its diversity of people, the city of Baltimore, and as a home for the next four years. I look to Johns Hopkins to conduct my dissonant brain into a melodious symphony.

"The running theme through Leila's essay is her interest in a variety of topics and subjects, which makes it easy to picture her thriving in the open curriculum and interdisciplinary learning style at UJH. She also makes connections between her eclectic interest and opportunities on campus like research at the Applied Physics Lab, reviving the university philosophy journal, and clubs like the Hopkins Feminists. It is not hard to picture her being a contributor to campus in and out of the classroom."

—Johns Hopkins Undergraduate Admissions Committee

Ensaio Admissional nº 15 – Hometown

Hometown - Quan

Life without language: all the ideas, thoughts, and emotions present, but unable to be expressed. This is how I picture my grandfather when he first immigrated to America with my grandmother and their nine children. Lost, he wanders around, hoping to bump into someone who can understand him. He raises his own children to know Vietnamese and hopes his future grandchildren would also be connected to the language of their ancestors. But when I form my lips into unnatural shapes to speak these words, they come out pathetically.

I cannot speak Vietnamese.

As a child, the conversations between me and my grandfather consisted of feeble attempts at speaking each other's language. Only a couple of familiar words could momentarily break the wall that divided us. Whenever I visited his house, I exchanged a shaky "Chào ông" for his heavily accented "He-llo," and ran off before the shame from my inability to understand could affect me.

At the time, I was unaware of the synchronized rhythm that beats in the hearts of me, my father, and my grandfather. My grandfather loves playing the violin. Although he is not classically trained and can hardly keep a beat, he loves it and I can sense it every time he plays. When my family came to America, my father struggled to adjust as any teenage immigrant would. Vietnamese was confined to his family's home and English was difficult to learn, so instead, he picked up the guitar and taught himself how to play "Yesterday" by the Beatles. Forty years later, he claims he still cannot get it down perfectly. On the piano in our living room, he sings in broken English... "Yesterday, all my troubles seemed so far away..."

Like my grandfather, music is a part of my father's design. By the unchangeable threads of heredity, I was also fated to have a connection to music, just like them. And it was music that could break the language barrier between me and my grandfather.

A single sheet of music sat in front of me. It was a beautiful piece, no doubt, but we, the All-State Senior Band, were playing it without any emotion. After a couple of unsuccessful run-throughs of this piece entitled "Hometown," our guest conductor Samuel Hazo told us to look at measure thirty-three, reflect on a personal memory that reminded us of that part, and write about it right there on our sheet music. Soon after instructing us to do the same in the other parts of the piece, everyone's sheet music was filled with our lives in the form of tiny scribbles between the lines of melodies. When we played the piece again, we were finally able to "sing our life stories," as Mr. Hazo would call it. Every musical phrase became a vessel for retelling our most precious memories: stories of first loves and recollections of childhood memories. No one had to say a single word.

There in the music, I finally spoke to my grandparents. As I played measure thirty-three, I pictured them sitting there on that boat in the middle of the ocean, holding onto a faint glimmer of hope for a new life in America, looking for their own new "hometown." I said "thank you" for their courage to come to the strange and unknown America and "sorry" for being unable to speak Vietnamese. After the concert that night, I received a bigger hug than usual from them and I knew that they had heard and understood me. Being a part of a family and culture is more than just knowing the language. Emotions are enough to make words unnecessary. In my family, we speak three different languages: Vietnamese, the language of our origin, English, the language of our new home, and music to connect everything together.

"I like that Quan shares a piece of his life and one of his passions that we may not have known otherwise with us in the essay: music. He ties his innate love of music back to his family and makes a really powerful connection between music and language. He captures the reader's attention from the first few sentences by weaving the story of his family into an expansion on one of his favorite activities. You really get a taste of how passionate he is about music and that it is something he would share with our UJH community. Quan provides us with a window into some of what he values most in life—family, his cultural heritage, and music—and what he would bring to our student body."

—Johns Hopkins Undergraduate Admissions Committee

Ensaio Admissional nº 16 – Content

Content - Noah

I have a Kafka quote that is very close to my heart. I like it best edited, the way I first saw it, with the middle part (which is not convenient for this essay) cut out: “It is not necessary that you leave the house. Remain at your table and listen... The world will present itself to you for its unmasking.” In a way, I follow Kafka’s advice every morning. After eating breakfast, I stay at the kitchen table and listen to music for 15 minutes or so—most often Bach or Mozart, Beethoven being a bit difficult to digest at that hour. I don’t read, I don’t puzzle over a math problem, I don’t wonder what we’ll do in physics that day. It’s difficult, but often I manage to do nothing but listen. And I am quite content.

This is strange because learning has always been the chief joy of my life. I have my nonintellectual pleasures—running and yogurt come to mind—but given the choice, I always devote my time to thinking. I have consistently refused to pick up a sport because I felt I needed the time for math. I spent last summer struggling to play Schumann and reading a biology textbook, and the summer before that at a small college in Massachusetts, studying mathematics for eight hours a day with 50 other nerds. So why am I so at peace in the one time of day when I am certain not to be learning about anything?

Part of it is simply what I’m listening to. I adore classical music. I love it so much that I sincerely believe that the rest of the world shares my enthusiasm for it, but that most people simply do not realize it yet. At the very least, I am convinced that deep down we all love Chopin. Beauty, order, complexity, mystery—the same things that draw me to mathematics and biology draw me to classical music. The primary different is that cleverness takes a back seat to emotion and intuition. It is hard to be more specific because all of the great composers have something different to offer, often several things at the same time; Brahms’s raw emotion expressed with the greatest refinement and discipline; Beethoven’s stormy sublimity, unimaginable beauty, and that famous “vision of infinity”; Mozart’s entirely different reality, a heaven of pure light; Bach’s majesty, grace, and clarity; it goes on. They were all geniuses of the highest order, towering over history, but they all created things greater and more perfect than themselves. They fulfilled the promise of humanity.

There is also something else going on, though, when I remain at my table. Classical music is the example I use to support a larger point that I feel I need to make to myself every morning. The world is very harsh, but also very big and very beautiful, with so many things to do and so much to explore that you’ll never run out of things to think about even when you can forget about your day-to-day concerns. You can learn all you want. It’s just that it isn’t easy: you’re not really discovering anything if it’s easy. You need to make it hard, to do something out of your reach, something new or frustrating. You have to throw yourself in the water and swim as hard and as fast as you can. And before you can go swimming—before the world can “present itself to you”—you need to take one last deep breath. You know you love to swim when you really relish that breath.

“Noah’s essay is well-crafted. It does a great job of demonstrating his writing skills, his intellectual capacity, his diverse interests, and his personality. His writing is an impressive balance of formal and casual—it connects with the reader while remaining professional. His descriptive writing about the composers shows how deep his passion really goes. This is someone you want to have a conversation with. You can hear his voice in the writing. I appreciate him showing different sides of his personality. For much of his time, he’s busy and productive. But those 15 minutes a day, where he takes time to enjoy something he loves, are extremely important to him as well. I’m particularly impressed with the way he can write about a love of classical music without coming across as supercilious. Rather, he’s funny and likeable. Making the larger point in the end of the essay, he shows that he has a great approach to a work-life balance that is necessary at a rigorous university.”

—Johns Hopkins Undergraduate Admissions Committee

Ensaio Admissional nº 17 – Spring Instead of Summer

Spring Instead of Summer - Jacqueline

Sometimes I had dreams of being in plane crashes with my twin brother, Matt.

We're standing on the wing of a plane, balancing in the middle of the Atlantic Ocean. Matt is screaming, "No! I don't want to jump! Where's the water? Where's the water?" A wave rushes over the wing and takes us under. Matt calls, "Jacqui!" reaches for my hand, and I wake up.

I know a lot about my backstory because it has shaped who I am and who I want to be. Knowledge of this story is necessary—I need to keep the words alive, even if time wants to quiet them. I know my story so that I do not forget, so that I can tell others.

My brother, Matt, is visually impaired and has autism. We were born in May instead of August, sixteen weeks early, during spring instead of summer. Of all the seasons, maybe we should have been born in winter. Matt and I clung together on the icy medical tables. Winter children, at home in the frost, trying to take air into translucent lungs.

The facts of our story are easy to tell. I can tell about the identical scars that run from our shoulder blades to our chests. How our doctors and parents looked at us, in our isolettes, with heavy eyes. About the five percent chance of survival that we beat, or the likelihood that Matt would never be able to see and I would never speak. I can tell others that I would not change our story—that I want to tell it throughout my lifetime, because it has a purpose. I can say that the dream of us clinging together on the plane wing in the middle of the Atlantic is a continuation of how I feel and who I am.

It's harder, though, to tell of the pride I feel whenever my voice carries across the room. Nine years of voice therapy, nine years of learning how to project and nurture my one working vocal cord—I'm afraid people won't understand. They might just think of it as a story with a nice ending. But my goal is not to tell a nice story—it is to make others feel something deep in their chests, like I do.

It's even harder to share the very core of who I am; the fact that Matt and I are forever tied together with the story of how we were born. We are here for different reasons—mine to write and be his guide; his to make others happy, like he makes me. Where we come from and how we got here makes us who we are in this moment. That's the purpose of our story; that's what I want others to know.

My half of our story allows me to exist in a world that is parallel to Matt's. Few others fit in his world—but I must. And my ability to fit into his world drives... everything. It makes me strive to see him smile, even if it's a hint of one that appears when I tell him his socks are totally cool. It brings my dreams of plane crashes alive, so I can release those feelings into my writing, and truly be part of his world. I must fit into Matt's world forever, and so I must be a good enough sister to tell his story.

My backstory makes me who I am—a writer, a guide, a sister. I am a girl standing on the wing of a plane, eager for my words to stretch to every continent. Eager for everyone to know my story.

"I often read essays where the student writes about someone who has influenced their life. Admissions officers want to get a better understanding of YOU. These essays can be tricky because there is a tendency to focus on the person who has influenced you, instead of focusing on how you have been changed. Jacqueline did a fantastic job of focusing on how her brother has shaped HER life. Her writing style is personable with vivid parallels and divergences between herself and her twin. The reader feels like they are on a journey through Jacqueline's life in just a few hundred words. This essay captivated me with details that would not have shown up at any other point in the application. We get a sense of passion and purpose about her that reminds us of the energy Hopkins students bring to campus."

—Johns Hopkins Undergraduate Admissions Committee

Ensaio Admissional nº 18 – Breaking Into Cars

Breaking Into Cars - Stephen

I had never broken into a car before.

We were in Laredo, having just finished our first day at a Habitat for Humanity work site. The Hotchkiss volunteers had already left, off to enjoy some Texas BBQ, leaving me behind with the college kids to clean up. Not until we were stranded did we realize we were locked out of the van.

Someone picked a coat hanger out of the dumpster, handed it to me, and took a few steps back.

“Can you do that thing with a coat hanger to unlock it?”

“Why me?” I thought.

More out of amusement than optimism, I gave it a try. I slid the hanger into the window’s seal like I’d seen on crime shows, and spent a few minutes jiggling the apparatus around the inside of the frame. Suddenly, two things simultaneously clicked. One was the lock on the door. (I actually succeeded in springing it.) The other was the realization that I’d been in this type of situation before. In fact, I’d been born into this type of situation.

My upbringing has numbed me to unpredictability and chaos. With a family of seven, my home was loud, messy, and spottily supervised. My siblings arguing, the dog barking, the phone ringing—all meant my house was functioning normally. My Dad, a retired Navy pilot, was away half the time. When he was home, he had a parenting style something like a drill sergeant. At the age of nine, I learned how to clear burning oil from the surface of water. My Dad considered this a critical life skill—you know, in case my aircraft carrier should ever get torpedoed. “The water’s on fire! Clear a hole!” he shouted, tossing me in the lake without warning. While I’m still unconvinced about that particular lesson’s practicality, my Dad’s overarching message is unequivocally true: much of life is unexpected, and you have to deal with the twists and turns.

Living in my family, days rarely unfolded as planned. A bit overlooked, a little pushed around, I learned to roll with reality, negotiate a quick deal, and give the improbable a try. I don’t sweat the small stuff, and I definitely don’t expect perfect fairness. So what if our dining room table only has six chairs for seven people? Someone learns the importance of punctuality every night.

But more than punctuality and a special affinity for musical chairs, my family life has taught me to thrive in situations over which I have no power. Growing up, I never controlled my older siblings, but I learned how to thwart their attempts to control me. I forged alliances, and realigned them as necessary. Sometimes, I was the poor, defenseless little brother; sometimes I was the omniscient elder. Different things to different people, as the situation demanded. I learned to adapt.

Back then, these techniques were merely reactions undertaken to ensure my survival. But one day this fall, Dr. Hicks, our Head of School, asked me a question that he hoped all seniors would reflect on throughout the year: “How can I participate in a thing I do not govern, in the company of people I did not choose?”

The question caught me off guard, much like the question posed to me in Laredo. Then, I realized I knew the answer. I knew why the coat hanger had been handed to me.

Growing up as the middle child in my family, I was a vital participant in a thing I did not govern, in the company of people I did not choose. It’s family. It’s society. And often, it’s chaos. You participate by letting go of the small stuff, not expecting order and perfection, and facing the unexpected with confidence, optimism, and preparedness. My family experience taught me to face a serendipitous world with confidence.

“We liked Stephen’s essay because it catches your attention right away and continues to demonstrate critical thinking, initiative, and problem solving. His personality comes through as he naturally conveys humor. Through his anecdotes from growing up, we got a sense of how he might approach his studies here at Hopkins.”

—Johns Hopkins Undergraduate Admissions Committee

Ensaio Admissional nº 19 – How to Become an Adult

How to Become an Adult - Michaela

In the US, legal adulthood comes at 18, but it is my understanding that adulthood comes through responsibility, tears, laughter, and most of all: parenthood. It is effortless to watch other people's children grow and flourish, but having my own was a terrifying new world for which I was ill-prepared. I was not ready for my first, Stanley, but now I cannot envision a world without him. Today, I am the proud parent of not one, but seven beautiful, boisterous, carnivorous plants. Within my small family I have four sundews, two Venus flytraps, and one tropical pitcher plant. Of course they have scientific names, but I only use them when I am angry and my inner-parent reveals itself. Many might ask, "How does a person become the parent of seven carnivorous plants?" and I can only answer that with a story, my story.

It was an ordinary Wednesday afternoon when I came home from school only to find a charming plant that resembled a leafless, dew-splattered fern perched on the counter. With the eloquence that only a teenager could muster, I asked my mother, "What's that?" She carefully explained that he was our new carnivorous plant and he was going to be on fruit fly kitchen duty. Over the next couple of weeks my fascination with him grew, and eventually I adopted him as one of my own. In all sincerity, I did not begin as the ideal parent. I would give Stanley water to drink if he looked drier than usual and that was the extent of my nurturing efforts. However, my complacency did not last. Come winter, around his half birthday, Stanley became afflicted with a mysterious ailment. His stems curled and his one delicate green frond dried up. After carefully examining him, I concluded that not only was the lake water I had been using contaminated with some sort of root-eating larva, but my mother's African violets had given him aphids. It was then that I was faced with the harsh reality of the situation: I had a plant that I was absolutely obsessed with, but knew nothing about.

In my desperation to keep my sundew alive, I began to contact other plant enthusiasts in an increasingly desperate attempt to help my poor Stanley. To my great surprise, a close friend was also a carnivorous plant caregiver and was well versed in childhood care. His advice, coupled with some new dirt and the stocked shelves of the nearby library's horticulture section, allowed me to nurse Stanley back to health. Stanley regained his strength and shortly after the winter incident, I adopted Simone, another sundew. Then came Diana, my first Venus flytrap. Consequently, the carnivorous plant aficionado was so impressed with Stanley's care that he entrusted me with the care of his carnivorous plants when he left for college. This brought my family's size to the current seven.

My true reward of having Stanley is that he opened the door to the world of botany. I would never have invested so much time learning about the molecular structure or chemical balance of plants if not for taking care of him. I have loved learning for his benefit, whether it be discovering the best fluoride-free water, finding the ideal amount of sunlight, or reading that he uses a form of electrical signaling to improve digestion. I also love the rarity of being Stanley's parent. People have their judgments, but I have also found that most people are genuinely curious and I am always open to questions. Ultimately, I love how Stanley has forced me to be adaptive. That first winter I did not have a "Gardener's Guide to Carnivorous Plants," I simply had my own observations. This was the most significant lesson that Stanley and friends taught me: the universe lacks a guide to the galaxy, and life is all about discovering your own way.

"Michaela showed her innate curiosity through a unique topic. The beginning of her essay is intriguing and makes you want to learn more. More importantly, she elaborates on an interesting aspect of her life outside of academics, yet still demonstrates the depth of her desire to be perpetually learning. It also gave us insight into how she responds when she is passionate about something."

—Johns Hopkins Undergraduate Admissions Committee

Ensaio Admissional nº 20 – Building a Twenty Story Apartment Building

Building a Twenty Story Apartment Building - Kyle

“If you want to go fast, go alone; if you want to go far, go with others.”

As an intern at a construction engineering firm this past summer, I learned first-hand about the challenges of building a twenty story apartment building: not just the structural or mechanical challenges, but also the intricate ways in which groups of people interact to complete a project properly. While I am primarily interested in core structural and civil engineering subjects, I have learned that engineering needs to be approached in a holistic manner that incorporates economic, environmental, and interpersonal systems. I want to be taught engineering in a way that encompasses all of these different frontiers. I hope to one day build technologically innovative and environmentally friendly skyscrapers designed for a rapidly urbanizing world.

Hopkins’ professors are change agents whose research connects structural engineering challenges to economic and environmental considerations. I am fascinated by Professor James Guest’s work in modeling the ways in which production costs can be incorporated into designing the optimal structure of a building. This work illustrates the power of combining fundamental engineering concepts with economic considerations. Studying AP Physics, I can already see the practical utility of applying fundamental science concepts such as Archimedes’ principle of leverage to engineering, and I look forward to building my core knowledge through Hopkins’ two-year sequence of math and science courses while putting it to work through research opportunities in labs such as the Center for Advanced Metallic and Ceramic Systems. Under the guidance of the engineering department’s professors, I will be able to develop both my theoretical knowledge and practical engineering skills to their full extent.

Hopkins attracts students from across the world, creating a global forum. Every student brings a different perspective and unique insights that can enrich, challenge, and improve the academic community as a whole. As I traveled through Africa, I heard a proverb that has stayed with me: “If you want to go fast, go alone; if you want to go far, go with others.” During my blood cancer research at Northwestern University, I saw that our team was able to tackle more advanced issues than any individual would have been able to accomplish on his or her own. An essential component of engineering is complex problem-solving, and with a varied group this process becomes far more effective. Student groups—such as Hopkins Baja and Design, Build, Fly—provide powerful examples of teams coming together to make something bigger than themselves. These groups give me the opportunity to combine applied engineering with hands-on learning while helping me develop an international viewpoint. I hope to further extend this perspective through study abroad opportunities in Madrid, Santiago, or Rome, learning about the growing needs of an interconnected global community.

The world-class faculty, cutting-edge labs, global student community, and innumerable research opportunities provided by Johns Hopkins will help me achieve my goal of designing and building structures that meet the economic, technological, social, and environmental needs of the twenty-first century.

“We liked this essay because it provides a clear and coherent explanation for Kyle’s interests in civil engineering, and how he plans to pursue that here at Hopkins. Throughout the essay, he uses specific examples of how he would take advantage of all Hopkins has to offer—programs, research positions, and professors. The real strength of the essay lies in how the writer talks about his engineering passions in relation to other fields like economics and environmental studies. He makes a good argument for interdisciplinary studies and why studying these things at Hopkins will aid his experience.”

—Johns Hopkins Undergraduate Admissions Committee

Ensaio Admissional nº 21 – Returning to Peru

Returning to Peru - Anna

Returning to Peru to visit my father's homeland, I was disturbed by the significant pollution, land degradation, unsustainable practices, and lack of clean water surrounding me. The memory of a destitute boy, surrounded by waste, consuming water from a filthy communal tap in a dilapidated shantytown of Lima, Peru still haunts me. Exploration drives discovery. This pivotal experience formulated my passion and career objective: preserving the environment and protecting our resources.

Since my discovery, I have never stopped preparing for a future in environmental engineering. I've immersed myself in rigorous classes of environmental science, chemistry, biology, math, physics, and geology. I have organized a "Walk for Water" to raise awareness of water conservation, worked extensively with the Chesapeake Bay Foundation and Youth Ocean Conservation Summit, and even received my first grant for a project designed to install a green roof, rain barrels, and a rain garden at my school.

For billions of years, Earth's structure and composition has developed to maintain a balance of order for the prosperity of life. Unfortunately, humans have not returned the favor. Instead, we have created unprecedented amounts of habitat destruction, resource depletion, toxic waste, and water insecurity. Environmental engineering is the integration of science and engineering principles to develop solutions to these eminent and future crises. I want to collaborate with the top school of public health to address the risks of contaminated water, and develop efficient ways to conserve and purify water resources globally while preserving major ecosystems. I want to end land degradation in endangered and vulnerable biomes such as my father's homeland. I want to create alternatives to produce clean energy. I want to reduce the ecological footprint left by our species.

The Hopkins Overnight Multicultural Experience allowed me to appreciate the spirit of exploration and discovery that radiates from students and teachers, and still from my parents who met during their doctoral studies at Johns Hopkins. Hopkins students don't submit themselves to demanding internships or research due to requirement; they yearn from a deeper understanding of what is at hand. That is who I am: self-driven and determined to go beyond what is necessary. I loved immersing myself in a culturally diverse environment, interacting with passionate individuals, and being constantly stimulated by new ideas. I want to be deeply connected with my original work, knowing that I will make a difference in the world yet still be able to absorb streaming information around me throughout my life.

Naturally, I will always continue my love for music, soccer, art, and the outdoors. My passion for the environment serves as my roots, connecting me to the very earth which "natured" me. My interests continue to anchor my identity, while branches grow of ambition and curiosity. Exploration and discovery flower as the fruit of my tree, as I strive to reveal as much as possible about not only myself, but the world we inhabit. I remain intrigued by the ongoing stream of what is already known, and what remains to be exposed.

"This essay does a great job of providing background on Anna's interest in environmental engineering and explaining why she wants to pursue the area as an undergraduate here. What stood out the most to us was Anna's ability to connect with the way students learn at Johns Hopkins in a meaningful way by relating it to her own interests and passions. We could tell she has thought about why Hopkins is where she wants to pursue her intellectual passion."

—Johns Hopkins Undergraduate Admissions Committee

Ensaio Admissional nº 22 – Shelves One Through Five

Shelves One Through Five - Neha

Pushed against the left wall in my room is a curious piece of furniture. Initially, it was a six foot tall and three foot wide red oak bookcase. Strangely, as the five shelves began to fill with books, the dimensions of the bookcase slowly evolved into a looking glass. Now, years later, my reflection is almost complete: each bookshelf cradles the stories of my life.

Shelf One is the base, and rightfully so. It contains my building blocks. Among the bright covers and large lettered titles lie countless fairy tales, fables, and legends. My Indian heritage mixes with my American lifestyle as the spines interchange from gifts from my father's father to Barnes and Noble bought, creating a cocktail of the morals I grew up on. The heroes in my childhood storybooks were my teachers, driving me to my own heroic actions of enthusiastic community service, whether it was volunteering at the Parks and Recreation center or serving at the Special Olympics.

As I grew out of the innocence of Aesop's Fables, I developed a ravenous hunger for words. I wanted to read as much as I could, absorbing each book that chanced my way. Shelves Two and Three sag with the weight of the dialogues that satiated my hunger. Everything ranging from the science fiction of *A Wrinkle in Time* to the ridiculous amusement of *The Big Friendly Giant* to the horrors of *Columbine* gathers in those shelves. Here is the embodiment of my curiosity and thirst for knowledge. Here is the explanation for my desire to do more, learn more, and see more. My parents aided these passions, constantly introducing me to new cultures and new places. Our travels all over the country and the world taught me the importance of adaptability and an open mind. With these characteristics, I am always able to communicate to whomever I speak to, regardless of their language or culture.

Shelf Four is the stinging slap I received from reality in my early teens. No longer could I spend all my time trying out the delicious foods at this new restaurant or learning from the displays at the rare exhibit. Now my weekends were filled with daunting math textbooks, designed to help me conquer the beast of numbers. While Shelf Four holds the memories of slogging through countless hours of math, it also displays my development of a logical and rational mind. This is where I grew the qualities of being a strong leader. Now, well versed in the feeling of failure, I am also educated in perseverance and success. I use these experiences to help those who come my way. I am able to connect with others easily because I am willing to share the trials I have faced, and the knowledge I have gained from them.

Looking to the very top, Shelf Five waits patiently. It is partially filled with an assortment of articles from *The Economist*, *New York Times*, and *Washington Post*, all of which highlight my love for the political sciences, fostered by the debate team. Alongside those, stacked neatly, are aerospace engineering papers, about plasma propulsion, pork chop plots, and Hohmann transfers. They feature my fascinations with physical science and innovation for the future. Countless college brochures, scribbled on with notes and reminders, complete the first half of this top shelf, and they are the present.

Now, standing in the front of a bookcase, I find that I am completely content. I can see myself with a simple, yet comprehensive clarity, like staring into a mirror. Though Shelf Five is unfinished, it is no less hopeful or less promising than the previous four. Soon, I will fill this shelf with the ideas that will further define who I am. I will look upon this shelf in the future with a sense of wholeness, because I know that this bookshelf is me.

"By transforming her bookshelf into a metaphor for her life, Neha's essay is creative and shows an affinity for learning beyond textbooks. She writes about books in a way that demonstrates a process of self-reflection. We got a good sense of who she is and how she would participate in the intellectual community at Hopkins."

—Johns Hopkins Undergraduate Admissions Committee

Ensaio Admissional nº 23 – The Red Room

The Red Room - Brontë

My name is Brontë, and if you ask me, I'll tell you my favorite book is Jane Eyre. This may or may not be a coincidence. Throughout my life, I've read this book a total of three times, although it would be untrue to claim that the same person read it each time, as I believe I've been drastically different people at each reading.

The first time I read it, I was in fourth grade. I'd been raised on a diet largely composed of poetry and dreams, nurtured by parents whose literary tendencies allowed me to read just about anything. My brother and I had spent most of our childhood wandering around the woods, creating fantasy worlds akin to those that we read about.

My family has books where other families have religion, as well as books where other families have furniture. Our coffee and tea mugs often perch haphazardly on shifting geological structures of multicolored novels. Most of their spines are broken, and my mother's lacy annotations usually peep out from the yellowed pages. In our family, books are both carelessly treated, a place to stack a dirty dish in the absence of a table, and simultaneously worshipped. Each line is parsed, with cursive handwriting pointing out the important bits. Reading in my house is like having a conversation. In my parent's books, I can pick up where they left off twenty-five years ago, writing my own replies to decades-old thoughts in the margins.

At first reading, Jane Eyre had everything a romantic eight-year-old could desire. The subtext was over my head, but I was completely entranced by the red room. The horror of it all piqued my curiosity: how would Jane survive the night?

I read Jane Eyre the second time, in secret, the summer after eighth grade. On "brain rest" for a concussion, I had missed the last two months of school and reading was forbidden, so I hid in my closet, or sat outside in the sweltering DC heat where I knew no one would follow me. I hid the book under my bed for nighttime forays when I couldn't sleep due to an almost constant migraine. I was well into my fourth month post injury, with no real signs of progress. Reading made the pain almost indescribably worse, yet I couldn't resist. I felt as though I was Jane in the red room. Escape was beginning to look unlikely. It was lonely and boring and nearly unbearable. I couldn't understand how Jane was capable of moving on. That summer, it seemed unthinkable that either Jane or I could carry on with our lives after experiencing the horror of the red room.

The most recent time I read Jane Eyre, I was working at a center that provides temporary housing for homeless women and preschool education for their children. There, I observed many kinds of metaphorical red rooms. As I became closer to the teachers and mothers, they began to share pieces of the children's stories with me. These young children had suffered in ways that were foreign to me, a fifteen year old, who had thought herself so mature. For example, a four year old boy, who grew to feel like my own child, came to school with increasing numbers of bruises and a black eye.

The thing that became most remarkable wasn't how these children had suffered, but that they kept on living, learning, and developing. Everyone has a red room, and I'm sure I will experience many more as I mature. But, as Jane says, "I am no bird: and no net ensnares me: I am a free human being with an independent will."

"Brontë's essay does a great job of letting us know who she is. She successfully connects pieces of her life experiences (the concussion, work experience, and nuances about her family) in an interesting way that demonstrates an evolution of learning and reflection. By examining the story many times through different lenses, it's clear she has the same kind of intellectual curiosity that Hopkins students embody."

—Johns Hopkins Undergraduate Admissions Committee

Ensaio Admissional nº 24 – Community Service Isn't for Me

Community Service Isn't For Me - Kyla

I've recently come to the realization that community service just isn't for me. Now before you start making assumptions, keep reading.

In September of my sophomore year I joined a club called buildOn that focuses on breaking the cycle of poverty, illiteracy, and low expectations through service and education. Little did I know, just twenty-two months and \$57,794 of fundraising later, I'd be headed on a plane to the Kasungu District of Malawi to break ground on the construction site of a second village's first school!

The experiences of immersing myself in the Malawian communities—of sharing the same straw-thatched, mud-brick homes of host families, of learning bits and pieces of the Chichewa language, of exploring the dynamics of multi-chief, polygamous villages—have been the most enriching aspects of my education to date. I may have traveled a world away, but by the time I left, I was no longer an outsider. To see my eight-year-old host sister, Esther, thirst for knowledge as she meticulously traced letters of the alphabet into the sandy floor of her Standard-Two schoolroom, makes me wonder what stories she'll tell when she finally gets the chance to put pen to paper. To know my host mother, my amai, will no longer have to tie strips of fabric onto public buses to know which ones to take home from the market because she'll be able to read their destinations herself, reassures me the adult literacy program is empowering women to be self-sufficient. These memories, though seemingly not monumental, drive me to go the extra mile now that I'm home. They fuel my passion for the case I'm investing in, legitimizing the work that I do.

On trek, I have the ability to directly impact the communities in which we build. I strive relentlessly to confront the stereotypes of gender roles and female inferiority, volunteering to work beside men in the trenches of the foundation, though it's traditionally seen as a male-only job. Furthermore, buildOn's arrival places a spotlight on the village, giving impetus for the people to highlight their needs in front of an audience of district legislators and international agencies. Our presence speaks to the idea that the people have a voice, and more importantly, their voice is being heard. This attention is a catalyst for change, inspiring the villagers to become assertive in their quest for aid in a way that giving a check never could.

That being said, as well-intentioned as I may have been in committing to Trek, I also acknowledge that every one of the aforementioned factors is a priority of my own doing. The people of Malawi asked for a school, not a student. I'm not a professional architect or builder. I don't profess to being a "superior" individual. As charming of a companion as I can be, it isn't my presence in these villages that changes the peoples' lives. So why, I ask myself, did I incur the expenses to fly myself to Malawi for this endeavor instead of donating that money to hire skilled laborers in my place?

It seems there comes a time, in all our lives, when we find ourselves stopped at the crossroads. Sublimation meets moral obligation, and taunted are we as we weight them head-to-head. For two years now, the NCHS chapter of buildOn has accomplished many great things. But did we do the right thing? I think about it in the context of philanthropy overall: when is giving money better than giving time? Who benefits when I arrive as an unskilled laborer in a village? How do you measure positive contributions, and from whose perspective? I'm still wrestling with these questions as I strive to strike the right balance between making a contribution and raising awareness while maximizing the ultimate benefit to the recipients. Truly, community service isn't for me, it's for Esther and Amai and all the others I seek to serve.

"Kyla's essay highlights her ability to think critically and conveys her true passion for service. As she wrestles with philosophical questions about how to make the greatest impact through service, it became clear to us she is a person who wants to make a meaningful impact in an area that really matters to her—an excellent quality of our student body here at Hopkins. Rather than simply stating that building schoolrooms in Malawi was something she did, she deeply considers her role in this service experience."

—Johns Hopkins Undergraduate Admissions Committee

Ensaio Admissional nº 25 – More Than Thick Eyebrows

More Than Thick Eyebrows - Caroline

Rarely have I studied a topic that flows from my ears to my brain to my tongue as easily as the Italian language. The Italian blood that runs through me is more than the genetics that gave me my dark hair and thick eyebrows. It is the work of the generation that traveled from Istria in the north and Sicilia in the south, meeting through friends in Chicago, and encouraging their Children to study hard and make a living for their future families. In time, that influence would be passed on to me; finding my grandfather's meticulously-written electricity notes circa 1935—filled with drawings and words I did not yet understand—inspired me to take Italian at my own high school.

The moment I realized that my Italian heritage was wholly a part of me was a rather insignificant one, yet to me is one of the most remarkable realizations of my life. The summer after my second year of Italian study, I was driving in my car, listening to a young trio of Italian teenagers, *Il Volo*, meaning “The Flight.” As one of the tenors sang a solo, *Ti voglio tanto bene*, I realized that I could understand every word he was singing. Though it was a simple declaration of love and devotion in a beautiful tune, what mattered was that I was not just listening to three cute teenagers sing a song. I was fully engaged with the words and could finally sing along.

After that moment, I sought out all the Italian I could get my hands on: watching *Cinema Paradiso* and *La Dolce Vita*, absorbing phrases of the language I felt I could now call my own. Even better, was that I felt confident enough in my skill that I could use it with my closest living Italian relative, my father's mother, *la mia nonna*. More than speaking the language, I discovered my family's past. In conversing with her and my father, I discovered that I will be only the third person in my paternal grandparents' family to attend college, that my grandmother had only a sixth-grade education, that my grandfather, despite never holding a degree in mathematics or physics, worked for three decades on CTA train cars as an electrician. The marriage of my grandparents in 1952 represented a synthesis of the culture of northern and southern Italy and America.

Having now studied three full years of this language, I only want to consume more of it. I want to read Dante's *Divina Commedia* in its original vernacular, to watch my favorite Italian films without the subtitles, to sing every Italian refrain with fluid understanding of what the melody means, and to finally—finally!—visit my grandparents' childhood homes: the town of Trapani in Sicilia and the Istrian peninsula on the Adriatic coast. To me, the Italian language holds an essential connection to my past, but also a constant goal for the future. It is likely that I will never fully master the vernacular and colloquialisms, yet learning this language will stimulate me intellectually and culturally for life. I believe I can claim Italian as mine now, but there is still so much more to learn. Italian is a gift that I will hold dear forever, and I am glad that I received it so early in life.

“Beyond being well-written and superbly descriptive, this essay really does a great job of illustrating Caroline's appreciation for her heritage and the Italian language, as well as the desire to keep digging and learning more about it. She provides a clear story about how she arrived at her passion for Italian, how she pursues her passion currently, and how she plans on continuing to do so in the future. More importantly, she goes on to explain how it affects her view of the world.”

—Johns Hopkins Undergraduate Admissions Committee

Ensaio Admissional nº 26 – Just Keep Folding

Just Keep Folding - Jodie

Having explored the myths from ancient Greece, Rome, and Egypt, my curiosity was piqued in eighth grade by a simple legend from Japanese lore. If you fold one thousand paper cranes, the gods will grant you one wish. I took it as a challenge. My previous forays into origami had ended poorly, but I was so excited to begin my quest that this detail seemed inconsequential. My art teacher loaned me a piece of origami paper and, armed with an online tutorial, my quest began. Like an early prototype of the airplane, I ascended towards my dreams for a glorious moment before nose-diving into the ground. The first crane was a disastrous failure of wrinkly lines and torn paper. Too embarrassed to ask for another, I turned to my stack of Post-it notes. By the third attempt, I ended up with a sticky pink paper crane. Holding that delicate bird, I was flooded with triumph and elation. The first two hundred cranes were all crafted from Post-it notes. Armed with a pack of highlighters, I decorated each piece of paper individually. I folded cranes at home, between classes, and in the car. My fingers were permanently sticky from the glue I scraped off every square. Slowly, my collection grew: first ten, then fifty, then one hundred. Before the task could become monotonous, I started experimenting. How small was it possible for a crane to be? Smaller than a golf ball? Smaller than a dime? Small enough to sit on the end of a pencil? Any size was attainable. I could make a crane smaller than almost any arbitrary form of measurement. Soon I could finish a crane in fifty seconds or with my eyes closed. Anything square and foldable became my medium. Paper towels, candy wrappers, and aluminum foil joined my vibrant menagerie of carefully folded paper. I was unstoppable; that wish was as good as mine.

By six hundred cranes, the increasing demands of high school academics caused my pace to slow. I despaired. I wouldn't let this be another ambitious project that I couldn't finish.

My cranes mattered to me. As an outlet for expression, they served as a way to defuse frustration and sadness, and a source of pride and joy. Their creation allows me to bring beauty to the world and to find a sense of order in the bustle and chaos of life. There is a lot of beauty to be found in tiny things. I'm reminded that little gestures have a lot of meaning. I have given away cranes to my friends as a pick-me-up on bad days, and I have made cranes to commemorate people, such as the dark green crane I made the day my grandmother died. They are a symbol of hope to remind me what I have accomplished.

So, I pushed myself to keep working and to keep folding one crane at a time. My determination paid off, and in the summer after sophomore year, my passion was reinvigorated. One month before the end of junior year, I folded my thousandth paper crane. As I leaned over the open drawer brimming with origami pieces in a multitude of sizes and colors, I felt a rush of satisfaction and triumph. Not only was 1,000 cranes an achievement in its own right, but I proved to myself that I can finish what I start.

The world is filled with big numbers. College tuition, monthly rent, and car prices deal in the many thousands. Those figures are incomprehensible to someone who has never interacted with anything so large, and I wanted to understand them. A thousand will never simply be a number to me: it is hundreds upon hundreds of hand-folded cranes combined with years of effort.

So what did I wish for? It turns out, I didn't need the wish. I learned I have the power to make things happen for myself.

What was most impressive about Jodie's essay was not the accomplishment of making 1,000 paper cranes, but how much we were able to learn about her through this simple anecdote. We determined she is someone who perseveres, as seen through the personal growth that arrived from her initial failure and eventual completion of a goal on top of the demands of high school. We learned she is kind and caring—traits exemplified through sharing cranes with friends having bad days and those made to commemorate people she lost. Her essay also showed us she is curious and willing to experiment, like testing out how small she could make cranes. These characteristics stood out and gave us an idea of how Jodie will contribute to our community, which is important in a holistic process where we try to learn about the whole student."

—Johns Hopkins Undergraduate Admissions Committee

Ensaio Admissional nº 27 – The Palate of My Mind

The Palate of My Mind - Meghna

A question that every high school senior is familiar with is: “What kind of college is the right fit for you?” My criterion doesn’t appear in the deluge of admissions pamphlets; that’s because I want my school to resemble my favorite dish: the hummus-tabouli wrap.

...and Johns Hopkins University is the creamiest, tangiest, most flavorful hummus-tabouli wrap in existence.

The secret to any savory wrap lies in how its flavor is contained. Regardless of what outside influences are imposed upon it, the pita bread expertly holds all of its ingredients without allowing them to spill. Hopkins opposes outside pressures, unapologetically supporting individuals who are unafraid to break tradition. The OUTlist, an online database for Hopkins affiliates who openly identify themselves as members of the LGBT community, revolutionized the visibility of LGBT individuals in higher education and created a support network at the university. For students who are struggling with their identity (due to the fear of coming out to their families or friends), I want to help them express themselves and understand that they are not alone. I want to serve as an advocate as well as a source of comfort, like a homemade pita that is warm and soft, yet tenacious.

Next on our wrap is the core layer of hummus, lathered on the pita and heavy with expectation. Being the most renowned staple of the Mediterranean diet comes with its pressures, but hummus handles it well, always stepping up to the plate, ready for any intimidating food critic. Similarly, Hopkins’s academic diversity lives up to its reputation and more. The Classics Department offers 83 different undergraduate courses, with varied paths that students can take in the pursuit of cultural and literary knowledge. I hope to study the interrelationship of modern literature and culture and its classical roots in Latin by examining international texts in courses such as Latin Literature Beyond Hermeneutics taught by Professor Butler. I intend to further facilitate international communication—a modern necessity—by researching how English is adapted by different cultures. I can imagine narrowing my research from World Englishes to the fundamentals of the English language that bring about its malleability under Professors Celenza or Roller of the Classics Department.

After the hummus follows the influx of diced tomatoes, onions, and parsley, all varied in taste, combining to form the tabouli sauce. Tabouli is accepting of its ingredients, which when combined, bring to it a taste that is unparalleled by any other ingredient of wrap. I hope to spend my next four years in the Hopkins community learning alongside students from backgrounds starkly different from my own, who, like each component of tabouli sauce, bring their varied perspectives to discussions, an invaluable trait when studying how English has been adapted by different cultures.

In this world of flavorful foods and people, the delectable allure of Johns Hopkins University entices the palate of my mind. And I hope to eat my fill.

“Meghna effectively connected her academic and extracurricular interests with opportunities available at Hopkins. It was clear she understands what the Hopkins experience could look like for her. The most exciting thing about this essay was the way she elaborated on her academic interests while also telling us something about her that we couldn’t learn through any other part of her application—her favorite food.”

—Johns Hopkins Undergraduate Admissions Committee

Ensaio Admissional nº 28 – Intercom Enthusiast

Intercom Enthusiast - Isaac

The most exciting time to live in Vermont is mid-February. This is the time when one is given the privilege of a 30-minute walk to school in sub-zero temperatures, with a 30-minute trudge home in the dark after a long day. It's been four months since winter began, and it'll be two more until it's over. The firewood is being rationed to keep the house at a barely livable temperature, a steamy 50 degrees, and colds are so rampant that people lose half their body weight in phlegm each day. Yet, however dull Vermont may seem to students and teachers as they wrap themselves in layer after layer of flannel, make no mistake, today is the beginning of an era. Today is the day when Isaac (that's me) starts his job of putting smiles on grim faces as the reader of the morning announcements.

"But Isaac, that job is super boring! You just read what's written on a piece of paper," is what an uninformed person might say, someone who obviously doesn't know about my passion for annoying the tired and melancholic with smiling positivity. While expression and humor has not historically been a part of this process, and while ad-libbing has been strictly advised against, I go for it anyway. And why not? The worst possible outcome involves only a stern lecture and an expulsion from the job.

Fortunately, there is not much going on this week, which means I have some wiggle room with what I can say. The loud buzz of the intercom whines throughout the school, and the silent apprehension of the day is met, somewhat unexpectedly, with a greeting of 20 "yo's" and a long, breathy pause. I artfully maneuver someone else's writing into my own words, keeping the original intent but supplementing the significant lack of humor with a few one-liners. I conclude by reminding everyone that just because the weather is miserable today does not mean that we have to be as well.

Luckily, the principal loves it. And despite the fact that I urge everyone to interrupt my history teacher's classes to wish him a happy birthday, I get to keep my job for another day. I have people coming up to me left and right, telling me that I made them smile. When I hear that, I smile back.

For the rest of the month, I work to make sure that people hear my message: even though we are at the time when school and winter are beginning to seem endless, there are still reasons to grin. I urge people to attend basketball games or sign up for spring sports. I announce birthdays and other special events. Before every day, I make sure I have a message that will make people think, "you know, today might not be so bad after all." After my month ends, the announcements have been changed. The next readers tell jokes or riddles, or sing songs and invite others to sing with them. I watch the announcements evolve from an unfortunate but necessary part of the day to a positive and inspiring event. It is now more than just a monotonous script; it becomes a time to make sure that everyone has at least one thing to smile about.

Life shouldn't have to be a dreary winter day; it should be the satisfaction of a good saxophone solo or the joy of seeing one's friends every day at school. It is the enthusiasm of a biology teacher, the joy of a sports victory, and even the warm messages of a disembodied voice on the intercom. I use that message to help freshman feel less nervous at their first race or to encourage my friend to continue taking solos in jazz band. And in the most dismal time of year, I use that message in the daily announcements.

"Many high school students become hyper-focused on attaining school leadership positions with flashy titles, but Isaac's essay showed how he made a positive impact in his community in a less expected way. Isaac's essay was light-hearted, comical, and fun to read. Most importantly, it gave us insight into his personality and hinted at the type of presence he's likely to have on our campus. It also told us about what day-to-day life is like in his hometown and school, which provided more context for the rest of his application."

—Johns Hopkins Undergraduate Admissions Committee

Ensaio Admissional nº 29 – Growing Strawberries in a High School Locker

Growing Strawberries in a High School Locker - Seena

One day this year, as I was walking by my perpetually empty locker, I was struck by an idea. I cannot identify what sparked its conception, but as my idea started to grow, thinking of possible solutions and analyzing and assessing feasibility issues began to consume me. My father calls this a “designer’s high,” and it was very familiar to me. I’ve experienced it often while collaborating with my robotics team, and in the hours I’ve spent with my father on design concepts for his prefabricated homes. Still, nothing I had worked on before was similar to the feeling this “out of the box” idea had triggered.

Growing strawberries in a high school locker seemed fairly simple at first. Despite knowing that this is not the typical habitat for strawberry plants, I knew from my green-thumbed mother that strawberries are among the easiest fruits to grow. Many students and teachers became interested in my project, yet were skeptical of my botanical prowess and quick to conclude that a plant could not possibly receive its basic necessities in a locker, which didn’t have proper ventilation, was hot and humid, and was shielded from both sunlight and any source of water. Still, I was determined to make this work. The unfriendly habitat and logistical obstacles did not deter me.

My horticultural roots stem from my mother and elementary level biology. It wasn’t until this year that my knowledge expanded beyond this casual level into a realm where biology, chemistry, and physics found beautiful, synergistic intersections. I was determined to apply what I had learned and got to work.

Due to the lack of electricity and direct sunlight, I decided to use a solar panel paired with a light sensor on the outside of my locker to power a strong, blue LED light, which is best for photosynthesis and plant growth. A friend taught me how to solder and helped me create the solar panel setup, which turns on the blue light only when it is dark outside so the plants experience the proper light cycles. I also set up a system to slowly water the plants automatically. This involved a series of drip bottles—which another friend had for his old, now deceased, pet guinea pig—arranged to drip into each other and then onto the soil.

Having addressed the issues of light and water, I focused on the need to circulate air. Leaving the door closed would provide essentially no circulation and would create a hot and moist environment, making the plants more susceptible to mold. After experimenting with various designs and a 3D printed prototype, I came up with an extension of the latching mechanism on the inside of my locker, which I called the “strawberry jamb.” The jamb, which I cut using our school’s CNC router, sufficiently boosts airflow by allowing the door to remain ajar about two inches while still maintaining the integrity of the existing locking mechanism. I made a beautiful wooden box, emblazoned with the laser-cut engraving “Strawberry Fields Forever” and provided proper drainage onto a tray inside the locker to avoid water damage to school property. The strawberry plants are now growing in my partially open locker providing a topic of conversation and much commentary from students walking by.

What began as a seemingly improbable idea fed my passion for creative thinking and mechanical engineering. This project not only allowed me to practically apply isolated academic principles I had studied, but it also pushed me to traverse multiple disciplines to creatively solve problems. Furthermore, it’s uniqueness beckoned for community input and collaboration, allowing me to access resources to achieve fiscally responsible solutions and ultimate success. For me, it was invigorating to propel a project that many deemed impossible into the realm of possible. I intend to continue to explore and invent because only then are new realities possible.

“Seena’s essay not only provided us with background on his academic interest—mechanical engineering—it also gave us a sense of the kind of student he would be on the Homewood campus. His account of successfully growing strawberries in his locker showcased his ingenuity, sense of humor, and, most crucially, enthusiasm for collaborative work. Seena lets the details of his story illustrate that he’s team player, which is much more powerful than merely telling us directly. The combination of personal and intellectual anecdotes made it easy to imagine how Seena will contribute to life at Hopkins both in the lab and in the residence halls, which is exactly what the committee looks to the personal statement to do.”

—Johns Hopkins Undergraduate Admissions Committee

*Ensaio Admissional nº 30 – On and Off***On and Off - Tan**

“On and off,” I squealed as I fiddled with every remote control device in the house—from the TV to my RC toys. For hours, I strove to unravel the connection between the wires, circuits, and switches that “magically” activated these appliances. Although my ruminations did not provide immediate explanations, they spurred my imagination and fueled my fascination for electronics.

Later on, I turned my attention toward circuit configurations, which I explored through AP Physics and LC’s Robotics Team. My design, assembly, and programming capabilities compelled me to identify new applications for my skills. With Cooper Union’s Summer STEM Program, I explored other engineering branches through the development a hydraulic-powered Rube Goldberg Marble Machine. These lessons sparked my curiosity for renewable energy and led to the creation of a self-powered hydraulic ram prototype capable of delivering water to isolated communities, like my hometown in Thai Binh, without using electricity. Although my contraption is not perfect, these variegated episodes widened my perception of Electrical Engineering, its mission, and my role in the field.

My experiences also helped me see that the essence of engineering lies in serving social needs. As an Electrical Engineering major and History of Science & Technology (HOST) minor, I will harness UJH’s multidimensional platform to fulfill my purpose as engineer and citizen.

My quest begins with an introduction to the fundamental building blocks of engineering. Courses like “Digital Systems Fundamentals” unravel important concepts in logic and design that are applicable to more advanced research initiatives. Meanwhile lectures in “Introduction to Renewable Energy Engineering” unlock ways to improve Vietnam’s outdated energy sources, opening new opportunities for other industries to grow with the new technology.

Because engineering does not exist in a vacuum, a HOST minor will complement my work by helping me understand the sociopolitical, cultural, and ethical issues that drive scientific developments. Equipped with this holistic vision, I will be able to adopt technically-sound yet socially responsible methodologies toward the solution of different problems.

Beyond the classroom, UJH’s legacy as America’s first research university merges theory with practice, transforming abstraction into reality. The Spur Scholar or Provost Awards facilitate cooperation with faculty and in-depth exploration of various interests. Similarly, student-led initiatives like Hopkins Baja promote teamwork and the active exchange of ideas with peers of diverse intellectual and social backgrounds. Alongside my teammates, I will work toward the perfection of nimble race cars. Furthermore, internships and the Vredenburg Scholarship will expand my career choices and ease my transition into the workforce.

Having served as prefect, residential assistant, and student council advocate I will join the Student Government Association. Given my experiences with poverty and inequality in Vietnam, I will also my share leadership and mentorship skills to empower underprivileged children in the Baltimore vicinity through involvement with Alternative Learning Coaches.

A UJH education integrates intellectual and personal lessons that will alleviate Vietnam’s and the world’s needs. With the creation of effective, affordable, and sustainable engineering solutions, I hope to make a difference in the 21st century.

“Tan’s essay effectively connected his interest in and experiences with robotics with specific coursework and opportunities available to undergraduates here. It showed us why he wants to pursue these things specifically at Hopkins. He was able to talk about the flexible curriculum, ways to work beyond the classroom through research opportunities like SPUR, student government, and the Alternative Learning Coaches program. As a whole, it was clear why Tan would be a strong member of the Hopkins community both in and outside the classroom.”

—Johns Hopkins Undergraduate Admissions Committee

Ensaio Admissional nº 31 – From Yonkers to Accra

From Yonkers to Accra - Ansley

“Do you have body bags? The leak-proof kind...we need as many as you can spare!”

My shoulders slumped as the voice on the phone offered me camera bags instead. I was sixteen and had just returned from an infectious diseases course at Emory University, where my final presentation was on Ebola. Within weeks, the first infected American arrived at Emory for treatment. Our country panicked, while thousands lay dying in Liberia, Guinea, and Sierra Leone, their last visions strangers in spacesuits. I ached for the people, especially the children, who were dying alone, and I needed to help. Drawing on my new knowledge of Ebola’s pathology, I had an idea that I thought might work.

Ebola Kits. Rubber gloves, masks, and bleach, shrink-wrapped together inside a sturdy bucket, instructions in pictures to bridge the languages of Mende, French, Krio, Fula, and Susu. While the kits contained only the bare necessities, they would allow people to care for family and neighbors without inviting the spread of Ebola. Doing nothing was genocide, with generations of families disappearing overnight. The images haunted me, lifeless bodies in dirt, oblivious to the flies swarming around them, as everyone watched from a safe distance. I pitched my idea to The Afya Foundation, a global health NGO I have worked with since the 2010 Haiti earthquake. I was on a mission. Ebola kits in every village. Easy to assemble and ship. Potential to save thousands. While I received an enthusiastic response to my idea, Afya’s team sent me on a different mission: obtaining body bags, the unfortunate reality of people who were invisible in a world that waited far too long to see them.

I spent two weeks calling body bag suppliers after school. Treatment centers were desperate, wrapping bodies in garbage bags with duct tape and tossing them mindlessly into the ground. It was disrespectful, even inhumane, because West African burials include washing, touching, and kissing the bodies. Without these rituals, West Africans believe the spirit of the deceased can never be at peace. Culture and medicine were colliding head-on, and there was no easy solution. While Ebola made these rituals lethal, at least body bags allowed people to be safely buried and not treated like garbage. After many failed attempts, I reached a funeral home director who donated body bags from his own supply.

Public health is one of the most pressing and complex issues we face as a global society, and it is my passion. I am disturbed that not all lives are valued equally. I cannot accept the fact that children die from preventable diseases, simply because they are born in countries with less wealth and stability. In America, we are curing cancer with a mutated poliovirus strain, but we haven’t eradicated polio in Afghanistan and Pakistan. We come together in crises, highly publicized earthquakes and tsunamis, but we haven’t come together to solve the problem of basic human health, a right for every person on earth. Ensuring our health is complicated and daunting and requires the mass coordination of agencies and governments to build sustainable infrastructures with local citizens in charge. I want to be part of the solution and am engaging in public health in every way I can: in the field, in the classroom, and through global health charities.

From Yonkers to Accra, I have met the most amazing people from all walks of life, and I feel a deep and stirring sense of purpose in my global health work. I am empowered and proud of my contributions, but I also experience humility at a level that transforms me. I am blessed that I have found my passion, one that combines my intellectual curiosity, determination, and my moral compass. I am optimistic for the future and the journey that lies ahead, as I do everything in my power to make basic healthcare a reality for the world.

“Ansley’s interest in global health jumped out at us from the first sentence, and she carried this same theme through the entire essay. What her essay did particularly well, though, was show a clear path from passion to action. Rather than just talk about her interest in the field, we got the sense that she is motivated to take initiative and get engaged. Students at Johns Hopkins routinely display an entrepreneurial spirit in their pursuits, and Ansley demonstrated a similar approach in her fight to prevent additional outbreaks of Ebola in Africa.”

—Johns Hopkins Undergraduate Admissions Committee

Ensaio Admissional nº 32 – In Pursuit of the Sublime

In Pursuit of the Sublime - Kaylee

Goal: 40,000.

I wrote because it made me somebody else—somebody who mattered.

The power of writing, I believed, existed solely in one's ability to pursue the sublime. So I wrote to create different, better manifestations of my life.

I grew up dreaming and writing (and thinking they were the same) about being a Hermione Granger with Harry as my sidekick battling twenty Voldemorts (twenty!); my stories were dynamic.

I was cool.

Status: 5,000.

My mom once joked that I should audition for the role of Cho Chang. I threw a chopstick at her. Cho Chang was weak, so terribly weak that Harry dumped her.

I knew why she said it though—I rarely existed in books and when I did, I was the Cho Chang, the inconsequential, insignificant Asian girl who could never assert herself.

In a fit of spite, I killed my Hermione, realizing I could never be her.

Status: 1,000.

Somebody once told me to read *The Joy Luck Club* but I never bothered. A book about a bunch of Cho Changs couldn't possibly be sublime.

Instead, I buried myself in the books hidden under my bed, away from Mom, about girls in high school who didn't do anything besides fall in love. So, to improve my own story, I decided to fall in love with the first boy to call me pretty.

I was satisfied.

Status: 8,000.

Living life vicariously was comfortable and easy.

Perhaps that's why, at fifteen, I paid no mind to my grandpa's deteriorating health or my dad's anxiety. Because these were not the kinds of pain I had ever read about, I didn't find them good enough to write about.

So, I went looking for better inspiration—for more mockeries of love, ways to validate my insecurities, and priorities that shouldn't have been labeled as such.

It was all so cool that I couldn't stop writing about it.

Status: 11,000.

During this magnificent, glorious streak of writing, dreaming, and pretending, I learned that 40,000 words make a novel.

I had to do it. Once I get published, everybody would get a taste of my sublimity. Mom and Dad would be so impressed. I'd probably even become famous! Hence, I became fervently obsessed with word count and cared for little else.

Status: 15,000.

But then I turned seventeen and finally began to process what I had experienced years earlier. I had been witness to my grandpa, reduced to flesh and bones (but hardly any flesh), barely clinging to life in a maggot-infested hospital in Dengzhou—something I had forced myself to forget.

Suddenly, I couldn't keep pretending that crafting a fictitious version of my life on paper could replace what is real.

I erased everything.

Status: 0.

I started over.

I wrote about my real thoughts, my family, the times I was happy, and the times I was not. I wrote about my grandpa.

I showed Dad. I thought he'd be proud.

He was not.

What? You wrote this? Why? What are you trying to prove?

Nothing.

For the first time, nothing. I'm just writing about life.

But you should keep that private. It's too revealing and distressing. It's not...

Sublime.

I know.

It's. Not. Sublime.

I crumbled.

Then came the summer before my senior year. I finally read *The Joy Luck Club*.

In the entire novel, I didn't come across a single Cho Chang. What took the place of sublimity, instead, were real people. Mothers and daughters who breathe and hurt and love.

I laughed and cried and began to write.

Status: Not counting anymore.

I don't write to create the next Hermione, become the best cliché, or impress Mom and Dad. I write to express the thoughts that are most real to me, ones I cannot confine any longer.

I am real and I care about being real—that is my power, not just as a writer but as a person.

"We were impressed by Kaylee's ability to creatively relay important information about herself. The unique format of her essay suited the content and also showcased her passion for writing. What the essay did particularly well, though, was effectively explore experiences (both small and large) that shaped her growth as a person and writer. Her conclusion to write for herself, rather than to impress others, demonstrates her maturity and confidence. Through these anecdotes, we got a better idea of the kind of scholar she is outside the classroom—something not found anywhere else in the application."

—Johns Hopkins Undergraduate Admissions Committee

Anexo B - Fatores de Admissão

Tabela 10 – Tabela Original Correspondente à Tabela 2, p. 70

Table 4-1. Percentage of colleges attributing different levels of importance to factors in the admission decision: 2011

Factor	Considerable importance	Moderate importance	Limited importance	No importance
Grades in college prep courses	84.3%	11.9%	2.3%	1.5%
Strength of curriculum	67.7	20.4	5.8	6.2
Admission test scores (SAT, ACT)	59.2	29.6	6.9	4.2
Grades in all courses	51.9	39.2	6.9	1.9
Essay or writing sample	24.9	37.5	17.2	20.3
Student's demonstrated interest	20.5	29.7	24.7	25.1
Counselor recommendation	19.2	39.8	27.2	13.8
Class rank	18.8	31.0	31.4	18.8
Teacher recommendation	16.5	41.9	26.5	15.0
Subject test scores (AP, IB)	6.9	31.2	31.5	30.4
Portfolio	6.6	12.8	30.2	50.4
Interview	6.2	25.4	25.8	42.7
SAT II scores	5.4	9.7	22.6	62.3
Extracurricular activities	5.0	43.1	38.1	13.8
State graduation exam scores	4.2	14.9	23.8	57.1
Work	2.3	17.0	43.2	37.5

SOURCE: NACAC Admission Trends Survey, 2011.

Fonte: (NACAC, 2012, p. 30)